



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

Relatório de estágio

Motivação para a leitura através das Expressões Artísticas no Pré-Escolar

Cláudia Isabel Oliveira Ramos

Orientadores

Professora Doutora Teresa Maria Pinto Alves Augusto Duarte Gonçalves

Professora Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Teresa Maria Pinto Alves Augusto Duarte Gonçalves e da Professora Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

setembro 2015

Composição do júri

Presidente do júri

“Professora Doutora Maria José Pinto Infante Lopes Pereira”

Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Vogais

“Professor Doutor Paulo José Tente da Rocha Santos Osório”

Professor Associado com Agregação, Universidade da Beira Interior (Departamento de Letras).

“Professora Doutora Teresa Maria Pinto Augusto Duarte Gonçalves”

Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Dedicatória

Aos meus queridos avós Mário e Celeste que me viram crescer e me ensinaram que devia lutar pelos meus sonhos independentemente dos obstáculos que surgissem. Foi graças à força, determinação e amor que me transmitiram que sou o que sou. Aqui fica uma pequena dedicatória para as duas pessoas que nunca esquecerei e independentemente de já não estarem presentes é a elas que dedico esta vitória, pois tornou-se realidade o meu sonho de crianças que sempre tanto apoiaram.

Agradecimentos

Às minhas orientadoras o meu sincero e profundo agradecimento pelo conhecimento e elevada competência. À Professora Doutora Teresa Maria Pinto Alves Augusto Duarte por todo o apoio, dedicação, disponibilidade, saber transmitido e colaboração no solucionar de dúvidas e problemas que surgiram ao longo da realização da investigação. À Professora Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão por estar sempre disponível para ajudar, pelas aprendizagens que me permitiu fazer e pelos conselhos dados ao longo deste trabalho.

Aos meus pais, José e Cândida, por todo o carinho, amor e dedicação que têm dado ao longo da vida. Por todos os esforços que têm feito para que consiga concretizar os meus sonhos. Pela forma que me educaram e valores que me transmitiram, ou seja, por fazerem de mim a pessoa que sou. Sem eles este sonho não se tinha realizado.

À minha querida irmã Rita, ao lado de quem cresci, pelo amor, carinho e valores que me transmitiu ao longo destes anos. A confiança que me atribuiu e apoio incondicional ao longo deste percurso foram, sem dúvida, uma fonte de inspiração e persistência para alcançar este sonho construído desde a infância.

À minha família, por ser tão especial e única. Sempre acreditaram que um dia ia conseguir concretizar o meu sonho. O meu sincero obrigado por estarem sempre dispostos a ajudar e presentes.

Ao meu namorado, Luís, pelo facto de ter estado sempre ao meu lado e por acreditar em mim e nas minhas capacidades. Todo o amor, carinho, apoio e tentativas de motivação foram fulcrais ao longo desta importante etapa.

À minha grande amiga, Inês Ascensão, pela longa e bela amizade e pela partilha de momentos inesquecíveis. Pelo companheirismo, preocupação, força ânimo e por acreditar nas minhas capacidades durante este processo moroso e exigente.

À Tânia Matias, colega de estágio e, principalmente, amiga, com quem partilhei momentos únicos ao longo destes cinco anos e, principalmente, durante os estágios. Por todos os receios, angústias, alegrias e vitórias partilhadas.

À minha querida Simone, com quem partilhei momentos de pura alegria e boa disposição. Por todo o apoio, sinceridade, paciência e amizade que se revelaram tão preciosos nos momentos de dificuldade e de alegria.

À Ana Lobão, Marta Jacinto, Rita e Cátia Pires pela amizade e força transmitida. Por todos os momentos partilhados, incentivo e ajuda ao longo desta fase importantíssima na minha vida.

À Professora Supervisora da Educação Pré-escolar, Maria José Infante, e Professor Supervisor do 1º Ciclo do Ensino Básico, António Pais, pelo apoio e saberes transmitidos.

À educadora Helena Antunes e à professora Sara Vieira, pelo carinho, disponibilidade, apoio e confiança demonstrada. Um obrigado acima de tudo por todos os ensinamentos partilhados.

Aos “meus meninos”, por todo o carinho que sempre manifestaram e pelos bons momentos partilhados que nunca irei esquecer. Pelos ensinamentos que me proporcionaram, pela motivação e ternura partilhada.

A todos, muito obrigada!

Resumo

O presente relatório de estágio contempla duas vertentes do trabalho que realizámos e do qual aqui damos conta, a componente da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico e a componente de investigação empírica, cuja temática é “Motivação para a leitura através das Expressões Artísticas no Pré-Escolar”.

Numa fase inicial fazemos uma síntese do trabalho realizado ao longo da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar (dado que a investigação empírica decorreu neste mesmo contexto) e do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Compreender se as crianças na Educação Pré-Escolar ficam mais motivadas para a leitura recorrendo às Expressões Artísticas foi o ponto de partida para a definição de objetivos e construção do desenho investigativo intrínseco à Prática Supervisionada.

Tratou-se de uma investigação qualitativa, com uma amostra constituída por um grupo de dez crianças, dentro da faixa etária dos 5/6 anos. Estas crianças foram previamente referenciadas pela Educadora Cooperante como sendo as cinco mais e as cinco menos motivadas para a leitura. A recolha de dados foi feita através da nossa própria observação, de uma entrevista às dez crianças, de notas de campo, de registos fotográficos e da escala de envolvimento de Lovaina.

Para atingir os objetivos definidos, foram desenvolvidas quatro atividades de leitura, uma para avaliar a motivação para a leitura sem recurso às Expressões, outra para avaliar a motivação para a leitura através da Expressão Plástica, uma para avaliar a motivação para a leitura através da Expressão Musical e uma última para avaliar a motivação para a leitura através da Expressão Dramática. Os resultados destas atividades juntamente com a análise feita das entrevistas às crianças foram as principais fontes de dados tidas em consideração neste estudo.

Palavras chave

Educação Pré-Escolar; Motivação; Leitura; Expressões Artísticas

Abstract

The present traineeship report contains two components of the work we have done and which we describe here, the Supervised Practice component in Preschool Education and in the 1st Cycle of Basic Education and the empirical research part which theme is "Motivation for reading through Artistic Expressions in Preschool".

Initially we make a synthesis of the work carried out throughout the Supervised Practice in Preschool Education (given that the empirical research was held in this same context) and in the 1st Cycle of Basic Education.

Understand if children in Preschool Education are more motivated to read using the Artistic Expressions was the starting point for the definition of objectives and construction of the intrinsic investigative design of the Supervised Practice.

This was a qualitative investigation with a sample group of ten children within the age group of 5/6 years. These children were previously referenced by the Kindergarten Teacher as the five most and the five less motivated to read. The collection of data was done through our own observation, an interview to the ten children, field notes, photographic records and the Leuven Involvement Scale.

To achieve the defined objectives were developed four reading activities, one to evaluate the motivation to read without the use of Expressions, another to evaluate the motivation to read through Artistic Expression, other to evaluate the motivation to read through the Musical Expression and the last to evaluate the motivation for reading through Dramatic Expression. The results of these activities, along with the analysis of the interviews with children, were the main sources of data taken into account in this study.

Keywords

Preschool Education; Motivation; Reading; Artistic Expressions

Índice geral

Introdução	1
Capítulo I - Contextualização e desenvolvimento da Prática Supervisionada em Pré-Escolar	3
1.1. Enquadramento físico e social do local de aplicação	4
1.1.1. Caracterização do meio e da instituição.....	4
1.1.2. Caracterização da sala e da turma.....	6
1.2. O modelo pedagógico e programático de desenvolvimento de Prática Supervisionada	8
1.2.1. Fundamentos didatológicos do modelo e instrumentos de planificação.....	8
1.3. Desenvolvimento das semanas da Prática Supervisionada em Pré-Escolar	10
1.3.1. Observação/Reflexão	10
1.3.2. Trabalho desenvolvido na PSEPE.....	11
Capítulo II - Contextualização e desenvolvimento da Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico	30
2.1. Enquadramento físico e social do local de aplicação	31
2.1.1. Caracterização do meio e da instituição	31
2.1.2. Caracterização da sala e da turma.....	32
2.2. O modelo pedagógico e programático de desenvolvimento de Prática Supervisionada	33
2.2.1. Fundamentos didatológicos do modelo.....	33
2.3. Desenvolvimento das semanas de Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico.....	37
2.3.1. Observação/Reflexão	37
2.3.2. Trabalho desenvolvido na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico	38
Capítulo III - Investigação	61
3.1. Enquadramento teórico da investigação empírica	62
3.1.1. Desenvolvimento da criança	62
3.1.2. A importância da leitura no desenvolvimento da criança	63
3.1.2. Expressões Artísticas	66
3.2. Estrutura da investigação empírica.....	72

3.2.1. Aspetos metodológicos	72
3.3. Análise dos dados obtidos	87
Capítulo IV - Reflexões e Considerações finais.....	94
4.1. Limitações do estudo	95
4.2. Reflexão – Prática Supervisionada com Investigação	95
4.3. Reflexão / Conclusão do Processo de Investigação.....	97
Referências bibliográficas	100
Anexos.....	105

Índice de anexos

Anexo A - Fotografias do Jardim de Infância Quinta das Violetas de Castelo Branco.....	106
Anexo B - Matriz da planificação semanal e diária da PSEPE.....	109
Anexo C - Registos fotográficos da Planificação (19, 20, 21 e 22 de maio de 2014) realizada na PSEPE.....	111
Anexo D - Registos fotográficos da Planificação (26, 27, 28 e 29 de maio de 2014) realizada na PSEPE.....	116
Anexo E - Registos fotográficos da Planificação (11, 12 e 13 de junho de 2014) realizada na PSEPE.....	119
Anexo F - 1ª Semana (prática de grupo) na PSEPE – dias 17, 19 e 20 de março de 2014.....	123
Anexo G - 2ª Semana (prática individual) na PSEPE – dias 1, 2 e 3 de abril de 2014.....	128
Anexo H - 3ª Semana (prática individual) na PSEPE – dias 28, 29 e 30 de abril de 2014.....	134
Anexo I - 7ª Semana (prática de grupo) na PSEPE – dias 16, 17, 18 e 19 de junho de 2014.....	140
Anexo J - Matriz das Unidades Didáticas desenvolvidas ao longo da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	148
Anexo K - Exemplo de um guião do aluno utilizado na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	151
Anexo L - Registos fotográficos da Unidade Didática (25, 26 e 27 de novembro de 2014) realizada da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	155
Anexo M - Registos fotográficos da Unidade Didática (16 de dezembro de 2014) realizada da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	159
Anexo N - Registos fotográficos da Unidade Didática (13, 14 e 15 de janeiro de 2015) realizada da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	161
Anexo O - 1ª Semana (prática de grupo) na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico - dias 21, 22 e 23 de outubro de 2014.....	164
Anexo P - 2ª Semana (prática individual) na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico - dias 28, 29 e 30 de outubro de 2014.....	172
Anexo Q - 3ª Semana (prática individual) na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico - dias 11, 12 e 13 de novembro de 2014.....	181
Anexo R - 5ª Semana (prática individual) na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico - dias 9, 10 e 10 de dezembro de 2014.....	190
Anexo S - Autorização para a realização da investigação da Prática Supervisionada na Educação Pré-Escolar.....	198

Anexo T - Notas de campo registadas após a implementação das atividades de motivação para a leitura.....	201
Anexo U - Guião da entrevista realizada às crianças.....	206
Anexo V - Respostas das crianças à entrevista.....	208

Índice de figuras

Figura 1 - Jardim de Infância nº2 Quinta das Violetas.....	4
Figura 2 - Cantinho da leitura.....	7
Figura 3 - Cantinho da garagem.....	7
Figura 4 - Cantinho dos jogos.....	7
Figura 5 - Cantinho da cozinha.....	7
Figura 6 - Cantinho da manta.....	7
Figura 7 - Cantinho da informática.....	7
Figura 8 - Escola EB2/3 João Roiz de Castelo Branco.....	31
Figura 9 - Guião de entrevista realizada às crianças.....	84

Lista de tabelas

Tabela 1 – Cronograma da PSEPE.....	12
Tabela 2 – Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 19, 20, 21 e 22 de maio de 2014.....	13
Tabela 3 – Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 26, 27, 28 e 29 de maio de 2014.....	19
Tabela 4 – Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 11, 12 e 13 de junho de 2014.....	25
Tabela 5 – Cronograma da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	39
Tabela 6 – Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 25, 26, e 27 de novembro de 2014.....	40
Tabela 7 – Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 16 de dezembro de 2014.....	48
Tabela 8 – Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 13, 14, e 15 de janeiro de 2014.....	53
Tabela 9 – Características relativas ao sexo e à idade das crianças da amostra.....	78
Tabela 10 – Atividades que permitiram avaliar a motivação das crianças para a leitura com ou sem recurso às Expressões Artísticas.....	86
Tabela 11 – Resultados da primeira atividade de leitura sem recurso às Expressões.....	90
Tabela 12 – Resultados da segunda atividade de leitura com recurso à Expressão Plástica.....	91
Tabela 13 – Resultados da segunda atividade de leitura com recurso à Expressão Musical.....	91
Tabela 14 – Resultados da segunda atividade de leitura com recurso à Expressão Dramática.....	92

Índice de esquemas

Esquema 1 - Esquema global da Organização e Desenvolvimento da PSEPE.....	11
Esquema 2 - Esquema global da Organização e Desenvolvimento da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico.....	38

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

EB- Escola Básica

Fig. - Figura

GAA - Gabinete de Apoio ao Aluno

GNR - Guarda Nacional Republicana

IPJ - Instituto Português da Juventude

NEE - Necessidades Educativas Especiais

PCT - Projeto Curricular de Turma

PS - Prática Supervisionada

PSEPE - Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

PS 1º CEB - Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

1ºCEB - 1º Ciclo do Ensino Básico

Introdução

A importância de educar é imperiosa, magistral e exímia. Ao longo dos anos, os profissionais de educação têm vindo a preocupar-se bastante em formar indivíduos críticos, responsáveis e ativos na sociedade. Sendo que a capacidade de ler de forma eficaz e rápida é fator determinante no desenvolvimento global do indivíduo, o jardim-de-infância e a escola esforçam-se por desenvolver na criança hábitos enraizados e competências múltiplas de leitura.

A literatura infantil tem demonstrado, reiteradamente, que pode ser um instrumento motivador e desafiador para lançar a criança no processo de familiarização com o texto escrito, pois é extremamente atrativa (dá asas à imaginação, propõe mundos alternativos, faz uso da cor, da textura, do movimento, da interação, etc.) e potencia o desenvolvimento global do sujeito (social, emocional, cognitivo, da sensibilidade estética e do espírito crítico). Portanto, é capaz de desenvolver a criança a todos os níveis, quer social, emocional e cognitivo. Como a literatura infantil está intimamente ligada com as áreas das Expressões (Plástica, Motora e Dramática), pois, por exemplo, um texto dramático pode ser representado, um poético pode ser declamado e um narrativo pode ser ilustrado, é fácil articulá-la com as mesmas, de forma a propor um trabalho que seja integrador de todas elas. Foi isto que tentámos fazer ao longo da nossa Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, aliando o período de estágio pedagógico a uma investigação empírica que tentasse responder à questão-problema “Será que através das Expressões Dramática, Musical e Plástica conseguimos promover mais facilmente o gosto pela leitura nas crianças?”

A preocupação pela qualidade em Educação Pré-Escolar e na Educação Básica constituiu a motivação primordial do trabalho que realizámos nos dois ciclos de ensino em que estagiámos, o qual fica patente nos capítulos 1 e 2 deste Relatório e esteve também na base de toda a pesquisa que efetuámos, em termos de leitura de bibliografia pertinente e adequada e em termos de investigação empírica, cujos resultados são apresentados nos capítulos 3 e 4. Foi assim que, de modo a construir um conhecimento significativo e sustentado da realidade da motivação para as áreas de Expressão e através destas da motivação para a leitura, nos submergimos num processo de investigação sobre a temática “Motivação para a leitura através das Expressões Artísticas no Pré-Escolar”.

Ao analisar a leitura e o contar de histórias como instrumento de desenvolvimento global da criança, deparamo-nos com a urgência de aplicar atividades coerentes que despertem a atenção e se tornem prazerosas para a criança. Ou seja, para além de ser necessário e importante haver diariamente atividades de leitura é pertinente que se associem a esta as Expressões Artísticas, de forma a explorar todas as qualidades que estas «artes» unidas potencializam no desenvolvimento da criança. Como refere Oliveira-Formosinho (2007: 108),

“Arte significa ter mais linguagens e mais linguagens significa diferentes formas de representar o Mundo. Queremos que as nossas crianças tenham mais do que uma imagem acerca de uma coisa... Quantas mais formas de linguagem se introduzirem (música, dança, drama, pintura, etc.) mais rica a escola será”.

Existem dois fatores que contribuem para que a criança adquira o gosto pela leitura e pelas Expressões Artísticas, que são a curiosidade e o exemplo. Neste sentido, o livro e as

diversas formas artísticas deveriam ter a mesma importância que tem a televisão e o computador dentro do lar, visto que não basta estas áreas serem exploradas somente no jardim-de-infância e na escola, pois os pais e toda a família devem contribuir para que a criança se motive para o ato de ouvir ler/ler.

O Educador e o Professor devem e têm de saber adaptar as suas práticas tendo em conta o grupo de crianças/alunos, visto que todos eles têm graus de desenvolvimento distintos e diferentes motivações. Assim sendo, e segundo Tavares (1988: 111),

“aquele que se dedica à educação tem de assumir a função de animador, técnico e programador de actividades, em que o seu engenho didáctico (fazer-saber), a sua arte e a sua magia (fazer-ser), o seu sentido de tacto e o seu gosto de contacto (fazer-comunicar) constituem os processos pedagógicos fundamentais.”

Além disso, na formação do educador/professor, a investigação é decisiva para agir em contexto educativo de forma fundamentada e reflexiva. Nessa medida, o educador/professor deve ser investigador, provido de um

(...) espírito de pesquisa próprio de quem sabe e quer investigar e contribui para o conhecimento sobre a educação. (...) esta atitude e atividade de pesquisa contribui para o desenvolvimento profissional dos professores e para o desenvolvimento das escolas em que estes se inserem (Stenhouse, citado por Alarcão, 2000: 2).

Nesse sentido e para uma melhor compreensão, o relatório de estágio encontrar-se-á organizado em quatro capítulos interligados entre si. O primeiro e segundo capítulos pretendem dar a conhecer ao leitor o contexto em que cada um dos estágios decorreu. Desta forma, faz-se um breve enquadramento físico e social do local de aplicação. Apresenta-se, assim, uma breve caracterização do meio e da instituição, seguida pela respetiva caracterização da sala e da turma. Seguidamente consta o modelo pedagógico e programático de desenvolvimento da Prática Supervisionada, onde se descreve os fundamentos didatológicos do modelo e instrumentos de planificação. Além disso, consta também o desenvolvimento das semanas de Prática. Primeiramente, apresenta-se uma reflexão sobre as semanas de observação/reflexão; de seguida, um esquema global de desenvolvimento da prática e, por fim, a descrição de três das sete semanas de prática que demonstram todo o trabalho desenvolvido e as respetivas reflexões.

No terceiro capítulo, faz-se o enquadramento teórico da investigação empírica, apresenta-se a estrutura da investigação, ou seja, abordam-se os aspetos metodológicos, apresentam-se as questões de investigação, os objetivos, a metodologia, a população e amostra e os instrumentos de recolha de dados; por fim, faz-se a análise dos dados obtidos.

No quarto capítulo, apresentam-se as reflexões e considerações finais acerca da investigação e da Prática Supervisionada onde esta se inseriu. Faz-se, assim, um balanço destas duas dimensões visto que se complementam.

Por fim, apresenta-se a bibliografia das obras consultadas, visto que estas é que sustentam o campo teórico do estudo e representam os conteúdos nele analisados. Segue-se, ainda, um conjunto de anexos cuja pertinência e relevância requer a sua compilação.

Em suma, é importante refletir sobre a importância e influência do contador de histórias na vida de uma criança. Segundo Veloso (2001: 115) “Ninguém esquece a voz e o olhar de quem lhe contou histórias. Esses momentos de curta duração são únicos e inolvidáveis; recordam-se ao longo da vida”.

Capítulo I - Contextualização e desenvolvimento da Prática Supervisionada em Pré-Escolar

“Educar é crescer. E crescer é viver. Educação é, assim, vida no sentido mais autêntico da palavra.”

(Anísio Teixeira¹)

¹ <http://kdfrases.com/frase/139370>

1.1. Enquadramento físico e social do local de aplicação

1.1.1. Caracterização do meio e da instituição

A instituição onde a prática supervisionada em educação pré-escolar (PSEPE) decorreu encontra-se numa zona residencial relativamente nova, em que a maior parte das habitações são moradias monofamiliares, de serviços socioculturais e zonas de lazer. Está situada numa zona de fácil acesso para a população, no entanto não há sinalética da instituição. As ruas próximas têm passeios largos e passadeiras. Na zona envolvente à instituição há seis instituições de ensino.

Na cidade há uma biblioteca municipal com excelentes condições de trabalho, em instalações recentes e bem apetrechadas. Nesta há uma sala destinada especialmente às crianças, com livros e materiais adequados à exploração criativa da literatura para a infância. Há, também, museus, jardins (inclusive um do século XVIII) e espaços de lazer que podem ser visitados e são uma referência para o desenvolvimento das crianças. Para visitar estes locais é necessário ir de autocarro que, por norma, é disponibilizado pela Câmara Municipal, uma vez que não se encontram próximos da instituição.

A nível de segurança há os Bombeiros Voluntários de Castelo Branco e a Guarda Nacional República (GNR).

A nível da saúde há, à disposição de toda a população da região, o Hospital Amato Lusitano, que se encontra relativamente perto da instituição, e o Centro de Saúde da região.

O Jardim de Infância nº 2 Quinta das Violetas, onde foi desenvolvida a PSEPE, foi construído de raiz, para acolher no máximo 100 crianças, tendo todos os requisitos pedagógicos e técnicos para o fim a que se destina.



Figura 1 - Jardim de Infância nº 2 Quinta das Violetas

Está atualmente localizado na Urbanização Quinta das Violetas, tal como o próprio nome indica, e é um dos estabelecimentos da rede pública da cidade. Situa-se numa zona habitacional e dispõe em seu redor zonas de lazer (parque infantil) de várias instituições públicas (hospital, centro de saúde, escolas) e zonas de comércio.

A instituição tem uma estrutura moderna, de linhas direitas, muita luz natural e tem somente um piso, o que facilita o acesso. É constituído por cinco salas de atividades com acesso ao recreio exterior, sala polivalente, salas de apoio educativo, arquivo e gabinete da coordenadora/sala de reuniões, ginásio, cozinha, refeitório, casa de banho de crianças, sala de arrumação, casas de banho de adultos, corredor, *hall* de entrada e sala de arrumos.

As cinco salas encontram-se seguidas umas às outras e estão numeradas. É nelas que as crianças passam a maior parte do tempo, estando decoradas com trabalhos seus. Estas têm grandes janelas que são uma mais-valia, pois desta forma há imensa luz natural. O chão é antiderrapante, em todas elas. As mesas e cadeiras são adequadas ao tamanho das crianças. O lavatório, presente em cada sala, não permite que as crianças o utilizem devido à sua altura, logo é somente utilizado pela educadora.

A sala polivalente (consultar anexo A, figura 1) é onde, todas as manhãs, as crianças permanecem até chegarem as educadoras. Esta dispõe de um armário com diversas cassetes de vídeos, uma televisão e um leitor de DVD.

Há, ainda, dois gabinetes de apoio educativo. Nestes, as crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) encontram-se com a terapeuta da fala, professora de língua gestual ou psicólogo. Cada um tem um cantinho lúdico com vários materiais (brinquedos, vídeos, leitor de filme e televisão).

A sala da direção tem armários onde se guardam documentos relativos à instituição e uma mesa redonda com diversas cadeiras. Nesta divisão é onde as educadoras se reúnem com a coordenadora e atendem os encarregados de educação.

O Ginásio é um espaço amplo, com bastante luz natural e com acesso ao recreio exterior (consultar anexo A, fig. 2). Encontra-se equipado com diversos materiais (arcos, bancos suecos, boques, espaldares, plinto, entre outros) que possibilitam atividades motoras. É onde trabalham a Expressão Motora e onde brincam quando as condições atmosféricas não permitem a saída para o recreio exterior.

A cozinha tem bastante luminosidade. Dispõe apenas dos eletrodomésticos necessários para aquecer a comida (forno, fogão, micro-ondas e frigorífico), visto que as refeições são confeccionadas por uma empresa externa. O refeitório é amplo e luminoso. As mesas e as cadeiras são adequadas ao tamanho das crianças (consultar anexo A, fig. 3). Há ligação entre este e a cozinha, o que é uma mais-valia, pois desta forma facilita-se o seu acesso para se ir buscar comida ou para se colocar a louça já usada.

As instalações sanitárias estão em duas partes – o lado esquerdo é destinado às meninas, há quatro sanitas e cinco lavatórios; o lado direito é dos meninos e tem o mesmo número de sanitas e lavatórios (consultar anexo A, fig. 4). Ambos os lados têm um espelho e doseador de sabão. Nesta casa de banho ainda há um fraldário e um chuveiro. Os equipamentos estão adequados à altura das crianças. Nestas instalações há em falta uma sanita com apoios para crianças com dificuldades motoras e não existe qualquer tipo de arejamento, nem locais apropriados para guardar materiais como fraldas, toalhetes, papel higiénico ou de mãos.

O espaço exterior é agradável, rodeado de muros altos, e está equipado com material de lazer seguro para as crianças poderem brincar. No entanto, o pavimento, em tartan, está um pouco danificado. (consultar anexo A, fig,5).

1.1.2. Caracterização da sala e da turma

A organização do espaço da sala de atividades é feita no início do ano letivo, pela educadora e pela ajudante de ação educativa, tendo em conta o número de crianças existentes no grupo, as respetivas idades e o material disponível na instituição para cada nível etário.

A sala 3 é ampla, está equipada com aquecimento (radiadores), mobiliário e material didático em quantidade suficiente e adaptado ao nível etário das crianças. Está bastante completa no que diz respeito aos recursos materiais (consultar anexo A, fig. 6) e cantinhos. Nesta há vários placares com trabalhos realizados pelas crianças (consultar anexo A, fig. 7). Além disso, as paredes encontram-se preenchidas com o quadro dos aniversários (consultar anexo A, fig. 8) e o quadro das presenças (consultar anexo A, fig. 9), o qual é atualizado diariamente.

Os trabalhos das crianças são sempre expostos nas paredes da sala e no placar que se encontra no corredor, visto que o “espaço deve refletir ideias, valores e atitudes, facilitar a exploração e a aprendizagem cooperativa, proporcionar oportunidades de escolha, incentivar as crianças a tomarem decisões e a resolver problemas.” (Varandas, 2010: 7).

Esta sala é retangular, tem imensa iluminação natural, em virtude da existência de duas janelas amplas, que dão acesso ao recreio exterior. Tem um grande espaço de arrumação, logo à entrada da sala (consultar anexo A, fig. 10), onde se encontram guardados vários materiais e recursos didáticos, aos quais as crianças têm acesso, mas só com a autorização da educadora. Além disso, neste local é onde se guardam as capas de cada criança, contendo todos os trabalhos que estas realizam.

A sala está equipada com aquecimento (radiadores), lavatório, mobiliário e material didático em quantidade suficiente e adaptado ao nível etário das crianças.

Para melhor funcionamento, a sala de atividades encontra-se dividida por cantinhos, tais como:

- * Cantinho da leitura (figura 2)
- * Cantinho da garagem (figura 3)
- * Cantinho dos jogos (figura 4)
- * Cantinho da cozinha (figura 5)
- * Cantinho da manta (figura 6)
- * Cantinho da informática (figura 7)



Figura 2 - Cantinho da leitura



Figura 3 - Cantinho da garagem



Figura 4 - Cantinho dos jogos



Figura 5 - Cantinho da cozinha



Figura 6 - Cantinho da manta



Figura 7 - Cantinho da informática

Todos estes cantinhos podem ser utilizados pelas crianças livremente, apesar de necessitarem de autorização por parte da educadora, existindo, naturalmente, regras dentro da sala. Esta é composta por dois grupos de mesas e cadeiras, sendo uma ilha maior do que a outra, de forma a que estejam adaptadas a todas as crianças, visto ser uma sala onde há várias faixas etárias (3, 4, 5 e 6 anos). Nestas mesas, as crianças podem fazer diversos jogos (*puzzles*, enfiamentos, encaixes, dominós, lotos, entre outros), trabalhos de Expressão Plástica e outras atividades.

Fora da sala, há um corredor onde se encontram os cabides individuais das crianças (para arrumação dos seus pertences) e por cima um placar, onde a educadora vai colocando alguns dos trabalhos (consultar anexo A, fig. 11). Além disso, existe também no placar uma folha com todos os nomes dos meninos que frequentam a sala e o horário da educadora.

O grupo era constituído por vinte e uma crianças, nas quais havia dois primos e uma criança com NEE. Da totalidade do grupo, doze eram do sexo feminino e nove do sexo masculino. Nem todas as crianças matriculadas já frequentavam esta instituição no ano letivo anterior, apenas catorze.

Quanto ao grupo, este era heterogêneo, não só pelas características supracitadas, mas pelo facto de que cada criança ser única, com saberes, vivências, competências e interesses próprios e diferentes dos demais elementos do grupo. Malaguzzi, citado por Hamze (2002: 3) afirma que

“ (...) as crianças podem compartilhar os seus conhecimentos e saberes, a sua criatividade e imaginação por meio de múltiplas linguagens, sem enfatizar nenhuma. As múltiplas linguagens se evidenciam através do desenho, do canto, da dança, da pintura, da interpretação (...). A interação entre o adulto e a criança deve ser uma parceria, na qual interesses e envolvimento recíprocos devem permanecer e interagir para que um objetivo comum seja alcançado: o saber.”

Na generalidade eram muito ativos e dinâmicos, demonstrando interesse pelo mundo que os rodeia. A curiosidade constitui, assim, um fator importante para o desenvolvimento de competência para a ação, experimentação, colaboração e crítica.

Relativamente aos encarregados de educação, havia crianças que tinham os pais separados e outros estavam a trabalhar no estrangeiro. Podemos constatar que, a grande maioria, tinha como encarregado de educação a mãe. O papel dos pais, no jardim-de-infância, era ativo, pois colaboravam ativamente nos projetos o que estava de acordo com o estabelecido nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*, pois segundo estas

“ (...) sendo a educação pré-escolar complementar da acção educativa da família, haverá que assegurar a articulação entre o estabelecimento de ensino e as famílias, no sentido de encontrar, num determinado contexto social, as respostas mais adequadas para as crianças e famílias”. (Ministério da Educação, 1997: 22).

Nem todas as crianças frequentavam as atividades extra curriculares (Música, Educação Física, Inglês e Judo) que existiam na instituição. Contudo, havia algumas que frequentavam mais do que uma atividade extra curricular.

1.2. O modelo pedagógico e programático de desenvolvimento de Prática Supervisionada

1.2.1. Fundamentos didatológicos do modelo e instrumentos de planificação

Para a construção da planificação didática, a aplicar na prática supervisionada, foi necessário conhecer o meio envolvente e analisar todos os documentos que tínhamos ao nosso dispor.

Inicialmente foi analisado o Projeto Curricular de Grupo, o que nos fez perceber a realidade daquele «mundo». Desta forma, foi necessário fazer o paralelismo entre os saberes adquiridos através da teoria e a comunidade educativa desta instituição e estabelecer uma relação entre este documento e as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*.

“A Educação Pré-Escolar é a primeira etapa de educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento

equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.” (Ministério da Educação, 1997: 15).

As duas semanas de observação foram, também, fulcrais para a construção da planificação didática, pois desta forma observámos como a educadora trabalhava com as crianças. A educadora, por vezes, antecipava possíveis caminhos que as crianças poderiam seguir, ou então sugeria atividades para estas realizarem. As crianças, às vezes, planeavam os passos a seguir no desenrolar das atividades. Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar* “O planeamento realizado com a participação das crianças permite ao grupo beneficiar da sua diversidade, das capacidades e competências de cada criança”. (Ministério da Educação, 1997: 26).

Desta forma, compreendemos que a construção das planificações tinha de estar assentes no bem-estar das crianças, que estas deviam ter um papel ativo no planeamento de algumas atividades e que as aprendizagens deviam ser significativas, de forma a permanecerem ao longo da vida. Assim, a base do nosso trabalho estava assente na criança como sujeito do processo educativo. Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar* “Admitir que a criança desempenhe um papel activo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem, supõe encará-la como sujeito e não como objecto do processo educativo.” (Ministério da Educação, 1997: 19).

Este tempo de observação ajudou a integração no contexto educativo do grupo, levando-nos a conhecer as rotinas deste e a observar as características de cada criança, percebendo quais os melhores métodos a adotar de forma a que a criança se insira “na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (Ministério da Educação, 1997: 20) e se torne um cidadão ativo e respeitador das diferentes culturas. De acordo com as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar* a Educação Pré-Escolar prossegue assente em diversos objetivos, ligando-se diretamente com os seguintes:

“Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania; Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade”. (Ministério da Educação, 1997: 20).

Após as duas semanas de observação, de recolha de informação e de análise do contexto educativo, iniciaram-se as semanas de prática. A prática durou catorze semanas, das quais duas de observação, duas de prática conjunta com o par pedagógico e cinco individualmente em semanas alternadas. Neste sentido, procedeu-se ao desenho das planificações semanais e diárias. Essa construção teve em consideração as crianças-alvo, pois segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*

“Planificar implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e matérias necessários à sua realização. (...) Este planeamento terá em conta as diferentes áreas de conteúdo e a sua articulação”. (Ministério da Educação, 1997: 26).

Neste sentido, estabelecemos a matriz da planificação semanal (consultar anexo B) e da planificação diária (consultar anexo B) com base nas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. A planificação semanal continha o tema, as áreas curriculares, os conteúdos a desenvolver ao longo da semana e os objetivos a atingir naquele espaço de

tempo. A planificação diária continha as áreas curriculares, os conteúdos, as atividades a realizar ao longo do dia, os recursos e as estratégias. No final de cada semana redigíamos uma reflexão semanal fundamentada e complementávamo-la com registos fotográficos.

Desta forma, a educadora cooperante facultava o tema a abordar na semana seguinte e cabia-nos a nós construir a planificação. Na construção destas planificações tivemos sempre como objetivo base “despertar a curiosidade e o sentido crítico” (Ministério da Educação, 1997: 22), visto que pretendíamos que todas as áreas de conteúdo estivessem interligadas, ou seja, que não fossem como compartimentos estanques. “Este objetivo concretiza-se nas diferentes áreas de conteúdo que se articulam numa formação global, que será o fundamento do processo de educação ao longo da vida.” (Ministério da Educação, 1997: 22). Todas as planificações foram construídas recorrendo a um fio condutor, pois não faria sentido não haver um elo de ligação entre as áreas de conteúdo, que tornasse o processo de ensino/aprendizagem coerente e articulado. Esta sequenciação programática teve como objetivo organizar a planificação, tornando-a numa “entidade global e globalizada na qual os diferentes elementos e fatores se entrecruzam para formar um todo metodologicamente coerente”. (Pais, 2012: 5).

A integração curricular permitia uma aproximação a uma aprendizagem globalizante e significativa, que promovia a reelaboração dos conhecimentos prévios das crianças devido à aquisição de novos conhecimentos. Além disso, consistia em trabalhar, de forma integrada, as diferentes áreas, através dos elementos comuns.

1.3. Desenvolvimento das semanas da Prática Supervisionada em Pré-Escolar

1.3.1. Observação/Reflexão

As duas semanas de observação no Jardim de Infância Quintas das Violetas foram muito interessantes e importantes no desenvolvimento da relação com o grupo de crianças com que íamos trabalhar. Na nossa opinião, este tempo foi essencial para que pudéssemos entender as características do grupo, qual o seu grau de desenvolvimento e as técnicas utilizadas pela educadora.

Tivemos, ainda, a oportunidade de assistir às rotinas diárias das crianças, quer a nível de sala, quer de Jardim de Infância, sendo que estas já estavam assimiladas pelas crianças, pois quando algo faltava ou mudava, elas pronunciavam-se. Nas rotinas de sala, as crianças realizavam com frequência contagens numéricas, desenvolvendo assim o cálculo mental e o raciocínio matemático. Uma rotina do Jardim de Infância que considerámos importante era a hora do recreio, em que todas as crianças da instituição se juntavam e partilhavam brincadeiras, desenvolvendo assim, também, a socialização.

Nestas duas semanas pudemos observar diversas situações de aprendizagem por parte das crianças. Constatámos que algumas crianças já tinham o cálculo mental desenvolvido e a grande maioria já sabia escrever o nome com letra manuscrita.

Nestas semanas falámos, também, com a educadora sobre os temas e conteúdos a abordar na primeira semana de implementação conjunta. Assim, apresentámos algumas ideias, e falámos, também, sobre a prenda do dia do pai, tendo esta sugerido a realização de um calendário.

Na primeira semana, a educadora realizou algumas atividades referentes ao Carnaval, estimulando, assim, a curiosidade e a criatividade das crianças.

Na segunda semana, foram realizadas atividades referentes à família, tendo sido exploradas duas histórias distintas, "Os ovos misteriosos", de Luísa Ducla Soares e "O lobo e os sete cabritinhos", de Nathalie Choux.

Após estas semanas verificámos que quase todo o grupo, exceto algumas crianças de 3 anos, conseguia realizar os trabalhos com sucesso, mostrando interesse, empenho e atenção no trabalho que desenvolviam.

Sentimos, ainda, que ao longo destas duas semanas conseguimos criar laços com as crianças. Estas já nos procuravam para esclarecerem as suas dúvidas e partilharem connosco as suas vivências, o que era essencial para que a nossa prática resultasse da melhor forma e conseguíssemos, assim, cativar e estimular as crianças para novas aprendizagens.

1.3.2. Trabalho desenvolvido na PSEPE

1.3.2.1. Esquema global de desenvolvimento da Prática Supervisionada em Pré-Escolar

O esquema que se segue ilustra os diversos temas abordados ao longo das semanas de prática, tendo sido estabelecidos os conteúdos e objetivos à volta destes mesmos temas.



Esquema 1- Esquema global da Organização e Desenvolvimento da PSEPE

A apresentação dos diversos elementos pertencentes às unidades planificadas que foram elaborados ao longo da Prática Supervisionada encontram-se organizados da seguinte forma:

- **Planificação Semanal**
 - ✓ Unidade temática
 - ✓ Tema Integrador

- **Planificação diária**
 - ✓ Recursos didáticos
 - ✓ Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem

- **Reflexão**
- **Registos Fotográficos**

Em termos temporais, a Prática Supervisionada decorreu conforme o seguinte cronograma:

Tabela 1 - Cronograma da PSEPE

1ª semana (prática de grupo)	17 a 20 de março de 2014
2ª semana (prática individual)	1 a 3 de abril de 2014
3ª semana (prática individual)	28 a 30 de abril de 2014
4ª semana (prática individual)	19 a 22 de maio de 2014
5ª semana (prática individual)	26 a 29 de maio de 2014
6ª semana (prática individual)	11 a 12 de junho de 2014
7ª semana (prática de grupo)	16 a 19 de junho de 2014

Ao longo das sete semanas foram pensadas e desenvolvidas distintas atividades, indo ao encontro das necessidades e interesses das crianças, proporcionando-lhes, assim, momentos de bem-estar, motivação e aprendizagem. Estas atividades foram desenvolvidas em harmonia com os diferentes temas, como é visível no esquema 1. Contudo, apenas irão constar no corpo do trabalho as três semanas que foram desenvolvidas durante as semanas de investigação, pois foram de grande enriquecimento para as aprendizagens das crianças, fazendo com que estas evoluíssem a diversos níveis. As restantes quatro semanas serão remetidas para anexo.

Desta forma, no corpo do trabalho irão constar as semanas 4, 5 e 6 e todas elas serão ilustradas pelos respetivos registos fotográficos que poderão ser facilmente consultados nos anexos C,D e E. As restantes semanas 1,2,3 e 7 poderão ser facilmente consultadas no anexo F, G, H e I.

1.3.2.1.4ª semana (prática individual) - dias 19, 20, 21 e 22 de maio 2014

Tabela 2 - Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 19, 20, 21 e 22 de maio de 2014

Tema integrador – Segurança Rodoviária			
Áreas de conteúdo	Conteúdos	Objetivos	
Área de formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none"> • Confiança e segurança básicas • Iniciativa própria, autoestima e estabilidade • Desenvolvimento e expressão de afetos • Sentido da responsabilidade • Comunicação e integração grupal • Assimilação de normas e valores sociais (respeito, cooperação e solidariedade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes • Desenvolver a iniciativa e a tomada de decisões em atividades usuais • Desenvolver uma estabilidade afetiva e uma autoestima adequadas • Desenvolver o sentido da responsabilidade • Tomar consciência dos outros e estabelecer com eles relações de comunicação e integração grupal • Desenvolver atitudes de respeito, colaboração, ajuda e cooperação • Assimilar as normas e valores culturais da própria comunidade 	
Área de expressão e comunicação	Domínio da Expressão Motora	<ul style="list-style-type: none"> • Segurança pessoal (perigos quotidiano) • Esquema corporal <ul style="list-style-type: none"> * Lateralidade * Controle motor-dinâmico • Organização espacial <ul style="list-style-type: none"> * Noções espaciais básicas (em cima/em baixo, esquerda/direita, adiante/atrás) • Organização temporal <ul style="list-style-type: none"> * Orientação no tempo (presente, agora/hoje; passado, antes/ontem; futuro, depois /amanhã) 	<ul style="list-style-type: none"> • Progredir na aquisição de hábitos e atitudes relacionadas com a segurança pessoal • Definir a própria lateralidade • Controlar as diferentes formas de deslocamentos, coordenando os diversos movimentos implicados • Desenvolver a organização espacial, a partir da interiorização das noções espaciais básicas • Desenvolver a organização temporal, a partir da interiorização da orientação no tempo
	Domínio da Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho <ul style="list-style-type: none"> * Controle do traço - a linha * Exteriorização espontânea de imagens que interiormente constrói 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver um progressivo controlo percetivo-motor do traço e do espaço gráfico

	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura e estampagem <ul style="list-style-type: none"> * A cor e os materiais * Pintura e estampagem • Desenvolvimento da criatividade <ul style="list-style-type: none"> * Técnicas da colagem • Colagem <ul style="list-style-type: none"> * Técnicas da colagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as características e possibilidades dos diversos materiais, utensílios e suportes das várias técnicas, assim como dos seus modos de utilização • Desenvolver a criatividade • Desenvolver hábitos de limpeza, cuidado e ordem do material • Expressar-se plasticamente aplicando a técnica da colagem
<i>Domínio da Expressão Musical</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Dança como forma de ritmo produzido pelo corpo • Ritmo <ul style="list-style-type: none"> * Ritmo em canções e melodias • Educação da Voz <ul style="list-style-type: none"> * Sons vocais de diferente intensidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptar os movimentos corporais a ritmos pré-estabelecidos • Produzir ritmos a partir do próprio corpo e com objetivos musicais • Familiarizar-se com os sons da escala musical, através da emissão de sons de diversa intensidade, altura e entoação
<i>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral <ul style="list-style-type: none"> * Compreensão de mensagens orais • Enriquecimento de vocabulário • Sensibilização aos sons <ul style="list-style-type: none"> * Aprender a dar atenção e a escutar • Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar • Discriminação visual organização espaço-temporal • Grafomotricidade <ul style="list-style-type: none"> * Controle motor (destrezas manuais coordenação viso manual específica, traços e grafismos) • Familiarização com o código escrito 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente • Recontar narrativas ouvidas • Alargar o vocabulário • Saber escutar • Fomentar o diálogo • Desenvolver a constância percetivo-visual e a orientação espacial • Desenvolver um progressivo controlo percetivo-motor do traço e do espaço gráfico • Valorizar e incentivar as tentativas de escrita
<i>Domínio da Matemática</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Noção de número • Reconhecimento de diferentes formas geométricas 	<ul style="list-style-type: none"> • Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares • Identificar algumas das principais formas geométricas básicas: círculo, quadrado, triângulo, retângulo

Área de conhecimento do mundo	<ul style="list-style-type: none"> • A rua <ul style="list-style-type: none"> * Indicações de trânsito e circulação de peões 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e respeitar normas para promover a segurança rodoviária
Rotinas diárias: Cantar a canção do bom dia; Eleger um rei ou rainha para atualizar a árvore do tempo; Marcar as presenças; Fazer a contagem, em voz alta, das crianças que já se encontram na sala		
Recursos: Livro “Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso”, de Christiane Pieper; Caixas de cartão; Papel celofane; Cola; Tintas; Balões; Pincéis; Folhas brancas A4; Lápis de cor; Cartolina; Caneta de feltro; Letras a formar a frase “Regras de Segurança Rodoviária para peões”; Tesouras; Picos; Esponjas; Envelopes; Músicas instrumentais do livro “Movimento – Jogos Musicados”; Computador		
Atividades do dia 19 de maio de 2014		
<p>1.ª Atividade – Leitura da história “Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso”, de Christiane Piepe</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar a capa e contracapa do livro “Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso”, de Christiane Piepe e em conjunto antecipar do que trata a história, através das ilustrações e do título ✓ Leitura expressiva, por parte da aluna estagiária, da história “Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso” de Christiane Piepe, mostrando as ilustrações ✓ Exploração e reflexão da história colocando algumas questões <p>2.ª Atividade – Vamos decorar um semáforo e uma passadeira</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Mostrar três cartões diferentes (dois semáforos e uma passadeira) para que as crianças consigam identificar o que cada um representa e a sua função, relembrando o que tratava a história anteriormente ouvida ✓ Questionar as crianças sobre o que elas sabem sobre segurança rodoviária e quais os comportamentos que devem ter enquanto peões ✓ Propor que decorem os três elementos de cartão (semáforos e passadeira) ✓ Explicar as técnicas a utilizar na decoração de cada elemento <ul style="list-style-type: none"> * Na passadeira utiliza-se a estampagem com balões utilizando guaches brancos e pretos * Nos semáforos utiliza-se a pintura com pincéis, utilizando guache preto, e colagem de papel celofane (vermelho, amarelo e verde para o semáforo que diz respeito aos condutores e vermelho e verde para os peões) ✓ Dividir o grupo em três pequenos grupos <ul style="list-style-type: none"> * Quatro crianças, de cada vez, decoram a passadeira * Duas crianças, de cada vez, decoram os semáforos * As restantes crianças fazem o desenho da história ouvida inicialmente ✓ Todas as crianças fazem as três atividades, pois vão trocando 		
Atividades do dia 20 de maio de 2014		
<p>1.ª Atividade – Reconto da história “Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso”, de Christiane Piepe</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Visualizar e caracterizar fisicamente dois fantoches (personagens da história) ✓ Recontar oralmente a história ouvida no dia anterior, recorrendo aos dois fantoches <p>2.ª Atividade – Vamos visualizar vídeos sobre Segurança Rodoviária</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Dialogar sobre as normas que cada criança cumpre quando caminha na rua e atravessa uma passadeira ✓ Dialogar sobre a importância dos semáforos para peões e condutores ✓ Visualizar, na sala seis, três pequenos vídeos da ACP Kids que falam sobre como andar na rua, atravessar na passadeira e semáforos ✓ Refletir sobre as regras que se devem adotar enquanto peões seguros e responsáveis <p>3.ª Atividade – Vamos elaborar um quadro de regras sobre Segurança Rodoviária</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Propor, tendo em conta os vídeos assistidos, a elaboração de um quadro de regras a adotar enquanto peões 		

- ✓ Registrar, numa folha branca A₄, as regras que as crianças propõem
 - * Escutar a leitura, em voz alta, das regras registadas
- ✓ Ler e mostrar o título do quadro de regras
 - * Visualizar as letras, previamente, recortadas
 - * Contar o número de letras que o título vai ter
 - * Cada criança, de sua vez, visualiza a letra que tem de colar e tem de seleccionar a mesma letra no conjunto de letras já recortadas e cola-a na cartolina
 - * Contar o número de palavras que o título tem
- ✓ Brincar nos cantinhos enquanto se registam as regras na cartolina
- ✓ Observar e refletir sobre o quadro elaborado

Atividades do dia 21 de maio de 2014

1.ª Atividade – Jogo dos cartões

- ✓ Observar três objetos, um sinal vermelho, outro verde e cartões
- ✓ Pensar que género de atividade se vai realizar
- ✓ Explicar as regras do jogo
 - * Responder a uma série de questões sobre Segurança Rodoviária e as regras da sala de aula
 - * O sinal vermelho indica Sim e o sinal verde indica Não
 - * Escutar a pergunta que está registada no cartão
 - * Dar a resposta levantando a cor do sinal que pensam ser a correta

2.ª Atividade – Vamos falar sobre o papel do polícia como regulador do trânsito

- ✓ Perguntar se conhecem algum polícia, se sabem quais as funções que eles têm e se já observaram os gestos que executam na regulação do trânsito
- ✓ Imitar alguns gestos que os polícias executam na regulação do trânsito

3.ª Atividade – Jogo dramático sobre Segurança Rodoviária

- ✓ Realizar pequenos jogos dramáticos, simulando ações sobre a segurança rodoviária, na sala 6
- ✓ Montar o cenário (passadeira, semáforo e carros) e observar o chapéu de polícia
- ✓ Exemplificar o que se tem de fazer
- ✓ Escolher, aleatoriamente, um grupo de cinco crianças
 - * Duas fazem de condutores, duas de passageiros e uma de polícia
- ✓ Simular acontecimentos narrados pelo restante grupo, com orientação da aluna estagiária
 - * Cada grupo simula situações diferentes. Há vezes que os semáforos vão estar presentes no cenário e outras não

Atividades do dia 22 de maio de 2014

1.ª Atividade – Vamos cantar “Olha o Polícia”, de Maria Soares

- ✓ Propor aprender uma canção sobre o polícia
- ✓ Ler, em voz alta e pausadamente, a letra da canção “Olha o Polícia”, de Maria Soares
- ✓ Repetir verso a verso, de forma a interiorizar a letra completa
- ✓ Escutar a canção do princípio ao fim
- ✓ Cantar, em conjunto, a canção várias vezes, em diferentes ritmos e intensidades

2.ª Atividade – Jogo “à procura do tesouro”

- ✓ Explicar o objetivo e as regras do jogo
 - * O objetivo é relembrar as regras de segurança rodoviária abordadas ao longo dos dias anteriores
 - * Os envelopes estão numerados de 1 a 10
 - * Há uma ordem para se encontrar cada envelope e estes estão espalhados por toda a instituição
 - * Há pistas para se descobrir o local onde se encontra cada envelope
 - * No interior de cada envelope há uma pergunta
 - * Ler a pergunta e as crianças têm de dar a resposta correta para avançarem no jogo

- * O último envelope informa que há uma surpresa na sala seis (balões)

3.ª Atividade – O baile dos semáforos

- ✓ Observar e explorar a surpresa (balões)
- ✓ Dialogar sobre que jogo se vai realizar com os balões
- ✓ Explicar as regras do jogo
 - * O semáforo vai dirigir o jogo
 - * Dançar livremente com os balões ao compasso de músicas instrumentais do livro “Movimento – Jogos Musicados, do capítulo X canções do mundo”
 - * Após a música parar o semáforo dá as ordens. Se estiver no verde, as crianças deslocam-se livremente no espaço. Quando indicar vermelho, ninguém se pode mover. Com o amarelo, devem parar, olhar para o lado esquerdo e direito
- ✓ Jogar respeitando as regras previamente estabelecidas

4.ª Atividade – Exercício de relaxamento “Os dorminhocos”

- ✓ Explicar o objetivo de se realizar exercícios de relaxamento
- ✓ Explicar as regras do exercício
 - * Passear livremente pelo espaço
 - * Ao ouvir “deitar”, as crianças têm de se deitar com os braços a servir de almofada e ficam imóveis, de olhos fechados, como se dormissem
 - * Acordar uma das crianças, essa vai acordar um colega e assim sucessivamente até as crianças estarem todas acordadas
 - * Ficam sentadas nos seus lugares, sem fazerem barulho e aguardam pelos colegas das outras salas e pelo Polícia que vem falar com todas as crianças da instituição

Estas atividades estão ilustrada pelos respetivos registos fotográficos que poderão ser facilmente consultados no anexo C

Reflexão Semanal

Decidi alterar um pouco a planificação e iniciei a semana com a realização de brincadeiras livres. As crianças estranharam um pouco, pois não têm o hábito de brincarem livremente logo pela manhã. No entanto, considero que é importante alterarmos um pouco as rotinas e, também, é fundamental que as crianças possam escolher livremente os materiais que querem utilizar, pois desta forma estão a adquirir responsabilidade e autonomia “a possibilidade de fazer escolhas e de utilizar o material de diferentes maneiras, que incluem formas imprevistas e criativas, supõe uma responsabilização pelo que é partilhado por todos”. (Ministério da Educação, 1997: 38).

Optei por contar uma história, pois “somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a literatura, se proporcionar desde cedo, um contato frequente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias”. (Kaercher, 2001: 82). Ao longo desta houve crianças que estavam desmotivadas, pois não se interessam pelo momento da leitura, o que levou a que outras crianças também se distraíssem.

Quando mostrei dois semáforos, de cartão, um para peões e outro para condutores, constatei que as crianças conseguiram, desde logo, identificar e distinguir os dois semáforos. Afirmaram que o dos condutores tinha três cores (verde, amarelo e vermelho) e o dos peões só tinha duas (verde e vermelho). A parte mais entusiasmante para as crianças foi quando mostrei um cartão comprido e elas tiveram de descobrir o que era, pois desde que chegaram à sala não pararam de dar palpites sobre o que seria aquilo. Mal viram os riscos associaram a

uma passareira. Como estavam tão animados ao observar algo tão comprido e uma das crianças estava de pé, lembrei-me de lhes propor que medissem quantos passos davam de um lado ao outro da passareira, trabalhando de uma forma lúdica a matemática. Assim sendo, algumas crianças contaram os passos que tinham de dar para atravessar a passareira de uma ponta à outra. Como estava bom tempo decidi que podíamos pintar a passareira no espaço exterior, pois é importante diversificarmos o local onde as atividades se realizam.

No segundo dia ao longo das atividades que abordavam o tema da Segurança Rodoviária recorri muitas vezes ao diálogo e às experiências que as crianças tinham, pois considero fulcral que estas expressem as suas vivências. Ao longo da elaboração do quadro de regras senti que as crianças se estavam a dispersar logo, decidi não escrever as regras na cartolina como tinha planificado, mas sim levá-los à rua, para colocarem em prática as regras de como atravessar uma passareira. Sugeri esta ideia à educadora que concordou desde logo. As crianças gostaram bastante da ideia. Quando chegámos à rua uma das crianças observou que estava um sinal perto da passareira. Então fomos até lá observá-lo e concluímos que este avisava os condutores que tinham de abrandar, pois estavam a chegar junto de uma passareira. De regresso para junto da passareira tivemos “sorte”, pois passou um carro que parou para nos dar passagem. As crianças estavam todas contentes e com as mãos esticadas a indicarem ao condutor que tinha de parar para podermos atravessar em segurança.

Concluí que foi a melhor opção, pois esta atividade fez com que as crianças pudessem colocar em prática uma das regras que tinham estabelecido na atividade anterior.

No terceiro dia senti as crianças agitadas. Assim sendo, para acalmarem um pouco pedi-lhes que se deitassem no chão, fechassem os olhos e pensassem em algo bom. No fim de algum tempo, pedi que abrissem os olhos e uma de cada vez disse em que tinha pensado. Senti que deu resultado, porque se acalmaram e puderam partilhar experiências positivas.

Ao longo deste dia o grupo mostrou-se sempre empenhado, motivado e predisposto a novas aprendizagens. Com o jogo dos cartões consegui perceber quais as crianças que respondiam acertadamente às questões colocadas. Durante a dramatização o grupo pode colocar em prática o que aprenderam, simulando diversas ações. Esta atividade despertou muito interesse por parte do grupo, pois estavam muito entusiasmados por poderem encarnar o papel de várias personagens e andar de carro. À medida que cada grupo de crianças simulava diversas ações as outras crianças estavam sempre muito atentas e a dar instruções de como é que os colegas haviam de fazer e quais as regras a aplicar.

No final desta atividade deixei as crianças explorarem livremente todos os materiais presentes no jogo dramático, pois considero que é fundamental as crianças desenvolverem a criatividade. Logo, ao explorarem estes materiais podiam desenvolver a imaginação.

No quarto e último dia todas as atividades correram bem, no entanto considero que a atividade que mais captou a atenção do grupo foi a caça ao tesouro, pois as crianças queriam responder às questões, mostrando, assim, que tinham aprendido as regras de Segurança Rodoviária.

Fazendo um balanço da semana, considero que correu bem. Estava receosa que não conseguisse controlar o grupo por a maioria das atividades serem motoras, o que faz com que o grupo fique mais agitado. Mas de um modo geral penso que os consegui controlar, pois dei sempre liberdade para que pudessem ser criativos e expressassem as suas opiniões e vivências, mas respeitando as regras básicas de comportamento grupal. Optei por uma

semana mais dinâmica pois, conforme Freire (2002: 82-83) “O jogo ajuda a não deixar esquecer o que foi aprendido (...) faz a manutenção do que foi aprendido (...) aperfeiçoa o que foi aprendido (...) vai fazer com que o jogador se prepare para novos desafios(...)”.

1.3.2.2. 5ª semana (prática individual) - dias 26, 27, 28 e 29 de maio de 2014

Tabela 3 - Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 26, 27, 28 e 29 de maio de 2014

Tema integrador – Alimentação		
Áreas de conteúdo	Conteúdos	Objetivos
Área de formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none"> • Confiança e segurança básicas • Iniciativa própria, autoestima e estabilidade • Desenvolvimento e expressão de afetos • Sentido da responsabilidade • Comunicação e integração grupal • Assimilação de normas e valores sociais (respeito, cooperação e solidariedade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes • Desenvolver a iniciativa e a tomada de decisões em atividades usuais • Desenvolver uma estabilidade afetiva e uma autoestima adequadas • Desenvolver o sentido da responsabilidade • Tomar consciência dos outros e estabelecer com eles relações de comunicação e integração grupal • Desenvolver atitudes de respeito, colaboração, ajuda e cooperação • Assimilar as normas e valores culturais da própria comunidade
Área de expressão e comunicação	<p>Domínio da Expressão Motora</p> <ul style="list-style-type: none"> • A saúde e cuidados com o corpo <ul style="list-style-type: none"> * Alimentação (alimentos, comportamentos à mesa) • Segurança pessoal (perigos quotidiano) • Esquema corporal <ul style="list-style-type: none"> * Lateralidade * Controle motor-dinâmico • Organização espacial <ul style="list-style-type: none"> * Localização e orientação espacial (em relação a si próprio, com um ponto de referência externo, com dois pontos de referência externos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Progredir na aquisição de hábitos e atitudes, relacionadas com a alimentação • Progredir na aquisição de hábitos e atitudes relacionadas com a segurança pessoal • Definir a própria lateralidade • Controlar as diferentes formas de deslocações, coordenando os diversos movimentos implicados • Desenvolver a orientação espacial e a direção do movimento, respeitante a um ou a vários pontos de referência

	Domínio da Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Colagem * Técnicas da colagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Expressar-se plasticamente aplicando a técnica da colagem
	Domínio da Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Ritmo * Ritmos (com o corpo, objetos, com instrumentos musicais) 	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir ritmos a partir do próprio corpo e com objetivos musicais
	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral * Compreensão de mensagens orais * Enriquecimento de vocabulário • Sensibilização aos sons * Aprender a dar atenção e a escutar • Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar • Discriminação visual organização espaço-temporal • Grafomotricidade * Controle motor (destrezas manuais coordenação viso manual específica, traços e grafismos) • Familiarização com o código escrito 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente • Recontar narrativas ouvidas • Alargar o vocabulário • Saber escutar • Fomentar o diálogo • Desenvolver a constância percetivo-visual e a orientação espacial • Desenvolver um progressivo controlo percetivo-motor do traço e do espaço gráfico • Valorizar e incentivar as tentativas de escrita
	Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Noção de número 	<ul style="list-style-type: none"> • Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares
	Área de conhecimento do mundo	<ul style="list-style-type: none"> • A Família * Membros da família, relações de parentesco, funções dos membros da família e normas de convivência familiar • A rua * Indicações de trânsito e circulação de peões • Educação para a saúde 	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar a utilidade da família/Participar na vida familiar • Conhecer e respeitar normas para promover a segurança rodoviária • Promover o consumo de frutas, legumes e verduras • Conhecer, nomear e identificar os diferentes tipos de alimentos • Identificar as preferências alimentar das crianças
Rotinas diárias: Cantar a canção do bom dia; Eleger um rei ou rainha para atualizar a árvore do tempo; Marcar as presenças; Fazer a contagem, em voz alta, das crianças que já se encontram na sala			
Recursos: Livro "A Sopa Verde", de Chico; Imagens dos alimentos; Tesouras; Cola; Cartolina;			

Espinafres; Couve; Alho; Batata; Cebola; Chocolates; Morangos; Laranjas; Sal; Cenoura; Nabo; Grão-de-bico; Alho-francês; Nomes de cada alimento; Livro “Quiquiriqui”, de Marisa Núñez; Receita; Batedeira; Alguidar; Caneca; Colher de sopa; Tabuleiro; Forminhas; Chocolate; Gomas; Pintarolas; Mantas; Cesta; Queques de chocolate; Sumos; Leite

Atividades do dia 26 de maio de 2014

1.ª Atividade – Leitura da história “A Sopa Verde”, de Chico

- ✓ Leitura do título e observação das ilustrações da capa
- ✓ Debater ideias sobre o que poderá tratar o livro
- ✓ Leitura expressiva, por parte da aluna estagiária, da história “A Sopa Verde”, de Chico, mostrando as ilustrações
 - * À medida que leio a história têm de selecionar, em conjunto, as imagens dos alimentos mencionados na confeção da sopa verde
 - * Verificar se selecionaram todas as imagens corretamente
- ✓ Cortar e colar, numa cartolina, as imagens dos alimentos necessários para a confeção da sopa verde
- ✓ Debater os valores que esta história pretende transmitir

2.ª Atividade – Vamos explorar os alimentos mencionados na história “A sopa verde” de Chico

- ✓ Visualizar os alimentos mencionados ao longo da história
- ✓ Contar os alimentos que são necessários para a confeção da sopa verde
- ✓ Cheirar e tocar nos alimentos
- ✓ Diálogo sobre a importância destes alimentos
- ✓ Ouvir ler o nome de todos os alimentos ali presentes e fazer a correspondência entre o nome e o alimento
- ✓ Legendar os alimentos à medida que se colocam numa cesta
- ✓ Expor a cesta no hall de entrada

Atividades do dia 27 de maio de 2014

1.ª Atividade – Leitura da história “Quiquiriqui”, de Marisa Núñez

- ✓ Observar a capa e contracapa do livro “Quiquiriqui”, de Marisa Núñez e em conjunto antecipar do que trata a história, através das ilustrações e do título
- ✓ Explicar que à medida que vão ouvir ler, em determinados momentos têm de produzir sons com o corpo
 - * Quando ouvirem ler “Picotá, picoti” têm de bater palmas e quando ouvirem ler “Miauuu...! Sou o gato pelado. Estou a ouvir um pintainho e vou comê-lo nem só bocado!” têm de bater com as palmas das mãos nas pernas
- ✓ Leitura expressiva da história “Quiquiriqui” de Marisa Núñez, aplicando as regras explicadas e treinadas anteriormente
- ✓ Explorar e refletir sobre a história ouvida, recorrendo ao diálogo

2.ª Atividade – Confeção de queques de cenoura

- ✓ Perguntar se alguma vez já confeccionaram bolos
- ✓ Questionar que elementos são necessários para se poder confeccionar bolos
- ✓ Falar sobre a importância das receitas e qual a função destas
- ✓ Propor a confeção de queques de cenoura
- ✓ Mostrar e ler a receita dos queques de cenoura
- ✓ Diálogo sobre esta receita
 - * Contar os ingredientes
 - * Observar os utensílios necessários e quais as suas funções
- ✓ Colocar os ingredientes e utensílios no centro da mesa
- ✓ Distribuir as crianças à volta da mesa, para que todas possam ver e participar na confeção dos queques
 - * Aleatoriamente, cada criança, coloca um ingrediente e todos batem os ingredientes com a batedeira, sempre com auxílio
 - * Quando a massa estiver pronta, cada criança, à vez, com uma colher enche de massa

<p>uma forma e coloca-a no tabuleiro</p> <ul style="list-style-type: none"> * Após toda a massa estar nas formas dirigimo-nos à cozinha e colocamos os tabuleiros no forno durante quinze minutos ✓ Diálogo sobre a experiência de confeccionarem queques ✓ Observar os queques já retirados do forno ✓ Decorar os queques com chocolate derretido, gomas e pintarolas, na sala <p>3.ª Atividade – Piquenique no jardim das violetas em Castelo Branco</p> <p>(Atividade realizada na parte da tarde)</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Explicar que vamos até ao Parque das Violetas a pé para fazermos um piquenique ✓ Recordar as regras de Segurança Rodoviária ✓ Colocar os chapéus e formar uma fila de dois a dois ✓ Chegados ao parque, escolher uma zona com sombra e estender as mantas ✓ Explorar e brincar no parque ✓ Propor realizar o jogo “o gato e o pintainho” ✓ Explicar as regras do jogo <ul style="list-style-type: none"> * Os pintainhos estão esfomeados e têm de ir apanhar comida que se encontra num local contornado pelos gatos. Então os pintainhos têm de arranjar maneira de conseguirem apanhar a comida sem que os lobos os apanhem * O jogo termina quando não houver comida ou quando os pintainhos forem todos apanhados * Assim sendo, o objetivo dos pintainhos é recolherem o máximo de comida (bolas) sem serem apanhados pelos lobos. O objetivo dos lobos é apanharem todos os pintainhos ✓ Selecionar os lobos e os pintainhos (tem de haver mais pintainhos do que lobos) ✓ Jogar o jogo mais do que uma vez ✓ Terminado o jogo, regressar às mantas ✓ Distribuir os queques de cenoura, confeccionados de manhã, e cada criança tira da sua mochila o lanche ✓ Brincar no parque das Violetas ✓ Arrumar as mantas ✓ Formar uma fila de dois a dois ✓ Regressar à instituição
<i>Atividades do dia 28 de maio de 2014</i>
<p>1.ª Atividade – Ida à Biblioteca Municipal ouvir a história “Um presente diferente”, de Marta Azcon</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Diálogo e reflexão, com as crianças, sobre a história que ouviram ✓ Explicar que vamos de autocarro até à Biblioteca Municipal de Castelo Branco ouvir a história “Um presente diferente”, de Marta Azcon ✓ Relembrar as regras de comportamento dentro da Biblioteca Municipal ✓ Ir para o autocarro ✓ Chegados à Biblioteca Municipal dirigimo-nos à parte infantil, onde estão as bibliotecárias que vão contar a história ✓ Ouvir a história ✓ Realizar algumas atividades propostas pelas bibliotecárias ✓ Regressar ao jardim-de-infância ✓ Estabelecer um diálogo e refletir sobre os temas abordados ao longo da história ouvida
<i>Atividades do dia 29 de maio de 2014</i>
<p>1.ª Atividade – Ida ao Mercado Municipal de Castelo Branco</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Diálogo sobre o que pensam que vamos observar no Mercado Municipal de Castelo Branco ✓ Perguntar se já o visitaram, quais os alimentos que pensam que se vendem no mercado ✓ Relembrar as regras de Segurança Rodoviária, bem como os cuidados e comportamento ao longo da visita, através do diálogo ✓ Ida ao Mercado Municipal de Castelo Branco a pé ✓ Chegados ao Mercado, visitar as diferentes zonas deste espaço: zona do peixe, da carne, da

- | |
|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ✓ padaria, pastelaria e hortícolas ✓ Conversar com os comerciantes ✓ Regressar a pé ao jardim-de-infância ✓ Refletir, em conjunto, sobre a ida ao Mercado Municipal de Castelo Branco, estabelecendo um diálogo |
|--|

Estas atividades estão ilustrada pelos respetivos registos fotográficos que poderão ser facilmente consultados no anexo D

Reflexão semanal

Iniciei a quarta semana dizendo às crianças para realizarem atividades lúdicas livremente, pois para elas é importante brincarem, visto que a criança demonstra a felicidade que sente enquanto brinca, embarcando, assim, num momento lúdico, “Processo esse que traz inúmeros efeitos positivos as aspecto corporal, moral e social da criança”. (Kishimoto, 1996: 25).

“Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.” (Lopes, 2006: 110).

Neste dia decidi contar a história num local diferente, na sala de música, e com posições diferentes, pois queria cativar a atenção das crianças e como ia ligar a leitura à Expressão Plástica precisava que todas me conseguissem ver para poderem interagir. Decidi ligar a leitura com a Expressão Plástica, pois penso que ao “Utilizar diferentes formas de linguagem, quer ela seja verbal ou gráfica, para representar um mesmo tema ou conceito, permite à criança desenvolver e aprofundar os seus conhecimentos acerca do mesmo”. (Oliveira-Formosinho, 1996: 102).

Ao longo da história tentei ser o mais expressiva possível para que gostassem e estivessem atentos. Pelo *feedback* que as crianças me passaram considero que perceberam a história e que gostaram bastante de a ouvir. No final eles pediram-me para imitarem as expressões que a personagem da história (porco) fazia. Desta forma, deixei-os expressar livremente.

Quando liguei a Expressão Plástica com o ouvir ler a história todas as crianças queriam participar. Conclui que ao interligar estas duas áreas consegui cativar a atenção do grupo.

No segundo dia liguei a leitura da história com a Expressão Musical. Decidi ligá-las, pois queria ver até que ponto é que as crianças se concentravam e motivavam mais utilizando as expressões. Visto que considero que a adequação de atividades que abarquem a Expressão Musical auxiliam o desempenho psicomotor da criança, favorecem a concentração, a atenção e a imaginação.

Esta atividade correu muito bem, as crianças estavam muito entusiasmadas. No início era necessário indicar-lhes os momentos em que tinham de produzir sons mas no meio já não era necessário, pois memorizaram rapidamente o que era necessário fazer.

Ainda neste dia, o grupo mostrou-se muito empenhado e interessado na confeitura dos queques, querendo inclusive alguns comer cenoura e provar a massa.

Durante o percurso até ao Parque das Violetas as crianças iam muito entusiasmadas, pois para algumas era o primeiro piquenique que iam fazer. Chegados ao parque deixei as crianças brincarem livremente no parque infantil que lá havia. Enquanto isso estendemos as mantas à sombra para que depois se pudessem sentar. Algumas crianças quando viram as mantas foram-se logo lá deitar. Constatei que as crianças estavam muito felizes por estarem num piquenique com os seus colegas e a comer os queques que confeccionaram. Considero que este tipo de atividades são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, porque ao ar livre as crianças têm a oportunidade de experimentar várias coisas numa escala maior do que num ambiente interior, o que leva a um maior desenvolvimento de habilidades motoras e não só.

No terceiro dias, as crianças estavam muito entusiasmadas por irem à Biblioteca Municipal ouvir uma história e por irem até lá de autocarro. Esta atividade foi preparada entre o Jardim-de-infância e a Biblioteca Municipal. Considero que foi um dia muito importante para o grupo. Na medida em que, para além de ouvirem uma história que aborda o tema da amizade e do consumismo, tiveram oportunidade de explorar diversos livros num espaço destinado para elas. Lopes (2012: 110) considera que em contacto com o livro

“A criança lê, imagina, sonha, sente, emociona-se – à beira da ira e do compadecimento absoluto –, aprende e, por fim, espelha esse aprendizado em seu próprio mundo. Por esse motivo, os livros infantis são fontes de primeiridade(sic), são nascedouros da experiência estética, que é a base de toda a cognição humana”.

No quarto e último dia considerei pertinente levar as crianças até ao Mercado Municipal para poderem observar um local onde se vendem muitos alimentos, visto que ao longo da semana abordámos o tema da alimentação e para perceberem e terem consciência que não é só nos hipermercados que se vendem produtos alimentares.

Durante a visita as crianças tiveram oportunidade de falar com quase todos os comerciantes que estavam a trabalhar. Observaram frutas, legumes, carne, peixe, pão, bolos, entre outros. A maioria das crianças conseguiu identificar quase todos os alimentos que por ali havia. A bancada onde tiveram mais dificuldade em identificar os alimentos foi nos enchidos.

Considero que esta visita foi muito enriquecedora, não só nas aprendizagens que fizeram ao nível da alimentação, mas, também, no contacto com os comerciantes. Visto que neste tipo de locais as pessoas interagem muito mais do que numa ida ao hipermercado. Notou-se que os comerciantes ficaram satisfeitos por verem crianças a explorarem o espaço. Foram todos muito simpáticos e atenciosos nas questões que as crianças lhes colocaram.

1.3.2.3. 6ª semana (prática individual) - dias 11, 12 e 13 de junho de 2014

Tabela 4 - Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 11, 12 e 13 de junho de 2014

Tema integrador – Amizade			
Áreas de conteúdo	Conteúdos	Objetivos	
Área de formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none"> • Confiança e segurança básicas • Iniciativa própria, autoestima e estabilidade • Desenvolvimento e expressão de afetos • Sentido da responsabilidade • Comunicação e integração grupal • Assimilação de normas e valores sociais (respeito, cooperação e solidariedade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes • Desenvolver a iniciativa e a tomada de decisões em atividades usuais • Desenvolver uma estabilidade afetiva e uma autoestima adequadas • Desenvolver o sentido da responsabilidade • Tomar consciência dos outros e estabelecer com eles relações de comunicação e integração grupal • Desenvolver atitudes de respeito, colaboração, ajuda e cooperação • Assimilar as normas e valores culturais da própria comunidade 	
Área de expressão e comunicação	Domínio da Expressão Motora	Esquema corporal <ul style="list-style-type: none"> * Lateralidade * Controle motor-dinâmico 	<ul style="list-style-type: none"> • Controlar as diferentes formas de deslocamentos, coordenando os diversos movimentos implicados
	Domínio da Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho * Controle do traço – a linha * Materiais de desenho (utensílios, suporte) * Desenvolvimento da criatividade 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver um progressivo controle perceptivo-motor do traço e do espaço gráfico • Desenvolver hábitos de limpeza, cuidado e ordem do material • Desenvolver a criatividade
	Domínio da Expressão Dramática	<ul style="list-style-type: none"> • Expressão corporal * Jogo dramático 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a imaginação e a linguagem verbal • Compreender as intenções e mensagens que os outros lhe comunicam através dos gestos e voz • Interpretar e produzir como corpo situações imaginárias e reais
	Domínio da Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Dança como forma de ritmo produzido pelo corpo 	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptar os movimentos corporais a ritmos pré-estabelecidos • Escutar com gosto e interesse

			<p>música gravada e desfrutar dela</p> <ul style="list-style-type: none"> • Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares
	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral <ul style="list-style-type: none"> * Compreensão de mensagens orais * Enriquecimento de vocabulário • Sensibilização aos sons <ul style="list-style-type: none"> * Aprender a dar atenção e a escutar • Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar • Ritmo e entoação <ul style="list-style-type: none"> * Tons e intensidade da mensagem • Discriminação visual organização espaço-temporal • Familiarização com o código escrito 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente • Recontar narrativas ouvidas • Alargar o vocabulário • Saber escutar • Fomentar o diálogo • Trabalhar o caráter lúdico da mensagem • Desenvolver a discriminação visual das formas, tamanhos e cores • Valorizar e incentivar as tentativas de escrita
	Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Noção de número 	<ul style="list-style-type: none"> • Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares
	Área de conhecimento do mundo	<ul style="list-style-type: none"> • A Família <ul style="list-style-type: none"> * Membros da família, relações de parentesco, funções dos membros da família e normas de convivência familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Valorizar a utilidade da família/Participar na vida familiar • Conhecer normas e modos de comportamento social
Rotinas diárias: Cantar a canção do bom dia; Eleger um rei ou rainha para atualizar a árvore do tempo; Marcar as presenças; Fazer a contagem, em voz alta, das crianças que já se encontram na sala			
Recursos: Computador; Música "O ateliê das pinturas", de Xana Toc Toc; Mesas; Canetas de feltro; Fita-cola; Folhas brancas; Livro "Desculpa!", de Norbert Landa; Novelo de lã			
Atividades do dia 11 de junho de 2014			
1.ª Atividade – Leitura da história "Desculpa!", de Norbert Landa			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Explicar que vamos até à sala seis ouvir uma história e que ao sentarem-se têm de formar uma roda ✓ Observar a capa e contracapa do livro "Desculpa!", de Norbert Landa e, em conjunto, antecipar do que trata a história, através das ilustrações e do título ✓ Explicar que à medida que leio movimento-me com o corpo, simulando ações e têm de imitar esses movimentos ✓ Leitura expressiva da história "Desculpa!", de Norbert Landa, aplicando as regras explicadas anteriormente ✓ Explorar e refletir sobre a história ouvida, recorrendo ao diálogo 			

2.ª Atividade – Jogo “Onde está o espelho?”

- ✓ Propor jogar um jogo que se intitula “onde está o espelho?”
- ✓ Explicar as regras do jogo
 - * Repetir as frases que digo, imitando a expressividade, entoação e gestos
- ✓ Jogar, aplicando as regras

3.ª Atividade – Jogo “Teia da amizade”

- ✓ Mostrar um novelo de lã
- ✓ Perguntar o que vamos fazer com o novelo
- ✓ Explicar as regras do jogo, exemplificando
 - * Prender a ponta do novelo de lã num dos dedos da mão
 - * Dizer o que mais gostei de fazer no dia anterior
 - * Lançar o novelo para uma criança e esta executa os passos anteriores e assim sucessivamente
- ✓ Observar o que acontece após o jogo terminar
- ✓ Retirar conclusões comparando o título do jogo e o resultado final

4.ª Atividade – Jogo do espelho

- ✓ Explicar as regras do jogo
 - * Dividir o grupo em pares
 - * Uma criança faz gestos e o colega imita
 - * Ao som de “troca” trocam as funções

Atividades do dia 12 de junho de 2014

1.ª Atividade – Vamos dançar ao som da música “O ateliê das pinturas”, de Xana Toc Toc

- ✓ Propor aprender uma coreografia, no ginásio
- ✓ Ouvir a música e dançar livremente
- ✓ Aprender os passos da coreografia
- ✓ Treinar passo a passo
- ✓ Ouvir a música e aplicar os passos aprendidos

2.ª Atividade – Desenho livre por baixo da mesa

- ✓ Explicar que vão desenhar livremente, mas numa nova perspetiva, no ginásio
 - * Desenhar por baixo da mesa, pois previamente colaram-se as folhas brancas na parte de baixo das mesas
- ✓ Colocar um conjunto de canetas de feltro em cada mesa
- ✓ Dividir o grupo em grupos de dois
 - * Cada grupo deita-se no chão e começam a desenhar cada um na sua folha, por baixo da mesa
- ✓ Desenhar livremente
- ✓ Observar o desenho de cada colega
- ✓ Debater, coletivamente, os diversos desenhos

Atividades do dia 13 de junho de 2014

As atividades foram realizadas na Escola Superior de Educação de Castelo Branco e foram organizadas pelas alunas do 3º ano da Licenciatura de Educação Básica. Assim sendo, quem planificou este dia foram as Educadoras Cooperantes.

Estas atividades estão ilustrada pelos respetivos registos fotográficos que poderão ser facilmente consultados no anexo E

Reflexão semanal

Iniciei a semana com a realização das habituais rotinas diárias. Estas são parte integrante no desenvolvimento da criança, pois são um marco de referência que quando é “apreendido dá uma grande liberdade de movimentos, tanto às crianças como ao educador” (Zabalza, 1998: 169). O mesmo autor refere ainda que a Rotina desempenha um papel facilitador na sequência temporal. Desta forma, “a criança aprende a existência de fases” (Zabalza, 1998: 170), ou seja, o que acontece antes, depois, entre outros.

Na atividade de leitura desta semana decidi ligar a leitura com a Expressão Dramática, pois penso que o valor educativo da Expressão Dramática é “gigante” para a criança, visto que

“ (...) ajuda-a eficazmente no seu processo de desenvolvimento bio-psico-sócio-motor, pondo em jogo a sua expressividade, a sua criatividade e a sua consciência de valores ético-morais e estéticos, ao mesmo tempo que a ajuda na sua relação social, dado que as actividades de expressão dramática em grupo implicam a cooperação de todos os membros, unindo as suas acções para conseguirem o fim comum.” (Sousa, 2003: 33).

Ao longo da história tentei ser o mais expressiva possível para que gostassem de a ouvir e pelo *feedback* que as crianças me transmitiram e pelo que observei considero que gostaram muito da história, principalmente das partes em que podiam simular ações e dar asas à imaginação.

Ao longo do dia, considero que dos diversos jogos que propus realizar o que mais motivou o grupo foi o jogo “Onde está o espelho?” e o jogo do espelho pois, revelou-se muitíssimo frutífero, visto que as crianças puderam vivenciar as expressões e movimentos como se estivessem mesmo à procura do espelho e tinha como objetivo participar em representações e exprimir-se através do corpo. Considero este tipo de atividades muito importante, pois as crianças têm de estar atentas para conseguirem repetir as frases que ouvem com a mesma entoação e simularem as ações que observam. Desenvolvem, ainda, ao mesmo tempo, a imaginação. Segundo Sousa (2003: 31-32) a Expressão Dramática enquanto método de educação e técnica de aprendizagem consubstancia

“ (...) uma actividade lúdica, que é própria e natural na criança, surgindo espontaneamente e através da qual ela pode, livremente, expressar os seus mais íntimos sentimentos, dar ampla vazão à sua imaginação criativa, desenvolver o seu raciocínio prático, desempenhar no faz-de-conta os mais diversos papéis sociais e usar o seu corpo nas mais diferentes qualidades de movimento. (...) uma actividade educativa que, ao mesmo tempo, proporciona o mais amplo estímulo no desenvolvimento de valores afectivos, cognitivos, sociais e motores da personalidade da criança.”

Desta forma, as crianças puderem desenvolver a imaginação, pois “Ao observar (...) o comportamento dos outros e ao esforçar-se por reproduzi-lo de maneira que o observador reconheça e compreenda a acção, a criança controla as suas próprias atitudes, ao mesmo tempo que descobre as possibilidades do seu corpo.” (Leenhardt, 1997: 28).

No segundo dia iniciámos a manhã com o desenho livre por baixo da mesa. Quando expliquei o que era para fazer o grupo ficou logo entusiasmado. Gostaram bastante do facto de poderem desenhar livremente numa outra perspetiva e poderem fazê-lo a pares. Optei por realizar esta atividade, pois pretendia desenvolver a criatividade e a imaginação e que cada criança constatasse as possibilidades dos materiais e suportes à sua disposição.

Como algumas crianças já tinham terminado o desenho e outras não. Decidi virar as mesas para que elas imaginassem que estavam a ver uma exposição. Neste caso, os seus trabalhos e os dos colegas. Adoraram ver os desenhos, pois estavam a observar numa perspetiva diferente daquela que tinham desenhado.

Na atividade da dança, optei por deixar de lado a coreografia que tinha estabelecido previamente e preferi que as crianças dançassem livremente ao som da música, pois considero fundamental que as crianças dançam livremente para poderem explorar o seu corpo, desenvolvendo, assim, a coordenação global dos movimentos.

No terceiro, e último dia, disse às crianças que íamos visitar a Escola Superior de Educação, pois íamos participar em diversos ateliês. De todos os ateliês que havia, o nosso grupo assistiu ao de olaria e teve oportunidade de modelar barro. Durante estas atividades as crianças estavam muito motivadas, pois podiam comunicar com as pessoas que estavam nos diversos ateliês, colocando-lhes questões. Puderam, ainda, brincar com o barro, modelando-o. Para alguns foi algo novo, pois nunca tinham manuseado barro.

Esta semana para além de curta foi muito enriquecedora, pois senti que as crianças ao longo das atividades estavam muito motivadas e empenhadas. Considero que a razão de tal motivação foi pelo facto da maioria das atividades planificadas visassem o desenvolvimento da imaginação. Durante as atividades realizadas procurei sempre ter uma postura “não autoritária” e dar espaço para as crianças participarem ativamente nas mesmas, incentivando, assim, a sua criatividade e imaginação para que interiorizassem as aprendizagens de forma significativa.

Capítulo II - Contextualização e desenvolvimento da Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

“O amor recíproco entre quem aprende e quem ensina é o primeiro e mais importante degrau para se chegar ao conhecimento.”

(Erasmus de Roterdão²)

² www.citador.pt/frases/o-amor-reciproco-entre-quem-aprende-e-quem-ensina-erasmo-de-roterdao-4980

2.1. Enquadramento físico e social do local de aplicação

2.1.1. Caracterização do meio e da instituição

A Prática Supervisionada (PS) em 1º Ciclo do Ensino Básico (1ºCEB) (PS 1ºCEB) desenvolveu-se numa turma de 3º ano do agrupamento de escolas João Roiz, situado na zona Sul da Cidade de Castelo de Branco, mais especificamente na Quinta da Granja, Avenida Cidade de Zhuhai. Esta zona é relativamente recente e é notório o seu crescimento nos últimos anos.

O meio envolvente é constituído por diversos estabelecimentos comerciais, pelos Bombeiros Voluntários de Castelo Branco, o Grupo Territorial da GNR e uma ampla zona habitacional. Há ainda diversas estruturas de apoio social, sendo elas: o Centro de Saúde de Santiago, o Hospital Amato Lusitano e o Instituto Português da Juventude (IPJ). Quanto à população residente, podemos caracterizá-la como sendo de classe média /alta e pouco envelhecida.

Existem excelentes vias rodoviárias que facilitam o acesso dos alunos até à escola, tanto para carros, como para transportes públicos. Todos os dias, nas horas de maior movimento, há um controlo por parte da polícia, garantido, assim, o bem-estar dos alunos.

É a escola-sede que abrange as localidades urbanas e rurais da região Sul e Sudoeste da cidade de Castelo Branco, da qual fazem parte um jardim-de-infância (Valongo) e quatro escolas básicas (do Valongo, do Retaxo, de Cebolais de Cima e Quinta da Granja). Na sede funcionam também os anos de 1º, 2º e 3º ciclo do Ensino Básico. Na totalidade, o agrupamento tem noventa salas em funcionamento, dois ginásios e um refeitório. Assim sendo, este agrupamento abarca a educação pré-escolar, o 1º, 2º e 3º ciclo do Ensino Básico.

A Escola Básica (EB) 1 João Roiz entrou em funcionamento no ano letivo 2001/2002, tendo agregado várias escolas no ano letivo seguinte, formando, desta forma, o Agrupamento de Escolas João Roiz de Castelo Branco. No ano de 2013, o Agrupamento de Escolas João Roiz de Castelo Branco foi integrado no Agrupamento de Escolas Amato Lusitano.



Figura 8 - Escola EB 2/3 João Roiz de Castelo Branco

Segundo o projeto educativo do agrupamento, o mesmo integra um grupo de noventa e sete docentes de 1.º, 2.º e 3.º CEB e uma educadora de infância. Relativamente ao pessoal não docente, o agrupamento tem a colaboração, na totalidade, de vinte e nove pessoas.

Com sede no agrupamento permanece a associação de pais que, como o próprio nome indica, representa todos os pais e encarregados de educação de todas as escolas do agrupamento em estudo. À responsabilidade da associação está a colaboração nas soluções de possíveis problemas que surjam nos vários estabelecimentos de ensino referidos.

Tal como qualquer agrupamento, este, também, é detentor de serviços de apoio à comunidade escolar, sendo eles: o Gabinete de Apoio ao aluno (GAA), o Gabinete de Projetos Educativos, Ação Social Escolar, o Serviço de Psicologia e Orientação, a Biblioteca Escolar e o Centro de Recursos.

2.1.2. Caracterização da sala e da turma

A sala de aula, onde se desenvolveu a prática de PS1.ºCEB, tem bastante iluminação natural, pois tem quatro janelas, e é espaçosa. A climatização da mesma no inverno é muito eficaz, pois está equipada com dois grandes radiadores que são ligados antes de se iniciarem as aulas.

Logo à entrada desta está um cabide destinado aos alunos, onde estes podem colocar os seus casacos.

A mesma sala encontra-se organizada em filas. Há dois quadros de ardósia bastante grandes que se encontram em frente aos alunos. A projeção de apresentações em suporte informático realiza-se na parede, por cima dos quadros.

A secretária da professora encontra-se do lado esquerdo dos quadros e neste há um computador, com ligação à internet.

Existem dois *placards* que têm como finalidade a exposição dos trabalhos dos alunos e afixação de cartazes sobre a matéria lecionada. Num destes *placards* há um calendário, onde são colocadas as presenças uma tabela com os registos do comportamento dos alunos e um cartaz com as tarefas que os alunos têm de realizar (distribuir material, manuais, apagar o quadro e marcar o comportamento).

No fundo há três armários que servem para guardar material didático, trabalhos e os manuais escolares.

A turma, inicialmente, era constituída por vinte e um alunos, no entanto houve três transferências integrando a turma neste momento dezoito alunos. Quatro destes alunos no ano letivo anterior frequentavam agrupamentos de escola diferentes. Da totalidade do grupo de alunos, oito são do sexo feminino e dez do sexo masculino.

Existem quatro alunos repetentes, tendo dois alunos ficado retidos no 3º ano, uma aluna no 1º ano e uma aluna no 2º ano.

Quanto ao grupo este era heterogéneo, não só pelas características supracitadas, mas pelo facto de que cada aluno ser um indivíduo igual a si próprio, com saberes, vivências, competências e interesses próprios e diferentes dos demais elementos do grupo.

A turma era ativa, dinâmica, participativa e assídua. Na generalidade a área preferida dos alunos era Matemática e a menos preferida era Português. Os alunos demonstravam ter algumas dificuldades na interpretação e compreensão de textos e elaboração de textos escritos. Em relação a Matemática, os alunos conseguiam explicar, na maioria das vezes, as estratégias de raciocínio utilizadas para chegar aos resultados, o que cria o gosto pelo raciocínio matemático. O Estudo do Meio foi a área utilizada maioritariamente para estabelecer a temática integradora, o que fez com que a turma adquirisse gosto por todos os

conteúdos abordados, motivados pelos elementos integradores. Relativamente às Expressões, os alunos demonstravam empenho e motivação para a realização das atividades propostas.

Na grande maioria, os Encarregados de Educação apresentavam estudos, tendo a generalidade um bom nível de formação académica, sendo, este facto, uma mais-valia para os seus educandos, pois tinham capacidades de apoiar e ajudar a ultrapassar dificuldades.

2.2. O modelo pedagógico e programático de desenvolvimento de Prática Supervisionada

2.2.1. Fundamentos didatológicos do modelo

A «arte do ensino» deve ter por base a integração disciplinar para desenvolver uma ação rica em aprendizagens nos alunos. Para que a Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico se desenvolvesse com vista à aprendizagem dos alunos foi necessário adotar uma estrutura de trabalho igual para todos os pares pedagógicos. Nesta constavam as seguintes etapas: observação, planificação, ação, avaliação, reflexão e (r)estruturação.

Desta forma, foi essencial observar a turma e os métodos e estratégias que a professora cooperante utilizava, para que pudéssemos proceder ao desenho dos processos de ensino e aprendizagem, uma vez que implica adaptação aos alunos concretos, aos materiais disponíveis e ao espaço.

Esta matriz teve como ponto de partida a didática integrada, valorizando a coerência na relação entre o percurso de ensino e aprendizagem e a seleção de conteúdos programáticos, através da seleção das unidades temáticas e da definição dos elementos integradores. Teve, ainda, como intuito a programação de unidades de ensino sustentadas, científicas, didáticas e dotadas de componentes essenciais que correspondem ao porquê, ao quê, ao como e quando se ensina e, por fim, ao até que ponto foi bem-sucedida tal unidade e ao que podemos vir a mudar com vista a melhorar.

Além do trabalho de PS1.ºCEB contemplar sempre todas estas etapas, foi ainda aplicado um modelo pedagógico que serviu de base para a organização da mesma. Assim sendo, o modelo utilizado ao longo da prática supervisionada seguiu uma perspetiva de ensino aprendizagem, recorrendo à elaboração de unidades didáticas. De acordo com Pais (2010: 3) as unidades didáticas são compostas por um

“Conjunto sequencial de tarefas de ensino e aprendizagem que se desenvolvem a partir de uma unidade temática central de conteúdo e um elemento integrador, num determinado espaço de tempo, com o propósito de alcançar os objetivos didáticos definidos e dar resposta às principais questões do desenvolvimento curricular”.

Deste modo, segundo Pais (2012: 39), é necessário adotar estratégias que levem a uma “verdadeira integração, substituindo os habituais somatórios de conteúdos e atividades por unidades de sequenciação estratégica, materializadas em unidades didáticas definidas a partir de um tema e um elemento integrador”.

Desta forma, para que as planificações sejam concretizadas é necessário construir unidades didáticas, que ajudam os professores a programar e organizar a prática. Estas são constituídas por um conjunto de tarefas de aprendizagem que apresentam uma determinada sequência, tendo em conta o tema, o elemento integrador, o espaço, o tempo disponível, as atitudes e valores e os objetivos didáticos a alcançar. Segundo Pais (2012: 39), uma unidade didática remete “para uma realidade técnico-didática baseada num conjunto de opções metodológico-estratégicas”, cujos fundamentos base são os seguintes:

- * Sequenciação didática (correlação existente entre os conteúdos programáticos a trabalhar e o elemento integrador);
- * Fator tempo (relação entre o tempo de ensino estabelecido pelo professor para abordar conteúdos e o tempo de aprendizagem dos alunos);
- * Coerência (harmonia entre o tema, elemento integrador e metodologias);
- * Elaboração de percursos de aprendizagem (articulação entre todos os elementos da planificação)

Assim sendo, segundo Pais (2010: 3) uma unidade didática pretende “dar resposta às principais questões do desenvolvimento curricular”, ou seja, o que ensinar (objetivos e conteúdos a lecionar), quando ensinar (sequência de atividades e conteúdos), como ensinar (metodologia de ensino, tempo, espaço e recursos didáticos) e como avaliar (critérios e instrumentos de avaliação).

Numa Unidade Didática as atividades têm de estar interligadas e relacionadas com o tema e elemento integrador. Este encadeamento leva a que os alunos estejam mais predispostos a novas aprendizagens, pois propicia a existência de um percurso de ensino e aprendizagem com coerência e integração.

Portanto, todas as áreas curriculares devem estar interligadas, tendo por base a interdisciplinaridade. Visto que, através desta é possível estabelecer um elo de ligação entre as diversas áreas.

Por outro lado, a integração curricular, como o próprio nome indica, consiste em trabalhar de forma integrada as diferentes áreas, através de elementos comuns. Para tal, recorriamos a um Elemento Integrador, pois é este que estabelece uma ligação entre as diferentes atividades. Assim sendo, é de extrema importância que este seja motivador, de forma a despertar a atenção dos alunos, que ative o conhecimento prévio sobre os conteúdos a trabalhar, que desenvolva a capacidade de comunicar e que desencadeie a coerência temática e a coesão metodológica. Segundo Pais (2012: 8)

“o elemento integrador pode assumir uma infinidade de formas, dependendo da criatividade e das características de individualidade do professor, das características do ambiente de ensino e aprendizagem a criar, dos objetivos definidos para o processo de ensino e aprendizagem, das características do grupo de alunos e da relação que obrigatoriamente tem de se estabelecer com um contínuo de tarefas de ensino e aprendizagem que se pretende desenvolver. O recurso à imagética, à tecnologia de informação e comunicação, aos suportes digitais de leitura e de ensino do vocabulário, entre outros representa na atualidade a fonte de excelência para a definição e criação de elementos integradores”.

As duas primeiras semanas de observação foram essenciais para a preparação e organização da prática supervisionada, visto que observámos o funcionamento global do agrupamento e os recursos disponíveis em todo o ecossistema escolar, tais como a biblioteca,

o ginásio, os espaços de recreio, os equipamentos informáticos, a sala de professores, a reprografia, o bar dos alunos e o refeitório.

Tivemos, ainda, a oportunidade de presenciar algumas das metodologias e estratégias de ensino/aprendizagem utilizadas maioritariamente pela professora cooperante, tais como o trabalho em grande grupo e individual orientado, tendo em conta as capacidades de resposta às solicitações e ritmo dos alunos. Constatámos também que havia interligação entre as áreas curriculares, pois todas as atividades estavam interligadas, não havia somatórios de conteúdos e atividades.

Consultámos também os documentos oficiais (projeto curricular do agrupamento, projeto curricular de turma e programas de Português, Matemática, Estudo do Meio e Expressões e Metas Curriculares) para organizar a nossa base de trabalho.

Numa primeira fase, analisámos o *Projeto Curricular* do Agrupamento no qual se destaca que o seu principal objetivo é desenvolver processos que contribuam para que os alunos sejam, progressivamente, mais ativos e autónomos na sua própria aprendizagem. Este salienta algumas estratégias que foram fundamentais no decorrer da prática, tais como: trabalho colaborativo entre os alunos, valorizar os saberes dos mesmos e avaliar aprendizagens e competências de forma contínua e formativa, centrando o processo de avaliação não só nos resultados, mas também nos processos contínuos de aprendizagem.

Foi, também, fundamental analisar o *Projeto Curricular de Turma* (PCT), que descrevia as características e identificava as necessidades da turma. Desta forma, ficámos a perceber melhor quais as características gerais da turma, o que foi fulcral para o desenrolar da prática.

De acordo com o Ministério da Educação (2004: 13), o ensino básico está assente em três objetivos gerais:

“Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social; Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes; Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática”.

Diante do justificado e após as duas semanas de observação, de recolha de informação e de análise do contexto educativo, iniciaram-se as semanas de prática. A prática durou doze semanas, das quais duas foram trabalhadas em conjunto com o par pedagógico e cinco individualmente, em semanas alternadas.

Neste sentido, teve-se em conta todas as orientações dadas pela professora cooperante e da matriz seguida para se proceder ao desenho das Unidades Didáticas. Essa construção teve como ponto de partida a integração didática e como base as características e vivências de cada aluno e na turma, pois os alunos devem ter um papel mais ativos e criativo, de forma a que a educação decorra numa ação mais cooperativa e onde haja espaço para se desenvolver a criatividade, ou seja, é fundamental que se desenvolvam aprendizagens significativas.

Segundo Pais (2010: 12) “A importância que o desenho das atividades assume no processo de construção de uma unidade didática está diretamente relacionada com a

necessária adequação à realidade da escola, do grupo de alunos e de cada aluno em particular”.

Esta dinâmica de planificação, execução e reflexão teve, também, como molde os conteúdos programáticos presentes nas planificações mensais da Professora Cooperante. Desta forma, a professora cooperante apresentava-nos os conteúdos programáticos e nós definíamos o tema integrador e elemento integrador para se poder dar início ao desenho das unidades didáticas (consultar anexo J).

A partir destes temas e elemento integradores selecionaram-se as tarefas de ensino e aprendizagem e elaboraram-se os guiões de aula (consultar anexo K), tendo em conta os conteúdos a abordar e os objetivos a atingir. Definiram-se, também, a tipologia, a metodologia e as atitudes, normas e valores a trabalhar de cada atividade e os recursos necessários diariamente. O “desenho” dos percursos de ensino aprendizagem, por norma, tinham a duração de três dias.

A estrutura interna das Unidades Didáticas planificadas obedeceu a um conjunto de procedimentos didatológicos desenvolvida a partir da seguinte matriz:

- * **Definição dos elementos didatológicos:** Deve conter o nome da unidade tendo como base uma pequena fundamentação didatológica. É onde se explicita quais as estratégias a adotar, tendo em conta as características do contexto de ensino e aprendizagem (ano, turma, número de horas), é onde se define o vocabulário específico a trabalhar e os objetivos didáticos.
- * **Seleção e sequenciação dos conteúdos programáticos:** Define-se o tema e o(s) Elemento(s) Integrador(es) bem como a seleção dos conteúdos programáticos de acordo com as áreas e os objetivos gerais e específicos que estão na base dos percursos de ensino e aprendizagem.
- * **Desenho dos percursos de ensino-aprendizagem:** Define-se o tipo de integração didática, bem como a seleção do tipo de tarefas e atividades, considerando o tema, o elemento integrador e os princípios da progressão, e elaboração dos guiões integrados no desenvolvimento do percurso didático.
- * **Avaliação:** Reflexão sobre a implementação da ação tendo como base as aprendizagens dos alunos e o desempenho do professor.

Intrínsecos a este modelo estiveram contemplados vários tipos de atividades no planeamento do processo de ensino e aprendizagem correspondentes às seguintes fases: motivação, aprendizagem ou sistematização em contexto didático, ampliação ou reforço e avaliação.

Na primeira fase, intitulada de motivação desenvolve-se uma abordagem didática onde se explicitam os conteúdos e objetivos. As atividades estão centradas na estimulação e fruição para a aprendizagem, ou seja, é nesta fase que os alunos são motivados para aprender, que são explicitados os conteúdos e os objetivos e é aqui que muitas vezes se define o sucesso ou não das aprendizagens dos alunos. Na fase da aprendizagem é onde se introduz o novo conteúdo, onde as tarefas propostas na fase de sistematização estão ligadas ao que se quer ensinar e à sua aprendizagem efetiva. As atividades de reforço estão inerentes ao desenvolvimento de tarefas que dão uma nova oportunidade aos alunos que não compreenderam, não aprenderam os conteúdos e nem atingiram os objetivos. Já as atividades de ampliação têm como propósito o alargamento de conhecimentos. Estas são destinadas aos alunos que efetivamente aprenderam e atingiram as metas. No entanto, toda esta dinâmica

necessita de uma análise refletida através dos constantes momentos de avaliação. É no momento da avaliação, que o professor tem a possibilidade de verificar se os alunos atingiram ou não os objetivos predefinidos anteriormente.

Desta forma as tarefas de avaliação possibilitam a verificação, por parte do professor, se ocorreram ou não aprendizagens e estas podem assumir diversos formatos dependendo do momento de avaliação e do agente avaliador. Segundo Pais (2012: 14) segundo o momento de avaliação estas podem ser: iniciais ou diagnósticas (verificação dos conhecimentos de que os alunos já são detentores), processuais/formativas (realizada diariamente para constatar a evolução dos conhecimentos adquiridos) e finais/sumativas (elaboração da súmula de todas as avaliações realizadas ao longo do ano, de forma a atribuir uma classificação); e segundo o agente avaliador: autoavaliação, coavaliação e heteroavaliação. Desta forma, o professor pode refletir e avaliar o seu trabalho, bem como adotar novas estratégias para melhorar o desempenho dos seus alunos.

2.3. Desenvolvimento das semanas de Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

2.3.1. Observação/Reflexão

Durante as duas semanas de observação verificámos diversos aspetos, tais como as características dos alunos, as suas dificuldades, as estratégias utilizadas pela professora, para ultrapassar as dificuldades destes, e um pouco do funcionamento da escola.

A professora cooperante começou por referir alguns aspetos, mais gerais, sobre o funcionamento da turma e o horário letivo a cumprir. Disse, também, que era uma turma um pouco complicada, visto que a maioria dos alunos tinham dificuldades de aprendizagem, existindo alunos repetentes e outros que, apesar de estarem inseridos no 3º ano, acompanhavam o 1º e 2º ano. Além disso, alguns alunos necessitavam de uma professora de apoio, de forma a poderem combater as suas dificuldades.

Com estas observações conseguimos perceber que existe alguma discrepância entre os alunos, desde os mais atentos e curiosos aos mais distraídos e menos interessados por aprender algo novo.

Observámos que para esta turma, a correção no quadro nem sempre é a melhor estratégia, pois era um motivo para que não façam nada no lugar e estejam sempre à espera da resolução dada pela professora. Desta forma, pensamos que a estratégia mais indicada será a correção individual.

Considerámos relevante o facto de a professora guardar sempre quinze minutos do final da aula para que os alunos arrumem os seus materiais, manuais e toda a sala. Este trabalho permitia incutir nos alunos algumas regras de organização e arrumação dentro da sala de aula. Além disso, faziam uma reflexão sobre o comportamento e realização dos trabalhos de casa.

Consideramos estas atividades de reflexão fundamentais, visto que cabe ao professor

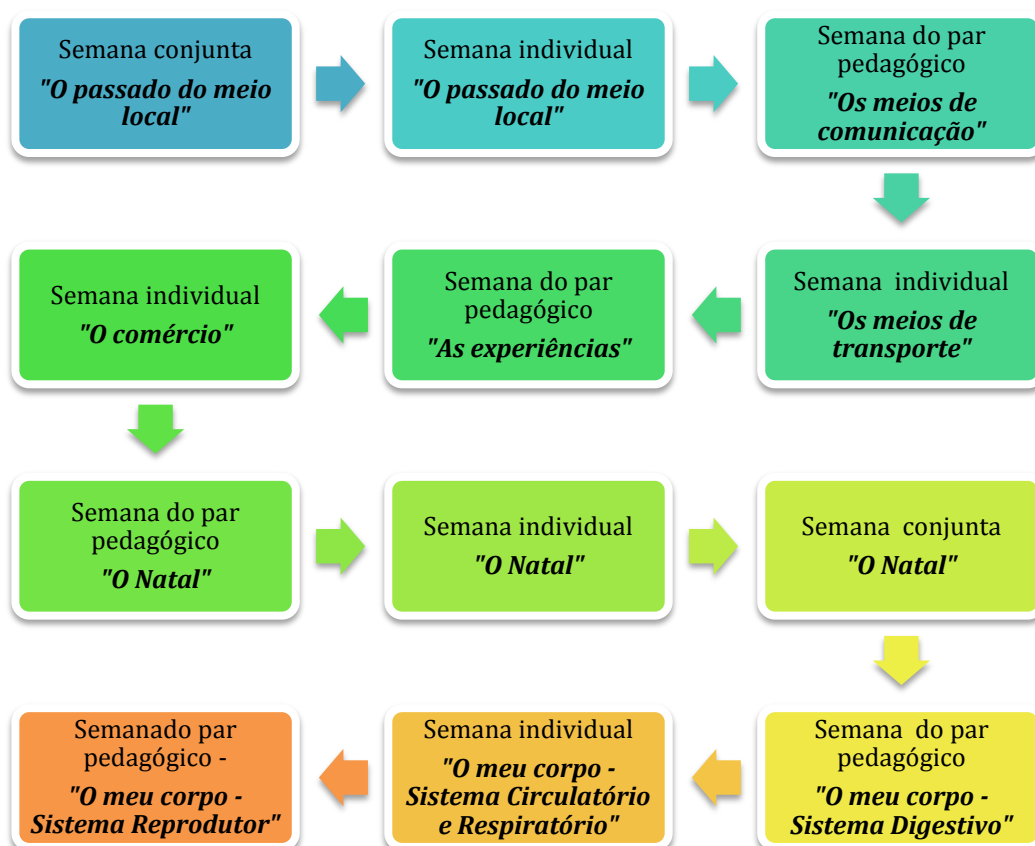
“estabelecer objectivos de acordo com o currículo em vigor, planear e realizar com os alunos experiências de aprendizagem diversificadas e estimulantes, organizar momentos de discussão e de reflexão, fazer com que eles se comportem de acordo com as normas sociais valorizadas na comunidade e estabelecer uma atmosfera de aprendizagem”. (Ponte, 2000: 15).

De uma maneira geral, consideramos que os dias de observação correram bem e serviram para nos integrarmos na turma e na escola, conhecendo assim a professora cooperante, os alunos, algumas professoras de apoio e pessoal não docente. Além disso, serviram, também, para termos contacto com a realidade, isto é, com aquilo que realmente se passa dentro de uma sala de aula.

2.3.2. Trabalho desenvolvido na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

2.3.2.1. Esquema global de desenvolvimento da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

O esquema que se segue ilustra os diversos temas abordados ao longo das semanas de prática, tendo sido estabelecidos os conteúdos e objetivos à volta destes mesmos temas.



Esquema 2 - Esquema global da Organização e Desenvolvimento da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

A apresentação dos diversos elementos pertencentes às unidades planificadas que foram elaborados ao longo da Prática Supervisionada encontram-se organizados da seguinte forma:

- * Contexto de aplicação
- * Objetivos gerais didáticos
- * Principais características do processo metodológico e de investigação
- * Unidade Temática
- * Tema integrador
- * Seleção do conteúdo programático
- * Vocabulário específico a trabalhar ao longo da unidade
- * Elemento integrador
- * Recursos
- * Elemento integrador
- * Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem
- * Referências bibliográficas
- * Reflexão

Em termos temporais, a Prática Supervisionada decorreu conforme o seguinte cronograma:

Tabela 5 - Cronograma da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

1ª semana (prática de grupo)	21 a 23 de outubro de 2014
2ª semana (prática individual)	28 a 30 de outubro de 2014
3ª semana (prática individual)	11 a 13 de novembro de 2014
4ª semana (prática individual)	25 a 27 de novembro de 2014
5ª semana (prática individual)	9 a 11 de dezembro de 2014
6ª semana (prática de grupo)	16 de dezembro de 2014
7ª semana (prática individual)	13 a 15 de janeiro de 2014

Ao longo das sete semanas foram pensadas e desenvolvidas distintas atividades, indo ao encontro das necessidades e interesses das crianças, proporcionando-lhes, assim, momentos de bem-estar, motivação e aprendizagem. Estas atividades foram desenvolvidas em harmonia com os diferentes temas, como é visível no esquema 1. Contudo, apenas iremos abordar e explicar três semanas que foram desenvolvidas ao longo das semanas de investigação. Optei por selecionar as duas individuais que, na minha opinião, foram de grande enriquecimento e aprendizagem para a turma. Numa delas pude observar aprendizagens num contexto não formal e noutra a turma pode estar em contacto com um profissional de saúde. Optei ainda por colocar uma de grupo, pois considero que foi de extrema importância poder trabalhar com o par pedagógico. As restantes quatro semanas serão remetidas para anexo.

Desta forma, iremos apresentar as semanas 4, 6 e 7 e todas elas serão ilustradas pelos respetivos registos fotográficos que poderão ser facilmente consultados nos anexos L, M e N. As restantes semanas poderão ser facilmente consultadas nos anexos O, P, Q e R.

2.3.2.2. 4ª semana (prática individual) - dias 25, 26 e 27 de novembro de 2014

Tabela 6 - Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 25, 26, e 27 de novembro de 2014

Unidade temática – “Vamos conhecer a magia do comércio!”				
Estudo do Meio				
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Avaliação	
Bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços	O Comércio local	<ul style="list-style-type: none"> • Contactar, observar e descrever diferentes locais de comércio (supermercado, mercearia, sapataria, praça, feira...): o que vendem; onde se abastecem; como se transportam os produtos; como se conservam os produtos alimentares; como se vendem (condições de armazenamento e manuseamento...) • Reconhecer menções obrigatórias nos produtos (composição, validade, modo de emprego...) • Reconhecer a importância do recibo e/ou fatura 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de um guião de aprendizagem, do jogo da forca e da realização da atividade “Exploração de produtos alimentares” 	
Português				
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho	
Oralidade <ul style="list-style-type: none"> • <i>Compreensão do oral</i> 	Vocabulário Instruções, indicações Informação essencial e acessória Facto e opinião Ideia principal, tema, tópico, assunto	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar para aprender e construir conhecimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas (C1) • Identificar informação essencial (C2) • Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu (C3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho C1, C2 e C3

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Expressão Oral</i> 	<p>Articulação e entoação</p> <p>Reconto</p> <p>Respostas a questionário</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir um discurso oral com correção • Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor 	<ul style="list-style-type: none"> • Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados (E1) • Recontar o que ouviu (E2) • Responder a questões (E3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho E1, E2 e E3
<p>Leitura e escrita</p>	<p>Ler em voz alta</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ler textos diversos • Apropriar-se de novos vocábulos • Organizar os conhecimentos do texto • Monitorizar a compreensão • Elaborar e aprofundar ideias e conhecimentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler pequenas poesias (L1) • Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano e conhecimento do mundo (L2) • Identificar o tema e assunto do texto, assim como eventuais subtemas (L3) • Sublinhar as palavras desconhecidas, inferir o significado a partir de dados contextuais e confirmá-lo no dicionário (L4) • Expressir uma opinião crítica a respeito de ações das personagens ou de outras informações que possam ser objeto de juízos de valor (L5) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho L1 e L2, L3, L4 e L5
	<p>Planificação de textos</p> <p>Poesia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Planificar a escrita de textos • Redigir corretamente • Escrever uma poesia • Rever textos escritos 	<ul style="list-style-type: none"> • Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as (Es1) • Utilizar uma caligrafia legível (Es2) • Usar vocabulário adequado (Es3) • Escrever uma poesia tendo em conta as suas características (Es4) • Verificar se o texto contém as ideias previamente 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir da escrita de um texto dramático, no caderno diário, tendo em conta os descritores de desempenho Es1, Es2, Es3, Es4, Es5 e Es6

<p>Educação Literária</p>	<p>Leitura orientada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler textos literários • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos • Dizer e escrever, em termos pessoais e criativos 	<p>definidas (Es5)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar e corrigir os erros de ortografia que o texto contenha (Es6) • Praticar a leitura silenciosa (E11) • Ler em voz alta, após preparação (E12) • Ler pequenos poemas recorrendo a diversas emoções e intenções, previamente definidas (E13) • Reconhecer regularidades versificatórias (rima) (E14) • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo (E15) • Responder, oralmente e por escrito, de forma completa, a questões sobre a poesia (E16) • Dizer poemas com clareza e entoação adequadas (E17) • Escrever pequenos poemas recorrendo a poemas modelo (E18) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7 e E8
<p>Gramática</p>	<p>Palavras variáveis e invariáveis</p> <p>O género</p> <p>O número</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer propriedades das palavras 	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir palavras variáveis de invariáveis (G1) • Reconhecer e formar masculinos e femininos das palavras (G2) • Formar o plural de nomes (G3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de um guião de aprendizagem que avalia os descritores de desempenho G1, G2 e G3

Matemática				
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>	
Números e Operações	Multiplicação de números naturais	<ul style="list-style-type: none"> • Multiplicar números naturais 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber de memória as tabuadas do 8 e do 9 (N1) • Reconhecer os múltiplos de 2, 5 e 10 por inspeção do algarismo das unidades (N2) • Compreender e realizar algoritmos para as operações de multiplicação (N3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de um guião de aprendizagem que avaliam os descritores de desempenho N1, N2 e N3
Expressões				
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Avaliação</i>	
Expressão Plástica Bloco 2- Descoberta e organização progressiva de superfícies	Pintura - Atividades de pintura sugerida	<ul style="list-style-type: none"> • Pintar os múltiplos de 2, 5 e 10 numa tabela de 0 a 100 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa a partir da realização de um guião de aprendizagem relativo aos múltiplos de 2, 5 e 10 	
Bloco 3 - Exploração de técnicas diversas de expressão	Recorte, Colagem e Dobragem	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de recorte e colagem 		
Expressão Dramática Bloco 2 - Jogos Dramáticos	Linguagem verbal	<ul style="list-style-type: none"> • Experimentar diferentes maneiras de dizer uma poesia tendo em conta a emoção 		
Expressão e Educação Físico-Motora Bloco 4 - Jogos	Jogo do Bowling	<ul style="list-style-type: none"> • Favorecer o trabalho em grupo • Desenvolver a rapidez e a agilidade • Aperfeiçoar a destreza e o autodomínio 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa a partir da observação dos registos do bowling 	

Tema integrador – O Comércio

Vocabulário específico a trabalhar: Comércio, circuito comercial, género e número, múltiplos e tabuada

Elemento integrador: Comerciante no seu estabelecimento (fantoche)



Recursos: Elemento integrador; Guião de aula; Guião de aprendizagem de Estudo do Meio; *Power point*; Roteiro da visita de estudo à Praça de Castelo Branco; Guiões de aprendizagem de Português; Sopa de letras; Cartazes com a tabuada do 8 e do 9; Guiões de aprendizagem de Matemática; Números cruzados; Texto poético “Dia de Natal, de Luísa Ducla Soares”; Garrafas de água; Tabela de registos para o jogo do Bowling

Atividades do dia 25 de novembro de 2014

1.ª Atividade – Realização do jogo da forca como motivação para o tema “comércio”

- ✓ Referir que vai ser realizado um jogo didático relativo ao comércio
- ✓ Explicar as regras do jogo da forca, referindo que têm de descobrir a palavra que está escondida através das pistas que lhes serão dadas
- ✓ Desenhar, no quadro da sala, o esquema do jogo da forca e colocar os traços respetivos da palavra (comércio). Os alunos, aleatoriamente, tentam descobrir a palavra através das pistas que forem lançadas

2.ª Atividade – Exploração do conceito “comércio”, “circuito comercial” e dos direitos e deveres do consumidor

- ✓ Distribuir e realizar um guião de aprendizagem sobre o comércio, circuito comercial, deveres e direitos dos consumidores à medida que se abordam estes conceitos
- ✓ Referir e debater as diferenças entre grande comércio, comércio tradicional, os tipos de comércio, as suas diferenças e funções e os direitos e deveres dos consumidores, recorrendo ao diálogo e ao *power point*
- ✓ Recolher e corrigir o guião de aprendizagem, caso seja necessário fazer uma correção individual

3.ª Atividade – Antecipação da Visita de Estudo à Praça de Castelo Branco

Antes da visita:

- ✓ Distribuir e analisar o roteiro da visita de estudo que contém o horário de saída e de chegada à escola, bem como o horário de chegada e de saída da praça de Castelo Branco. Além disso, contém, também, o que vão visitar, bem como as regras de comportamento a adotar para a visita de estudo corra bem

4.ª Atividade – Introdução aos conceitos “Género e Número”

- ✓ Rever o que são palavras variáveis e invariáveis
- ✓ Questionar e explicar, através de um *power point* e diálogo, o conceito de género e número de uma determinada palavra, dando alguns exemplos e registá-los no caderno
- ✓ Distribuir e realizar um guião de aprendizagem relativo ao género e ao número
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual

**5.ª Atividade – Introdução à tabuada do 8, do 9 e algoritmo da multiplicação
Tabuada do 8 e 9**

- ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre a tabuada do 8, através de um diálogo

- ✓ Observar e explorar o cartaz da tabuada do 8
- ✓ Lançar e resolver no caderno diário um desafio
 - * Imaginar que têm de ir a uma loja de roupa e que precisam de comprar 8 camisolas e que cada uma custa 8€. Quanto dinheiro vão gastar para poderem comprar as oito camisolas?
- ✓ Resolver o desafio no quadro
- ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre a tabuada do 9, através de um diálogo
- ✓ Observar e explorar o cartaz da tabuada do 9
- ✓ Lançar e resolver no caderno diário um desafio
 - * Imaginar que têm de ir a uma loja de roupa e que precisam de comprar 9 calças e que cada uma custa 9€. Quanto dinheiro vão gastar para poderem comprar as nove calças?
- ✓ Resolver o desafio no quadro
- ✓ Realizar o jogo informático “Jogo da multiplicação”³
 - * Um aluno aleatoriamente dá a resposta à multiplicação que apareceu no jogo e em conjunto observam se está ou não correto

Algoritmo da multiplicação

- ✓ Questionar e explicar, através do diálogo, em que consiste o algoritmo da multiplicação e as respetivas regras
- ✓ Dar exemplos, no quadro, de algoritmos da multiplicação e realizá-los no quadro da sala, mas também cada aluno no seu caderno diário
- ✓ Distribuir e realizar um guião de aprendizagem relativo às tabuadas do 8 e do 9 e ao algoritmo da multiplicação
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem individualmente

Atividades do dia 26 de novembro de 2014

1.ª Atividade – Realização da visita de estudo à Praça de Castelo Branco

Durante a visita:

- ✓ Visitar as instalações da praça de Castelo Branco, nomeadamente as lojas que estão abertas e a forma como esta está organizada
- ✓ Estabelecer diálogo com os comerciantes

Depois da visita:

- ✓ Reflexão sobre as diversas lojas que visitaram e do que mais gostaram
- ✓ Decidir, em grande grupo, cinco palavras relacionadas com o comércio e com a visita e registar no caderno diário
- ✓ Propor uma atividade de escrita, para cada aluno realizar em casa
 - * Selecionar pelo menos três palavras das cinco escolhidas anteriormente
 - * Produzir um texto poético, tendo em conta as características deste e o que observou na visita de estudo

2.ª Atividade – Revisão dos múltiplos de 2 e introdução ao conceito matemático “múltiplos de 5 e de 10”

- ✓ Rever o conceito de múltiplo e relembrar os múltiplos de 2
- ✓ Antecipar e questionar o conhecimento prévio dos alunos sobre o conceito matemático “múltiplos de 5 e de 10”, através do diálogo
- ✓ Esclarecer em que consistem estes múltiplos e explicar como se consegue identificar estes múltiplos sem ter de se fazer qualquer tipo de operação matemática
- ✓ Lançar desafios aos alunos para que se possam colocar numa situação concreta
 - * Imaginar que têm de comprar 5 galinhas e que cada uma custa 5€. Quanto dinheiro precisam de ter para poderem comprar as 5 galinhas?
 - * Imaginar que têm de comprar 10 ovelhas e cada uma custa 9€. Quanto dinheiro precisam de ter para poderem comprar as 10 ovelhas?
- ✓ Distribuir e realizar um guião de aprendizagem relativo aos múltiplos de 2, 5 e 10,
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual

³ <http://www.smartkids.com.br/jogos-educativos/matematica-jogo-da-multiplicacao.html>

3.ª Atividade – Leitura, análise e interpretação do texto poético “Dia de Natal”, de Luísa Ducla Soares

Antes da leitura:

- ✓ Distribuir o guião de aprendizagem que contém o texto poético “Dia de Natal”, de Luísa Ducla Soares e as respetivas perguntas de interpretação
- ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre o tema e o assunto do texto poético “Dia de Natal”, de Luísa Ducla Soares, recorrendo a uma pequena dramatização
- ✓ Explorar o vocabulário relacionado com o título do texto poético “Dia de Natal”, de Luísa Ducla Soares
- ✓ Formular a hipótese, em voz alta, “Será que o Menino Jesus estava mesmo na casa da criança?”

Durante a leitura:

- ✓ Leitura do texto poético “Dia de Natal”, de Luísa Ducla Soares
 - * Leitura silenciosa por parte dos alunos
 - * Leitura, em voz alta, por parte da professora
 - * Por fim, leitura expressiva e em voz alta, por parte dos alunos, lendo cada um uma estrofe. Antes de ler, cada aluno retira um papel de um saco que identifica qual a expressão que tem de realizar na leitura (cansado, triste, zangado, feliz, rabugento)

Depois da leitura:

- ✓ Refletir sobre o tema e o assunto do texto poético “Dia de Natal”, de Luísa Ducla Soares, através do diálogo
- ✓ Construir a “fábula” através de um esquema que é elaborado no quadro
- ✓ Questionar sobre vocábulos desconhecidos
- ✓ Comentar o texto poético “Dia de Natal”, de Luísa Ducla Soares, dando resposta à hipótese previamente formuladas
- ✓ Interpretar o texto poético através da elaboração de perguntas de interpretação presentes no guião de aprendizagem
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem individualmente

Atividades do dia 27 de novembro de 2014

1.ª Atividade – Exploração de alguns produtos alimentares (composição, validade)

- ✓ Questionar e refletir sobre a importância dos rótulos presentes em diversos produtos alimentares, bem como a importância da validade
- ✓ Relembrar as regras do trabalho em grupo, recorrendo ao diálogo
- ✓ Referir as regras da atividade
 - * Cada grupo dirige-se à banca que contém diversos produtos alimentares e escolhe dois produtos. De seguida, analisam o rótulo e a validade dos dois produtos escolhidos escrevendo todos os aspetos fundamentais no caderno. No final, cada grupo apresenta as conclusões que retirou
- ✓ Dividir a turma em três grupos, tendo cada grupo cinco elementos

2.ª Atividade – Leitura dos poemas relativos à visita de estudo à Praça de Castelo Branco

- ✓ Pedir a um aluno, aleatoriamente e um de cada vez, que venha junto do quadro e que leia o seu poema para toda a turma
- ✓ Confrontar as diferentes ideias que foram surgindo nos diversos poemas elaborados pelos alunos

3.ª Atividade – Realização do jogo “Bowling da tabuada e múltiplos de 2, 5 e 10”

- ✓ Referir as regras do jogo
 - * Formar três equipas, tendo cada uma um disco e 10 garrafas que têm operações
 - * Cada grupo fica atrás dos arcos que pertencem à sua equipa, uns atrás dos outros
 - * Ao sinal de partida, o primeiro elemento de cada fila salta a pé cochino dentro de três arcos e chegado ao último lança o disco e tenta derrubar o maior número de garrafas
 - * O segundo elemento vai recolher as garrafas derrubadas e todos realizam as operações, registando o resultado numa tabela de registos
 - * Após a correção do resultado os dois primeiros elementos do grupo vão para o fim da fila e os outros elementos seguem o mesmo procedimento até derrubarem todas as garrafas
 - * O primeiro grupo que conseguir derrubar todas as garrafas e que as operações estejam resolvidas corretamente ganha o jogo
- ✓ Dividir a turma em três grupos, tendo cada um cinco alunos

<ul style="list-style-type: none"> ✓ Distribuir a tabela de registos para cada equipa ✓ Ir até ao pátio da escola realizar o jogo respeitando todas as regras
Estas atividades estão ilustradas pelos respetivos registos fotográficos que poderão ser facilmente consultados no anexo L.

Reflexão semanal

Considero que o elemento integrador como era um fantoche funcionou muito bem ao longo da semana, a partir deste elemento explorei o tema “comércio”. Senti que a presença do elemento integrador foi muito útil para que os alunos percebessem aquilo que lhes queria transmitir, pois utilizava-o como exemplo e este, por vezes, é que explicava as dúvidas que surgiam, visto que a turma podia comunicar com este.

Para esta semana planeei atividades variadas e cuidei muito os materiais que propus, para que, mais uma vez, fossem ao encontro dos gostos, interesses e vivências dos alunos. Como refere Not (1991: 67) “ensinar é suscitar atividades de aprendizagem e apoiá-las com materiais apropriados”.

Também consegui que todas as atividades fossem transversais, pois todas as áreas de conteúdo foram ensinadas e aprendidas como um todo, sem compartimentações. No decorrer das atividades parti sempre do geral para o particular, pegando, sempre que possível, nas vivências dos alunos. Estas estratégias revelaram-se muito adequadas, uma vez que os alunos estiveram sempre muito atentos, motivados e empenhados, tendo interiorizado com facilidade os conteúdos trabalhados.

Relativamente à exploração da tabuada do 8 e do 9, os alunos estavam muito atentos, dado que a tabuada era algo que os cativava bastante, pois queriam muito aprendê-la. Ao observarem cada uma, ajudei-os a constatar que a tabuada do 9 tem alguns truques e, no sentido de os ajudar a compreendê-la e a memorizá-la mais facilmente, explorámo-los. Para este dia tinha ainda planificado explorar o algoritmo da multiplicação, mas como o tinham trabalhado no dia anterior, a professora cooperante sugeriu que continuasse a explorar as duas tabuadas.

Os alunos estavam muito entusiasmados com a visita ao Mercado Municipal de Castelo Branco, no entanto, devido a condições atmosféricas adversas, tive que alterar a ordem das atividades. Assim sendo, comecei por explorar os múltiplos de 2, 5 e 10. Como o estado do tempo melhorou pudemos realizar a visita, para grande satisfação dos alunos. Esta correu muito bem e sem incidentes ou percalços. Os alunos dialogaram com os comerciantes, colocando-lhes questões sobre o seu trabalho e o tipo de alimentos que vendiam nas suas bancadas. Desta forma, os alunos assimilaram melhor os conteúdos que tinham sido abordados no dia anterior. Visitámos, ainda, o espaço do artesanato presente, também, na praça, o que fez com que os alunos recordassem conteúdos anteriormente abordados, como, por exemplo, os bordados de Castelo Branco.

Uma atividade que correu muito bem foi a leitura e análise do poema “Dia de Natal”, de Luísa Ducla Soares. Propus aos alunos que cada um lesse expressivamente uma estrofe, recorrendo a gestos e a expressões. Os alunos ficaram desde logo muito motivados e empenhados para ler. Com esta atividade pretendi que a turma entendesse que podemos ler de diversas formas, aumentando a nossa expressividade se usarmos adequadamente os códigos não-verbais, tais como, a gestualidade, a expressividade do rosto, a postura do corpo e a altura da voz.

Com a atividade dos produtos alimentares decidi rever alguns conceitos dados anteriormente, utilizando alguns produtos alimentares presentes no elemento integrador. Assim sendo, pedi a alguns alunos com NEE, que não costumam estar presentes na sala de aula, que simulassem, um de cada vez, que iam fazer compras. Realizei esta atividade estabelecendo, assim, uma simulação de compra e venda de produtos entre a Felismina (elemento integrador) e os alunos. Após essas compras, todos os alunos tiveram de calcular quanto dinheiro iam gastar, recorrendo à multiplicação. De seguida, arredondaram os valores para verem quanto dinheiro necessitavam levar. Por fim, calcularam a diferença entre o total da compra de maior valor com o de menor valor. Posta esta introdução, todos exploraram no mínimo dois produtos alimentares, escrevendo a sua composição e data de validade. Nesta atividade, mesmo os alunos com NEE, que por norma não realizam os trabalhos que nós propomos, pois fazem um ensino individualizado, participaram.



O jogo do “Bowling da tabuada e múltiplos de 2, 5 e 10” correu muitíssimo bem, pois os alunos estavam bastante motivados e empenhados. Infelizmente não deu para terminar a atividade, pois estava a ser realizada na rua e as condições atmosféricas não permitiram a sua conclusão. Desta forma, tivemos de regressar à sala mais cedo. Assim, propus-lhes que jogássemos ao jogo da força, continuando a resolver as operações. Com este jogo deu para rever as classes e as ordens dos números, pois no fim de todos os alunos já terem resolvido a operação no caderno de Matemática, um aluno, aleatoriamente, dizia um algarismo dependendo da ordem que lhe pedisse. É de salientar, mais uma vez que todos os alunos incluindo os com NEE e a aluna de nacionalidade chinesa realizaram esta atividade.

2.3.2.3. 6ª semana (prática de grupo) - dias 16 de dezembro de 2014

Tabela 7 - Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo ao dia 16 de dezembro de 2014

Unidade temática – “Do Natal vamos falar, por isso tens de te concentrar!”				
Estudo do Meio				
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Avaliação	
Bloco 5 – À descoberta dos outros e das instituições	O Natal	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer costumes e tradições do Natal 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia se os alunos conhecem e enumeram pelo menos três costumes e tradições do Natal 	
Português				
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho	
Oralidade <ul style="list-style-type: none"> Compreensão do oral 	Vocabulário Instruções, indicações Informação essencial e	<ul style="list-style-type: none"> Escutar para aprender e construir conhecimento 	<ul style="list-style-type: none"> Descobrir pelo o contexto o significado de palavras desconhecidas (C1) 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que

<p>• <i>Expressão Oral</i></p> <p>Educação Literária</p> <p>Gramática</p>	<p>acessória</p> <p>Facto e opinião</p> <p>Ideia principal, tema, tópico, assunto</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Identificar informação essencial (C2) • Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu (C3) 	<p>avalia os descritores de desempenho C1, C2 e C3</p>
	<p>Articulação e entoação</p> <p>Reconto</p> <p>Respostas a questionário</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir um discurso oral com correção • Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor 	<ul style="list-style-type: none"> • Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados (E1) • Recontar o que ouviu (E2) • Responder a questões (E3) 	<p>• Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho E1, E2 e E3</p>
	<p>Leitura orientada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ler textos diversos • Compreender o essencial dos textos lidos 	<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir ler obras de literatura para a infância através de fantoches (E1) • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo (E2) • Responder, oralmente de forma completa, a questões sobre os textos (E3) 	<p>• Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho E1, E2 e E3</p>
	<p>Léxico e Vocabulário</p> <p>Palavras simples e complexas (radical)</p> <p>Tipos de frase</p> <p>Sinónimos e Antónimos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender formas de organização do léxico • Conhecer propriedades das palavras • Analisar e estruturar unidades sintáticas • Compreender formas de organização do léxico 	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir palavras variáveis de invariáveis (G1) • Identificar radicais de palavras de uso mais frequente (G2) • Identificar os seguintes tipos de frase: declarativa, interrogativa e exclamativa (G3) • Identificar relações de significado entre palavras: sinónimos e antónimos (G4) 	<p>• Avaliação formativa, a partir da realização do jogo “Vira a carta, responde e acerta”, tendo em conta os descritores de desempenho G1, G2, G3 e G4</p>

Matemática				
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>	
Números e operações Organização e tratamento de dados	Numeração Romana	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer numeração romana 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e utilizar corretamente os números romanos (No 1) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir da realização do jogo “Vira a carta, responde e acerta”, tendo em conta os descritores de desempenho No1, No2, Ot1 e Ot2
	Multiplicação	<ul style="list-style-type: none"> • Multiplicar números naturais 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber de memória as tabuadas do 6 e do 7 (No2) 	
	Representação e tratamento de dados	<ul style="list-style-type: none"> • Tratar conjuntos de dados 	<ul style="list-style-type: none"> • Saber o que significa “moda” (Ot1) • Saber o que significa “mínimo e máximo” (Ot2) 	
Expressões				
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>		<i>Avaliação</i>
Bloco 2- Descoberta e organização progressiva de superfícies Bloco 3 - Exploração de técnicas diversas de expressão	Pintura	<ul style="list-style-type: none"> • Pintar livremente um pai natal • Ilustrar de forma pessoal o postal 		<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do tipo formativa a partir da elaboração de um Pai Natal articulado
	Recorte, Colagem e Dobragem	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de recorte e colagem 		
Tema integrador – O Natal				
Vocabulário específico a trabalhar: Natal, tipos de frase, texto narrativo, organização e tratamento de dados, tabuada				
Elemento integrador: Pai Natal e Rena Rodolfo				
				

Recursos: Elemento integrador; Guião de aula; Projeção da capa do livro “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler; Texto narrativo “Uma prenda de Natal” de M. Christina Butler; Fantoques para o texto narrativo “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler; Cartões para o jogo “Vira a carta, responde e acerta”; Saco de tecido; Pai Natal articulado; Ataches; Algodão

Atividades do dia 16 de dezembro de 2014

1.ª Atividade – Leitura, análise e interpretação do texto narrativo “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler

Antes da leitura:

- ✓ Rever o que é um texto narrativo, explorando as suas regras, através do diálogo
- ✓ Observar o título e a ilustração do texto narrativo “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler presente na capa do livro que será projetada
- ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre o tema e o assunto do texto narrativo “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler através da visualização da capa do livro que será projetada
- ✓ Explorar o vocabulário relacionado com o título do texto narrativo “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler, através do diálogo
- ✓ Formular a hipótese, em voz alta, “Será a prenda de Natal do ouriço-cacheiro igual às outras?”

Durante a leitura:

- ✓ Leitura do texto narrativo “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler através de uma dramatização, utilizando fantoches

Depois da leitura:

- ✓ Questionar sobre o tema e o assunto do texto narrativo “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler através do diálogo
- ✓ Construir a “fábula” através de um esquema que é elaborado no quadro. Este esquema é construído com as ideias do autor, tendo de respeitar a ordem das ideias deste
- ✓ Questionar sobre vocábulos desconhecidos
- ✓ Comentar o texto narrativo “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler, dando resposta à hipótese previamente formulada
- ✓ Interpretar o texto narrativo “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler, através da elaboração de perguntas de interpretação feitas oralmente

2.ª Atividade – Realização do jogo “Vira a carta, responde e acerta”

- ✓ Referir que vai ser realizado um jogo didático, sendo este realizado em três grupos de seis elementos cada
- ✓ Referir que está relacionado com algumas áreas (Português, Matemática e Estudo do Meio), mais especificamente sobre os conteúdos trabalhados ao longo do período
- ✓ Relembrar as regras do trabalho em grupo, recorrendo ao diálogo
- ✓ Referir as regras do jogo
 - * Cada aluno de um grupo, à vez e aleatoriamente, retira uma carta ao acaso de um conjunto de cartas que se encontram dentro de um saco de tecido
 - * Ler, em voz alta, a questão que se encontra nesse cartão
 - * Todos pensam na resposta, mas apenas os alunos que pertencem ao grupo que retirou a carta respondem
 - * Se a resposta estiver correta ganham 1 ponto, se estiver errada não ganham pontos
 - * Ganha o grupo que conseguir obter um maior número de pontos

3.ª Atividade – Elaboração de um Pai Natal articulado

- ✓ Mostrar um Pai Natal articulado, indicando qual a sua funcionalidade
- ✓ Referir todos os materiais utilizados para a construção deste
- ✓ Explicar todos os passos que têm de realizar para construir um Pai Natal articulado
 - * Pintar todas as partes do Pai Natal articulado
 - * Colocar algodão no gorro, na barba e na roupa
 - * Juntar todas as “peças” que formam o Pai Natal e colocar os ataches nos sítios respetivos
- ✓ Distribuir os materiais necessários para a construção do Pai Natal e dar início à construção do Pai Natal articulado

Estas atividades estão ilustradas pelos respetivos registos fotográficos que poderão ser facilmente consultados no anexo M

Reflexão semanal

Na segunda semana de implementação de grupo apenas implementámos um dia. Contudo estivemos presentes na escola dois dias, visto que participámos na festa de Natal dos alunos.

Na festa de Natal ajudámos em tudo o que pudemos, tanto na elaboração do cenário, como na organização dos alunos. Esta participação foi útil para nós enquanto futuras professoras, uma vez que pudemos participar ativamente observando quais os passos necessários para chegar a um resultado final, neste caso a atuação.

Nesta semana optámos por utilizar dois elementos integradores (Pai Natal e Rena Rodolfo) que já tinham sido anteriormente utilizados e que foram de grande interesse e motivação para os alunos. Estes funcionaram bem em conjunto, pelo facto de ambos estarem relacionados com a época natalícia.

Houve um almoço partilhado por toda a escola. Neste os alunos tiveram a oportunidade de conviver com alunos de outras turmas e partilhar experiências. Para nós foi uma forma de nos sentirmos mais integradas no agrupamento, visto que tivemos oportunidade de falar com mais pessoal docente e não docente.

As atividades propostas para este dia foram conseguidas, pois os alunos estavam bastante motivados, curiosos e empenhados. A dramatização da história “Uma prenda de Natal”, de M. Christina Butler, com fantoches correu bem. Os alunos perceberam o enredo da história e os valores que esta transmitia. No intervalo os alunos utilizaram os fantoches e simularam uma história tendo em conta aquelas personagens. Optámos por contar uma história aos alunos visto que

“A Literatura Infantil tem o poder de investigar o imaginário, de encontrar novas ideias e soluções diante dos conflitos, oportunizando à criança uma visão mais ampla de tudo o que a cerca, transformando-a em um ser mais crítico, reflexivo e autónomo”. (Botinno 2011, citado por Botinno 2012: 224).

Optámos por realizar um jogo didático com os alunos uma vez que este estimula o crescimento e o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos.

No jogo “Vira a carta, responde e acerta” os alunos acabaram por ter um papel mais ativo do que aquilo que nós tínhamos pensado, pelo facto de terem dado diversas sugestões para as regras do jogo, tendo estas sido aceites por nós, visto que foram pertinentes.

Desta forma, dividimos o jogo em duas partes. Na primeira parte utilizámos a seguinte regra: um aluno retirava uma carta, lia em voz alta e escolhia um colega para dar a resposta. Na segunda parte um aluno retirava uma carta lia a pergunta só para ele e apenas dava a resposta em voz alta, seleccionava um colega e esse tinha de adivinhar qual a pergunta que estava presente na carta.

Em suma, consideramos que foram dois dias muito positivos, porque tivemos oportunidade de contactar com novas experiências e pessoas. Sugerimos atividades simples que foram ao encontro do gosto dos alunos, no entanto muito enriquecedoras, pois através destas conseguimos rever os conteúdos lecionados durante este período letivo. O facto de termos implementado em conjunto foi uma mais-valia para ambas, visto que tivemos o apoio uma da outra e pudemos debater e partilhar ideias e opiniões.

2.3.2.5. 7ª semana (prática individual) - dias 13, 14 e 15 de janeiro de 2015

Tabela 8 - Organização do conteúdo programático, procedimentos de execução e recursos relativo aos dias 13, 14 e 15 de janeiro de 2015

Unidade temática – “Se o teu corpo queres descobrir o Miguel vais ter de ouvir!”				
Estudo do Meio				
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Avaliação	
Bloco 1 – À descoberta de si mesmo	O seu corpo	<ul style="list-style-type: none"> Identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais: circulação (pulsação, hemorragias...) Identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais: respiração (movimentos respiratórios, faltas de ar...) Conhecer as funções vitais (respiratória e circulatória) Conhecer e localizar alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (coração, pulmões) em representações do corpo humano 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir da observação direta que avalia se os alunos conhecem pelo menos dois órgãos que intervêm na função respiratória e circulatória, se identificam os dois movimentos que ocorrem na respiração e se explicam como funciona o coração 	
Português				
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho	
Oralidade <ul style="list-style-type: none"> Compreensão do oral Expressão Oral 	Vocabulário Instruções, indicações Informação essencial e acessória Facto e opinião Ideia principal, tema, tópico, assunto Articulação e entoação Reconto Respostas a questionário	<ul style="list-style-type: none"> Escutar para aprender e construir conhecimento Produzir um discurso oral com correção Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor 	<ul style="list-style-type: none"> Descobrir pelo o significado de palavras desconhecidas (C1) Identificar informação essencial (C2) Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu (C3) Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados (E1) Recontar o que ouviu (E2) Responder a questões (E3) 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho C1, C2 e C3 Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho E1, E2 e E3

<p>Leitura e escrita</p>	<p>Ler em voz alta</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ler textos diversos • Apropriar-se de novos vocábulos • Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e compreendê-lo • Elaborar e aprofundar ideias e conhecimentos 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler pequenas textos narrativos (L1) • Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do cotidiano e conhecimento do mundo (L2) • Relacionar intenções e emoções das personagens com finalidades da ação (L3) • Expressar uma opinião crítica a respeito de ações das personagens ou de outras informações que possam ser objeto de juízos de valor (L4) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho L1 e L2, L3 e L4
<p>Educação Literária</p>	<p>Planificação de textos</p> <p>Texto narrativo</p> <p>Leitura orientada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Planificar a escrita de textos coletivos • Redigir corretamente • Escrever textos narrativos • Rever textos escritos • Ler e ouvir ler textos • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos 	<ul style="list-style-type: none"> • Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as (Es1) • Utilizar uma caligrafia legível (Es2) • Usar vocabulário adequado (Es3) • Escrever pequenas narrativas, incluindo os seus elementos constituintes: <i>quem, quando, onde, o quê, como</i> (Es4) • Verificar se o texto contém as ideias previamente definidas (Es5) • Ler e ouvir ler textos narrativos (E11) • Praticar a leitura silenciosa (E12) • Ler em voz alta, após preparação (E13) • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo (E14) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir da escrita coletiva de um texto narrativo com diálogos, tendo em conta os descritores de desempenho Es1, Es2, Es3, Es4 e Es5 • Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho E11, E12, E13, E14, E15, E16 e E17

Gramática	Classe dos nomes	<ul style="list-style-type: none"> • Ler para apreciar textos literários • Conhecer propriedade das palavras 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar, justificando, as personagens principais (E15) • Responder, oralmente e por escrito, a questões sobre os textos (E16) • Manifestar sentimentos, e pontos de vista suscitados pelo conto ouvido (E17) • Identificar nomes próprios e comuns (G1) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir da construção de um cartaz que avalia o descritor de desempenho G1
Matemática				
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>	
Números e operações	Divisão Multiplicação/Divisão	<ul style="list-style-type: none"> • Efetuar divisões e multiplicações 	<ul style="list-style-type: none"> • Efetuar divisões por 10, 100 e 1000 (O1) • Compreender e usar a regra da divisão por 10, 100 e 1000 (O2) • Distinguir dobro de metade e triplo de terça parte (O3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir da realização de exercícios do livro de fichas de Matemática, no manual e lançamento de desafios e exercícios resolvidos no caderno que avaliam os descritores de desempenho O1, O2 e No3
Expressões				
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>		<i>Avaliação</i>
Expressão Plástica Bloco 2 – Descoberta e organização progressiva de superfícies	Pintura	<ul style="list-style-type: none"> • Pintar cuidadosamente partes de um boneco de neve 		<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do tipo formativa a partir da decoração de um boneco de neve

<p>Bloco 3 – Exploração de técnicas diversas de expressão</p> <p>Expressão Musical</p> <p>Bloco 2 – Experimentação, desenvolvimento e criação musical</p> <p>Expressão Físico-Motora</p> <p>Bloco 3 – Ginástica</p>	<p>Recorte, Colagem e Dobragem</p> <p>Desenvolvimento auditivo</p> <p>Movimentos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de recorte e colagem • Dialogar sobre audições musicais • Preencher espaços em branco através de audições musicais • Realizar movimentos com o corpo (saltos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do tipo formativa a partir do preenchimento de espaços em branco através de uma audição musical • Avaliação do tipo formativa a partir da realização de movimentos (saltos)
--	---	---	--

Tema integrador – O corpo humano

Vocabulário específico a trabalhar: Sistema respiratório, sistema circulatório, metade de, terça parte de e nomes próprios e comuns

Elemento integrador: Miguel e o seu baú das aprendizagens



Recursos: Elemento integrador; Guião de aula; Letra da canção “Inspira- Expira”, de Maria de Vasconcelos; *Power Point*; Texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse; Calculadora; Manual de Matemática; Cartolina; Capsulas de café; Lã; Papéis de decoração dos bolos; Cartaz; Livro de fichas de Matemática; Cronómetro; Ficha de avaliação de Português

Atividades do dia 13 de janeiro de 2015

1.ª Atividade – Introdução e exploração do Sistema Respiratório

- ✓ Distribuir a letra da canção com alguns espaços em branco, tendo que preenche-los à medida que ouvem a canção “Inspira- Expira”, de Maria de Vasconcelos
- ✓ Corrigir, oralmente e em grande grupo, os espaços que foram preenchidos
- ✓ Questionar e referir alguns termos relacionados com o sistema respiratório (respiração, inspiração e expiração), recorrendo ao diálogo
- ✓ Explicar os fenómenos relacionados com a inspiração e expiração, utilizando um *power point*
- ✓ Projetar uma imagem relativa ao sistema respiratório e questionar sobre:
 - * O que representa a imagem;
 - * Que órgãos conhecem? Como se chamam? Para que servem? Qual a sua função?
- ✓ Explicar e responder, detalhadamente, a cada pergunta colocada pelos alunos
- ✓ Questionar os alunos sobre o que pensam ser o oxigénio e o dióxido de carbono e referir, oralmente, qual o percurso que o ar percorre para podermos sobreviver

2.ª Atividade – Leitura, análise e interpretação do texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse

- ✓ Relembrar, através do diálogo, as características do texto narrativo e as partes que compõem um texto narrativo (introdução, desenvolvimento e conclusão)

Antes da leitura:

- ✓ Explicitar os objetivos da leitura, através de um debate sobre a importância de ler
- ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre o tema e o assunto do texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse, através da exploração da ilustração deste
- ✓ Explorar o vocabulário relacionado com o título do texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse, através do diálogo
- ✓ Formular uma hipótese, em conjunto e oralmente

Durante a leitura:

- ✓ Leitura do texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse
 - * Leitura silenciosa por parte dos alunos
 - * Sublinhar os vocábulos desconhecidos e rodear as palavras-chave
 - * Esclarecer os conceitos relativos aos vocábulos desconhecidos
 - * Debater as palavras-chave presentes no texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse
 - * Leitura, em voz alta, por parte da professora
 - * Sintetizar os aspetos fundamentais do texto à medida que se avança, recorrendo ao diálogo
 - * Leitura expressiva, em voz alta, por parte dos alunos, de forma aleatória

Depois da leitura:

- ✓ Questionar sobre o tema e o assunto do texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse através do diálogo
- ✓ Construir a “fábula” através de um esquema que é elaborado no quadro
- ✓ Debater os aspetos fundamentais do texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse dando resposta à hipótese previamente formulada
- ✓ Interpretar o texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse através da elaboração de perguntas de interpretação
- ✓ Corrigir as perguntas de interpretação recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual

3.ª Atividade – Introdução ao conceito Matemático “Divisão por 10, 100 e 1000”

- ✓ Explicar, através do diálogo, o que é a divisão por 10, 100 e 1000
- ✓ Utilizar a calculadora do computador para realizar algumas operações e retirar conclusões
- ✓ Questionar e referir a regra utilizada na divisão por 10, 100 e 1000, registando-a no caderno
- ✓ Escrever no quadro alguns exercícios relativos à divisão por 10, 100 e 1000 e resolvê-los no caderno
- ✓ Pedir a alguns alunos, aleatoriamente, para resolverem estes exercícios no quadro

4.ª Atividade – Construção coletiva de um boneco de neve

- ✓ Referir que vai ser realizado um trabalho em grande grupo relativo ao inverno, relembrando as regras de trabalho em grupo
- ✓ Mencionar quais os materiais que vão ser utilizados na decoração do boneco de neve (papéis de decoração de bolos, capsulas de café, lã e olhos que mexem)
- ✓ Distribuir tarefas por todos os alunos na construção do boneco de neve
 - * 3 alunos ficam responsáveis pela decoração do chapéu
 - * 2 alunos ficam responsáveis pela decoração dos braços
 - * 5 alunos ficam responsáveis pela decoração da cara
 - * 6 alunos ficam responsáveis pela decoração da barriga
 - * 2 alunos ficam responsáveis por fazer o cachecol
- ✓ No final, observa-se o resultado final e coloca-se no placar exterior da sala

Atividades do dia 14 de janeiro de 2015

1.ª Atividade – Produção de um texto narrativo**Antes de escrever:**

- ✓ Rever, oralmente, o que é um texto narrativo e quais as suas partes constituintes

- ✓ Rever as questões que fazem parte da introdução (quem, quando, onde e o quê) e a que faz parte do desenvolvimento (como)
- ✓ Produzir um texto narrativo dando continuidade ao texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse tendo de introduzir uma nova personagem (médico) e diálogos entre as personagens

Durante a escrita:

- ✓ Produzir o texto narrativo de forma coletiva, isto é, cada aluno dá uma ideia sobre o que quer colocar no texto narrativo e esta é registada no quadro
- ✓ De seguida, juntam-se todas as ideias e, em conjunto, forma-se o texto narrativo com coerência e lógica, tendo de respeitar a estrutura do texto apresentada previamente e articular bem as frases de forma a promover a existência de coesão textual
- ✓ Terminada a produção do texto narrativo, todos os alunos copiam para o seu caderno diário de Português

Depois de escrever:

- ✓ Rer o texto narrativo produzido por toda a turma em conjunto

2.ª Atividade – Introdução às subclasses dos nomes (próprios e comuns)

- ✓ Debater o que é um nome
- ✓ Observar um determinado conjunto de palavras projetadas e classifica-las quanto ao género e número
- ✓ Questionar e explicar o conceito de nomes próprios e nomes comuns
- ✓ Ler e colar no caderno diário a explicação destes dois conceitos

3.ª Atividade – Construção de um cartaz relativo às subclasses dos nomes (próprios e comuns)

- ✓ Questionar e referir o que é um cartaz, quais as suas características e finalidades
- ✓ Observar e analisar as características presentes no cartaz relativo à semana da saúde
- ✓ Referir que vai ser realizado um cartaz coletivamente relativo às subclasses dos nomes (próprios e comuns)
- ✓ Retirar as imagens do baú e classifica-las
- ✓ Construir, coletivamente, um cartaz relativo à classe dos nomes (próprios e comuns)
 - * Colar o título do cartaz
 - * Formar dois conjuntos cujo título do primeiro conjunto é nomes próprios e do segundo conjunto é nomes comuns
 - * Colar cada imagem no respetivo conjunto escrevendo o nome por baixo
- ✓ Terminado o cartaz, explorá-lo com toda a turma

4.ª Atividade – Introdução e exploração do Sistema Circulatório

- ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre o sistema circulatório através da visualização do vídeo “VisioKids-Sistema Circulatório⁴”
- ✓ Debater e explorar o vídeo visualizado anteriormente
- ✓ Explicar o sistema circulatório e a função circulatória, utilizando para tal um *power point*
- ✓ Dialogar sobre o processo da pequena e da grande circulação

Atividades do dia 15 de janeiro de 2015

1.ª Atividade – Realização de uma ficha de avaliação de Português

- ✓ Organizar e distribuir os alunos pelas mesas presentes na sala de aula
- ✓ Distribuir a ficha de avaliação de Português
- ✓ Ler a ficha de avaliação relativa a Português e realizá-la

2.ª Atividade – Visita de uma enfermeira

Antes da visita:

- ✓ Referir que vem uma enfermeira falar sobre o sistema respiratório e circulatório
- ✓ Relembrar as regras de comunicação
- ✓ Apontar algumas dúvidas no caderno diário de Português que tenham sobre estes sistemas, para que estas depois sejam esclarecidas

⁴ https://www.youtube.com/watch?v=wPuZmYSD2_M

Durante a visita:

- ✓ Apresentação da enfermeira à turma, referindo o seu local de trabalho e o que faz
- ✓ Abordar o sistema respiratório
 - * Questionar o que sabem sobre este sistema
 - * Explicar o funcionamento do sistema respiratório através de uma imagem
 - * Observar um Rx
 - * Realizar uma experiência para observar como funcionam os pulmões
- ✓ Abordar o sistema circulatório
 - * Questionar o que sabem sobre este sistema
 - * Explicar o funcionamento do sistema circulatório através de uma imagem
 - * Realizar uma experiência para observar como funciona o coração
- ✓ Esclarecimento de dúvidas

Depois da visita:

- ✓ Reflexão sobre a visita
- ✓ Questionar sobre o que retiraram da visita, isto é, os conhecimentos adquiridos

Estas atividades estão ilustradas pelos respetivos registos fotográficos que poderão ser facilmente consultados no anexo N

Reflexão semanal

Na última semana de implementação escolhi para elemento integrador um fantoche (Miguel) e o seu baú das aprendizagens. Optei pelo fantoche Miguel, pelo facto de estar presente no texto que ia trabalhar com os alunos. Decidi ainda levar um baú de aprendizagens, pois ao longo das semanas de implementação constatei que os alunos ficavam mais predispostos a novas aprendizagens se houvesse elementos-surpresa. Verifiquei que este funcionou muito bem ao longo da semana, uma vez que os alunos podiam comunicar com ele e era este que lançava os desafios.

Na atividade relativa à exploração do Sistema Respiratório, os alunos estavam muito empenhados em perceber como este funciona. Optei por iniciar esta atividade com a exploração de uma música relativa a este sistema, pois era uma forma de os alunos ficarem motivados para novas aprendizagens. Constatei que foi uma boa opção, visto que a turma mostrou interesse em compreender a letra da canção e desta forma interiorizar quais os órgãos pertencentes a este sistema. Durante a explicação deste sistema, os alunos mostraram-se muito interessados, curiosos e participativos, pois colocavam diversas questões e tentavam dar resposta a algumas curiosidades e questões que lhes colocava.

Com a leitura, análise e interpretação do texto narrativo “Os visitantes indesejáveis”, de Acia E. Marcuse, os alunos constataram que o Miguel (elemento integrador) era a personagem principal dessa história. Ao longo desta atividade batalhei bastante na análise e interpretação do texto, pois era onde os alunos apresentavam mais dificuldades.

Relativamente à divisão por 10, 100 e 1000, considero que os alunos assimilaram bem as regras. Uma das estratégias que um dos alunos apresentou desde logo foi a seguinte “se quando multiplicamos por 10, 100 e 1000 acrescentamos zeros, então na divisão tiramos”. Decidi aproveitar esta participação e melhorá-la para que toda a turma percebesse a regra que se aplicava em cada um destes números. No início alguns alunos mostraram dúvidas, mas com a explicação das regras e a resolução de exercícios constatei que os alunos perceberam como se realizam este tipo de divisões.

Com a construção coletiva do boneco de neve observei que os alunos ficaram entusiasmados pelo facto de irem realizar uma atividade de Expressão Plástica coletivamente

e que esta iria ficar exposta na sala de aula. No decorrer desta houve algum barulho na sala de aula, pois os alunos debatiam as suas ideias sobre a decoração do boneco de neve. No fim de este estar concluído, os alunos observaram-no e cada um deu a sua opinião.

A produção de um texto narrativo coletivo foi sugerida pela professora cooperante, pois os alunos apresentavam alguma dificuldade na escrita de textos. Alguns alunos neste tipo de atividades são pouco participativos, assim, e para fazer com que isso não acontecesse pedi a cada aluno para dar uma ideia e esta foi registada no quadro. De seguida, selecionaram-se as ideias oportunas e seguiu-se para a devida ordenação. Penso que foi uma boa estratégia, pois assim todos tiveram voz ativa.

No que diz respeito à atividade das subclasses dos nomes (próprios e comuns), os alunos, no início, mostraram alguma dificuldade em perceber a diferença entre estes, mas com diversas explicações acabaram por conseguir fazer a distinção correta. Através da elaboração do cartaz pude observar que os alunos conseguem identificar quais os nomes próprios e quais os comuns. Durante a elaboração deste cartaz, a turma mostrou-se muito empenhada e participativa, visto que havia diversas imagens que iam ao encontro dos seus gostos, como, por exemplo, duas figuras públicas que eles admiravam (Violleta e Cristiano Ronaldo). Considero que as atividades que contenham elementos que vão ao encontro dos gostos dos alunos são uma mais-valia, pois desta forma as aprendizagens são mais significativas, visto que os alunos ficam mais motivados e empenhados.

Relativamente à introdução dos conceitos matemáticos “dobro, triplo, metade e terça parte”, estes não suscitaram grandes dúvidas por parte dos alunos. Considero que o facto de ter recorrido a materiais presentes na sala de aula, como livros e lápis, fez com que os alunos compreendessem mais facilmente estes conceitos.

A exploração do Sistema Circulatório correu bem, os alunos estavam bastante concentrados, tentando perceber como este funcionava e foram colocando diversas questões. Optei por lhes mostrar um vídeo que fazia a distinção entre a grande circulação e a pequena circulação. Este foi uma mais-valia, pois, assim, puderam observar quais os órgãos que intervêm em cada uma destas.

Na parte da tarde, os alunos receberam a visita de uma enfermeira, no sentido de lhes cimentar os conhecimentos sobre o sistema respiratório e circulatório. Optei por convidar uma enfermeira, pois considero fundamental que os alunos possam contactar com novas pessoas e esclarecer as suas dúvidas. No decorrer da visita houve uma troca de ideias entre os alunos e a enfermeira e foi neste momento que pude apurar que os alunos tinham assimilado corretamente todo o ensino que lhes tinha feito em aulas anteriores, pois todas as questões que a enfermeira colocava foram bem respondidas pelos próprios. Para além do diálogo, houve momentos fulcrais como as experiências que realizaram para entenderem o funcionamento dos dois sistemas (respiratório e circulatório) e a observação de um Rx. Desta forma, constatei que esta atividade foi uma mais-valia para os alunos, pois vivenciaram novas experiências que os motivaram bastante e fez com que as aprendizagens fossem significativas.

Capítulo III - Investigação

“A educação exige os maiores cuidados, porque influi sobre toda a vida.”

(Lucius Annaeus Seneca⁵)

⁵ <http://www.citador.pt/frases/a-educacao-exige-os-maiores-cuidados-porque-infl-lucius-annaeus-seneca-2115>

3.1. Enquadramento teórico da investigação empírica

3.1.1. Desenvolvimento da criança

Segundo Myers (1990: 31) “O desenvolvimento infantil consiste num processo de mudanças através do qual a criança aprende a dominar níveis progressivamente mais complexos de ação, pensamento, emoção e interação com os outros.”. O mesmo autor (1990: 32) sublinha ainda que “o desenvolvimento pode ser visto como um processo de múltiplas características: *O desenvolvimento é multidimensional*: o seu campo de ação abarca a dimensão psicomotora (...); a dimensão cognitiva (...); a dimensão emocional (...); e a dimensão social (...).”.

Assim, parafraseando o autor, o desenvolvimento implica o domínio de níveis cada vez mais complexos em diversas dimensões. No que concerne a dimensão psicomotora, a partir de atividade física e manual, a criança desenvolve a capacidade de se movimentar e de coordenar os movimentos, cada vez com mais perícia e habilidade, para se deslocar e para executar tarefas manuais, das mais simples (como pentear-se) às mais complexas (como escrever palavras manuscritas), o que lhe permite interagir com o ambiente de uma forma cada vez mais eficaz.

No que diz respeito à dimensão cognitiva, a criança, através das experiências vivenciais que protagoniza e nas quais se vê envolvida (muitas delas proporcionadas em ambiente escolar), vai adquirindo também níveis de complexidade crescente em termos de conhecimentos adquiridos sobre o mundo, em termos de pensamento, de raciocínio lógico e matemático e de concetualização, o que lhe permite construir uma visão estruturada e própria do mundo e concetualizar o que observa, para melhor compreender e reagir.

Em termos emocionais, naturalmente, a criança também evolui no tempo, na medida em que a partir do relacionamento que estabelece com os membros da sua comunidade envolvente e dos sentimentos que vivencia nas situações mais heterogéneas que ocorrem num único dia, cada vez é mais capaz de se colocar no lugar do outro, para compreender o seu ponto de vista, e cada vez é mais sensível às coisas, às pessoas e às situações, descentrando-se de si próprio e tomando consciência da realidade à sua volta.

Claro que o desenvolvimento psicomotor, cognitivo e emocional acarreta consequências positivas que têm a sua repercussão e que potenciam também o desenvolvimento social, o qual conduz a criança a melhor se relacionar com os outros quando com eles interage. Segundo Myers (1990: 34)

“O desenvolvimento infantil ocorre em interação. O desenvolvimento acontece à medida que a criança reage aos estímulos do seu meio, aprende através desta interação, e procura influenciar o seu ambiente físico e social. Este processo ocorre em interação com objectos e pessoas. (...) É igualmente necessário que as suas iniciativas obtenham resposta.”

Ora, o desenvolvimento da criança, como acabámos de dizer, é potenciado pelas experiências múltiplas que o meio (físico, social, familiar e escolar) lhe proporciona viver, sendo que um grande número delas ocorre em contexto de Educação Pré-Escolar, em momentos de atividade física e motora, de atividade experimental, de leitura e de escrita de textos de todos os géneros, de atividade de produção e de fruição criativa e de dramatização

de textos e de situações. Assim, e para que o desenvolvimento dessas capacidades ocorra de forma natural e harmoniosa, é necessário que a criança contacte assiduamente com a leitura e com as diferentes expressões artísticas, pois estas estimularão o seu desenvolvimento global.

“O desenvolvimento da criança é um processo integral, isto é, os diversos vetores do desenvolvimento infantil estão interligados e devem ser considerados como um todo. (...) O desenvolvimento processa-se de forma contínua. O processo de desenvolvimento começa antes do nascimento e continua ao longo de todo o ciclo da vida. Mudanças em qualquer uma das dimensões influenciam, e são, por sua vez, influenciadas pelo desenvolvimento das outras. (...)” (Myers, 1990: 32).

Deste modo, tentar acelerar ou tentar descrever adequadamente o desenvolvimento da criança implica, pois, algo mais do que propor atividades pontuais ou medir a forma como a criança está a desenvolver a sua capacidade de pensar ou de andar, separadamente; tornando--se imprescindível propor um trabalho global e contínuo e considerar, simultaneamente, todos os domínios do seu desenvolvimento.

“O desenvolvimento obedece a um padrão geral mas é, simultaneamente, único. Todas as crianças se desenvolvem, segundo uma sequência ou esquema geral, mas o ritmo, natureza e qualidade desse processo variam de criança para criança. Estas variações são um produto da constituição biológica de cada indivíduo e do meio específico com que ele se defronta para sobreviver e se desenvolver. O ritmo de desenvolvimento difere de cultura para cultura, assim como de criança para criança.” (Myers, 1990: 34).

A ideia que sobressai na citação anterior é que o desenvolvimento da criança não é homogêneo, pois, apesar de obedecer a um padrão, cada criança evolui ao seu próprio ritmo. Este é um dado que devemos ter em consideração em qualquer investigação, o de que, certamente, os resultados a obter serão diferenciados, dependendo da especificidade de cada criança. É, pois, provável que ao realizar um estudo sobre como as expressões artísticas poderão ser motivadoras no processo de aquisição da leitura, os resultados que se venham a obter não sejam também eles homogêneos.

Em suma, para que ocorra o desenvolvimento da criança, torna-se fundamental a estimulação do meio, estimulação essa que o trabalho proposto nas diversas áreas de conteúdo, nomeadamente, a leitura e as Expressões, vai potenciar. Sendo esse um dos objetivos fulcrais do nosso estudo, durante a prática supervisionada, tentámos seleccionar atividades que estimulassem as crianças através do trabalho na área das Expressões, para que tivessem maior motivação para a leitura.

3.1.2. A importância da leitura no desenvolvimento da criança

Segundo Morais (1997:164),

“Antes de aprender realmente a ler, a criança tem de fazer uma ideia do que é a leitura. (...) Não podemos ter o desejo de ler se não soubermos o que isso é. Ouvir a leitura, em voz alta, pelos pais cria o desejo de ler por si mesmo, desejo tão irresistível como o de caminhar sozinho.”

E porque nem todas as crianças entendem a funcionalidade da leitura e da escrita, nem estão familiarizadas com as mesmas em contextos diversificados e ricos e, conseqüentemente, nem todas têm vontade de aprender a ler e a escrever, logo, torna-se

fundamental ler para as crianças e promover nelas o gosto pela leitura (*Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*), pois os livros infantis são objetos que de uma forma estimulante e encantadora influenciam significativamente as vivências das crianças.

O contacto constante e precoce da criança com o livro é importantíssimo, pois é, também, através dele que a criança se desenvolve a nível psicológico, sensorial, emocional, cognitivo e social. Neste sentido, Lopes (2012: 110) considera que em contacto com o livro

“A criança lê, imagina, sonha, sente, emociona-se – à beira da ira e do compadecimento absoluto –, aprende e, por fim, espelha esse aprendizado em seu próprio mundo. Por esse motivo, os livros infantis são fontes de primeiridade (sic), são nascedouros da experiência estética, que é a base de toda a cognição humana”.

As capacidades que as crianças têm para sonhar e imaginar conduzem-nas a um mundo da aventura e divertimento. Assim sendo, Rigolet (2009: 9) considera que

“Um livro é uma janela aberta para o mundo, pois é capaz de nos transportar para outras realidades e de nos fazer construir castelos de fantasias. Seja ele qual for, o livro será sempre fonte inesgotável de riqueza, soprando sentimentos, paixão e companheirismo (...)”.

De acordo com Mata (2008), em crianças de idade pré-escolar, foram identificadas três dimensões nos perfis motivacionais para a leitura: o prazer pela leitura (ligado ao seu lado recreativo, despertando a curiosidade relativa a esta atividade), o valor da leitura (associado ao reconhecimento da importância de leituras diárias que respondam às necessidades da criança) e o autoconceito de leitor (relativo ao grau de confiança que a criança experimenta em relação ao seu desempenho em compreensão na leitura).

Ainda, para Mata (2008: 70), “As crianças em idade de Pré-escolar, apesar de ainda não saberem ler, desenvolvem acções e comportamentos de leitor essenciais para se tornarem, mais tarde, leitores envolvidos.” Ao contactar com vários tipos de texto, a criança estimula o seu desenvolvimento cognitivo, desenvolve a sua imaginação e a sua personalidade e responde a algumas das suas inquietações. Assim, a relação da criança com a leitura desde tenra idade, facilita o seu envolvimento na sociedade.

O principal objetivo do ensino da leitura é permitir à criança a aquisição de um outro meio de comunicação humana extraordinário, que se une à linguagem oral e a todo o tipo de linguagens que utilizam habitualmente: o plástico, o rítmico e o corporal.

Martins e Niza (1998) apresentam uma síntese, mais pormenorizada, das principais funções e objetivos da leitura que passamos de seguida a referir. O primeiro relaciona-se com a leitura realizada para obter uma informação de carácter geral. O objetivo deste tipo de leitura é o de compreender as características principais de um tema, sem o aprofundar, como, por exemplo, quando se procede à leitura de um jornal com o intuito de se conhecer as notícias do dia, de um folheto de divulgação de um novo produto de limpeza ou de um anúncio de um concurso público. É um tipo de leitura em que se utiliza geralmente o contexto (imagens, títulos e tipo de formato) para antecipar o conteúdo dos textos e em que é necessário identificar temas, ideias principais, utilizar títulos e subtítulos como formas de resumir o conteúdo dos textos.

Um segundo objetivo prende-se com o facto de a leitura permitir obter uma informação mais precisa. Este tipo de leitura ocorre em situações em que se pretende localizar, uma ou mais informações precisas, etiquetar e classificar informação. Por exemplo, quando num jornal, se procuram informações referentes ao local e horário de um

determinado filme, ou quando num dicionário se pesquisa o significado de uma palavra. A atividade de leitura é muito seletiva na medida em que se passa rapidamente o olhar pela informação não relevante e se lê atentamente a informação que se pretende obter. Este tipo de leitura fomenta a utilização de critérios de ordenação de várias ordens, alfabéticos, temáticos e numéricos.

Um terceiro objetivo está intimamente relacionado com a leitura realizada para se seguir instruções. Este tipo de leitura ocorre em situações em que é necessário obter instruções sobre como fazer algo de concreto. Por exemplo, quando se lê as regras de um jogo para se conhecer a sua dinâmica, quando se lê as instruções que acompanham um aparelho eletrodoméstico para se compreender a sua funcionalidade ou quando se lê uma receita de um bolo para o poder confeccionar. Corresponde a tarefas de leitura em que se utilizam frequentemente imagens como complemento da informação textual. Tais tarefas fomentam a compreensão das etapas de um processo temporal, pela identificação e utilização de verbos de ação e pela utilização de procedimentos de consulta da informação para controlo da própria ação.

A leitura por prazer e sensibilidade estética corresponde a um quarto objetivo a ter presente. Este tipo de leitura tem como função provocar sentimentos e emoções especiais. É uma leitura de diversão, em que se recordam acontecimentos ou emoções, se transmitem valores culturais, sociais ou morais. Quando se lê um romance, um conto, a letra de uma canção utiliza-se este tipo de leitura. Trata-se, geralmente, de um tipo de leitura silenciosa, em que a forma de ler é pessoal. O mais importante é a experiência emocional desencadeada. Com este tipo de leitura desenvolvemos a capacidade criativa e a sensibilidade estética.

Um outro objetivo da leitura é a necessidade de recorrermos a este ato com o intuito de aprendermos ou obtermos novos conhecimentos. Trata-se de uma leitura em que a finalidade explícita é a de adquirir novos conhecimentos a partir do estudo aprofundado de um determinado tema. Este objetivo está presente em atividades que se relacionam, por exemplo, com a leitura de um artigo temático, de um livro de divulgação científica ou escolar. É geralmente uma atividade de leitura lenta e repetida, em que quem lê passa por um processo que implica a autointerrogação sobre o que lê, o estabelecimento de relações com conhecimentos prévios, a revisão de novos termos, a realização de sínteses, de sublinhados e de apontamentos pessoais.

Finalmente, estas autoras, apontam um último objetivo para a leitura, presente quando o sujeito lê para rever um determinado trabalho escrito realizado por ele próprio. Todos estes objetivos estão presentes ao longo da vida pessoal e profissional e afiguram-se como fundamentais para o desenvolvimento de cidadãos ativos e independentes. Por tudo isso, e porque se considera que a leitura dá a conhecer outros caminhos, alargando horizontes, considera-se necessário estimular os jovens para essa tão importante prática (Santos, 2000; Simonsen & Singer, 1992).

A leitura deve pois ser considerada como um instrumento precioso e indispensável ao indivíduo que se quer ativo, participante e útil à sociedade. Ler torna-se um meio privilegiado de se ter acesso ao saber, teórico e prático, e de se conquistar autonomia na aprendizagem, vista agora como um processo dinâmico e sempre inacabado. A capacidade de ler põe, assim, à disposição da pessoa a possibilidade de compreender melhor o mundo que a rodeia, bem como de dar resposta a solicitações de natureza social, técnica e profissional (Santos, 2000).

A leitura assume-se, desta forma e cada vez mais, como um bem essencial para o sucesso dos cidadãos. Portanto, é necessário e fulcral que a família, o Jardim de Infância e a escola promovam o gosto pela leitura.

Assim sendo, é fundamental estimular o desenvolvimento das múltiplas linguagens na infância, pois significa que se está a desenvolver uma leitura reflexiva e crítica do mundo. Este é um direito pertencente às crianças, visto ser através das múltiplas linguagens que estas comunicam com o mundo que a rodeia, portanto o Jardim de Infância deve assegurar o seu desenvolvimento, recorrendo para isso às expressões artísticas.

3.1.2. Expressões Artísticas

A escola, como instituição de ensino, deve desenvolver a capacidade de comunicar das crianças através de todas as formas de expressão ao seu dispor, por isso deve ser promotora de atividades motivadoras, orientadas para a criatividade, recorrendo às motivações intrínsecas dos alunos e ao lúdico, como forma de otimizar a livre expressão. As artes constituem elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno.

Caracterizam-se por formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção (Sousa, 2003). Segundo Macedo (2004: 11), a educação artística constitui

“uma forma de trabalho que procura contribuir para diluir barreiras artificialmente existentes entre as disciplinas, que visa desenvolver competências múltiplas e interdisciplinarmente construídas, numa atmosfera em que o prazer, o empenho, o esforço se articulam nos processos de desenvolvimento do aluno”.

Segundo este autor, a educação artística tem todas as potencialidades para ser motivadora. É, pois, importante perceber que a vivência artística influencia a forma como se aprende, como se comunica e como se interpreta o quotidiano (Balanco, 2012).

Ao ser reconhecida a sua importância no sistema de ensino, a arte passa a fazer parte integrante do mesmo, com o objetivo de desenvolver as capacidades de expressão, imaginação criativa e atividade lúdica (Sousa, 2003). Por se tratar de uma forma de educação desenvolvida nas creches ou escolas, a expressão artística passa a ser uma competência dos professores ou educadores de infância. Inevitavelmente, este facto acaba sempre por levantar um problema, a formação dos docentes. Ao mesmo tempo que se responsabilizam por esta educação artística, alguns docentes consideram-se obrigados a fazer complementos na sua formação (Robalo, 2004). De uma forma geral, não se pode afirmar que todos os professores apresentem uma predisposição natural para o fazer. Além disso, nem todos os professores admitem a importância da implementação da expressão artística no modelo de educação tradicional. Apesar disso, o aluno deve ter oportunidade de experienciar aprendizagens diversificadas que conduzam ao desenvolvimento de competências artísticas e, simultaneamente, à consolidação da sua própria identidade (Pinheiro & Ramos, 1998).

Múltiplos estudos referem que as expressões artísticas permitem uma maior participação em desafios, por parte da criança, que contribuem para a construção da sua identidade pessoal e social. A vivência artística influencia a aprendizagem, comunicação e interpretação (Ministério da Educação, 2001).

As expressões não podem ser vistas de forma totalmente independente, visto que se complementam mutuamente. Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (1997:57), “o domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as

situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo”.

a) Expressão Dramática

A Expressão Dramática inicia-se na criança, através de gestos simples que, de forma gradual, se vão convertendo em expressão corporal, passando pela imitação, mímica, jogo dramático, finalizando na dramatização em si.

A área da Expressão Dramática merece um lugar de relevo no currículo da educação pré-escolar devido às suas potencialidades na educação global da criança, realçando-se a sua importância no desenvolvimento cognitivo e afetivo dela, sendo ainda um excelente veículo de sociabilização. Desta forma, Read (2005), citado por Reis (2005:7) considera a Expressão Dramática

“como uma das atividades com maior potencial, pois consegue compreender e coordenar todas as outras formas de Educação pela Arte. Partindo-se do ponto de vista que a Educação pela Arte é o método fundamental da educação do futuro, poder-se-á compreender o alto significado da Expressão Dramática.”

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar* (1997: 59)

“A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, da afirmação de si próprio na relação com o(s) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interação com outra ou outras crianças, em atividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reações, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal.”

As atividades livres e espontâneas do jogo simbólico, desenvolvem nas crianças o poder de decisão e escolha. Aumentam, também, as suas capacidades criativas e estéticas. A prática de atividades dramáticas pode proporcionar a aquisição de novas aprendizagens. Sousa (2003: 33) diz-nos:

(...) “A expressão dramática é um dos meios mais valiosos e completos de educação. (...) O objectivo principal desta forma de educação é a expressão, ou seja, o estimular da criança para que expresse livremente todos os seus sentimentos desejos e tensões interiores.”

A criança é confrontada com o jogo dramático, no qual tem a possibilidade de se divertir, como é próprio em todos os jogos, e de se “mascarar”, para se mostrar numa dada personagem (diferente de si próprio) e para assumir papéis que pode ainda não ter experimentado na vida real. Assim, o jogo dramático permite-lhe tornar-se outra e experimentar a sensação extraordinária e gratificante, de ser uma outra pessoa, de ter uma outra personalidade e de vivenciar ações e atitudes que não são as suas, apropriando-se delas.

A Expressão Dramática enquanto método de educação e técnica de aprendizagem é vista como

“uma atividade lúdica, que é própria e natural na criança, surgindo espontaneamente e através da qual ela pode, livremente, expressar os seus mais íntimos sentimentos, dar ampla vazão à sua imaginação criativa, desenvolver o seu raciocínio prático, desempenhar

no faz-de-conta os mais diversos papéis sociais e usar o seu corpo nas mais diferentes qualidades de movimento. (...) uma actividade educativa que, ao mesmo tempo, proporciona o mais amplo estímulo no desenvolvimento de valores afectivos, cognitivos, sociais e motores da personalidade da criança.” (Sousa, 2003: 31-32).

Consideramos que o jogo dramático constitui também uma atividade de grande interesse pedagógico, no sentido de que permite que a criança tome consciência da importância da linguagem e de todas as suas capacidades expressivas enquanto instrumentos de comunicação que tem ao seu dispor.

Em termos de desenvolvimento da capacidade de comunicação, a Expressão Dramática ajuda a desenvolver a capacidade de usar a linguagem não-verbal na comunicação (expressividade do rosto, gestualidade e postura corporal), linguagem essa que usamos, frequentemente, como complemento da linguagem verbal. Pode proporcionar à criança o uso da linguagem dramática e a utilização de linguagens corporais e gestuais, como veículos de expressão e comunicação, ajudando-a a conhecer-se, a conhecer os outros e a conhecer o seu meio. Pela expressão dramática, a criança realiza inúmeras aquisições que contribuem em grande parte para o desenvolvimento da sua personalidade (Martins, 1998). Ajuda, ainda, a desenvolver o uso da altura de voz, entoação e ritmo do discurso, necessários a um processo de comunicação eficaz.

Na leitura, o texto dramático ajuda a simular situações de comunicação oral reais, em cenários específicos, situações nas quais a criança dialoga com outros interlocutores, reproduzindo discurso com determinadas intenções comunicativas, respeitando o turno de vez na fala e usando, complementarmente, o discurso verbal e o não-verbal.

Segundo Sim-Sim (2007: 49) “A expressividade na leitura é um óptimo indicador de fluência”, e “O ensino da compreensão da leitura de textos começa quando, antes de a criança saber decifrar, exploramos com ela o conteúdo de um texto, isto é, a deixamos ler histórias através da nossa própria voz.” (Sim-Sim 2007: 13). Assim sendo, o educador sempre que conta histórias deve ser bastante expressivo, para estimular o gosto por ouvir ler.

A criatividade é outro objetivo primordial, pois confere à criança a capacidade de se expressar e de desenvolver as suas capacidades. É através da Expressão Dramática que a criança explora a sua identidade, a sua personalidade e que compreende até onde consegue ir em termos de imaginação e criatividade. Possui sonhos, fantasias, medos, e vive, provando a si própria que é capaz de viver esses sonhos, de realizar as suas fantasias e defrontar os seus medos. Segundo Sousa (2003:39)

“Os objetivos da expressão dramática, visam essencialmente o desenvolvimento da personalidade, auto-educar-se, satisfazer algumas necessidades fundamentais tais como: expressão de sentimentos, criatividade, ludismo, desempenho de papéis, evasão pela ficção (...).”

Em suma, a Expressão Dramática contém potencialidades que são fundamentais no desenvolvimento integral da criança e que são importantíssimos para motivá-la não só para esse tipo de atividade, como também para a leitura, uma vez que uma representação teatral ou um jogo implica também a leitura propriamente dita.

b) Expressão Musical

A música é bastante importante no desenvolvimento educativo da criança e traz grandes benefícios para o seu desenvolvimento, devendo fazer parte do seu dia-a-dia.

Conforme a visão de Weigel (1988), de um modo geral, a música visa incentivar o desenvolvimento da criança nos aspetos cognitivo, linguístico, psicomotor e socioafetivo e ao mesmo tempo garantir a aquisição de novos conhecimentos.

A criança deve, por isso, ser estimulada desde cedo para o mundo dos sons, pois este estímulo transmite sensibilidade para o som e assim possibilita que a criança descubra as suas qualidades e desenvolva a sua memória e atenção.

Desenvolver a consciência fonológica é uma das grandes metas que qualquer educador se deve impor, para preparar as crianças para aprenderem a ler. Desenvolver a consciência fonológica é preparar a criança para ela ser capaz de distinguir auditivamente e de produzir oralmente todos os sons da sua língua materna, sendo que, posteriormente, ela aprenderá a fazer a correspondência de uma letra a um som (para ler pela via indireta ou fonológica) ou vice-versa (para escrever através da mesma via). Assim sendo, existe uma forte relação entre a consciência fonológica e a aprendizagem da leitura, pois a criança necessita de desenvolver o seu conhecimento sobre o sistema fonológico da sua língua na vertente oral, bem como a reflexão sobre o mesmo (Rigolet, 1998). Ora, desenvolver a capacidade de escutar e discriminar auditivamente através de atividades com a música é uma forma muito mais motivadora de desenvolver a consciência fonológica.

A criança necessita de ser sensibilizada para os sons, os da sua própria língua, os da natureza, os do meio circundante e os da música. É pela audição que estabelece ligação com fenómenos sonoros, que, frequentemente, exigem uma capacidade percetiva muito desenvolvida, para se ser capaz de os distinguir e identificar.

Ao perceber a música como uma ferramenta presente e essencial no desenvolvimento do indivíduo, consegue-se concluir que a música está diretamente ligada ao aperfeiçoamento cognitivo, social e afetivo da criança. O facto apenas de apreciar a música também é considerado um fator de desenvolvimento que proporciona relaxamento e contribui para a otimização do raciocínio lógico e da memória (Balanco, 2012). Deve-se, também, ter em conta o facto de que a música interfere de forma decisiva sobre a afetividade, pois é visível que ela pode agir como calmante e/ou estimulante. É muito importante, também, treinar a audição desde muito cedo para desenvolver a memória da criança. Para Gagnard (1974: 45), “a criança acostumada a ouvir música integra, sem se aperceber, o mundo dos sons no seu universo interior”.

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (1997: 64) “a expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.”

O recurso à música em contexto de Pré-Escolar introduz o lúdico no trabalho, pois as atividades a ela associadas têm, normalmente, conotações muito positivas, uma vez que o cantar e o dançar estão conotados com momentos de festa e de alegria, pessoal, familiar e coletiva. Cantar e dançar estimulam a imaginação, a atenção, a memorização, o raciocínio e a imitação. Tocar contribui para o desenvolvimento da coordenação motora fina, essencial na

educação infantil sendo que “ a performance musical engloba assim, habilidades motoras e habilidades aurais” (Pederiva & Tristão, 2006: 84).

Através da referência que Santos (2010) faz às atividades musicais, verifica-se que estas oferecem várias oportunidades para que a criança melhore as suas habilidades motoras, que aprenda a controlar seus músculos e a mover-se no espaço. O ritmo tem um papel importante na formação e equilíbrio do sistema nervoso. Isto porque toda a Expressão Musical ativa e age sobre a mente, favorecendo a descarga emocional, a reação motora e aliviando as tensões. Qualquer movimento adaptado a um ritmo é o resultado de um conjunto complexo e riquíssimo de atividades coordenadas. Por isso, atividades como cantar fazendo gestos, dançar, bater palmas e pés, são experiências importantes para a criança, pois elas permitem que se desenvolva o senso rítmico, a coordenação motora, fatores importantes também para o processo de aquisição da leitura e da escrita como já foi referido.

A Expressão Musical desempenha um papel fundamental na vida da criança na sua atividade lúdica, ao mesmo tempo que desenvolve a sua criatividade, promove a autodisciplina e desperta a consciência rítmica e estética. Segundo Gloton & Clero (1976:181) “ Despertar a criança para a música é suscitar nela a vontade de cantar, de ouvir, de criar livremente”.

Cada criança ao escutar uma melodia interpreta-a de forma única e pessoal. A música funciona como uma leitura interna para cada indivíduo. Percebendo a espontaneidade da criança ao cantar, desenhar, dançar, confirma-se o importante papel que estas formas de expressão exercem no seu desenvolvimento integral e no seu pensamento criativo (Oliveira & Milhano, 2010).

Na intervenção musical, assim como em qualquer outro tipo de intervenção que tenha como objetivo o desenvolvimento da criança, é de extrema importância que se tenha em consideração a fase de desenvolvimento na qual ela se encontra (Pederiva & Tristão, 2006). Segundo Vygotsky (1998), não se deve facilitar em demasia a atividade infantil, menosprezando a capacidade da criança, nem exigir demasiado, a ponto de desmotivá-la pela dificuldade e pelo sentimento de impotência para realizar determinada tarefa. O ideal é proporcionar-lhe um equilíbrio, propondo-lhe a música como brinquedo e como motivação, pois a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos impossíveis podem ser realizados.

Neste sentido, constatamos que os domínios da Expressão Musical e da Linguagem Oral devem desenvolver-se conjuntamente. Visto que, a leitura poderá ser acompanhada de uma melodia, de uma canção, poderá ser feita em voz baixa, em voz alta, usando a expressividade facial e vocal, recorrendo à mudança de voz, e à utilização de diversos sons, entre outros. Assim, o educador poderá recorrer à Expressão Musical para estimular e motivar a criança para a leitura e escrita (Rigolet, 1998).

c) Expressão Plástica

Segundo as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (1997: 61)

“a expressão plástica implica um controlo de motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos

próprios que são mediadores desta forma de expressão. As actividades de expressão plástica são de iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que interiormente construiu. Tornam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado”.

A Expressão Plástica tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, uma vez que ajuda a desenvolver a motricidade fina (necessária para a escrita manuscrita), permite o conhecimento e o uso de outras linguagens/outros códigos de comunicação (o texto escrito também usa um código específico de comunicação que a criança tem que passar a conhecer) e aumenta a motivação (também necessária para ler e para escrever).

As actividades de expressão e criação plástica, como o desenho, a pintura e a modelagem têm como principal finalidade proporcionar à criança campos de exploração da representação do real através de outras linguagens além da verbal, nomeadamente, através da linguagem pictórica e da escultura. Segundo Cardoso e Valsassina (1988: 69)

(...) A criança é criadora duma expressão viva porque, (...) ela representa à sua maneira o mundo em que vive”.

O domínio da Expressão Plástica pretende propiciar a construção de interações positivas durante as actividades plásticas, de modo a envolver cooperativamente as crianças na resolução de problemas, bem como o respeito mútuo pelos trabalhos dos outros e, ainda, estimular a responsabilidade nos cuidados a ter pelo espaço e pelos materiais (Oliveira & Milhano, 2010).

Através da Expressão Plástica interessa desenvolver a personalidade da criança na sua globalidade, preservar a intensidade natural das formas de percepção e sensação, coordenando-as entre si e com o ambiente. Pretende-se compreender como a criança se exprime e o que exprime. Segundo Gonçalves (1991), citado por Sousa (2003: 169), através da expressão

“a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações”.

Como refere Giovanni, citado por Oliveira-Formosinho (1996: 102), arte “significa ter mais linguagens e mais linguagens significa diferentes formas de ver e representar o Mundo”.

A Expressão Plástica é, então, uma área que deve ser considerada como um meio de comunicação e de representação, que parte das vivências individuais da criança ou do grupo na sua generalidade. É, por isso, uma área que se centra na criança, no desenvolvimento de competências e na satisfação das suas necessidades. A respeito do objetivo da Expressão plástica, Sousa (2003:160) insiste que

“a expressão plástica é essencialmente uma atividade natural, livre e espontânea da criança. Desde muito pequena que gosta de mexer em água, areia, barro e de riscar um papel com um lápis. O seu principal objetivo é a expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança. Desenha-se, pinta-se e molda-se apenas pelo prazer que esses actos proporcionam e não com a intenção de produzir algo que seja «arte». É a ação que interessa, é o acto de criar que é expressivo e não a obra criada”

Na verdade, a criança, ao experimentar e descobrir características de diversos materiais plásticos está a “entrar” no campo do prazer e da liberdade, ambos de vivência lúdica. De outro modo, para que a aprendizagem seja bem-sucedida, é necessário que a criança conheça bem o seu corpo, dê livre curso às suas ideias, às suas emoções, aos seus afetos e se sinta bem, enquanto pessoa individual e social.

A Expressão Plástica constitui, também, um ótimo meio para a iniciação das aprendizagens instrumentais básicas de leitura e escrita. É através do desenho, da pintura e da modelagem de formas, entre outras, que a criança acede ao símbolo gráfico, à sua compreensão e utilização (Oliveira & Milhano, 2010).

A Expressão Plástica favorece a aquisição da autonomia, pois a criança vai aprendendo a ultrapassar as suas dificuldades, a escolher os materiais de que necessita e passa a ter iniciativa própria, pois faz as suas escolhas e explica-as. Assim sendo, é uma das áreas que possibilita à criança exprimir o seu *eu*, satisfazendo as suas necessidades e desejos de criar e representar tudo aquilo que vê, sente pensa.

Assim, a área de Expressão e Educação Plástica constitui-se como um contributo de extrema importância para o desenvolvimento harmonioso e integral da criança, assim como para a motivação da leitura e da escrita, porquanto proporciona a aquisição de saberes, integrando o saber e o saber fazer. A manipulação de materiais e técnicas variadas desenvolve as destrezas gráficas, a expressividade pessoal e a criatividade, com a observação e discriminação visual são estimuladas a curiosidade, a perceção do meio envolvente e a linguagem gráfico-simbólica.

Em suma, consideramos, assim, que todas as formas de expressão determinam o desenvolvimento e são essenciais na formação pessoal, social e cultural da criança. Todas elas são formas de saber, logo a vivência artística influencia a forma como se comunica, aprende e se interpretam os significados do quotidiano. Assumimos, assim, que as áreas de Expressão Artística constituem ferramentas essenciais que devem ser utilizadas e aplicadas pelos docentes de qualquer nível de ensino referente à educação básica (Sousa, 2003). Pelas competências que desenvolvem, elas estão, também, intimamente relacionadas com o desenvolvimento da leitura e da escrita, por isso consideramo-las fortes aliadas dessas mesmas aprendizagens. Por serem extremamente motivadoras, podem também ser uma alavanca importante no processo de iniciação informal à leitura e à escrita, foi deste modo que, fortemente enraizadas nesta crença nos envolvemos na investigação empírica que detalharemos de seguida.

3.2. Estrutura da investigação empírica

3.2.1. Aspetos metodológicos

Durante a nossa Prática Supervisionada, ao observarmos crianças em idade pré-escolar, constatámos que umas gostam de desenhar, outras encontram-se motivadas para dançar, outras, ainda, demonstram grande interesse para dramatizar histórias enquanto outras não demonstram grande interesse por estas atividades. O mesmo verificámos em relação à leitura. Muitas são as crianças que, ainda no Pré-Escolar já revelam interesse em aprender a

ler, para poderem realizar atividades de que gostam com mais autonomia, sem necessitarem da ajuda dos adultos. Em contrapartida, observámos algumas crianças para quem a leitura é uma atividade pouco motivadora, tal como qualquer tarefa conexas que lhes seja sugerida pelos adultos.

Assim, na secção anterior, apresentámos os resultados da nossa pesquisa bibliográfica e a reflexão que fizemos sobre a existência de uma relação entre o desenvolvimento e a motivação das crianças em idade Pré-Escolar, quando a aquisição da leitura está associada às Expressões Artísticas. Isto porque a presente investigação tem como tema central a “Motivação para a leitura através das Expressões Artísticas no Pré-Escolar”.

a) Questões de investigação

As questões de investigação são fundamentais numa investigação. Estas são os guias que orientam o tipo de informação necessária, são importantíssimas na análise da informação recolhida e ajudam o investigador a não se perder no seu estudo, mantendo sempre o rumo para as conclusões e respostas possíveis.

Na Educação Pré-escolar, é extremamente importante motivar a criança para a leitura e isso deve ser feito com a ajuda das artes, uma vez que é através da pintura, da modelação, da dança, da música, do teatro, que a criança exprime sentimentos, ideias e emoções, muitas vezes transmitidas pelas histórias que ouviu. Deste modo, a leitura, aliada à exploração das artes, possibilitará à criança experimentar, ultrapassar-se, conhecer os seus limites, fragilidades, expressar-se, reinventar-se, reforçar e construir a sua autoestima, criatividade e imaginação.

Como refere Azevedo (2006), citado por Ministério da Educação (2011: 25), a criança deve ser:

“um consumidor feliz de histórias que lhe são lidas ou que vai lendo de acordo com o seu nível de competência leitora. Deve ser incentivada a manipular e comentar os livros que escolhe, a ver imagens, a mostrá-los a alguém que lhe é próximo e com quem pode falar sobre eles. O professor deve mostrar prazer quando comenta os textos que leu ou os livros que a criança partilha com ele”.

Recorrendo a observações feitas em prática de jardim-de-infância, pudemos constatar que existem crianças muito motivadas para a leitura, porém existem outras que consideraram esta atividade aborrecida e sem interesse.

Feita esta constatação, o nosso estudo desenvolveu-se partindo da seguinte questão-problema: “Será que através das Expressões Dramática, Musical e Plástica conseguimos promover mais facilmente o gosto pela leitura nas crianças?”

Debruçamo-nos sobre esta questão-problema porque é fundamental educar as crianças, dia após dia, para que estas se tornem mais inteligentes e melhores cidadãos, ou seja, educá-las para o desenvolvimento intelectual, social, moral e emocional. Consideramos que através da leitura de textos de Literatura para a infância se pode atingir este objetivo, visto que estes contribuem para uma formação multidirecional do sujeito. Através destes é possível orientar comportamentos, pois a criança toma posições de acordo com a conduta das personagens, por isso pode ser usada para despertar a reflexão de valores morais.

Segundo Abramovich (1989), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara os sentimentos que têm em relação ao mundo, pois a literatura dá oportunidade aos seus leitores para a experimentação das suas forças, sentimentos e emoções, o que contribui para a maneira de perceber e lidar com a realidade. Por isso, as histórias trabalham problemas existenciais próprios da infância, como medos, sentimentos de inveja, amor, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

Uma das tarefas mais importantes do educador de infância é ajudar as crianças a ver/pensar a leitura como algo que pode ser usado para satisfazer várias necessidades, de natureza psicológica, emocional, social e cultural. A compreensão das intenções e finalidades do domínio a ser aprendido, por parte das crianças, é um dos fatores mais importantes da aprendizagem, neste como em qualquer outro campo.

Quando a criança começa a contatar regularmente com práticas de leitura, percebe que esta é um instrumento que satisfaz algumas das suas necessidades pessoais e cada vez sente mais necessidade de ouvir e de ler. Estas necessidades podem agrupar-se em curiosidades demonstradas pelas crianças acerca de algum tema/objeto, momentos onde as crianças procurem calma ou divertimento, aventura, fantasia e ação, podendo elas próprias representar algumas das personagens da história ouvida.

b) Objetivos gerais e específicos

Colocada a questão de investigação, partimos para a definição dos objetivos gerais e específicos da investigação empírica. Os objetivos gerais são os que generalizam a totalidade do problema da pesquisa, devendo ser elaborados com precisão, evitando ao máximo uma possível distorção na interpretação do que se pretende pesquisar. São amplos, abrangentes e observáveis a longo prazo. Conforme Oliveira (2011:36), “o objetivo geral precisa dar conta da totalidade do problema da pesquisa, devendo ser elaborado com um verbo de precisão, evitando ao máximo uma possível distorção na interpretação do que se pretende pesquisar.”

Os objetivos gerais da nossa investigação são os seguintes:

1. Avaliar a motivação das crianças para realizarem atividades de Expressão Dramática, Musical e Plástica.
2. Avaliar a motivação das crianças para a leitura.
3. Implementar atividades de Expressão Dramática, Musical e Plástica para aumentar/potenciar a motivação das crianças para a leitura.
4. Comparar a motivação das crianças para a leitura, numa situação de leitura sem motivação prévia e em situações de leitura previamente motivada, através das áreas das expressões.

Os objetivos específicos fazem o detalhamento ou desdobramento dos objetivos gerais, são aqueles que expressam uma ideia particular, são mais concretos e explícitos, para que possam ser observados a médio e a curto prazo. Estes devem ser iniciados com o verbo no infinitivo. Também, segundo Oliveira (2011:37), “os objetivos específicos fazem o detalhamento do objetivo geral e devem ser iniciados com o verbo no infinitivo.”

Os objetivos específicos da nossa investigação são os seguintes:

- 1.1. Avaliar a motivação das crianças para o trabalho de Expressão Dramática.
- 1.2. Avaliar a motivação das crianças para o trabalho de Expressão Musical.
- 1.3. Avaliar a motivação das crianças para o trabalho de Expressão Plástica.

- 2.1. Avaliar a motivação das crianças para a leitura em casa.
- 2.2. Avaliar a motivação das crianças para a leitura no jardim-de-infância.

- 3.1. Realizar uma atividade de Expressão Dramática como motivação para a leitura.
- 3.2. Realizar uma atividade de Expressão Musical como motivação para a leitura.
- 3.3. Realizar uma atividade de Expressão Plástica como motivação para a leitura.

- 4.1. Avaliar a motivação das crianças para a leitura numa Unidade Didática sem o recurso às Expressões.

- 4.2. Avaliar a motivação das crianças para a leitura numa Unidade Didática com o recurso às Expressões.

c) Investigação qualitativa e investigação-ação

O termo “investigação” deriva do latim “investigatio” (in+vestigium), “in” significando uma ação de entrar e “vestigium” correspondendo a vestígio, marca, sinal” (Sousa, 2005: 11). Ainda, segundo este autor (*Idem*), “investigar” significa, em termos etimológicos, entrar nos vestígios, procurar nos sinais o conhecimento daquilo que os provocou. Pergunta-se, frequentemente, porque se deve fazer investigação em educação. A resposta é que a investigação educacional desenvolve novos conhecimentos acerca do ensino, da aprendizagem e da administração educacional. Por isso, levámos também a cabo uma investigação no contexto da nossa Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, para conhecermos mais acerca da questão- problema que se levantou.

Ao realizarmos esta investigação, optámos por uma tipologia de investigação qualitativa, uma vez que esta interpreta a realidade a partir das perceções dos sujeitos investigadores, procurando desta forma encontrar significados, quer através de observações quer através de narrativas verbais. Segundo Bogdan e Biklen (1994: 49), na investigação qualitativa, “a preocupação central não é a de saber se os resultados são susceptíveis de generalização, mas sim a de que os outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados”. Os mesmos autores acrescentam ainda que

“a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo”.

Esta metodologia de investigação deve ser aplicada quando procuramos descrever, explorar e compreender acontecimentos, nos quais estão simultaneamente envolvidos vários fatores, procurando problematizar, construir ou desenvolver uma nova teoria. É, certamente, um tipo de investigação apropriada para descrever e compreender de que forma as Expressões Artísticas são motivadoras no processo de aquisição da leitura num grupo reduzido e específico de crianças, em idade Pré-Escolar.

Bogdan e Taylor (1986) referem que nos métodos qualitativos, o investigador deve estar completamente envolvido no campo de ação dos investigados, uma vez que, na sua essência, este método de investigação baseia-se principalmente em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes. Foi o nosso caso, fomos, precisamente, uma investigadora participante, uma vez que aliámos a investigação ao nosso trabalho de estagiária.

Deste modo, preferimos optar pela investigação qualitativa no presente estudo, uma vez que o objetivo era apenas observar, analisar e compreender o universo reduzido de crianças que integrava o grupo onde decorreu a nossa prática pedagógica e, também, porque o próprio investigador ia estar presente no local, para recolher dados e analisar os resultados obtidos com base no conhecimento de cada uma das crianças que fizeram parte da amostra. Em suma, o investigador tentou vivenciar e compreender se as Expressões Artísticas são ou não importantes para que as crianças se sintam motivadas para a aquisição da leitura, relatando e tirando conclusões dessas mesmas vivências.

Portanto, nesta investigação, a recolha de dados foi feita pelo próprio investigador, o qual desempenhou simultaneamente o papel de estagiário e de investigador e escolhemos o estudo de caso, que é um processo de investigação com o qual se pretende estudar um fenómeno no contexto real em que este ocorre. Ludke e André (1986) afirmam que o interesse do estudo de caso incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente fiquem evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Estes autores acrescentam ainda que devemos escolher este tipo de estudo quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo. A questão de quando se deve utilizar ou não este tipo de metodologia é respondida por Ponte (1991), quando refere que os estudos de caso se usam para compreender melhor a particularidade de uma dada situação ou um fenómeno em estudo. Por outro lado, um estudo de caso deve utilizar-se quando se pretende observar e descrever detalhada e aprofundadamente um determinado fenómeno (Merriam, 1988).

Bogdan e Biklen (1994: 293) referem que a “investigação-acção é um tipo de investigação aplicada no qual o investigador se envolve activamente na causa da investigação”. É um tipo de investigação que ocorre quando é detetado um problema num determinado contexto; se procuram e se experimentam estratégias para solucionar esse problema e, finalmente, se encontra uma possível solução para o problema inicial sinalizado. Dada a sua natureza experimental, este tipo de investigação decorre em ciclos, nos quais se vão implementando estratégias, se vão analisando os resultados e, assim sucessivamente, até se encontrar a solução mais satisfatória e que ajude a resolver o problema.

Esta é, pois, uma das metodologias que pode contribuir positivamente para a melhoria das práticas educativas, visto que aproxima as partes envolvidas na investigação, sendo que o docente observa as necessidades do processo de ensino/aprendizagem, experimenta soluções, analisa e reflete sobre os resultados e opta pela mais eficaz. Deste modo, a reflexividade, a pesquisa, a experimentação e a constante indagação assumem-se como

condições necessárias para aprofundar os conhecimentos a nível da investigação-ação e dos modelos didatológicos da educação. McKeran (1998), citado por Marchão (2011: 5), considera que a investigação-ação:

“é um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático – primeiro para definir claramente o problema; segundo para especificar um plano de ação – incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da ação ao problema. A avaliação é efetuada para verificar e demonstrar a eficácia da ação realizada. Finalmente, os participantes refletem, esclarecem novos acontecimentos e comunicam esses resultados à comunidade de investigadores-acção. A investigação-acção é uma investigação científica e autorreflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática”.

Este tipo de investigação caracteriza-se, pois, por ser um processo demorado, exaustivo, mas, simultaneamente, interessante e emancipador do conhecimento profissional. Segundo Máximo-Esteves (2008: 82), trata-se de um “processo dinâmico, interativo e aberto aos emergentes e necessários reajustes”.

Segundo Grundy e Kemmis (1988), citados por Máximo-Esteves (2008: 21) a

“Investigação-ação educacional é um termo usado para descrever uma família de atividades no desenvolvimento curricular, desenvolvimento profissional, programas de aperfeiçoamento da escola, de sistemas de planificação e desenvolvimento de políticas. Estas atividades têm em comum a identificação de estratégias de ação planeadas, as quais são implementadas e depois sistematicamente submetidas à observação, à reflexão e à mudança”.

Neste tipo de investigação não se pode dar o projeto como terminado. Após uma análise do problema, será necessário que o investigador tenha como propósito a compreensão desse problema. Assim sendo, Brown e McIntyre (1981: 245), citados por Bell (2008: 21) acrescentam: “O investigador/ator formula primeiramente princípios especulativos, hipotéticos e gerais em relação aos problemas que foram identificados; a partir destes princípios, podem ser depois produzidas hipóteses quanto à ação que deverá mais provavelmente conduzir, na prática aos melhoramentos desejados.”

A investigação-ação é uma metodologia dinâmica, pois desenvolve-se em espiral. Os passos são cíclicos: planificar, atuar, observar e refletir. Quando se chega ao último ciclo volta-se ao primeiro, para que haja uma maior capacidade de resposta e de rigor na investigação-ação.

Da teoria de Dewey (1989) destacam-se as seguintes características da investigação-ação: os conceitos associados à noção de *interação*, os quais tornam crucial o papel do ambiente nas condições de aprendizagem e a importância do *pensamento reflexivo* no desenvolvimento da mente e dos modos de ação. Para este autor o pensamento reflexivo consiste num “exame activo, persistente e cuidadoso de toda a crença ou suposta forma de conhecimento à luz dos fundamentos que a sustentam e das conclusões para as quais tende”. (Dewey, 1989: 25).

Assim sendo, entende-se a investigação-ação como “questionamento sistemático da prática com a finalidade de aprofundar a compreensão de situações educativas para promover a mudança e a inovação” (Carr & Kemmis, 1986, citado por Marques, Moreira & Vieira, s.d.: 620), visto que este tipo de investigação valoriza os processos de pesquisa, o que possibilita o aumento da qualidade dos modelos didatológicos e promove o desenvolvimento

de um pensamento crítico, transformador e emancipador da ação profissional do educador/professor.

Desta forma, é fundamental salientarmos que a prática e a reflexão assumem uma correlação fulcral, na medida em que a prática educativa está constantemente a levantar questões às quais temos e devemos dar resposta, ou seja, inúmeras ocasiões para refletir. Experimentámos esta necessidade relativamente à questão-problema que se colocou e partimos, pois, para a investigação da mesma.

d) População e amostra

Neste tipo de abordagem metodológica, como é o estudo de caso, não se privilegia uma amostragem aleatória e numerosa, mas sim criteriosa ou intencional, ou seja, a seleção da amostra está sujeita a determinados critérios que permitam ao investigador aprender o máximo sobre o fenómeno em estudo (Vale, 2000). O nosso intuito principal foi observar, avaliar, introduzir soluções, descrever o que observámos e refletir sobre os resultados obtidos com o grupo de crianças com o qual trabalhámos.

Usualmente, o número de indivíduos de uma população é demasiado elevado para ser possível observá-los todos, pelo que se torna necessário selecionarmos apenas alguns elementos que representem essa população. Aos indivíduos selecionados chamamos de amostra. Neste caso, pareceu-nos que todas as crianças do grupo seria um número muito elevado de crianças para observar, uma vez que o tempo da investigação era muito escasso e uma vez que, em simultâneo, tínhamos que implementar as nossas próprias unidades didáticas, tudo isto aliado a uma inexperiência total, no âmbito da lecionação e no da investigação. Dado isso, selecionámos uma pequena amostra. A nossa população era constituída por todas as crianças no universo do grupo de vinte e uma crianças, doze meninas e nove meninos, com idades compreendidas entre os 3 e 5 anos, sendo que integrava o grupo uma criança com necessidades educativas especiais, do Jardim-de-Infância Quinta das Violetas, onde realizámos a prática supervisionada. Todas as crianças do grupo desenvolveram as atividades propostas, embora se tenham selecionado para a investigação apenas uma pequena amostra de conveniência. Esta amostra é constituída por cinco crianças mais motivadas e cinco crianças menos motivadas para a leitura. Tendo em conta que a educadora cooperante possuía um conhecimento mais aprofundado sobre as crianças, foi-lhe solicitado que desse uma opinião quanto às crianças a selecionar. Assim, seguindo a sugestão da educadora e a nossa própria convicção (resultante da observação prévia que efetuámos), determinámos esta amostra de dez indivíduos.

Tabela 9 - Caraterísticas relativas ao sexo e à idade das crianças da amostra

Alunos	Sexo	Data de Nascimento	Idade
A	Masculino	27 de junho de 2008	6 anos
B	Masculino	10 de janeiro de 2009	5 anos
C	Feminino	3 de março de 2009	5 anos

D	Feminino	16 de junho de 2008	6 anos
E	Masculino	6 de novembro de 2008	6 anos
F	Feminino	19 de agosto de 2008	6 anos
G	Masculino	15 de dezembro de 2008	6 anos
H	Feminino	1 de junho de 2008	6 anos
I	Feminino	7 de janeiro de 2009	5 anos
J	Feminino	9 de fevereiro de 2008	6 anos

e) Instrumentos de recolha de dados

Segundo Lakatos & Marconi (1990) quer os métodos quer as técnicas de recolha de dados devem estar em conformidade e adequar-se ao tipo de problema a ser estudado, às hipóteses levantadas a partir do mesmo e que se queiram confirmar e às características dos informantes com os quais se entrará em contato ao longo do processo investigativo. Tuckman (2000: 516) refere que as fontes de obtenção de dados que se podem utilizar num estudo de caso são normalmente de três tipos: (1) Entrevistas, (2) documentos vários e (3) a observação direta.

Dadas as características desta investigação, optámos pelos seguintes instrumentos de recolha de dados: dez entrevistas semiestruturadas, escala de envolvimento de Lovaina, registos fotográficos, notas de campo e observação participante. Tendo em conta que os princípios éticos deverão estar subjacentes à recolha e análises dos dados consideramos essencial a presença destes no decorrer do estudo. Como já dissemos, escolhemos a tipologia de investigador participante, pois a observação foi feita por nós no terreno, a partir de atividades que propusemos às crianças e da observação direta.

A fiabilidade e a validade de um estudo de caso não dependem só da pertinência dos instrumentos de recolha de dados usados, dependem também muito da forma “decisiva” como o investigador se implica no estudo. O investigador é o principal meio de recolha e análise dos dados, implicando ser um elemento fulcral no desenlace do estudo. No nosso caso, tentámos escolher os instrumentos de recolha de dados que nos pareceram ser os mais indicados; sermos muito observadores, muito atentos a todos os indícios e isentos na análise e na interpretação dos dados obtidos. Na realidade, é essencial que o observador esteja consciente dos estereótipos culturais e possa desenvolver a sua capacidade de introspeção, que para Spradley (1980: 57), “pode não parecer objetiva, mas é uma ferramenta que todos usamos para compreender novas situações”, quando queremos compreender o significado das ações e interações de um grupo de participantes num determinado contexto em estudo. Deste modo, e tendo este aspeto em atenção, tentámos ser o mais objetivos possível nas avaliações que efetuámos e tentámos manter imparcialidade no momento de interpretar os dados obtidos.

✓ **Entrevista**

A entrevista é uma técnica de recolha de informação muito útil, pois permite ao investigador conhecer o ponto de vista do(s) sujeito(s) em estudo, pelo facto de ser tão próxima da arte de conversação. Segundo Bell (2004: 137)

“A grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade. Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos (...) A forma como determinada resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria.”

As entrevistas às crianças constituem uma estratégia de recolha de dados recente. Neste sentido, Oliveira-Formosinho e Araújo (2004: 6) valorizam a criança, reconhecendo a sua capacidade de “compreender, refletir, dar respostas válidas e participar na vida social”.

Este tipo de entrevistas exige que o entrevistador tenha muito cuidado na seleção do espaço em que as vai realizar, pois deve ser num local que seja familiar à criança, para que se consiga criar um ambiente calmo, natural, para que ela não se sinta inibida.

Para tal, é fundamental utilizar a entrevista semiestruturada, uma vez que possibilitam a clarificação de informações e a construção de conhecimentos sobre as experiências das crianças. Visto que, este tipo de entrevista se caracteriza pelo facto de se colocar uma lista de perguntas ordenadas e redigidas igual para todos os entrevistados, mas de resposta aberta.

A nossa entrevista foi feita às crianças na sala polivalente (consultar anexo A, fig. 1), onde, todas as manhãs, as mesmas permanecem até à chegada das educadoras e, à tarde, esperam que os pais as vão buscar. Neste espaço, as crianças, também, veem filmes e desenhos animados e realizam diversas atividades com as outras crianças da instituição (por exemplo: a visita de outros profissionais à instituição, atividades de leitura através do computador e, mesmo nós, deslocávamo-nos a esta para realizar diversas atividades, pois esta é mais ampla e, assim, era uma forma de não termos de estar a perder tempo a desocupar a nossa sala e, também, conseguíamos diversificar os ambientes onde as crianças realizavam as atividades).

✓ **Escala de envolvimento de Lovaina**

O conceito de envolvimento é visto como um indicador de qualidade do ensino. A implicação não substitui todas as outras dimensões de qualidade, mas, até certo ponto, amplifica-as, expressa-as, e, por isso, é um perfeito e fácil ponto de partida para análises posteriores (Portugal & Santos, 2003). Segundo Laevers (2008: 19)

“O envolvimento pressupõe uma motivação forte, um fascínio, uma implicação total. Há um envolvimento forte quando não há distância entre a pessoa e a actividade, quando o tempo passa rapidamente e não são necessárias recompensas exteriores. Há abertura a limites das suas capacidades, com um fluxo energético que provém de fontes intrínsecas.”

Segundo Laevers (2008: 19) a escala de envolvimento de Lovaina permite avaliar o nível de envolvimento numa tarefa/atividade tendo em conta cinco níveis, sendo eles os seguintes:

- “Nível 1 – Não existe atividade. A criança está mentalmente ausente. A atividade exterior que possa existir é uma repetição estereotipada de movimentos elementares.
- Nível 2 – Ações com muitas interrupções. A criança age, mas de forma intermitente, não se fixando numa única atividade.
- Nível 3 – Já há atividade propriamente dita mas sem intensidade. A criança está a fazer qualquer coisa mas falta-lhe concentração, motivação e prazer na atividade. A criança está a funcionar a um nível rotineiro.
- Nível 4 – Neste nível já há momentos de intensa atividade mental.
- Nível 5 – Há um envolvimento total, expresso pela concentração e implicação absolutas. Qualquer perturbação, qualquer interrupção são vividas como ruturas frustrantes.”

No nosso estudo foi utilizada a escala de envolvimento de Lovaina, apresentada anteriormente, sem que lhe tivéssemos feito qualquer adaptação.

✓ **Registos fotográficos**

A utilização do registo fotográfico é importante, na medida em que através deste se consegue registar acontecimentos importantes de forma exata: “A importância fundamental reside no próprio objecto, pelo qual pretendemos mostrar objectivamente o que ele representa, ou o que se passa ou ocorre.” (Langford, 2002: 20). Embora tenhamos consciência que uma fotografia nunca é um retrato fiel da realidade e que será sempre mediada pela subjetividade do fotógrafo, que escolhe planos, luz, perspectiva, etc. Uma foto será sempre uma reconstrução da realidade dependente da subjetividade de quem fotografa. Contudo, tivemos a preocupação constante de apenas fotografar para registar o que nos parece que qualquer observador imparcial poderia observar.

Através deste tipo de registo conseguimos demonstrar emoções, comportamentos, facilidades/fragilidades dos sujeitos em observação e sucesso/insucesso das práticas educativas. Neste sentido, Bogdan e Biklen (1994: 189), aditam que “as fotografias tiradas pelos investigadores no campo fornecem-nos imagens para uma inspeção intensa posterior que procura pistas sobre relações e actividades”.

Na investigação, o registo fotográfico é um documento essencial, para que mais tarde o investigador possa refletir sobre a informação que a fotografia contém. Segundo Máximo-Esteves (2008: 91), “as imagens registadas não pretendem ser trabalho artístico, apenas documentos que contenham informação visual disponível para mais tarde, depois de convenientemente arquivadas, serem analisadas e reanalisadas, sempre que tal seja necessário e sem grande perda de tempo”.

Durante a nossa investigação, quem tirou as fotografias foi o nosso par pedagógico, durante os momentos da leitura propostos e realizados por nós. Para isso, explicámos-lhes quais as crianças que pertenciam à amostra, para que tirasse mais fotografias a essas crianças

e mostrámos-lhes e explicámos-lhes a escala de envolvimento de Lovaina para que percebesse o que era pretendido e que, desta forma, conseguisse tirar fotografias que fossem ao encontro ao estudo que nos propusemos fazer.

✓ **Notas de campo**

As notas de campo devem ser detalhadas, precisas e extensivas, para que se obtenham resultados. Estas são de carácter descritivo, portanto devem ser realizadas de uma forma clara e fidedigna. Neste sentido, Máximo-Esteves (2008: 88) define as notas de campo como “registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto, das pessoas (retratos), suas acções e interacções, efectuados sistematicamente, respeitando a linguagem dos participantes nesse contexto”.

Segundo Bogdan e Biklen (1994: 150)

“Nos estudos de observação participante todos os dados são considerados notas de campo; este termo refere-se coletivamente a todos os dados recolhidos durante o estudo, incluindo as notas de campo, transcrições de entrevistas, documentos oficiais, estatísticas oficiais, imagens e outros materiais”.

Assim sendo, as notas de campo, que resultam da observação, permitem ao observador registar aspetos reflexivos, interrogações, sentimentos e ideias que se presenciam no contexto. Estas observações podem registar-se no momento em que ocorrem, de forma escrita ou audiovisual, ou no momento após a ocorrência, através do registo escrito extenso, detalhado e reflexivo.

No nosso caso, as notas de campo foram registadas numa tabela feita por nós, onde colocámos o nome da atividade de leitura, a data, os níveis da escala de envolvimento de Lovaina, a identificação das crianças com letras de A a J, para ocultar a identidade de cada criança e as observações.

✓ **Observação participante**

A observação, aliada às notas de campo, é uma técnica de recolha de dados, que nos permite refletir e compreender os comportamentos e atitudes dos indivíduos, bem como as características de um determinado contexto. Esta técnica “permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto.” (Máximo-Esteves, 2008: 87).

Para Dezin (1970), citado por Moreira (2007: 178),

“Há uma curiosa mistura de técnicas de pesquisa na observação participante: entrevistam-se pessoas, analisam-se documentos, compilam-se estatísticas, recorre-se a informantes e realiza-se observação direta. Sendo assim, a observação participante será definida como uma estratégia de campo que combina simultaneamente a entrevista, a participação, a análise de documentos e a introspecção.”

Tuckman (2000: 523) refere que na investigação qualitativa, a observação visa examinar o ambiente através de um esquema geral para nos orientar e que o produto dessa observação

é registado em notas de campo. Bogdan e Biklen (1994: 90) referem que a observação participante é a melhor técnica de recolha de dados neste tipo de estudos. Em sintonia com a afirmação anterior, e no que diz respeito à importância da observação como método de recolha de dados, Vale (2000: 233) refere que “a observação é a melhor técnica de recolha de dados do indivíduo em atividade, em primeira mão, pois permite comparar aquilo que diz, ou que não diz, com aquilo que faz.”.

Deste modo, as observações constantes do professor/investigador no ambiente natural dos alunos contribuíram muito para a compreensão das ações (quase sempre espontâneas) por eles levadas a cabo aquando da realização das tarefas. No entanto, o investigador, tendo sempre presentes as afirmações de Tuckman (2000: 524) observou atentamente os sujeitos no sentido de aprender tanto quanto possível o que se estava a passar, sem influenciar o decorrer normal dos acontecimentos. Este autor, refere ainda que a observação ou esse “olhar” pode significar, por vezes, uma tentativa de confirmar ou não várias interpretações que emergiram das entrevistas ou dos relatórios. Dessas observações diárias, surgiram reflexões posteriores, sob a forma de notas de campo.

✓ **Princípios éticos subjacentes à investigação**

A ética é a teoria do comportamento moral dos seres humanos em sociedade. Segundo Bogdan e Biklen (1994: 75) “Em investigação a ética consiste nas normas relativas aos procedimentos considerados corretos ou incorretos por determinado grupo”. Segundo estes autores, há certos princípios éticos que devem ser respeitados ao realizar um trabalho de investigação-ação. Nomeadamente as identidades dos sujeitos devem ser protegidas, estes devem ser respeitados, o investigador deve ser claro e explícito ao pedir a autorização para efetuar um estudo com os intervenientes e o investigador deve ser autêntico quando descreve os resultados.

Ao elaborámos o nosso trabalho tivemos em conta os três princípios éticos referidos anteriormente. Para isso, começámos por pedir autorização por escrito aos pais das crianças da amostra, depois identificámos as crianças com letras de A a J, para ocultar a identidade de cada uma e, posteriormente, partimos para a descrição dos resultados, mantendo a objetividade e a autenticidades dos mesmos.

f) Forma de tratamento dos dados

Inicialmente tentámos integrar-nos na turma, dando tempo às crianças para se adaptarem a nós e nós a elas, uma vez que ao se ambientarem com a nossa presença, elas sentir-se-iam mais à vontade, não condicionando as observações e os resultados. Depois, observámos os trabalhos que as crianças iam desenvolvendo com a professora cooperante, para ser mais fácil escolher para a nossa amostra dez crianças (cinco mais motivadas e cinco menos motivadas). Tendo as crianças selecionadas, passámos aos pedidos de autorização dos pais para que as crianças pudessem participar no estudo (consultar anexo S). De seguida, passámos para a construção das entrevistas e dos parâmetros a observar (notas de campo).

Durante o estudo, fomos sempre realizando observação participante e tomando notas de campo. Estes registos ocorreram através da fotografia e/ou da escrita. As notas em forma de escrita foram sempre registadas imediatamente após as implementação de atividades por nós propostas, de forma a que não nos faltasse nenhum aspeto essencial para uma subsequente reflexão (consultar anexo T).

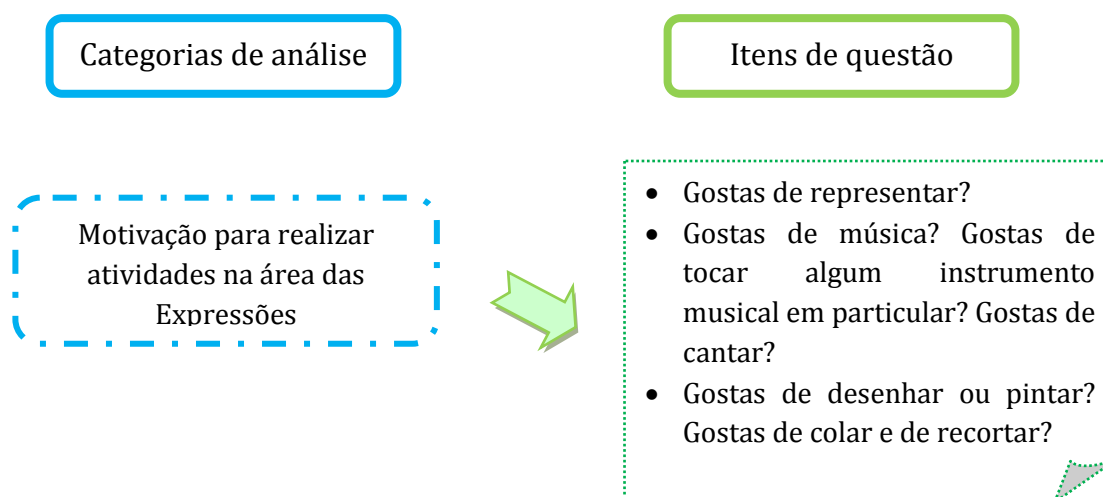
A entrevista permite ao educador/investigador, através do ato comunicativo, conhecer o ponto de vista das crianças relativamente a uma determinada temática. Este ato comunicativo é composto por um guião da entrevista (consultar anexo U) que antevê uma comunicação com objetivos previamente estabelecidos e que mostra a veracidade das respostas do entrevistado. Neste sentido, Selltiz (1987: 644) enfatiza que “a arte do entrevistador consiste em criar uma situação onde as respostas do informante sejam fidedignas e válidas”. Desta forma, ao entrevistar crianças, é fundamental que o entrevistador crie um clima facilitador, acolhedor e familiar à criança de modo a promover o seu envolvimento ao longo da entrevista e nas respostas dadas, pois para ser uma boa entrevista é necessário que haja momentos de partilha e interação.

Neste estudo foi aplicada uma entrevista, às dez crianças selecionadas, sendo que esta estava dividida em três partes (A, B e C) e estas foram aplicadas em momentos distintos. A parte A contém perguntas sobre a motivação das crianças para realizarem atividades de Expressão Dramática, Musical e Plástica; a parte B diz respeito à implementação das atividades por nós propostas e a parte C pretende comprovar se as crianças se sentiram mais motivadas, em situações de leitura previamente motivada (consultar anexo V).

Num primeiro momento (28 de Abril) aplicou-se a parte A e B, ou seja, antes de implementar as atividades de leitura recorrendo às Expressões Artísticas. Num segundo momento (18 de Junho) aplicou-se a parte C, ou seja, depois das atividades de motivação para a leitura através das Expressões Artísticas.

As entrevistas decorreram na sala polivalente da instituição onde ocorreu a nossa Prática Supervisionada. As questões foram colocadas uma de cada vez e, posteriormente, foram registadas em papel as respostas dadas pelas crianças.

A entrevista seguiu a seguinte estrutura, que se encontra organizada por categorias e itens de análise (figura 9).



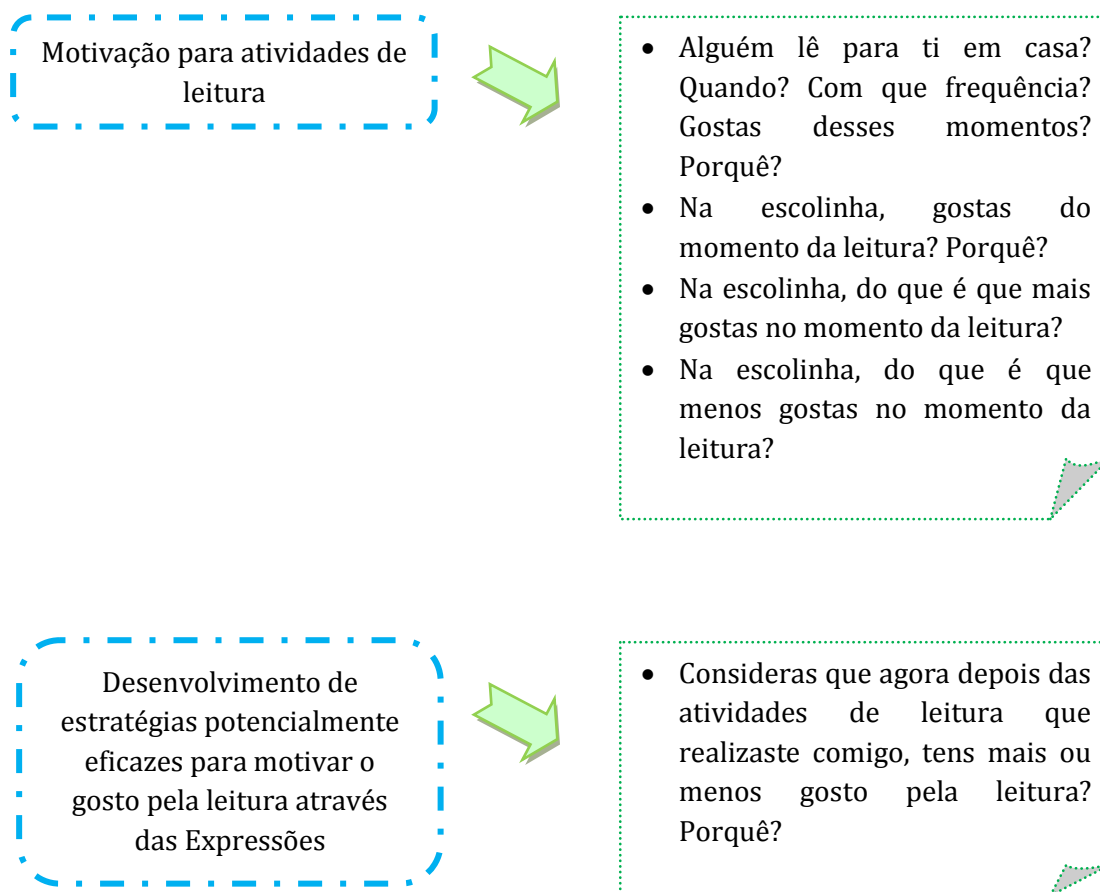


Figura 9 - Esquemática da entrevista realizada às crianças

Para observarmos a motivação das crianças para a leitura, durante as Unidades Didáticas em que usámos atividades das áreas das Expressões, usámos a *Escala de Envolvimento de Lovaina* de Laevers (consultar página 85). Esta escala foi sugerida pela docente da Unidade Curricular de Investigação e tem como objetivo primordial avaliar o nível de envolvimento da criança numa determinada tarefa/atividade. Assim sendo, permite ao observador avaliar se a criança está ou não envolvida na atividade que realiza, visto que com esta escala o educador/investigador consegue perceber quais os interesses e o que motiva a criança.

No decurso da investigação foram, também, propostas quatro atividades às crianças, primeiro sem recorrer às Expressões e, posteriormente, utilizando as Expressões Plástica, Musical e Dramática. Apresentamos, em baixo, detalhadamente, a estrutura dessas atividades na tabela 10. O trabalho desenvolvido pelas crianças durante a execução destas quatro atividades foi alvo de observação participante, registo fotográfico e notas de campo com recurso à escala de envolvimento de Lovaina, de forma a poder interpretar o nível em que se encontram as crianças, o grau de envolvimento/prazer em realizar tais atividades e se essas são realizadas com interesse.

Estas quatro atividades permitiram avaliar em que níveis de envolvimento as crianças estavam perante a leitura com ou sem recurso às Expressões Artísticas. Todas estas atividades foram realizadas durante o período da Prática Supervisionada, dentro da sala de atividades. A tabela 10 apresenta o objetivo a atingir, a categoria analisada, o procedimento de execução e as técnicas de recolha de dados utilizados em cada uma das atividades fulcrais para o estudo, identificando o dia em que cada uma ocorreu.

Tabela 10 - Atividades que permitiram avaliar a motivação das crianças para a leitura com ou sem recurso às Expressões Artísticas

Atividade 1 (19 de maio de 2014)	
Objetivo	Avaliar a motivação das crianças para a leitura sem recurso às Expressões Artísticas
Categoria analisada	Motivação para a leitura
Técnica de recolha de dados	A investigadora anotou o envolvimento das crianças, fazendo um registo para cada criança, tendo em conta a escala de envolvimento de Lovaina e o par pedagógico tirou fotografias às crianças no decorrer da leitura.
Procedimentos de execução	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar as ilustrações da capa do livro “Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso”, de Christiane Piepe e ouvir o título. ✓ Leitura da história “Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso” de Christiane Piepe, mostrando as ilustrações.
Atividade 2 (26 de maio de 2014)	
Objetivo	Avaliar a motivação das crianças para a leitura com recurso à Expressão Plástica.
Categoria analisada	Motivação para a leitura com recurso Expressão Plástica.
Técnica de recolha de dados	A investigadora anotou o envolvimento das crianças, fazendo um registo para cada criança, tendo em conta a escala de envolvimento de Lovaina e o par pedagógico tirou fotografias às crianças no decorrer da leitura.
Procedimentos de execução	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Leitura do título e observação das ilustrações da capa. ✓ Observar diversas imagens de alimentos. ✓ Leitura expressiva, por parte da aluna estagiária, da história “A Sopa Verde”, de Chico, mostrando as ilustrações. <ul style="list-style-type: none"> * À medida que leio a história têm de selecionar, em conjunto, as imagens dos alimentos mencionados na confeção da sopa verde. * Verificar se selecionaram todas as imagens corretamente. ✓ Cortar e colar, numa cartolina, as imagens dos alimentos necessários para a confeção da sopa verde.
Atividade 3 (27 de maio de 2014)	
Objetivo	Avaliar a motivação das crianças para a leitura com recurso à Expressão Musical.
Categoria analisada	Motivação para a leitura com recurso Expressão Musical.
Técnica de recolha de dados	A investigadora anotou o envolvimento das crianças, fazendo um registo para cada criança, tendo em conta a escala de envolvimento de Lovaina e o par pedagógico tirou fotografias às crianças no

	decorrer da leitura.
Procedimentos de execução	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar a capa e contracapa do livro “Quiquiriqui”, de Marisa Núñez, e em conjunto antecipar do que trata a história, através das ilustrações e do título. ✓ Explicar que à medida que vão ouvir ler, em determinados momentos têm de produzir sons com o corpo. <ul style="list-style-type: none"> * Quando ouvirem ler “Picotá, picoti” têm de bater palmas e quando ouvirem ler “Miauuu...! Sou o gato pelado. Estou a ouvir um pintainho e vou comê-lo nem só bocado!” têm de bater com as palmas das mãos nas pernas. ✓ Leitura expressiva da história “Quiquiriqui” de Marisa Núñez, aplicando as regras explicadas e treinadas anteriormente.
Atividade 4 (11 de junho de 2014)	
Objetivo	Avaliar a motivação das crianças para a leitura com recurso à Expressão Dramática.
Categoria analisada	Motivação para a leitura com recurso Expressão Dramática.
Técnica de recolha de dados	A investigadora anotou o envolvimento das crianças, fazendo um registo para cada criança, tendo em conta a escala de envolvimento de Lovaina e o par pedagógico tirou fotografias às crianças no decorrer da leitura.
Procedimentos de execução	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar a capa e contracapa do livro “Desculpa!”, de Norbert Landa e, em conjunto, antecipar do que trata a história, através das ilustrações e do título. ✓ Explicar que à medida que leio movimento-me com o corpo, simulando ações e têm de imitar esses movimentos. ✓ Leitura expressiva da história “Desculpa!”, de Norbert Landa, aplicando as regras explicadas anteriormente.

3.3. Análise dos dados obtidos

Para realizarmos a análise dos dados obtidos no nosso estudo, recorreremos à triangulação de dados.

A triangulação de dados consiste em combinar dois ou mais pontos de vista, fontes de dados, abordagens teóricas ou métodos de recolha de dados numa mesma pesquisa, por forma a que possamos obter como resultado final um retrato mais credível da realidade ou uma compreensão mais completa dos fenómenos a analisar.

Para que as interpretações do investigador tenham mais credibilidade, este deverá recorrer a um ou mais protocolos de triangulação. Denzin (1984) refere quatro tipos de triangulação: Triangulação das fontes de dados, em que se confrontam os dados provenientes de diferentes fontes; Triangulação do investigador, em que entrevistadores diferentes procuram detetar desvios derivados da influência do fator “investigador”; Triangulação da teoria, em que se abordam os dados partindo de perspetivas teóricas e hipóteses diferentes;

Triangulação metodológica, em que para aumentar a confiança nas suas interpretações o investigador faz novas observações diretas com base em registos antigos.

Dos vários tipos de triangulação sugeridos por Denzin e já referidos, recorreremos à triangulação de dados. Com efeito utilizámos diversas fontes de dados para obter uma descrição mais rica e completa da realidade. Diferentes tipos de dados proporcionam ao investigador diferentes perspetivas a partir das quais pode compreender melhor uma categoria e desenvolver as suas características. Assim sendo, Vergara (2006) diz que a triangulação pode ser vista a partir de duas formas: a estratégia que contribui com a validade de uma pesquisa; e como uma alternativa para a obtenção de novos conhecimentos, através de novos pontos de vista.

Segundo Denzin e Lincoln (2000) a triangulação pode ser uma alternativa à validação, uma vez que ajuda a compreender a complexidade do estudo. Esta acrescenta rigor, riqueza e profundidade às pesquisas no campo.

Faremos, a partir de agora, a análise dos resultados obtidos por objetivo, geral e específico, a partir dos registos em todos os instrumentos de recolha de dados que usámos, fazendo a triangulação dos mesmos.

1. Avaliar a motivação das crianças para realizarem atividades de Expressão Dramática, Musical e Plástica.

- 1.1. Avaliar a motivação das crianças para o trabalho de Expressão Dramática.
- 1.2. Avaliar a motivação das crianças para o trabalho de Expressão Musical.
- 1.3. Avaliar a motivação das crianças para o trabalho de Expressão Plástica.

Avaliámos a motivação da amostra para o trabalho na área das Expressões, através da entrevista, das notas de campo e da observação participante.

Globalmente, e cruzando os dados relativos à motivação para o trabalho com todas as áreas de Expressão, concluímos que a grande maioria das crianças da amostra se mostraram motivadas ao realizar atividades nas áreas da Expressão Dramática e da Expressão Musical, tendo estas referido que gostavam de representar e cantar, escolhendo como instrumento preferido a guitarra ou a viola ou o tambor ou a flauta. Porém, no que diz respeito à Expressão Plástica, verificámos níveis de motivação distintos, uma vez que metade da amostra se mostrava muito motivada e outra metade encontrava-se completamente desmotivada, apontando como causas o facto de as atividades que lhe são propostas serem aborrecidas e demorarem muito tempo a serem realizadas.

2. Avaliar a motivação das crianças para a leitura.

- 2.1. Avaliar a motivação das crianças para a leitura em casa.
- 2.2. Avaliar a motivação das crianças para a leitura no jardim-de-infância.

Avaliámos a motivação das crianças da amostra para a motivação para a leitura através da entrevista, das notas de campo e da observação participante.

Tendo em conta os dados obtidos na sua globalidade, concluímos que a grande maioria das crianças da amostra se mostram motivadas para a leitura por um dos seus familiares (mãe, pai, irmão ou irmã e avó), apesar de estes não lerem para a criança todos os dias, mas somente às vezes. Também, se pode concluir que o momento de leitura realizado em casa é visto pela criança como uma ocasião de união, de carinho e de atenção entre si e o seu familiar.

Do momento de leitura realizado na escola, pode-se concluir que a maioria das crianças encaram essa atividade com satisfação, referindo que até gostam muito, principalmente quando a educadora recorre a imagens, a fantoches ou até mesmos a personagens, como monstros, como elemento motivador. Por outro lado, as mesmas crianças mencionaram que durante esses momentos não gostavam que houvesse muito barulho, que tivessem que permanecer muito tempo quietas e caladas, considerando algumas dessas ocasiões como aborrecidas. Logo, parece que, no geral, as crianças da amostra gostam dos momentos de leitura na escola, que preferem que não haja ruídos e que os momentos não sejam demasiado longos nem demasiado passivos.

Resultados da unidade didática de leitura sem motivação prévia através das Expressões

Antes de apresentarmos e de analisarmos os resultados obtidos durante as atividades levadas a cabo para atingir o objetivo 3 (atividades 2, 3 e 4 - leitura, precedida de atividades de motivação para a leitura, da área das Expressões), faremos uma reflexão sobre os resultados obtidos na atividade 1, que, como dissemos atrás, foi uma atividade de leitura sem motivação prévia através das Expressões. Apesar de esta atividade 1 ter sido implementada para atingirmos o objetivo 4.1., optámos por inserir já neste momento os dados obtidos nesta atividade (que efetivamente foi a primeira) para, no final, os compararmos com os dados obtidos nas atividades seguintes.

Vamos, então, centrar-nos nos resultados da atividade 1 - *Leitura da história “Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso” de Christiane Piepe*. Os resultados obtidos na *Escala de Envolvimento de Lovaina* (doravante apenas designada por Escala) estão patentes na tabela 11. Consideramos os **níveis 1 e 2** da Escala correspondentes a um nível de envolvimento baixo, indiciando assim, **pouca motivação**; o **nível 3** correspondendo a um nível médio de envolvimento, indiciando uma **motivação intermédia** e os **níveis 4 e 5** correspondendo a um nível alto de envolvimento, indicando estes uma **motivação alta** dos sujeitos observados.

Tabela 11 - Resultados da primeira atividade de leitura sem recurso às Expressões.

<i>4ª semana (19 de maio) - Leitura da história "Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso", de Christiane Piepe</i>		
	<i>Criança</i>	<i>Envolvimento demonstrado*</i>
<i>Mais motivados para a leitura</i>	A	Nível 4
	B	Nível 3
	C	Nível 3
	D	Nível 4
	E	Nível 4
<i>Mais motivados para a leitura</i>	F	Nível 2
	G	Nível 1
	H	Nível 2
	I	Nível 2
	J	Nível 1

*níveis baseados na escala de envolvimento de Lovaina

Cruzando os dados patentes na tabela 10 com os dados obtidos através das restantes técnicas de recolha de dados, que foram as notas de campo, os registos fotográfico, a Escala de *Envolvimento de Lovaina* e a observação participante, podemos verificar o seguinte:

a) As crianças A, D e E foram as que revelaram maior interesse e motivação pela atividade, querendo participar desde o início, fazendo intervenções oportunas e corretas sobre o que lhes era solicitado. As crianças B, C, F, H e I mostraram que até gostaram do trabalho proposto, porém faltou-lhes concentração, motivação e prazer, agindo de forma intermitente. As crianças G e J estavam completamente desmotivados, faziam barulho, levantavam-se e interrompiam inoportunamente.

b) As crianças que se revelaram mais motivadas (A, D e E) nesta atividade já eram as referenciadas na entrevista e pela Educadora como as mais motivadas para a leitura e as menos motivadas (G e J) na atividade eram também as já referenciadas como as menos motivadas para a leitura.

3.Implementar atividades de Expressão Dramática, Musical e Plástica para aumentar/potenciar a motivação das crianças para a leitura.

3.1.Realizar uma atividade de Expressão Dramática como motivação para a leitura.

3.2.Realizar uma atividade de Expressão Musical como motivação para a leitura.

3.3.Realizar uma atividade de Expressão Plástica como motivação para a leitura.

Nas atividades 2, 3 e 4, avaliámos a motivação das crianças da amostra para a leitura após a implementação de atividades de Expressão Dramática, Musical e Plástica através das notas de campo, dos registos fotográficos, da Escala e da observação participante. Portanto, na atividade 2, a leitura foi complementada com uma atividade de Expressão Plástica, na atividade 3, a leitura foi enriquecida com uma atividade de Expressão Musical e na 4 recorreremos à Expressão Dramática, também durante a atividade de leitura.

Conjugando os dados registados na Escala (tabelas 12 e 13), obtidos depois da realização da segunda (*Leitura da história “A Sopa Verde” de Chico*) e terceira (*Leitura da história “Quiquiriqui” de Marisa Núñez*) atividades, com os dados dos restantes instrumentos (notas de campo, registos fotográficos, Escala e observação participante), chegámos a resultados bastante interessantes.

Tabela 12 - Resultados da segunda atividade de leitura com recurso à Expressão Plástica

<i>5ª semana (26 de maio) - Leitura da história “A sopa verde”, de Chico</i>		
	<i>Criança</i>	<i>Envolvimento demonstrado*</i>
<i>Mais motivados para a leitura</i>	A	Nível 4
	B	Nível 3
	C	Nível 4
	D	Nível 4
	E	Nível 4
<i>Menos motivados para a leitura</i>	F	Nível 3
	G	Nível 2
	H	Nível 3
	I	Nível 3
	J	Nível 2

*níveis baseados na escala de envolvimento de Lovaina

Tabela 13 - Resultados da terceira atividade de leitura com recurso à Expressão Musical

<i>5ª semana (27 de maio) - Leitura da história “Quiquiriqui”, de Marisa Núñez</i>		
	<i>Criança</i>	<i>Envolvimento demonstrado*</i>
<i>Mais motivados para a leitura</i>	A	Nível 4
	B	Nível 3
	C	Nível 4
	D	Nível 4
	E	Nível 4

Menos motivados para a leitura	F	Nível 3
	G	Nível 2
	H	Nível 3
	I	Nível 3
	J	Nível 2

*níveis baseados na escala de envolvimento de Lovaina

Ao observámos somente a Escala podemos concluir que em ambas as tabelas (tabelas 11 e 12) os resultados obtidos são iguais. As crianças A, C, D e E continuaram a ser os elementos mais motivados, com nível 4 de envolvimento. As crianças B, F, H e I apresentaram-se com um nível 3 de envolvimento e as crianças G e J continuaram a estar completamente desmotivados, com nível 2 de envolvimento.

No entanto, quando fazemos a triangulação de dados, percebemos que houve uma pequena evolução, uma vez que as crianças A, C, D e E continuaram a ser os elementos mais motivados do grupo, estando satisfeitos e interessados no trabalho que desenvolveram, as crianças B, F, H e I apresentaram-se mais estimulados na elaboração do trabalho sugerido por nós e as crianças G e J continuaram a estar completamente desmotivados, apesar de já conseguirem estar em silêncio e sentados.

Ao observámos os dados registados na Escala (tabela 14), obtidos depois da realização da quarta atividade (*Leitura da história "Desculpa!", de Norbert Landa*), com os dados dos restantes instrumentos (notas de campo, registos fotográficos, Escala e observação participante), chegámos aos seguintes resultados.

Tabela 14 - Resultados da quarta atividade de leitura com recurso à Expressão Dramática

6ª semana (11 de junho) - <i>Leitura da história "Desculpa!", de Norbert Landa</i>		
	<i>Criança</i>	<i>Envolvimento demonstrado*</i>
Mais motivados para a leitura	A	Nível 5
	B	Nível 4
	C	Nível 5
	D	Nível 4
	E	Nível 5
Menos motivados para a leitura	F	Nível 4
	G	Nível 3
	H	Nível 4
	I	Nível 4
	J	Nível 3

*níveis baseados na escala de envolvimento de Lovaina

As crianças A, C e E estiveram claramente empenhadas, não querendo ser interrompidos por ninguém, solicitavam a nossa atenção total, demonstrando o nível de envolvimento mais elevado (5) previsto pela Escala. As crianças B, D, F, H e I também se mostraram bastante empenhadas e concentradas na realização das tarefas sugeridas, com um nível de envolvimento de 4.

Das dez crianças da amostra, apenas G e J revelaram uma motivação menor para a audição do texto explorado, com um nível 3 de envolvimento. Apesar de continuarem um pouco distraídas durante a execução das tarefas propostas, estas crianças revelaram, no entanto, um aumento da motivação no momento da leitura, tendo vindo sempre a progredir no sentido positivo, desde a atividade 1 até esta última, passando dos níveis 1 para 3 da Escala.

4.Comparar a motivação das crianças para a leitura, numa situação de leitura sem motivação prévia e em situações de leitura previamente motivada, através das áreas das expressões.

4.1. Avaliar a motivação das crianças para a leitura numa Unidade Didática sem o recurso às Expressões.

4.2. Avaliar a motivação das crianças para a leitura numa Unidade Didática com o recurso às Expressões.

Das dez crianças da amostra, apenas três demonstraram uma motivação já elevada (nível 4) no momento da leitura; três demonstraram uma motivação intermédia e as restantes uma motivação baixa.

Posteriormente, nas atividades 2, 3 e 4, avaliámos a motivação das crianças da amostra no momento da leitura numa Unidade Didática com o recurso às Expressões, através dos instrumentos de recolha de dados (notas de campo, registos fotográficos, Escala e observação participante).

Tendo em conta os dados obtidos na sua globalidade, concluímos que todas as crianças da amostra evoluíram no que diz respeito à motivação para realizar as atividades de leitura. Pois ao analisarmos os dados verificámos que da atividade 1 relativamente à atividade 2, todas as crianças subiram um nível na escala de envolvimento. Da atividade 2 para a 3 todas se mantiveram no mesmo nível e da atividade 3 para a 4 à exceção de uma das crianças todas subiram um nível.

Assim, ao fim da atividade 4 tínhamos as crianças A, C e E com o nível de envolvimento mais elevado (5) previsto pela Escala, as crianças B, D, F, H e I com um nível de envolvimento de 4 e apenas as crianças G e J com um nível 3 de envolvimento.

Em suma, constatámos um aumento importantíssimo da motivação das crianças da amostra ao longo das atividades por nós implementadas, o que vem demonstrar que as crianças se encontram mais motivadas para a leitura quando esta é complementada com atividades das Expressões Artísticas.

Capítulo IV - Reflexões e Considerações finais

“Em algum momento de nossas vidas somos alunos e professores. O importante é nunca deixarmos de aprender e ensinar algo.”
(Renato Collyer⁶)

⁶ <http://pensador.uol.com.br/frase/MTU1MzU5NA/>

Após a conclusão do trabalho e à laia de um balanço final no corpo deste relatório, pareceu-nos que deveríamos fazer uma reflexão global sobre a Prática Supervisionada nos dois ciclos de ensino em que estagiámos e sobre os resultados obtidos no âmbito da investigação empírica que fizemos, pois, tal como defende Freire (1996: 18) “ (...) na formação permanente dos professores o momento fundamental é o da reflexão sobre a prática.”

Este capítulo encontra-se dividido em três momentos diferenciados, para que desta forma se torne mais organizado. No primeiro momento refletimos sobre as limitações do estudo. No segundo momento fazemos uma reflexão geral da Prática Supervisionada em Pré-Escolar vivida juntamente com o estudo aqui realizado. No terceiro refletimos e retiramos conclusões sobre a investigação realizada ao longo do estudo.

4.1. Limitações do estudo

Conscientes de que todos os estudos têm as suas limitações, consideramos que os resultados deste estudo não podem ser generalizados, uma vez que não comportam uma amostra significativa mas sim um reduzido número de participantes (dez). Desta forma, as conclusões carecem de ser confirmadas ou não noutros estudos subseqüentes.

Um outro constrangimento foi o fator tempo, pois só conseguimos implementar uma atividade de leitura sem recurso às Expressões e três com recurso a cada uma das Expressões Artísticas. Desta forma, não conseguimos obter dados que nos permitissem chegar a conclusões generalistas.

No entanto, as conclusões que retirámos vão ao encontro dos resultados obtidos na dissertação de David Manuel Duro Afonso intitulada “*Contributo da Animação Artística no desenvolvimento da literacia e na promoção da leitura*”⁷, uma vez que chega à conclusão de que a animação artística é fulcral no desenvolvimento da literacia e na promoção da leitura.

Consideramos também que seria interessante realizar este estudo no 1º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que é neste altura que as crianças aprendem a ler, logo é fulcral motivá-las para tal.

Assim sendo, cabe-nos a nós, enquanto educadores e professores, assumir o compromisso de aprofundar, no futuro, esta questão que nos parece merecer a máxima atenção e investigação.

4.2. Reflexão - Prática Supervisionada com Investigação

Enquanto futuras educadoras e professoras, visto estarmos na reta final de mais uma etapa académica, não podíamos deixar de refletir sobre a importância da nossa Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

⁷ <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/6814/1/Tese.pdf>

Numa retrospectiva geral de ambas as Práticas Supervisionadas, diríamos que foi um processo de aprendizagens imensamente enriquecedor, embora, por vezes, doloroso. No sentido que houve momentos difíceis na tarefa de educar, no entanto foram ultrapassados com a ajuda dos professores cooperantes, com a vontade de aprender demonstradas pelas crianças e pelo nosso esforço pessoal. Sem dúvida que foi uma aventura cheia de momentos inesquecíveis que deixam imensa saudade e que ficarão sempre marcados em nós.

Terminada esta longa etapa, consideramos que evoluímos muito como futuras profissionais e como pessoas, uma vez que pudemos experimentar na prática o que aprendemos ao longo da nossa formação académica e que pudemos refletir sobre aspetos fundamentais para o nosso desempenho profissional. Todos os momentos, quer os bons quer os menos bons, foram sem dúvida gratificantes, visto que até os menos bons foram positivos, porque fizeram com que lutássemos para conseguirmos derrubar as barreiras e obstáculos que iam surgindo ao longo do percurso, tornando cada “batalha” vencida num momento de gratificação e força de vontade para continuar a trilhar o caminho.

As crianças/alunos foram a «alma» deste percurso, pois sem elas nada disto faria sentido e nem se tornaria possível. Rapidamente se tornaram «os nossos meninos» especiais, únicos e tão importantes. Foi graças a eles que aprendemos a ser melhores pessoas, foi com eles que aprendemos lições de vida, foi através da força e do carinho deles que conseguimos ultrapassar obstáculos, ganhar coragem para arriscar, e foi para eles que trabalhámos afincadamente a fim de lhes proporcionar aprendizagens ricas em conhecimento e alegria. Foi como se, metaforicamente, os sorrisos deles fossem uma recompensa por todo o trabalho desenvolvido. Foi sem dúvida alguma por todas aquelas crianças que nos esforçámos para superar dificuldades, tendo como objetivo primordial a construção de um bom ambiente para lhes garantir bem-estar psicológico, físico e social.

Ao longo da prática todas as tarefas que implementámos foram bem recebidas pelas crianças. Mostraram-se sempre interessadas e motivadas em realizá-las, pois tinham sempre muita curiosidade sobre o mundo que as rodeia. Procurámos, também, realizar atividades nas quais as crianças tivessem um papel interventivo e com as quais pudessem alargar o seu leque de conhecimentos e desenvolvessem diversas competências, visto que a educação não é sinónimo de depósito de conhecimentos, mas sim uma assimilação entre aprendizagem ativa e cooperativa, com reflexão sobre a informação adquirida.

Especificamente, no que respeita à Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, não podemos deixar de referir e agradecer à Educadora Cooperante Irene, pois sem o apoio e carinho dela não teríamos evoluído de forma tão significativa. Esteve sempre disponível para ouvir as nossas ideias e ajudar a melhorá-las. Sobretudo, mostrou-nos como é ser-se uma boa educadora.

Na nossa perspetiva ser educador é a «profissão do amor», uma vez que cria laços de afeto com as crianças, procurando que estas aprendam e se formem pessoas conhecedoras face ao mundo que as rodeia sempre com um sorriso no rosto. É essencial que um educador seja capaz de compreender as particularidades de cada criança, que tenha imaginação, sentido de humor e espírito alegre para conseguir trabalhar, compreender e desfrutar dos múltiplos divertimentos e fantasias característicos das crianças.

A Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico revelou-se algo diferente e muito motivadora. Mais uma vez não faria sentido não agradecer todo o apoio e carinho que nos foi

dado pela Professora Cooperante Sara, uma vez que fundamental ao longo de todo este percurso, pois esteve sempre disponível para nos ajudar e apoiar.

Ser professor é uma tarefa comprometedora, uma vez que é necessário que este assuma a sua responsabilidade na ação de educar, ensinar, apoiar, comunicar e ao mesmo tempo de aprender, tornando-se assim uma profissão encantadora. Um professor não transmite somente conhecimentos, pois este para além de ensinar aprende, educa, apoia e comunica com os seus alunos. O grande objetivo do professor é tornar os seus alunos indivíduos completos, autónomos e capazes de viver em sociedade, mas para tal é necessário conseguir apontar diversos caminhos e deixar que cada aluno caminhe com os seus próprios pés.

Deste modo, consideramos a Prática Supervisionada uma articulação entre a teoria e a prática. Com a realização dos estágios colocámos em prática muitos dos conhecimentos teóricos e metodológicos aprendidos ao longo da formação académica, que nos ajudaram a desenvolver competências e habilidades à medida que o tempo passava. Ao longo desta tivemos sempre a preocupação de refletir criticamente com vista a melhorar o nosso desempenho.

Em modo de conclusão, diremos apenas que esta foi uma experiência enriquecedora e gratificante, uma vez que pudemos estar em contacto com crianças e alunos com características tão diferentes e porque aprendemos e demos muito de nós. Em conjunto partilhámos afeto, união, alegrias e, acima de tudo, conhecimentos que levaram a novas aprendizagens. Temos a convicção de que todos nós crescemos e passámos a olhar com outros olhos o que nos rodeia, vendo as coisas de outra perspetiva.

“A criança é alegria como o raio de sol e estímulo como a esperança.”

(Coelho Neto⁸)

4.3. Reflexão / Conclusão do Processo de Investigação

O presente estudo empírico desenvolveu-se em articulação e simultaneidade com a Prática Supervisionada na Educação Pré-Escolar, numa perspetiva de construção de conhecimento e desenvolvimento profissional, assentes na investigação aplicada. As atividades realizadas para a recolha de dados para o estudo não tiveram uma entrada forçada na sala de atividades das crianças, visto que ao longo do estágio nada nos vinculava a um tema específico.

Embora o interesse do estudo tenha partido do nosso interesse e gosto pessoal, considerou-se que o plano de ação não poderia dissociar-se dos conteúdos selecionados pela educadora cooperante. Deste modo, desenvolvemos um processo de investigação harmonioso, articulando a questão problema e os objetivos definidos e aliando os pressupostos destes às características do grupo de crianças. Assim, decidimos integrar o processo de investigação no trabalho que já havia sido iniciado pela educadora cooperante, pelo que se procedeu à incorporação de leitura, pela nossa parte, utilizando as Expressões (Dramática, Musical e Plástica) com a participação simultânea das crianças.

⁸ <http://pensador.uol.com.br/frase/Mjk2NA/>

Durante toda a prática as principais fontes de investigação foram as crianças, dotadas das suas competências, do fascínio por querer sempre saber mais e da imensa curiosidade e magia que portam. Queríamos que estivessem motivadas e predispostas para este processo e, sobretudo, de que gostassem e se divertissem ao participar no mesmo.

Sendo uma faixa etária inserida na primeira etapa da Educação Básica, o propósito investigativo era, primeiramente, educar e, só depois, investigar para conhecer e compreender melhor, ou seja, centrar a ação no grupo, visando “o desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis; o reconhecimento da criança como sujeito do processo educativo (...); a construção articulada do saber (...); a exigência de resposta a todas as crianças” (Ministério da Educação, 1997: 14).

Deste modo, o nosso estudo analisa a pertinência da utilização das Expressões Artísticas (Dramática, Musical e Plástica) para que as crianças tenham gosto de ouvir ler, para futuramente terem gosto por ler. Dando resposta à questão-problema que se colocou no início do estudo, consideramos que conseguimos, sim, promover mais facilmente o gosto pela leitura nas crianças através das atividades prévias que propusemos no âmbito das Expressões.

Constatámos, assim, o quanto a leitura com recurso às Expressões Artísticas se torna mais motivadora para as crianças em idade Pré-Escolar, pois é através do ouvir ler que as crianças desenvolvem a imaginação e adquirem a capacidade de se projetarem para o mundo das imagens mentais. Muitas das histórias que ouvem dão sentido e significação ao mundo e às experiências que elas próprias vivem.

Às crianças deve ser facultado o contacto com uma grande diversidade de livros, pois o livro é um objeto que de uma forma mágica, genuína e encantadora influencia significativamente as vivências delas. É importante que as crianças vejam os livros como «caixinhas de sonhos», visto que estes nos remetem para uma imensidão de aventuras e divertimentos.

Dado que a leitura constitui uma ferramenta essencial para o desenvolvimento das capacidades globais da criança e, desta forma, contribui positivamente para o sucesso escolar da mesma é necessário que desde cedo se recorram a diversas estratégias para despertar o gosto dela pela leitura. Visto que a leitura não pode nem deve ser vista como uma obrigação. Assim sendo, deverá dar satisfação à criança para que goste de ler. Portanto, o primeiro passo a dar neste sentido compete aos pais e à família que a rodeia e posteriormente ao educador de infância e aos professores que a acompanharão ao longo do seu percurso escolar.

Neste estudo em concreto, como as crianças pertencentes a este se encontram em idade Pré-Escolar, logo ainda não possuem capacidades para ler autonomamente, cabe ao(a) educador(a) de infância assumir o papel de contador(a) de histórias. Utilizando a gestualidade, a teatralização e a entoação, de modo a que o grupo de crianças vá entendendo a palavra, o seu sentido, as sensações e os sentidos que a história lhes transmite.

Desta forma, é fulcral que os responsáveis (pais, familiares e educadores) pelas crianças se lembrem dos inegáveis benefícios da apreciação e fruição deste tipo de obra de arte, para a felicidade, bem-estar e sucesso destas. Assim sendo, nas palavras do escritor Elias José (2007), cit. por Lima, Giroto e Souza (2012: 208), é necessário que

“Pais (, familiares, educadores) e professores fiquem atentos se quiserem formar gerações de pessoas felizes e aptas a vencerem na vida. O livro infantil que é oferecido

para a criança ler, ou é lido para ela, caso não seja alfabetizada ainda, é um brinquedo capaz de despertar o interesse pelas coisas sensíveis, criativas e inteligentes e belas. Através das histórias fictícias e da poesia fazemos uma viagem de sonho e de puro encantamento. Aprendemos sem traumas, a lidar com problemas diários. Conhecemos melhor a realidade que nos cerca. Crianças e jovens que não tiveram o seu imaginário desenvolvido, aquecido pela leitura literária, pela dramatização, pelo poder de encantamento da música e das artes plásticas, serão pessimistas, endurecidos, incapazes de sorrir e de ser feliz”.

Procurámos, então, propor atividades que fossem estimulantes, educativas e que proporcionassem momentos de diversão e bem-estar, pois o desígnio principal era promover o gosto pela leitura, neste caso específico ouvir ler, não esquecendo das questões levantadas nesta investigação, quanto ao que concerne o despertar o gosto pela leitura, neste caso, recorrendo às Expressões Artísticas (Dramática, Musical e Plástica).

Acreditamos que as Expressões Artísticas são uma ferramenta imprescindível para o desenvolvimento da criança, pois constituem-se como uma via de comunicação e de acesso ao conhecimento, visto que através dos domínios das expressões pretende-se criar oportunidade e fomentar a ação da criança no contacto com as variadíssimas formas de experimentação, expressão e criação.

Sublinhamos assim o resultado deste trabalho enquanto testemunho de que é possível interligar a leitura com as Expressões Artísticas. Acreditamos que a relação entre estas pode motivar e estimular as crianças para o gosto de ouvir ler e mais tarde de ler. Para nós, o mais importante foi implementar diversas experiências de aprendizagem que estimularam a curiosidade, o gosto pelo saber, a alegria, a criatividade e o prazer por ouvir ler.

Como este foi o primeiro processo de investigação trouxe-nos, naturalmente, algumas dificuldades e receios, visto ser um caminho quase desconhecido e complexo. No entanto, foi com extrema determinação e empenho que percorremos este caminho, conseguindo superar as adversidades.

Este relatório permitiu-nos, por um lado crescer pessoalmente e por outro verificar qual a relevância da utilização das Expressões Artísticas para a motivação da leitura, abrindo, também, alguns horizontes de trabalho para a Educação Pré-Escolar. Deu-nos, também ainda, a conhecer como tão complexo, maravilhoso e mágico é trabalhar com crianças enquadradas nesta faixa etária.

Referências bibliográficas

- Abramovich, Fanny. *Literatura infantil: Gostosuras e bobices*. São Paulo: Atlas.
- Azevedo, Fernando (2006). *Literatura Infantil e Leitores: da teoria às práticas*. Braga: Universidade do Minho – Departamento de Ciências Integradas e Língua Materna.
- Balanco, S. C. R. P. (2012). *Da experiência de estágio no pré-escolar e 1º ciclo ao contributo da expressão dramática para o desenvolvimento integral da criança*. Universidade dos Açores (Relatório de Estágio).
- Bell, Judith (2004). *Como Realizar um Projecto de Investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. 3ªed. Lisboa: Graviva.
- Bell, Judith (2008). “Abordagens à pesquisa educacional”, “ Planear a investigação” in *Como Realizar Um Projecto De Investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bodgan, R; Taylor, S. (1986). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación: La búsqueda de significados*. Buenos Aires. Editorial Paidós. Recuperado a 02-06-2014 de: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5188/1/ulfpie039750_tm.pdf
- Bogdan, Robert e Biklen, Sari. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Botinno, A. (2012). *A Literatura Infantil: uma Caminho para a Pedagogia de Projetos*. In Araújo, R., Oliveira, W.. *Literatura Infantojuvenil: Diabruras, Imaginação e Deleite*. Vila Velha: Opção Editora.
- Cardoso, Camilo e Valsassina, M. (1988). *Arte Infantil - linguagem plástica*. Lisboa: Coleção Dimensões.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2000) *Handbook of qualitative research*. (2a ed). Thousand Oaks: Sage. Recuperado a 12-04-2015 de: http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ5.pdf
- Denzin, Norman (1984). *The research act*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall. Recuperado a 03-12-2014 de: http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf
- Dewey, J. (1989). *Cómo pensamos: Nueva exposición de la relación entre pensamiento reflexivo e proceso educativo*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Ferraz, M. & Dalmann, E. (2011). *Educação Expressiva – De Aluno ao Expressante*. In, Marcelli Ferraz (Coord.). *Educação Expressiva. Um Novo Paradigma Educativo*. Lisboa: Tittirév Editorial.
- Fortuna, T.R. (2000). *Sala de aula é lugar de brincar?* In: Xavier, M. L. M. e Dalla Zen, M. I. H. (org.) *Planejamento em destaque: análises menos convencionais*, Porto Alegre: Mediação. Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Freire, J. B. (2002) *O Jogo: entre o riso e o choro*, Campinas, SP: Autores Associados. (Coleção educação física e esportes).

- Fux, Maria (1983). Dança, Experiência de vida. 3^o Ed. São Paulo: Summus. Recuperado a 19-06-2014 de: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0046.pdf>.
- Gagnard, Madeleine. (1974). Iniciação Musical dos Jovens. São Paulo: Editorial Estampa.
- Gallahue, D.L. (2002). Desenvolvimento motor e aquisição da competência motora na educação de infância, In Spodek, B. (Org). Manual de investigação em educação de infância. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gloton, Robert & Clero, Claude (1976). A atividade criadora na criança; editorial estampa; Lisboa.
- Gordon, Edwin (2000). Teoria de aprendizagem musical: Competências, conteúdos e padrões. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hamze, A. (2002). A arte de registar idéias. Obtido de Canal do Educador: <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/arte-ideias.htm>
- Kaercher, Gladis. Elise. P. da Silva (2001). Educação Infantil: pra que te quero?/organizado por Carmem Maria Craidy e GladisElise P. da Silva Kaercher.Porto Alegre: Artmed Editora.
- Kishimoto, Tizuco Morchida (1996). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez.
- Laevers, F. (2008). Entrevista Ferré Laevers. Cadernos de Educação de Infância. 16 - Disponível em: www.dgicd.min-edu.pt/data/dgicd/Revista.../doc.../entrevista_74.pdf.
- Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (1990). Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Langford, M. (2002). Fotografia Básica. Lisboa: Dinalivro.
- Leandro, Elisa (2003). Cadernos de Apoio à Prática Pedagógica. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Apoio à prática Pedagógica. Recuperado a 05-04-2014 de: https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/519/1/msc_jmplage.pdf.
- Leenhardt, p. (1997). O Jogo Dramático. A Criança e a Expressão Dramática. 4^a Edição, Lisboa: Rolo & Filhos – Artes Gráficas, Lda.
- Lima, E., Giroto, C. & Souza, R. (2012). Leitura e Literatura Infantil: Organização de Espaços, Acervos e Materiais na Escola. In Araújo. R., Oliveira, W.. Literatura Infantojuvenil: Diabruras, Imaginação e Deleite. Vila Velha: Opção Editora.
- Lopes, M. (2012). O Interpretante Emocional na Interação das Linguagens Visual e Verbal em Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque e Ziraldo. In Araújo. R., Oliveira, W.. Literatura Infantojuvenil: Diabruras, Imaginação e Deleite. Vila Velha: Opção Editora.
- Lopes, Vanessa Gomes (2006). Linguagem do Corpo e Movimento. Curitiba, PR: FAEL.
- Ludke Menga & André M., (1986). Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.
- Macedo, L. (2004). Ensaios pedagógicos: como construir uma escola para todos? Porto Alegre: Artmed Editora.
- Marchão, A. (2011). Investigação-ação. Compilar dados. A entrevista. Apresentação produzida para o Módulo de Investigação do Mestrado em Educação Pré-escolar, Escola Superior de Educação de Portalegre.

- Marconi, Maria de Andrade; Lakatos, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa. São Paulo:
- Marques, I., Moreira, M. & Vieira, F. (s.d.). A Investigação-Ação na Formação de Professores: Um Projeto de Supervisão do Estágio Integrado e um Percorso de Formação.
- Martins, A. (1998). Actividades dramáticas nos jardins de infância luso-chineses de Macau. Edição Fundação Macau & Direcção dos Serviços de Educação e Juventude. Macau: Colecção Estudos Orientais.
- Martins, M. A. & Niza, I. (1998). Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mata, L. (2006). Literacia familiar. Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita. Porto: Porto Editora.
- Mata, Lourdes. (2008). A descoberta da escrita: textos de apoio para educadores de infância. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Máximo-Esteves, L. (2008). Visão Panorâmica da Investigação-Acção. Porto. Porto Editora.
- Merriam, S. (1988). Case study research in education: A qualitative approach. S.
- Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2004). Organização Curricular e programas: 1º ciclo do Ensino Básico. Lisboa, 4ª edição.
- Ministério da Educação (2011). Leitura: Guião de Implementação do Programa. Lisboa.
- Ministério da Educação. (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré – Escolar. Lisboa: Departamento de Educação Básica Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar. Ministério da Educação.
- Morais, J. (1997). A arte de ler: Psicologia cognitiva da leitura. Lisboa: Edições Cosmos.
- Moreira, A. (2002). Crianças e Tecnologia, Tecnologia e Crianças. In Ponte, João Pedro (org). A formação para a Integração das TIC na Educação Pré-Escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico Porto: Porto Editora.
- Myers, Robert. (1990). Um tempo para a infância. Porto: UNESCO.
- Neto, C., & Marques, A. (2004). A mudança de competências motoras na criança moderna: A importância do jogo na actividade física. In J. Barreiros, M. Godinho, F. Melo, & C. Neto (Eds.), Desenvolvimento e aprendizagem: Perspectivas cruzadas. Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Niza, S. (1998). A Organização Social do Trabalho de Aprendizagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Inovação vol. 11, n.º1.
- Not, Louis (1991). Ensinar e fazer aprender. Edições ASA.
- Oliveira, M & Milhano, S. (2010). As Artes na Educação: Contextos de Aprendizagem promotores de Criatividade. 1ª Edição, Folheto Edições & Design. Leiria.
- Oliveira, Maria Marly de (2011). Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses. 5.ed. São Paulo: Elsevier.

- Oliveira-Formosinho, D. L. (2007). Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação. Porto: Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2004). O Envolvimento da Criança na Aprendizagem: Construindo o direito de Participação. Análise Psicológica.
- Pais, A. (2010). Fundamentos Didatológicos e Técnico-Didáticos de Desenho de Unidades Didáticas Para a Área de Língua Portuguesa. Castelo Branco: Repositório IPCB, disponível em http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1072/1/Artigo_UD.pdf
- Pais, A. (2012). Fundamentos didatológicos para a construção de unidades curriculares integradas. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa
- Pascal, C & Bertram T (2009). Manual DQP – Desenvolvendo a Qualidade em Parceria. Lisboa: Ministério da Educação.
- Pederiva, P.L.M & Tristão, R. M. (2006) Música e Cognição. Revista Ciências e Cognição; volume 09.
- Pereira, Mariana. (1992). Didáctica das ciências da natureza. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pinheiro, J. & Ramos, L. (1998). Métodos Pedagógicos. 3ª edição. Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- Ponte, J. P., Matos, J. F., Guimarães, H. M., Leal, L. C., & Canavarro, A. P. (1991). O processo de experimentação dos novos programas de Matemática: Um estudo de caso. Lisboa: IIE.
- Ponte, João Pedro da; Serrazina, Maria de Lurdes (2000): Didáctica da Matemática do 1º Ciclo. Universidade Aberta.
- Portugal, Gabriela & Santos, Paula (2003). Enabling and Empowering Early Intervention Professionals – a Reflective Practice based on Experiential Education. In Laevers, Ferre & Heylen, Ludo (eds). Involvement of children and teacher style, Insights from an International Study on Experiential Education. Bélgica: Leuven University Press.
- Read, H. c. (2005) A Expressão Dramática. In Reis, Expressão Corporal e Dramática. Lisboa: Produções Editoriais, Lda.
- Reis, L. (2005). Expressão Corporal e Dramática. Lisboa: Produções Editoriais, Lda.
- Rigolet, S. (2009). Ler Livros e Contar Histórias com as Crianças: Como Formar Leitores Ativos e Envolvidos. Porto: Porto Editora.
- Robalo, F. (2004). Do Projecto Curricular De Escola ao Projecto Curricular De Turma. Texto Editores.
- Santana, Inês (2005). Aprendizagem da Escrita. Revisão Cooperada do Texto. Porto: Porto Editora.
- Santos (2000). Educação pela Arte. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, E. M. (2000). Hábitos de leitura em crianças e adolescentes. Coimbra: Quarteto Editora.
- Selltiz, Claire (1987). Métodos de pesquisa nas relações sociais. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2ª edição. São Paulo: EPU.

- Simonsen, S. & Singer, H. (1992). Improving reading instruction in the content areas. Newark; Delaware: International Reading Association. Recuperado a 20-03-2015 de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2999/1/TESE.pdf>.
- Sim-Sim, Inês. & Viana, Fernanda. (2007). Para a Avaliação do Desempenho de Leitura. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC.
- Sousa, Alberto B. (2003). Educação Pela Arte e Artes na Educação, 1º Volume, Bases Psicopedagógicas. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, Alberto B. (2003). Educação Pela Arte e Artes na Educação, 2º Volume – Drama e Dança. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Sousa, Alberto B. (2003). Educação pela arte e artes na educação. 3º Volume. – Música e artes plásticas. Instituto Piaget. Horizontes pedagógicos.
- Sousa, Alberto B. (2005). Investigação em Educação. Livros Horizonte.
- Spodek, Bernard e Saracho, Olivia N (1998): Ensinando crianças de três a oito anos. Porto Alegre: ARTMED.
- Spradley, James P. (1980). Participant Observation. Orlando- Florida. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.
- Tuckman, Bruce (2000). Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vale, Isabel (2000). Didáctica da Matemática e Formação Inicial de Professores num Contexto de Resolução de Problemas e de Materiais Manipuláveis. Aveiro. Universidade de Aveiro.
- Varandas, V. (2010). Uma intervenção pedagógica na Educação Pré-Escola e no 1ºCiclo do Ensino Básico. Vila Real.
- Veloso, R. (2001). “Curtir Literatura Infantil no Jardim de Infância”. In Viana, F., Martins, M. &Coquet, E. (2002). Leitura, Literatura Infantil e Ilustração: Investigação e Prática Docente. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Vergara, S. C. (2006). Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas. Recuperado a 12-04-2015 de: http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ5.pdf
- Vygotsky, L. S. (1998). A Formação Social da Mente. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Weigel, Anna Maria Gonçalves (1988). Brincando de Música: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola. Porto Alegre: Kuarup.
- Zabalza, M. A. (1998). Didáctica da Educação Infantil (2ªed.). Rio Tinto: Edições Asa.
- Zabalza, Miguel (1998). Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zabalza, Miguel (2003): Didáctica da Educação Infantil. Lisboa: Edições Asa, vol. Horizontes da Didáctica.

Anexos

Anexo A
Fotografias do Jardim de Infância Quinta das Violetas de Castelo Branco



Figura 1 - Sala polivalente



Figura 2 - Ginásio



Figura 3 - Refeitório



Figura 4 - Instalações sanitárias



Figura 5 - Espaço exterior



Figura 6 - Recursos didáticos



Figura 7 - Placares



Figura 8 - Quadro dos aniversários



Figura 9 - Quadro das presenças



Figura 10 - Arrumação de materiais didático



Figura 11 - Cabides e Placar

Anexo B
Matriz da planificação semanal e diária da PSEPE



Planificação Semanal

Aluna estagiária:

Número de crianças:

Tema:

Faixa etária:

Data:

Educadora Cooperante: _____

Supervisora de Estágio: _____

Áreas	Conteúdos	Objetivos



Planificação Diária

Alunas estagiárias:

Data:

Educadora Cooperante: _____ Supervisora de Estágio: _____

Áreas	Conteúdos	Atividades	Recursos

Estratégia

Anexo C
Registos fotográficos da Planificação (19, 20, 21 e 22 de maio de 2014) realizada na PSEPE



Fotografia 1 - Leitura da história “Sem rumo pelo mundo, Catarina e o Urso”, de Christiane Pieper



Fotografia 2 - Exploração da passadeira e contagem do número de passos que cada criança dá a atravessar a passadeira



Fotografia 3 - Pintura dos semáforos com pincéis



Fotografia 4 - Pintura da passadeira com balões



Fotografia 5 - Jogos livres



Fotografia 6 - Reconto da história “Sem rumo pelo mundo, Catarina e o Urso”, de Christiane Pieper utilizando fantoches



Fotografia 7 - Visualização de vídeos sobre Segurança Rodoviária



Fotografia 8 - Contagem do número de palavras do título



Fotografia 9 - Colagem do título do quadro de regras de Segurança Rodoviária



Fotografia 10 - Colagem do título do quadro de regras de Segurança Rodoviária



Fotografia 11 - Ida à rua atravessar uma passadeira



Fotografia 12 - Ida à rua atravessar uma passadeira



Fotografia 13 - Exercício de relaxamento



Fotografia 14 - Jogo de cartões



Fotografia 15 - Jogo dramático sobre Segurança Rodoviária



Fotografia 16 - Jogo dramático sobre Segurança Rodoviária



Fotografia 17 - Canto da canção “Olha o Polícia”



Fotografia 18 - Jogo “à procura do tesouro”



Fotografia 19 - Jogo “à procura do tesouro”



Fotografia 20 - Jogo o baile dos semáforos



Fotografia 21 - Exercício de relaxamento “Os dorminhocos”



Fotografia 23 - Ida dos polícias ao jardim-de-infância

Anexo D
Registos fotográficos da Planificação (26, 27, 28 e 29 de maio de 2014) realizada
na PSEPE



Fotografia 1 - Leitura da história “A Sopa Verde”, de Chico



Fotografia 2 - Identificação, recorte e colagem dos ingredientes



Fotografia 3 - Imitação das caras que a personagem (porco) fazia



Fotografia 4 - Observação, exploração e contagem dos alimentos



Fotografia 5 - Exposição dos alimentos utilizados na confeção da sopa verde



Fotografia 6 - Leitura da história “Quiquiriqui”, de Marisa Núñez



Fotografia 7 - Confeção dos queques de cenoura



Fotografia 8 - Confeção dos queques de cenoura



Fotografia 9 - Piquenique



Fotografia 10 - Jogo “O gato e o pintainho”



Fotografia 11 - Ida à Biblioteca ouvir a história “Um presente diferente”, de Marta Azcon



Fotografia 12 - Realização de jogos no quadro interativo

Anexo E
Registos fotográficos da Planificação (11, 12 e 13 de junho de 2014) realizada na
PSEPE



Fotografia 1 - Brincadeiras livres



Fotografia 2 - Brincadeiras livres



**Fotografia 3 - Leitura da história
“Desculpa!”, de Norbert Landa**



**Fotografia 4 - Leitura da história
“Desculpa!”, de Norbert Landa, recorrendo
à Expressão Dramática**



Fotografia 5 - Jogo “Onde está o espelho?”



Fotografias 6 - Jogo “teia da amizade”



Fotografias 7 - Jogo do espelho



Fotografia 8 - Pintura por baixo da mesa



Fotografia 9 - Pintura por baixo da mesa



Fotografia 10 - Observar todos os desenhos como se estivéssemos a visitar uma exposição



Fotografia 11 - Exemplo de um dos desenhos



Fotografia 12 - Dança livre em grupos de dois



Fotografia 13 - Visita à Escola Superior de Educação de Castelo Branco (ESE) ao ateliê do barro



Fotografia 14 - Visita à ESE ao ateliê do barro



Fotografia 15 - Modelar o barro

Anexo F
1ª Semana (prática de grupo) na PSEPE – dias 17, 19 e 20 de março de 2014

Tema integrador – Dia do Pai			
Áreas de conteúdo	Conteúdos	Objetivos	
Área de formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none"> • Confiança e segurança básicas • Iniciativa própria, autoestima e estabilidade • Desenvolvimento e expressão de afetos • Sentido da responsabilidade • Comunicação e integração grupal • Assimilação de normas e valores sociais (respeito, cooperação e solidariedade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes • Desenvolver a iniciativa e a tomada de decisões em atividades usuais • Desenvolver uma estabilidade afetiva e uma autoestima adequadas • Desenvolver o sentido da responsabilidade • Tomar consciência dos outros e estabelecer com eles relações de comunicação e integração grupal • Desenvolver atitudes de respeito, colaboração, ajuda e cooperação • Assimilar as normas e valores culturais da própria comunidade 	
Área de expressão e comunicação	Domínio da Expressão Motora	<ul style="list-style-type: none"> • Jogos de Movimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Praticar jogos de movimento
	Domínio da Expressão Dramática	<ul style="list-style-type: none"> • Jogo Dramático • Fantoches 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a imaginação e a linguagem verbal • Desenvolver a noção espacial • Usar os fantoches como elementos facilitadores da expressão de sentimentos e desejos
	Domínio da Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura e estampagem <ul style="list-style-type: none"> * A cor e os materiais * A cor e a expressão * Desenvolvimento da criatividade • Técnicas da colagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver hábitos de limpeza, cuidado e ordem do material • Conhecer as possibilidades dos diversos materiais, utensílios e suportes das várias técnicas, assim como dos seus modos de utilização • Desenvolver a criatividade • Expressar-se plasticamente aplicando a técnica da colagem
	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral <ul style="list-style-type: none"> * Compreensão de mensagens orais * Enriquecimento de vocabulário • Sensibilização aos sons <ul style="list-style-type: none"> * Aprender a dar atenção e a escutar 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente • Recontar narrativas ouvidas • Alargar o vocabulário • Saber escutar

	<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar • Familiarização com o código escrito 	<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar o diálogo • Reconhecer algumas palavras escritas do seu quotidiano • Escrever o seu nome
Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Conjuntos <ul style="list-style-type: none"> * Classificação, seriação e ordem • Noção de número 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relações entre os elementos de um conjunto: classificação, seriação e ordem • Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares
Área de conhecimento do mundo	<ul style="list-style-type: none"> • A Família <ul style="list-style-type: none"> * Membros da família, relações de parentesco, funções dos membros da família e normas de convivência familiar 	<ul style="list-style-type: none"> • Situar-se socialmente numa família (relacionando graus de parentesco simples) • Valorizar a utilidade da família • Participar na vida familiar
<p>Rotinas diárias: Cantar a canção do bom dia; Eleger um rei ou rainha para atualizar a árvore do tempo; Marcar as presenças; Fazer a contagem, em voz alta, das crianças que já se encontram na sala</p>		
<p>Recursos: Folhas brancas A₄; Esponjas; Cartolinas; Cola; Tintas; Fio de norte; Lápis de cor; Projetor; Computador; Livro “Um milhão de beijinhos”, de Elsa Lé; Ficha de trabalho; Folha A₄ com corações e lábios; Caixa vazia; Fantoches; História “Rosa, a coelhinha curiosa”, de Julia Rawlinson; Fantocheiro; Farinha; Água; Corante alimentar; Folhas brancas A₃; Recipiente; Colher</p>		
<p><i>Atividades do dia 17 de março de 2014</i></p>		
<p>1.ª Atividade – Peça de teatro</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Dramatização de uma peça de teatro realizada pelas alunas estagiárias <ul style="list-style-type: none"> * Diálogo entre pai e filho * Observação, por parte das crianças, da prenda que o filho está a elaborar para dar ao pai * Contagem e ordenação dos materiais necessários para a elaboração da prenda 		
<p>2.ª Atividade – Reconto da peça de teatro</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ As crianças, em conjunto, têm de recontar oralmente a peça de teatro que acabaram de assistir ✓ Expressar que festividade é que se aproxima e o quão esta é importante para elas 		
<p>3.ª Atividade – Construção da prenda do dia do pai (calendário)</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Propor às crianças que elaborem um calendário idêntico ao que o rapaz da peça estava a elaborar ✓ Dividir as crianças em dois grupos <ul style="list-style-type: none"> * Um pequeno grupo realiza a técnica da estampagem, para decorar a base do calendário, numa mesa. As restantes crianças realizam jogos didáticos, em outra mesa. À medida que vão terminando a técnica da estampagem trocam com outras crianças que ainda não realizaram * Após a secagem da base do calendário colam-na numa folha de cartolina, para que fique mais resistente * Cada criança cola uma fotografia sua na base do calendário e colocam os meses do ano ao lado da fotografia com a ajuda das alunas estagiárias * Por fim, as crianças que já sabem escrever, escrevem o nome na base do calendário 		
<p><i>Atividades do dia 19 de março de 2014</i></p>		
<p>1.ª Atividade – Audição da história “Um milhão de beijinhos”, de Elsa Lé</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Antecipar, oralmente, o conteúdo da história através da observação da capa e contracapa do livro ✓ Projetar a história “Um milhão de beijinhos”, de Elsa Lé 		

<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reflexão, conjunta, sobre a história ✓ Reconto oral da história, por parte das crianças <p>2.ª Atividade – Decoração de caixas com corações e lábios</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar contornos de uma caixa vazia, de corações e lábios ✓ Questionar, as crianças, sobre o que pensam que vão fazer ✓ Pintar os corações e lábios e colá-los na caixa de forma a que esta fique decorada <p>3.ª Atividade – Continuação da construção da prenda do dia do pai (calendário)</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ As crianças que ainda não concluíram o calendário, para o dia do pai, ficam numa mesa a concluí-lo. As restantes podem brincar nos diversos cantinhos
<i>Atividades do dia 20 de março de 2014</i>
<p>1.ª Atividade – Peça de fantoches adaptada do livro “Rosa, a coelhinha curiosa”, de Júlia Rawlinson</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Explicar às crianças que vão até à sala seis assistir a uma peça de fantoches ✓ Levar as crianças para a sala seis ✓ Dramatização da peça de fantoches adaptada do livro “Rosa, a coelhinha curiosa”, de Júlia Rawlinson, por parte das alunas estagiárias da sala um e três, na sala seis ✓ Refletir em conjunto sobre a peça de fantoches <p>2.ª Atividade – Vamos fazer digitinta</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Mostrar às crianças a digitinta e perguntar-lhes se sabem o que é e o que vão fazer ✓ Explicar que nesta atividade só pode ser feita por quatro crianças de cada vez e as restantes realizam brincadeiras livres <ul style="list-style-type: none"> * Dividir as crianças em grupos de quatro * Selecionar aleatoriamente o primeiro grupo e prepará-lo para poder iniciar a atividade

Reflexão semanal

Na primeira semana de implementação a educadora cooperante, desde logo, esteve disposta a ajudar-nos e colocou-nos muito à vontade dizendo-nos para agirmos “como se o grupo fosse nosso”.

Antes de começarmos a manhã estávamos um pouco receosas do comportamento do grupo, visto ser um grupo grande e um pouco agitado. Tivemos alguma dificuldade em controlá-los na marcação das presenças, pois estavam muito barulhentos e sentíamos que estavam a testar-nos para verem até onde podiam ir.

As atividades deste dia correram bem. Na peça de teatro o grupo esteve atento, interagiu bastante. Na reflexão sobre a peça mostraram que perceberam qual o tema desta. Ao longo da atividade de estampagem com folhas as crianças foram autónomas e mostraram-se empenhadas.

No segundo dia de implementação já íamos um pouco mais calmas. As atividades deste dia sofreram algumas alterações devido ao pouco tempo que tínhamos para terminar a prenda do dia do pai. A educadora propôs ser ela a contar a história, assim, desta forma, podíamos adiantar a prenda do dia do pai.

No terceiro dia de implementação, as crianças estavam muito agitadas logo pela manhã. Sentimos, mais uma vez, alguma dificuldade em controlar o grupo na marcação das presenças.

Durante este dia a atividade que correu melhor foi a peça de fantoches em junção com outra sala, pois as crianças estavam muito atentas e interessadas naquilo que os fantoches tinham para lhes dizer e puderam debater as ideias, partilhando, assim, opiniões e saberes

com outros colegas da instituição. Esta atividade suscitou-nos interesse e motivação, pois desta forma estivemos em contacto com outras crianças que não conhecíamos tão bem. Além disso, pudemos trabalhar em grupo com outras colegas, o que foi muito positivo, pois consideramos que estes trabalhos em equipa são fundamentais para o nosso crescimento enquanto futuras educadoras.

Nesta semana de implementação, além dos quatro dias, fomos também à instituição na sexta-feira, por vontade própria, pois era o dia da árvore e iam realizar duas atividades interessantes, motivadoras e diferentes que gostaríamos de observar. Estas atividades tinham sido elaboradas e planeadas por um encarregado de educação. Tinham como intuito que as crianças aprendessem algo sobre a preservação do ambiente e como cuidar de uma árvore.

Fazendo o balanço da primeira semana, achámos que esta foi positiva, pois apesar de algumas atividades terem sido alteradas conseguimos dar a volta à situação. Achamos, também, que foi essencial esta primeira semana ter sido de grupo, porque assim apoiávamo-nos uma à outra e sentíamos-nos mais confiantes.

Outro aspeto fundamental foi o facto de a educadora estar sempre disposta a ajudar-nos naquilo que precisávamos, quer fosse na organização do processo de ensino/aprendizagem, quer fosse na preparação dos materiais ou até no controlo da turma, o que para nós foi fundamental.

Anexo G
2ª Semana (prática individual) na PSEPE – dias 1, 2 e 3 de abril de 2014

Tema integrador – A Primavera			
Áreas de conteúdo	Conteúdos	Objetivos	
Área de formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none"> • Confiança e segurança básicas • Iniciativa própria, autoestima e estabilidade • Desenvolvimento e expressão de afetos • Sentido da responsabilidade • Comunicação e integração grupal • Assimilação de normas e valores sociais (respeito, cooperação e solidariedade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes • Desenvolver a iniciativa e a tomada de decisões em atividades usuais • Desenvolver uma estabilidade afetiva e uma autoestima adequadas • Desenvolver o sentido da responsabilidade • Tomar consciência dos outros e estabelecer com eles relações de comunicação e integração grupal • Desenvolver atitudes de respeito, colaboração, ajuda e cooperação • Assimilar as normas e valores culturais da própria comunidade 	
Área de expressão e comunicação	Domínio da Expressão Motora	<ul style="list-style-type: none"> • Esquema corporal * Controle motor-dinâmico 	<ul style="list-style-type: none"> • Controlar as diferentes formas de deslocamentos, coordenando os diversos movimentos implicados
	Domínio da Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura e estampagem * A cor e os materiais * A cor e a expressão * Desenvolvimento da criatividade • Técnicas da colagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver hábitos de limpeza, cuidado e ordem do material • Conhecer as possibilidades dos diversos materiais, utensílios e suportes das várias técnicas, assim como dos seus modos de utilização • Desenvolver a criatividade • Expressar-se plasticamente aplicando a técnica da colagem
	Domínio da Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Ritmo * Ritmo em canções e melodias • Desenvolvimento da sensibilidade estética 	<ul style="list-style-type: none"> • Ajustar ao ritmo de canções e melodias, tanto individualmente como em grupo • Escutar com gosto e interesse música ao vivo
	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral * Compreensão de mensagens orais * Enriquecimento de vocabulário • Sensibilização aos sons * Aprender a dar atenção e a escutar 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente • Recontar narrativas ouvidas • Alargar o vocabulário • Saber escutar

	<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar • Familiarização com o código escrito 	<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar o diálogo • Escrever o seu nome
Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Conjuntos <ul style="list-style-type: none"> * Classificação, seriação e ordem • Noção de número 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relações entre os elementos de um conjunto: classificação, seriação e ordem • Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares
Área de conhecimento do mundo	<ul style="list-style-type: none"> • As Plantas <ul style="list-style-type: none"> * Necessidades e cuidados 	<ul style="list-style-type: none"> • Observar e explorar o meio ambiente
Rotinas diárias: Cantar a canção do bom dia; Eleger um rei ou rainha para atualizar a árvore do tempo; Marcar as presenças; Fazer a contagem, em voz alta, das crianças que já se encontram na sala		
Recursos: Imagens e livro “A flor Rosalina”, de Anabela Batista; Papel Crepe; Flores e borboletas de cartão; Cola; Tesouras; Picos; Esponjas; Fio de pesca; Lápis de cor; Vasos; Amores-perfeitos; Composto orgânico; Terra; Plástico-bolha; Guaches; Pincéis; Cola branca; Canetas de feltro; Botões; Canção “A Primavera chegou”; Computador; Plástico; Fita-cola grossa; Jogo Matemático		
Atividades do dia 1 de abril de 2014		
1.ª Atividade – Leitura da história “A flor Rosalina”, de Anabela Batista		
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar a capa e contracapa do livro “A flor Rosalina”, de Anabela Batista e em conjunto antecipar do que fala a história, através das ilustrações ✓ Leitura expressiva, por parte da aluna estagiária, da história “A flor Rosalina” de Anabela Batista, mostrando as ilustrações ✓ Exploração e reflexão da história através do diálogo 		
2.ª Atividade – Vamos decorar a árvore do tempo com flores		
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Questionar as crianças sobre em que época do ano nos encontramos ✓ Perguntar que elementos da natureza nos fazem lembrar a primavera ✓ Mostrar dois moldes de flores e explicar o que se vai fazer em cada <ul style="list-style-type: none"> * A primeira flor já se encontra recortada. Assim sendo, têm de preencher com papel crepe * A segunda flor ainda não está recortada. Desta forma, as crianças de cinco e seis anos * Selecionar aleatoriamente o primeiro grupo e prepará-lo para poder iniciar a atividade cortam-na e as de três e quatro picotam-na. De seguida, estampam as pétalas da flor com as suas impressões digitais, utilizando guaches, e preenchem o centro com bolinhas de papel crepe amachucado. * Por fim, as crianças que estão a começar a aprender a escrever o nome e aquelas que já sabem escrevem nome nas suas flores 		
Atividades do dia 2 de abril de 2014		
1.ª Atividade – Vamos ordenar e recontar a história “A flor Rosalina”, de Anabela Batista		
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar as ilustrações da história “A flor Rosalina”, de Anabela Batista que não se encontram por ordem ✓ Sugerir que em conjunto ordenem corretamente as ilustrações <ul style="list-style-type: none"> * À medida que as crianças vão ordenando as ilustrações estas são fixadas no placar, para que todas as crianças as possam ver e desta forma lembrarem a história, recontando-a 		
2.ª Atividade – Vamos plantar amores-perfeitos em vasos		
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Questionar as crianças sobre qual a flor preferida da flor Rosalina ✓ Mostrar e observar amores-perfeitos 		

- ✓ Propor a plantação desses amores-perfeitos e observar o que é necessário para se proceder à plantação (vaso, composto orgânico, terra e amores-perfeitos)
 - * Cada criança, de cada vez, coloca um pouco de substrato e terra no vaso
 - * Plantar os amores-perfeitos
 - * Decidir, em conjunto, o local onde se colocam os amores-perfeitos

3.ª Atividade – Vamos estampar borboletas

- ✓ Mostrar um plástico-bolha e perguntar às crianças o que pensam que vão fazer com aquele material
- ✓ Explicar a atividade que vão realizar
 - * Colocar o plástico-bolha na mesa
 - * Pintá-lo com um pincel, escolhendo uma das cores disponíveis
 - * Colocar a borboleta previamente recortada por cima do plástico-bolha
 - * Retirar a borboleta e deixar secar
 - * Colar olhos e desenhar o nariz e boca

Atividades do dia 3 de abril de 2014

1.ª Atividade – Audição da canção “A primavera chegou”

- ✓ Aprender a canção “A primavera chegou”
 - * Ler a letra da canção pausada e expressivamente uma vez
 - * Ler verso a verso, tendo as crianças que repetir, para que comecem a interiorizar. À medida que se repete verso a aluna estagiária faz gestos e as crianças imitam
 - * Interiorizada a canção, ouve-se a música
 - * Por fim, ouve-se a canção, canta-se e executam-se os gestos
- ✓ Diálogo sobre o tema da canção

2.ª Atividade – Jogo matemático

- ✓ Mostrar um quadro, em cartolina, com a representação numérica de um a seis e uma caixa com vários conjuntos de animais
- ✓ Questionar as crianças sobre o que pensam ser estes materiais
- ✓ Explicar que o que se pretende com este jogo é associar a quantidade à representação numérica
- ✓ Fixar o jogo no placar da sala
- ✓ Espalhar as diversas imagens dos animais na mesa, para que fiquem visíveis a todas as crianças
- ✓ Em conjunto, fazer as respetivas associações, ou seja, colocar os animais do mesmo conjunto no sítio correto. Por exemplo, há seis imagens de borboletas, logo colam-se na representação numérica seis
- ✓ Fixa-se o jogo no placar da sala, depois espalham-se as diversas imagens dos animais na mesa, para que todas as crianças possam ver, e em conjunto fazem as respetivas associações, colocando os animais do mesmo conjunto no sítio correto.

3.ª Atividade – Explosão de cores

- ✓ Explicar a atividade que vão realizar
 - * Dizer que esta vai ser realizada no ginásio. Quando lá chegarem vão encontrar um plástico, de grande dimensão, no chão
- ✓ No ginásio, as crianças observam o plástico e dão sugestões sobre o que poderão vir a fazer
- ✓ Mostrar tintas de várias cores e pedir que estejam atentos ao que se vai passar
 - * Deixar cair generosamente salpicos de diversas tintas no plástico
 - * Dobrar o plástico ao meio e selá-lo com fita-cola grossa
- ✓ Sugerir que observem bem as cores que estão presentes no plástico
- ✓ Explorar o plástico com as mãos e observar o que acontece
 - * Após cada criança, de cada vez, ter explorado o plástico observar o que aconteceu às cores
 - * Retirar conclusões, pois as cores vão-se misturar, dando origem a novas cores

- ✓ Todas as crianças vão para cima do plástico, explorando-o com todo o corpo
- * Retirar, novamente, conclusões

Reflexão semanal

Iniciei a primeira manhã individual realizando as atividades de rotina, bem como os outros dois dias seguintes, visto serem fundamentais no desenvolvimento da criança, pois seguindo a linha de pensamento de Miguel Zabalza (2003: 170)

“a rotina (...) desempenha um papel facilitador na captação do tempo e dos processos temporais (...) é uma importante aprendizagem para enfrentar a realidade diária: a criança aprende a existência de fases, o nome dessas fases e o seu encadeamento sequencial (...) [e ainda, estas] (...) rotinas exercem o importante papel de lhes dar segurança (...). Uma vez que sabem fazer estas rotinas diárias, sentem-se muito mais donos do seu tempo e mais seguros, pois sabem que sabem fazer”

Decidi começar pela leitura de uma história, visto que “ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolverem padrões sofisticados de linguagem e as motiva a experimentarem com a sua própria linguagem oral” Nelson, citado por Spodek Saracho (1998: 245). Coloquei a voz num tom mais elevado e pedi às crianças que fizessem alguns gestos para serem mais participativas.

Ao longo da atividade das flores observei que as crianças mais pequenas já tinham destreza na técnica da picotagem, no entanto algumas mais crescidas tinham dificuldade em cortar. É de salientar que todas as crianças conseguiram realizar positivamente a técnica do amachucamento. A atividade de cobrir o cartão com papel crepe foi um pouco complicada, pois estavam com algumas dificuldades. Assim sendo, foi necessário um acompanhamento mais individualizado. Com esta, também, pude observar o nível de entreatajuda entre as crianças, pois aquelas que tiveram mais facilidade em realizar a atividade ajudaram as outras e explicavam-lhes o que tinham de fazer.

Na segunda manhã optei por pedir às crianças que ordenassem e recontassem simultaneamente a história ouvida no dia anterior através de um conjunto de imagens, pois considero que as “imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler”. (Ministério da Educação, 1997: 70). Através desta atividade tive a perceção que as crianças conseguiram extrair as partes essenciais da história.

No terceiro, e último, dia as atividades que suscitaram mais interesse por parte das crianças foi a realização do jogo matemático, no qual conseguiram associar a quantidade de animais ao número correspondente, concluíram ainda que havia uma ligação com as cores, visto que cada animal era da cor da representação numérica, e a explosão de cores, pois desfrutaram novas sensações táteis e chegaram à conclusão de que à medida que as cores das diversas tintas se misturavam formavam novas cores.

O que me deixou satisfeita com a atividade da explosão de cores, foi o facto de este trabalho ter sido utilizado pela professora de ensino especial. Perguntou-me se podia utilizá-lo para uma atividade que ia fazer com a criança com necessidades educativas especiais da sala quatro, ao que respondi afirmativamente.

Ao longo da semana o grupo realizou brincadeiras livres, pois considero-as de extrema importância para o desenvolvimento da criança, visto que esta “tem possibilidade de

expressar as suas capacidades corporais. Brinca normalmente com os seus companheiros e é o próprio grupo que inventa as suas brincadeiras, o que leva à descoberta das suas próprias capacidades de agilidade, destreza e domínio”. (Leandro, 2003: 6).

Anexo H
3ª Semana (prática individual) na PSEPE – dias 28, 29 e 30 de abril de 2014

Tema integrador – Dia da mãe			
Áreas de conteúdo	Conteúdos	Objetivos	
Área de formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none"> • Confiança e segurança básicas • Iniciativa própria, autoestima e estabilidade • Desenvolvimento e expressão de afetos • Sentido da responsabilidade • Comunicação e integração grupal • Assimilação de normas e valores sociais (respeito, cooperação e solidariedade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes • Desenvolver a iniciativa e a tomada de decisões em atividades usuais • Desenvolver uma estabilidade afetiva e uma autoestima adequadas • Desenvolver o sentido da responsabilidade • Tomar consciência dos outros e estabelecer com eles relações de comunicação e integração grupal • Desenvolver atitudes de respeito, colaboração, ajuda e cooperação • Assimilar as normas e valores culturais da própria comunidade 	
Área de expressão e comunicação	Domínio da Expressão Motora	<ul style="list-style-type: none"> • Esquema corporal * Controle motor-dinâmico 	<ul style="list-style-type: none"> • Controlar as diferentes formas de deslocamentos, coordenando os diversos movimentos implicados
	Domínio da Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Desenho * Controle do traço – a linha * Exteriorização espontânea de imagens que interiormente constrói • Pintura e estampagem * A cor e os materiais * A cor e a expressão * Desenvolvimento da criatividade • Colagem * Técnicas da colagem • Construções * Experimentação no espaço tridimensional 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver um progressivo controle perceptivo-motor do traço e do espaço gráfico • Desenvolver a expressão gráfica figurativa de situações vividas • Desenvolver hábitos de limpeza, cuidado e ordem do material • Conhecer as características e possibilidades dos diversos materiais, utensílios e suportes das várias técnicas, assim como dos seus modos de utilização • Desenvolver a criatividade • Expressar-se plasticamente aplicando a técnica da colagem • Experimentar e expressar-se plasticamente no espaço tridimensional

	Domínio da Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Dança como forma de ritmo produzido pelo corpo 	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptar os movimentos corporais a ritmos pré-estabelecidos
	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral <ul style="list-style-type: none"> * Compreensão de mensagens orais • Enriquecimento de vocabulário • Sensibilização aos sons <ul style="list-style-type: none"> * Aprender a dar atenção e a escutar • Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar • Discriminação visual organização espaço-temporal • Familiarização com o código escrito 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente • Recontar narrativas ouvidas • Alargar o vocabulário • Saber escutar • Fomentar o diálogo • Desenvolver a discriminação visual de formas, tamanhos e cores • Valorizar e incentivar as tentativas de escrita
	Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Noção de número 	<ul style="list-style-type: none"> • Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares
	Área de conhecimento do mundo	<ul style="list-style-type: none"> • A Família <ul style="list-style-type: none"> * Membros da família, relações de parentesco e funções dos membros da família, principalmente as da mãe 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a família como uma das formas habituais de organização da vida humana • Valorizar a utilidade da família/Participar na vida familiar • Conhecer normas e modos de comportamento social da família, principalmente os da mãe
Rotinas diárias: Cantar a canção do bom dia; Eleger um rei ou rainha para atualizar a árvore do tempo; Marcar as presenças; Fazer a contagem, em voz alta, das crianças que já se encontram na sala			
Recursos: Livro “A minha mãe”, de Anthony Browne; Cartolinas; Lápis de cor; Folhas brancas A ₄ e A ₃ ; Flores; Tintas; Picos; Esponjas; Cola batom; Cartolina; Computador; Música “I Am A Gummy Bear”, de Just Dance Kids; Quadra “Mãe”, de Heloísa Cid, Corante Alimentar; Bolas de sabão			
Atividades do dia 28 de abril de 2014			
1.ª Atividade – Audição da história “A minha mãe”, de Anthony Browne			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dirigir-nos à sala seis e sentar em cadeiras ✓ Projetar a história “A minha mãe”, de Anthony Browne ✓ Observar a capa livro “A minha mãe” de Anthony Browne e, em conjunto, antecipar do que fala a história, através das ilustrações ✓ Leitura expressiva, por parte da aluna estagiária ✓ Exploração e reflexão da história através do diálogo 			
2.ª Atividade – Postal do dia da mãe			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dialogar sobre a importância do dia da mãe ✓ Propor às crianças que elaborem um postal par oferecer à mãe ✓ Mostrar o molde do postal e explicar os passos a seguir para o elaborarem ✓ Dividir as crianças em dois grupos 			

- * Seis crianças, de cada vez, dirigem-se a uma mesa, previamente preparada, e fazem estampagem numa folha A₄ branca com flores, ou seja, colocam a flor numa tinta à escolha e depois estampam-na na folha, este processo repete-se as vezes que a criança quiser
- * As restantes crianças fazem o seu retrato e o da sua mãe na base do postal que é de cartolina
- * À medida que terminem estas duas fases do postal vão delimitar as suas mãos, numa cartolina, com a nossa ajuda
- * Por fim, as crianças que já sabem escrever, escrevem o nome no postal

Atividades do dia 29 de abril de 2014

1.ª Atividade – Reconto da história “A minha mãe”, de Anthony Browne

- ✓ As crianças, em conjunto, têm de recontar oralmente a história ouvida no dia anterior
- ✓ Escolher uma das características presentes na história que consideram que a sua mãe tem e justificar a escolha

2.ª Atividade – Continuação do postal do dia da mãe

- ✓ Observar e ouvir a dedicatória que se encontra escrita no início do postal
- ✓ Picotar a delimitação das mãos, realizada no dia anterior
- ✓ Colar no postal

3.ª Atividade – Dançar ao som da música “I Am A Gummy Bear”, de Just Dance Kids 2

- ✓ Dialogar sobre o dia mundial da dança e se gostam de dançar
- ✓ Informar que vão aprender uma coreografia de zumba no ginásio
 - * Dirigimo-nos para o ginásio e as crianças formam meia-lua
 - * Escutam a canção uma vez
 - * Aprendem passo a passo, repetindo-os as vezes que forem necessárias ao som da música
 - * No fim de memorizados todos os passos dançam a coreografia completa

Atividades do dia 30 de abril de 2014

1.ª Atividade – Memorização da quadra “Mãe”, de Heloísa Cid

- ✓ Propor às crianças que aprendam uma quadra bonita para depois dizerem às mães
- ✓ Audição da quadra
 - * Diálogo sobre o significado da quadra
- ✓ Ler cada verso pausadamente e as crianças repetem
 - * Repetir cada verso até que a quadra seja memorizada

2.ª Atividade – Jogo “Mãe tirana”

- ✓ Informar que vamos realizar um jogo no ginásio
- ✓ Explicar as regras do jogo
 - * Uma criança faz de mãe e vira-se de costas, todas as outras são os filhos e podem dançar livremente, ao som de uma música. Tudo é permitido até a mãe tirana se volte. Nesse momento têm de ficar imóveis e permanecer nas posições que se encontram até que a mãe se volte novamente. Caso alguma das crianças não se consiga manter imóvel vai ocupar a posição de mãe tirana
- ✓ Dirigimo-nos para o ginásio
- ✓ Selecionar uma criança para ser a mãe tirada
- ✓ Delimitar o espaço que a mãe e os filhos podem ocupar
- ✓ Iniciar o jogo

3.ª Atividade – Pintura com bolas de sabão

- ✓ Mostrar uma pintura (exemplar do que vão fazer) e perguntar que técnica pensam que foi utilizada

- ✓ Explicar o procedimento
 - * As bolas de sabão estão tingidas com corantes alimentares de diversas cores
 - * Escolher as cores que pretendem utilizar
 - * Soprar a bola de sabão na direção da folha branca A₄ que se encontra na mesa, para que a bola rebente e tinja a folha
- ✓ Dizer que a atividade vai ser realizada na rua
- ✓ Selecionar quatro crianças, aleatoriamente, para realizarem a atividade. As restantes crianças brincam livremente no parque. À medida que vão terminando trocam

Reflexão semanal

Na segunda semana individual optei por começar a abordar o tema do dia da mãe com a leitura de uma história, pois considero fundamental que as crianças gostem de ouvir ler para que mais tarde sejam leitores ativos. Segundo Mata (2006: 56), no que diz respeito às concepções sobre o ato de ler

“constatou-se que as crianças se começam a aperceber de um conjunto de comportamentos e procedimentos (olhar o livro, ou texto, apontar o texto, entoação, acompanhar o texto com uma emissão oral, etc.) que começam a associar aos comportamentos de um leitor. Deste modo, e porque a emergência destes comportamentos é muito importante, devemos ler-lhes, servir de modelos, dar-lhes espaço para tentarem imitar, tentarem ler, mesmo sem o saberem, proporcionar ocasiões para que experimentem estratégias e se sintam como verdadeiros leitores”.

A realização de um postal para oferecer às mães foi uma atividade sugerida pelas educadoras da instituição, no entanto cada sala escolhia o modelo. Ao longo deste trabalho o grupo foi bastante organizado. Observei que as crianças estavam muito entusiasmadas no delimitar as mãos, pois adoraram comparar os tamanhos das suas mãos com as dos colegas, percebendo, assim, que todos são diferentes.

No segundo dia decidi fazer o reconto de forma diferente daquela que planifiquei, pois encontrei um vídeo na internet (<https://www.youtube.com/watch?v=RKI43aHXh7g>) que mostrava as ilustrações da história. Então, inicialmente, pedi para se lembrarem como era a mãe e todos conseguiram dizer os adjetivos que a caracterizavam à medida que observavam as imagens. Considero que as novas tecnologias são um meio importante para que as crianças façam novas aprendizagens. Segundo Moreira (2002: 12), quando aplicadas de modo apropriado, as tecnologias podem desenvolver as capacidades cognitivas e sociais, devendo ser utilizadas como uma de muitas outras opções de apoio à aprendizagem.

Durante a picotagem das mãos delimitadas no dia anterior observei que as crianças se distraíram muito, pois estavam sempre a comparar as mãos uns com os outros e não é das atividades que mais gostam de realizar. Como esta atividade demorou mais do que aquilo que tinha pensado já não deu para realizar a dança para comemorarmos o dia mundial da dança.

No terceiro dia como ia utilizar um *tablet* para ouvirmos música ao longo do jogo “mãe tirana” decidi perguntar às crianças se sabiam o que era e se já tinham mexido em algum. Algumas crianças responderam que já conheciam, mas outras não. Então optei por deixá-las experimentar. As crianças ao longo do jogo mostraram-se bastante motivadas e empenhadas. Penso que este tipo de atividades são fundamentais para o desenvolvimento das crianças, visto que aos poucos vão tomando consciência de si e ao utilizarem o corpo vão apercebendo-se das suas potencialidades e limites. Para além disso, os momentos de Expressão Motora

também promovem a interação com os outros. Portanto, segundo Gallahue (2002: 51) no pré-escolar

“As crianças estão envolvidas no processo de desenvolver e aperfeiçoar as competências motoras fundamentais numa ampla variedade de movimentos de estabilização, locomoção e manipulação. Como tal, precisam de se envolver numa série de experiências de movimento, coordenadas e adequadas ao seu desenvolvimento, destinadas a enriquecer estas capacidades motoras básicas.”

Ao longo da atividade das bolas de sabão as crianças mostraram-se muito entusiasmadas e satisfeitas, pois adoravam ver as bolas de sabão com cor a caírem na folha e ficarem lá marcadas e concluíram que à medida que as bolas caíam nas folhas as diversas cores juntas formaram novas cores.

Considero que a semana correu bem, as crianças estiveram sempre empenhadas no decorrer das atividades. Apesar de nem tudo ter corrido como planificado considero que consegui solucionar essas questões e tive sempre o apoio da educadora e do par pedagógico.

Anexo I
7ª Semana (prática de grupo) na PSEPE – dias 16, 17, 18 e 19 de junho de 2014

Tema integrador – Contos Tradicionais e Santos Populares			
Áreas de conteúdo	Conteúdos	Objetivos	
Área de formação pessoal e social	<ul style="list-style-type: none"> • Confiança e segurança básicas • Iniciativa própria, autoestima e estabilidade • Desenvolvimento e expressão de afetos • Sentido da responsabilidade • Comunicação e integração grupal • Assimilação de normas e valores sociais (respeito, cooperação e solidariedade) 	<ul style="list-style-type: none"> • Promover atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes • Desenvolver a iniciativa e a tomada de decisões em atividades usuais • Desenvolver uma estabilidade afetiva e uma autoestima adequadas • Desenvolver o sentido da responsabilidade • Tomar consciência dos outros e estabelecer com eles relações de comunicação e integração grupal • Desenvolver atitudes de respeito, colaboração, ajuda e cooperação • Assimilar as normas e valores culturais da própria comunidade 	
Área de expressão e comunicação	Domínio da Expressão Motora	<ul style="list-style-type: none"> • Jogos de movimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Praticar jogos de movimento cumprindo as suas regras
	Domínio da Expressão Dramática	<ul style="list-style-type: none"> • Jogo simbólico 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a imaginação e a linguagem verbal e não-verbal • Interpretar e produzir como corpo situações imaginárias e reais
	Domínio da Expressão Plástica	<ul style="list-style-type: none"> • Pintura <ul style="list-style-type: none"> * A cor e os materiais * A cor e a expressão * Desenvolvimento da criatividade • Colagem <ul style="list-style-type: none"> * Técnicas da colagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver hábitos de limpeza, cuidado e ordem do material • Conhecer as características e possibilidades dos diversos materiais, utensílios e suportes das várias técnicas, assim como dos seus modos de utilização • Desenvolver a criatividade • Explorar, descobrir e utilizar diferentes materiais • Exprimir-se plasticamente aplicando a técnica da colagem
	Domínio da Expressão Musical	<ul style="list-style-type: none"> • Dança como forma de ritmo produzido pelo corpo • Ritmo <ul style="list-style-type: none"> * Ritmo em canções e melodias 	<ul style="list-style-type: none"> • Adaptar os movimentos corporais a ritmos pré-estabelecidos • Ajustar ao ritmo de canções e melodias, tanto individualmente como em grupo

		<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento da sensibilidade estética 	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar com gosto e interesse música ao vivo
	Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão Oral * Compreensão de mensagens orais * Enriquecimento de vocabulário • Sensibilização aos sons * Aprender a dar atenção e a escutar • Fomentar o diálogo e o interesse em comunicar 	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer perguntas e responder demonstrando que compreendeu a informação transmitida oralmente • Recontar narrativas ouvidas • Alargar o vocabulário • Saber escutar • Fomentar o diálogo
	Domínio da Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Noção de número 	<ul style="list-style-type: none"> • Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares
	Área de conhecimento do mundo	<ul style="list-style-type: none"> • Festividades * Santos populares 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer algumas tradições dos Santos populares
Rotinas diárias: Cantar a canção do bom dia; Eleger um rei ou rainha para atualizar a árvore do tempo; Marcar as presenças; Fazer a contagem, em voz alta, das crianças que já se encontram na sala			
Recursos: Livro “A Carochinha e o João Ratão”, de Luísa Ducla Soares; Máscaras das personagens da história “A Carochinha e o João Ratão”, de Luísa Ducla Soares; Computador; Música “São João Bonito”, de Lenita Gentil; Letra da canção “São João Bonito”, de Lenita Gentil; Jornal; Papel crepe; Cola; Elástico; Ganchos; Computador; Vassoura; Máscara de rato; Cauda de rato; Calçado das crianças; Vaso de plástico; Jornais; Tinta verde; Pincéis; Sardinhas em cartão; Papel de alumínio; Balões; Tubos de plástico; Corda; Balões; Rebuçados; Pau de vassoura; Vassoura; Música “Espantalho trapalhão”, de Xana Toc Toc			
<i>Atividades do dia 16 de junho de 2014</i>			
1.ª Atividade – Brincadeiras livres			
✓ Brincar livremente nos cantinhos e em jogos didáticos			
2.ª Atividade – Peça de teatro da história “A Carochinha e o João Ratão”, de Luísa Ducla Soares			
✓ Assistir, no refeitório, à peça de teatro “A Carochinha e o João Ratão”			
* Formar meia-lua sentados			
* Observar o cenário e as personagens			
* Ouvir a peça de teatro			
✓ Explorar a história, colocando algumas questões			
3.ª Atividade – Vamos ouvir a canção “São João Bonito”, de Lenita Gentil			
✓ Propor fazer uma marcha			
✓ Escutar a canção “São João Bonito”			
✓ Ler, em voz alta e pausadamente, a letra da canção			
✓ Falar sobre o tema da canção			
✓ Repetir o refrão, de forma a interiorizá-lo			
✓ Escutar a canção do princípio ao fim			
✓ Cantar o refrão, em conjunto			

4.ª Atividade – Vamos fazer flores e papillons

- ✓ Propor fazer flores e papillons para utilizarem na marcha
- ✓ Dividir o grupo em dois (um de meninas e outro de meninos)
 - * As meninas escolhem a cor da flor
 - * Recortam o papel crepe em forma de flor
 - * Experimentam colocar no cabelo com um gancho
 - * Os meninos pegam numa folha de papel de jornal e dão um laço ao meio
 - * Pedem para furar o papel de jornal
 - * Colocam um elástico
 - * Experimentam colocar ao pescoço

Atividades do dia 17 de junho de 2014

1.ª Atividade – Vamos dançar ao som da música “São João Bonito”, de Lenita Gentil

- ✓ Perguntar se querem escolher em conjunto a coreografia da música “São João Bonito”
- ✓ Ida para o ginásio
- ✓ Ouvir a música
 - * Dançar livremente
 - * Definir as posições ao longo da marcha
 - * Escolher, em conjunto, os passos para a coreografia
- ✓ Ensaiar a coreografia estipulada

2.ª Atividade – Jogo “A vassoura”

- ✓ Formar uma roda, sentados no chão, no ginásio
- ✓ Propor jogar ao jogo “a vassoura”
- ✓ Explicar as regras do jogo
 - * Pegar na vassoura e usá-lo como se fosse outro objeto (por exemplo: uma cana de pesca)
 - * Passar a vassoura para o colega do lado e este inventar uma nova forma de a usar e assim sucessivamente
- ✓ Jogar o jogo

3.ª Atividade – Jogo “Apanhar a cauda”

- ✓ Propor jogar ao jogo “apanhar a cauda”
- ✓ Explicar as regras do jogo
 - * As crianças, dispostas em colunas, agarram-se com as mãos ao bibe do colega da frente
 - * O primeiro elemento da fila é a cabeça de rato e o último, com uma cauda presa às calças, é a cauda do animal
 - * O jogo começa com o primeiro, a cabeça, a tentar apanhar o último, a cauda. A cauda tem de tentar fugir
 - * Durante o jogo as crianças que formam o corpo do rato não se podem largar
 - * Quando a cabeça de rato apanhar a cauda, a criança da frente passa para o último lugar da fila, tomando a posição de cauda
 - * Todos devem experimentar as duas posições
- ✓ Jogar o jogo

4.ª Atividade – Jogo “Lá vai o calçado”

- ✓ Propor jogar ao jogo “lá vai o calçado”
- ✓ Formar uma roda, sentados no chão, com as pernas à chinês e com um pé descalço
- ✓ Explicar as regras do jogo
 - * Cada criança fica com o seu calçado na mão
 - * Cantar o refrão da canção “São João Bonito” de Lenita Gentil. Quando este terminar uma das alunas estagiária diz uma das seguintes expressões: “Uma carochinha”, “Dois João Ratão” e “Rei”
 - * A expressão “Uma carochinha” indica que têm de passar o calçado para o colega da

<p>esquerda, pondo-o à sua frente e batendo com ele no chão</p> <ul style="list-style-type: none"> * A expressão “Dois João Ratão” indica que têm de passar o calçado para o segundo colega da esquerda, pondo-o no chão à sua frente * A expressão “Rei” indica que batem com o calçado no colega que se encontra do lado esquerdo mas ficam com ele <p>✓ Jogar o jogo</p>
Atividades do dia 18 de junho de 2014
<p>1.ª Atividade – Vamos construir um manjerico e decorar sardinhas</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Falar sobre os Santos Populares (costumes e tradições) ✓ Propor construir um manjerico e decorar sardinhas ✓ Explicar o processo de construção de cada um <ul style="list-style-type: none"> * Para a construção do manjerico vamos utilizar um vaso, jornais e pedaços de papel crepe * Para as sardinhas vamos utilizar papel de alumínio e/ou jornal ✓ Dividir o grupo <ul style="list-style-type: none"> * Metade das crianças constroem o manjerico e as outras decoram as sardinhas <p>2.ª Atividade – Vamos dançar ao som da música “São João Bonito”, de Lenita Gentil</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Recordar a coreografia estipulada, pelo grupo, no dia anterior ✓ Ensaiar a marcha, ao som da música “São João Bonito”, no ginásio <p>3.ª Atividade – Jogo “Fura o balão”</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Dirigimo-nos ao espaço exterior, junto à sala, onde já se encontram diversos balões pendurados ✓ Dizer que há balões que têm surpresas lá dentro ✓ Explicar as regras do jogo “fura o balão” <ul style="list-style-type: none"> * Uma criança, de cada vez, fica com os olhos vendados e tem de tentar furar um dos balões, utilizando um pau * O resto do grupo dá indicações à criança de olhos vendados, para que esta consiga acertar num dos balões ✓ No final, as surpresas que estão dentro de alguns balões são distribuídas por todas as crianças
Atividades do dia 19 de junho de 2014
<p>1.ª Atividade – Vamos dançar ao som da música “São João Bonito”, de Lenita Gentil</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ensaiar a marcha, ao som da música “São João Bonito”, no ginásio <p>2.ª Atividade – Jogo “Os pescadores de sardinhas”</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Propor jogar ao jogo “os pescadores de sardinhas”, no ginásio ✓ Explicar as regras do jogo <ul style="list-style-type: none"> * Dividir o grupo de crianças em dois grupos, um maior do que outro * Cinco crianças são os pescadores e formam uma roda. As restantes são as sardinhas * Os pescadores têm os braços levantados e as sardinhas têm de entrar e sair da roda ao som de uma música * Quando a música parar os pescadores baixam os braços, fechando, assim, a roda * As sardinhas que não conseguiram sair da roda passam a pescadores * O jogo termina quando todas as sardinhas passarem a pescadores ✓ Jogar o jogo <p>3.ª Atividade – Jogo “Dança da vassoura”</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Propor jogar à dança da vassoura, no ginásio ✓ Explicar as regras do jogo <ul style="list-style-type: none"> * Uma criança vai utilizar a máscara da Carochinha e anda com uma vassoura na mão * As restantes andam livremente

- * Ao som de uma música, dançar livremente
- * Quando a música para a Carochinha tem de escolher outra criança para ficar com a vassoura e com a máscara
- ✓ Jogar o jogo

4.ª Atividade – Dançar a marcha

- ✓ Preparar a marcha, na sala
 - * As meninas colocam as flores e os meninos os papillons
 - * Formam uma fila par a par
- ✓ Dirigem-se para o parque exterior, junto à sala
- ✓ Dançar a marcha

Reflexão semanal

A segunda semana de implementação de grupo sofreu diversas alterações, pois várias atividades tiveram de ser alteradas e adaptadas. Estas alterações surgiram, porque foram solicitadas pelas crianças. Desta forma, considerámos mais interessante executar as sugestões destas do que as que tínhamos pensado inicialmente, visto que as crianças também têm poder de escolha.

Na peça de teatro “A Carochinha e o João Ratão”, de Luísa Ducla Soares as crianças mostraram-se muito atentas. Terminada a peça, pediram-nos se poderiam utilizar as máscaras e dramatizarem elas próprias a peça. Assim sendo, decidimos ir ao encontro deste pedido. Escolhemos, aleatoriamente, qual o papel que cada criança iria desempenhar. Como eram mais crianças do que as personagens da peça, algumas delas desempenharam o papel de público e de padre. Durante a peça, realizada pelas crianças, estas inventaram as falas, adaptaram os gestos, movimentos e expressões, desenvolvendo assim a imaginação e criatividade, visto que

“A expressão dramática ajuda a criança a conhecer-se, a conhecer o meio circundante, a conhecer os outros: no plano intelectual, provoca e explora as percepções, desenvolve e estimula a imaginação; no plano afectivo, permite utilizar a energia libertada pelas emoções, liberta e controla as reações emotivas; no plano físico, utiliza e coordena actividade motora, exterioriza e harmoniza as relações sensório-motoras; na prática teatral, através dos jogos de expressão dramática, as aquisições cognitivas, sensoriais, afectivas e motoras são indissociáveis.” (Reis, 2005: 14)

Iniciámos o segundo dia com brincadeiras livres. Consideramos que brincar dá prazer e para as crianças é fundamental, pois através da brincadeira elas aprendem. Assim sendo, segundo Fortuna (2000: 6) “ (...) Brincar, então, é um meio de compreender e relacionar-se com o meio (...) o brincar é apropriação ativa da realidade por meio da representação; a brincadeira é, por conseguinte, uma atividade análoga à aprendizagem.”

Na coreografia da marcha popular as crianças ficaram desde logo muito motivadas por puderem ser elas a escolher os passos. Decidimos optar por esta estratégia, visto que é essencial que as crianças tenham poder de decisão e que consigam trabalhar em grupo. Desta forma, ouvimos e aceitámos as sugestões dos passos a executar, simplesmente acertámos a ordem pela qual estes passos deveriam ser executados, com o consentimento das crianças. Decidimos dançar com elas visto que

“ (...) Dançar, então, não é um adorno na educação, mas um meio paralelo a outras disciplinas, que formam em conjunto a educação do homem. Integrando-a nas escolas

de ensino comum, como mais uma matéria formativa, reencontraríamos um novo homem com menos medos e com a percepção de seu corpo como meio expressivo em relação com a própria vida.” (Fux,1983: 40).

Com o jogo da vassoura, as crianças desenvolveram o vocabulário e a imaginação. Decidimos fazer este jogo, visto que “a brincadeira dramática é uma área importante do aprendizado da linguagem (...) as dramatizações oral, incluindo o desenvolvimento do vocabulário e as habilidades cognitivas” (Spodek; Saracho 1998: 240).

No jogo “Apanhar a cauda” as crianças estavam completamente entusiasmadas e eufóricas. Optámos por realizar este jogo, de forma a desenvolver a capacidade de interajuda e saber situar-se e movimentar-se no espaço. Consideramos que o jogo é um dos alicerces para o desenvolvimento da criança que potencia aprendizagens, quer na vertente educativa, quer na vertente lúdica. Para Neto e Marques (2004: 5) o “jogo é uma das formas através da qual a criança se socorre para interiorizar o seu envolvimento físico e social”.

O terceiro dia iniciou-se pela decoração de um manjerico e de várias sardinhas. Optámos por realizar uma atividade de Expressão Plástica, pois e Segundo Cardoso e Valsassina (1988: 69)

“A arte plástica infantil é essencialmente uma linguagem que, praticada nas diversas condições, ajudará a criança no seu natural desenvolvimento, a encontrar o equilíbrio, por meio de uma série de experiências sensoriais e intelectuais. (...) A criança é criadora duma expressão viva porque, (...) ela representa à sua maneira o mundo em que vive”.

A atividade “fura o balão” correu muito bem, tínhamos como objetivos desenvolver a coordenação global de movimentos, manipular com destreza objetos e conseguir seguir indicações no espaço. Constatámos que a maioria do grupo conseguiu rebentar o balão com os olhos vendados, tendo apenas a ajuda dos seus amigos, visto que estes lhes davam indicações. Uma criança com apenas três anos não quis realizar a atividade, pois tinha medo de rebentar o balão e outra, com necessidades educativas especiais, não quis rebentar o balão com os olhos vendados, pelo facto de ter medo. Desta forma, respeitámos a vontade de cada uma.

No último dia como o ginásio estava ocupado, decidimos realizar todas as atividades no parque, ao ar livre, pois consideramos importante a realização de atividades nos espaços exteriores.

No jogo “Os pescadores e as sardinhas” as crianças deram luta aos pescadores, pois perceberam quais os momentos em que tinham de sair da roda para não ficarem presas. Também participámos neste jogo, pois na nossa opinião é fulcral que o adulto entre nas brincadeiras com as crianças, para que, desta forma, haja uma maior cumplicidade.

O jogo da dança da vassoura não correu como planeado, pois verificámos que as crianças não estavam muito recetivas. Assim sendo, propusemos que estipulassem elas próprias as regras. Desta forma, com esta atividade desenvolveram-se as capacidades de estipular e respeitar as regras do jogo e a coordenação global dos movimentos.

Na marcha as crianças estavam muito entusiasmadas por estarem a ser filmadas. Decidimos mostrar-lhes a filmagem. Durante a visualização, as crianças estavam muito atentas e fascinadas por se estarem a ver no computador. Após o visionamento do vídeo

refletimos sobre a postura de todo o grupo e perguntámos-lhes quais os aspetos que pensavam que podiam melhorar, de forma a estimular nelas o pensamento crítico.

Concluímos que esta semana em conjunto foi uma mais-valia, visto que nos apoiámos uma à outra e tentámos ir ao encontro das necessidades e opiniões das crianças. Foi fundamental o apoio da educadora e da auxiliar de ação educativa. Durante esta semana decidimos propor várias atividades que envolvessem as expressões, visto que são fundamentais no desenvolvimento da criança. Para Ferraz & Dalmann (2011: 44) estas formas de expressão, levam “ (...) o indivíduo a aprender, a saber pensar, criar, inovar, construir conhecimentos, participar ativamente no seu próprio crescimento, sempre orientado pela sua experiência, de seus pares e dos facilitadores do processo de conhecimento – os Educadores Expressivos.”

Anexo J
***Matriz das Unidades Didáticas desenvolvidas ao longo da Prática
Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico***

Planificação Didática Guião de atividades					
<i>Elementos de identificação</i>					
<i>Professor(a) Cooperante: Professora Sara Vieira</i>					
<i>Alunos de Prática Supervisionada: Cláudia Ramos</i>					
<i>Professor Supervisor: Professor Doutor António Pereira Pais</i>					
<i>Turma: 3º ano</i>					
<i>Unidade temática:.....</i>			<i>Semana de</i>		
Seleção do conteúdo programático					
Eixos transversais de desenvolvimento curricular					
<ul style="list-style-type: none"> • Dominar linguagens: • Utilização das tecnologias da informação e comunicação: • Construir argumentação: • Educação para a cidadania: 					
Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares					
Estudo do Meio					
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Atitudes, Normas e Valores</i>	<i>Avaliação</i>	
Português					
<i>Domínios /Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>			<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>	<i>Atitudes, Normas e Valores</i>	
Matemática					
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>			<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>	<i>Normas, Atitudes e valores</i>	
Expressões					
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Normas, Atitudes e Valores</i>	<i>Avaliação</i>	

Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem Guião de aula	
Terça-Feira -	<i>Responsável pela execução:</i>
<i>Tema integrador:</i> Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:	<i>Recursos:</i>
<i>Elemento integrador:</i>	
SUMARIO	

Desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem:	
<i>Designação da atividade</i> <i>Atividade -</i>	<i>Procedimentos de execução</i>
Quinta-feira -	<i>Responsável pela execução:</i>
<i>Tema integrador:</i> Vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade:	<i>Recursos:</i>
<i>Elemento integrador:</i>	
SUMARIO	

Referências Bibliográficas:

+

O/A Orientador(a) Cooperante: _____
 O Professor Supervisor: _____
 O aluno de PS: _____



Faculdade de Educação
 Universidade de Coimbra
 Escola Superior de Educação

Anexo K
Exemplo de um guião do aluno utilizado na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico

Guião de aprendizagem de Português

Nome: _____

Data: ____ / ____ / ____

Palavras que deves saber

Palavras variáveis e invariáveis

Género	Número
Tempo	Espaço

Olá meu amigo!

Espero que tenhas gostado de falar sobre o comércio. Como tu já sabes às palavras que mudam de forma chamamos _____ . As palavras que não mudam de forma são _____ .

Aplica agora os teus conhecimentos e espero que te divirtas.



1. Na gelataria da Ana há imensas palavras, mas ela quer saber se são palavras variáveis ou invariáveis. Ajuda-a a descobrir.



Como já falámos os nomes são palavras que podem variar em _____ ser (_____ ou _____). Os nomes podem ainda variar em número (_____ e _____).



2. Descobre o intruso! Nos conjuntos de nomes seguintes circunda o nome que é masculino.



2.1. Escreve agora uma frase com os intrusos que descobriste.

3. Escreve o plural ou singular das seguintes palavras.



Singular	Plural
zebra	
	professores
batalhão	
	capitães
mão	
	jornais
homem	
	feiras
mercado	

4. Reescreve as seguintes frases colocando-as no **masculino plural**.

A gigante ajudou a anã a descobrir onde fica a gelataria da Ana.

Aqui está a cadela que mordeu a gata na casa do João.

5. Abre agora o manual de Português na página 64 e resolve o exercício 2.

Espero que te tenhas divertido e aprendido. Se já terminaste pede à professora que te dê uma atividade de sopa de letras, enquanto os teus colegas terminam o guião. *Diverte-te!*



Anexo L
Registos fotográficos da Unidade Didática (25, 26 e 27 de novembro de 2014)
realizada da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico



Fotografia 1 - Jogo da forca relativo ao comércio



Fotografia 2 - Exploração do elemento integrador e do tema "comércio"



Fotografia 3 - Exploração da tabuada



Fotografia 4 - Visita de estudo à praça de Castelo Branco



Fotografia 5 - Leitura expressiva do poema "Dia de Natal", de Luísa Ducla Soares



Fotografia 6 - Leitura expressiva do poema "Dia de Natal", de Luísa Ducla Soares



Fotografia 7 - Fazer compras na bancada do elemento integrador



Fotografia 8 - Revisão de conceitos matemáticos utilizando os produtos alimentares anteriormente comprados



Fotografia 9 - Exploração dos produtos alimentares (composição e validade)



Fotografia 10 - Leitura dos poemas escritos em casa sobre a visita à praça de Castelo Branco



Fotografia 11 - Bowling da tabuada e múltiplos de 2, 5 e 10"



Fotografia 12 - Bowling da tabuada e múltiplos de 2, 5 e 10"



Fotografia 13 - Bowling da tabuada e múltiplos de 2, 5 e 10”



Fotografia 14 - Jogo da forca com multiplicações

Anexo M
Registos fotográficos da Unidade Didática (16 de dezembro de 2014)
realizada da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico



Fotografia 1 - Festa de Natal



Fotografia 2 - Dramatização da história "Uma prenda de Natal", de M. Christina Butler



Fotografia 3 - Jogo "Vira a carta, responde e acerta"



Fotografia 4 - Almoço partilhado



Fotografia 5 - Construção do Pai Natal articulado



Fotografia 6 - Resultado final do Pai Natal articulado

Anexo N
Registos fotográficos da Unidade Didática (13, 14 e 15 de janeiro de 2015)
realizada da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico



Fotografia 1 - Exploração do elemento integrador



Fotografia 2 - Decoração do boneco de neve



Fotografia 3 - Decoração do boneco de neve



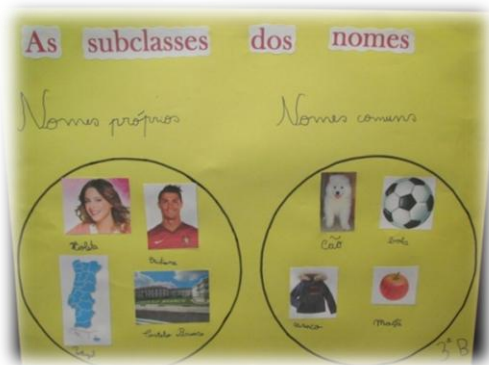
Fotografia 4 - Resultado final do boneco de neve



Fotografia 5 - Produção coletiva de um texto narrativo



Fotografia 6 - Elaboração de um cartaz relativo às subclasses dos nomes (próprios e comuns)



Fotografia 7 - Exposição do cartaz relativo às subclasses dos nomes (próprios e comuns)



Fotografia 8 - Exploração dos conceitos Matemáticos “dobro, triplo, metade e terça parte”



Fotografia 9 - Visita de uma enfermeira - Exploração de um Rx



Fotografia 10 - Visita de uma enfermeira - Realização de uma experiência sobre o Sistema Respiratório



Fotografia 11 - Visita de uma enfermeira - Exploração sobre o Sistema Circulatório



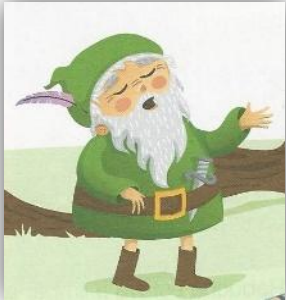
Fotografia 12 - Visita de uma enfermeira - Realização de uma experiência sobre o Sistema Circulatório

Anexo 0
1ª Semana (prática de grupo) na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino
Básico - dias 21, 22 e 23 de outubro de 2014

Unidade temática – Vamos conhecer um pouco do passado				
Estudo do Meio				
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Avaliação	
Bloco 1 – À descoberta de si mesmo	A sua naturalidade e nacionalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o local de nascimento num mapa • Analisar os documentos de identificação: assento de nascimento, bilhete de identidade, cartão de cidadão 	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica o local de nascimento num mapa quando coloca o cartão de identificação • Analisa e preenche um dos documentos de identificação (assento de nascimento, bilhete de identidade e cartão de cidadão) 	
Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições	O passado do meio local	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral... 	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica monumentos, festas e romarias da cidade de Castelo Branco 	
Português				
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho	
Oralidade <ul style="list-style-type: none"> • <i>Compreensão do oral</i> • <i>Expressão Oral</i> 	Vocabulário Instruções, indicações Informação essencial e acessória Facto e opinião Ideia principal, tema, tópico, assunto Articulação e entoação Reconto Respostas a questionário	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar para aprender e construir conhecimento • Produzir um discurso oral com correção • Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor 	<ul style="list-style-type: none"> • Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas • Identificar informação essencial • Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu • Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados • Recontar o que ouviu • Responder a questões 	<ul style="list-style-type: none"> • Descobre pelo contexto o significado de palavras desconhecidas ao longo dos diálogos entre o professor e os alunos • Identifica a informação essencial durante os diálogos • Pede esclarecimentos acerca do que ouve • Usa a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados enquanto se expressa oralmente • Reconta o que ouve • Responde a questões quando solicitado

Leitura e escrita	Ler em voz alta	<ul style="list-style-type: none"> • Ler textos diversos 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler pequenos textos narrativos 	<ul style="list-style-type: none"> • Lê o texto “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen
	Tema, tópico, assunto	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar os conhecimentos do texto 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar o tema e o assunto do texto 	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica o tema e o assunto do texto “Isabel e o anão” de Sophia de Mello Breyner Andresen
	Planificação de textos	<ul style="list-style-type: none"> • Planificar a escrita de textos 	<ul style="list-style-type: none"> • Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as 	<ul style="list-style-type: none"> • Regista e organiza ideias quando produz um diálogo, dando um final diferente ao texto “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen
	Configuração gráfica	<ul style="list-style-type: none"> • Mobilizar o conhecimento da representação gráfica e da pontuação 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e utilizar os seguintes sinais auxiliares de escrita: travessão (no discurso direto) e aspas • Utilizar adequadamente os seguintes sinais de pontuação: ponto de exclamação; dois pontos (introdução do discurso direto) 	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica e utiliza os sinais auxiliares de escrita: travessão (no discurso direto) e aspas, quando escreve um diálogo entre a “Isabel e o anão” • Utiliza adequadamente os sinais de pontuação: ponto de exclamação; dois pontos (introdução do discurso direto), quando escreve um diálogo entre a “Isabel e o anão”
Educação Literária	O texto em diálogo	<ul style="list-style-type: none"> • Escrever textos dialogais 	<ul style="list-style-type: none"> • Escrever diálogos, contendo a fase de abertura, a fase de interação e a fase de fecho 	<ul style="list-style-type: none"> • Escreve diálogos, entre a Isabel e anão, contendo a fase de abertura, a fase de interação e a fase de fecho
	Leitura orientada	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler textos literários 	<ul style="list-style-type: none"> • Praticar a leitura silenciosa 	<ul style="list-style-type: none"> • Pratica a leitura silenciosa do texto “Isabel e o anão” de Sophia de Mello Breyner Andresen, dos guiões de aprendizagem e dos exercícios do manual

<p>Gramática</p>	<p>Sinais de pontuação: ponto (final), ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências, vírgula (não utilização entre o sujeito e o predicado), dois pontos, travessão</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos • Identificar as regras de pontuação 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler em voz alta, após preparação • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo • Propor alternativas distintas inserindo novos episódios • Responder, oralmente e por escrito, de forma completa, a questões sobre o texto 	<ul style="list-style-type: none"> • Lê em voz alta o texto “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, após preparação • Confronta as previsões feitas sobre o texto “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen com o assunto do mesmo • Propõe alternativas distintas, inserindo novos episódios na escrita de um diálogo entre a Isabel e o anão • Responde, oralmente e por escrito, de forma completa, a questões sobre o texto “Isabel e o anão” de Sophia de Mello Breyner Andresen
	<p>Léxico e Vocabulário</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender formas de organização do léxico 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os acentos gráficos, diacríticos e os sinais auxiliares de escrita 	<ul style="list-style-type: none"> • Identifica os acentos gráficos, diacríticos e os sinais auxiliares de escrita na resolução de guiões didáticos
	<p>Família de palavras</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer propriedades das palavras 	<ul style="list-style-type: none"> • Manipular palavras e constituintes de palavras e observar os efeitos produzidos • Reconhecer palavras que pertencem à mesma família 	<ul style="list-style-type: none"> • Manipula palavras e constituintes de palavras e observa os efeitos produzidos: <ul style="list-style-type: none"> - segmentar palavras nos seus constituintes • Reconhece palavras que pertencem à mesma família

Matemática				
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>	
Números e Operações	Números Naturais – Numeração romana Padrões numéricos e raciocínio proporcional	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer numeração romana • Representar padrões numéricos e raciocínio proporcional 	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar numeração romana para representar números • Investigar regularidades numéricas • Resolver problemas que envolvam o raciocínio proporcional 	<ul style="list-style-type: none"> • Utiliza numeração romana para representar números (até MM) • Investiga regularidades numéricas quando realiza exercícios matemáticos • Resolve problemas que envolvam o raciocínio proporcional, quando realiza exercícios no manual
Expressões				
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Avaliação</i>	
Expressão Plástica Bloco 3 – exploração de técnicas diversas de expressão	Recorte, Colagem e Dobragem Modelagem e escultura Desenho	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de recorte • Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade da plasticina • Desenhar a sua identidade (rosto) 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve a capacidade de recorte, quando recorta o cartão de cidadão • Explora e tira partido da resistência e plasticidade da plasticina para construir os sinais de pontuação • Desenha a sua identidade (rosto), quando preenche o seu cartão de cidadão 	
Tema integrador – O passado do meio local				
Vocabulário específico a trabalhar: Documentos de identificação, passado do meio local, numeração romana e família de palavras				
Elemento integrador: Anão romano				
				

Recursos: *Power Point* do guião de aula; Documentos de identificação; Mapa de Portugal; Tesoura; Lápis de cor; Guião de aprendizagem; Texto narrativo “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen; Manual de Português; Plasticina; Manual de Matemática; Folhas de linhas A₄; Guião de aprendizagem sobre sinais de pontuação e família de palavras; Livro de fichas de Matemática; Vídeo relativo à cidade de Castelo Branco “Castelo Branco: cidade num minuto”

Atividades do dia 21 de outubro de 2014

1.ª Atividade – Exploração do cartão de cidadão

- ✓ Projeitar e explorar dois documentos de identificação diferentes (cartão de cidadão e bilhete de identidade)
 - * Explicar a funcionalidade de ambos os documentos
 - * Explicar os itens que cada um contém
- ✓ Questionar se conhecem estes documentos e qual deles possuem
- ✓ Distribuir um exemplar de um cartão de cidadão sem estar preenchido
 - * Cada aluno preenche de acordo com os seus dados pessoais, desenhando o rosto no espaço que corresponde à sua fotografia
- ✓ Recortar o cartão de cidadão
- ✓ Visualizar o mapa de Portugal e verificar qual o distrito onde nasceram mais alunos

2.ª Atividade – Visualização do power point e realização de um guião de aprendizagem

- ✓ Visualizar um power point que dá início à numeração romana e explicar a sua origem e as regras
- ✓ Explorar, no quadro, alguns exercícios relativos à numeração romana
- ✓ Resolver um guião de aprendizagem para consolidar a matéria dada
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual

3.ª Atividade – Leitura, análise e interpretação do texto narrativo “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen

Antes da leitura:

- ✓ Antecipar do conhecimento prévio sobre o tema e o assunto do texto narrativo “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen através da exploração da imagem do manual
- ✓ Explorar o vocabulário relacionado com o título do texto narrativo “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, através do diálogo
- ✓ Formular a hipótese, em voz alta, “Será que o anão é um amigo da Isabel, ou é um amigo imaginário?”

Durante a leitura:

- ✓ Leitura do texto narrativo “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen
 - * Leitura silenciosa por parte dos alunos
 - * Leitura, em voz alta, por parte da professora
 - * Leitura, em voz alta, por parte dos alunos, de forma aleatória

Depois da leitura:

- ✓ Questionar sobre tema e assunto do texto narrativo “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, através do diálogo
- ✓ Construir a “fábula” através de um esquema que é elaborado no quadro, pela professora. Este esquema é construído com as ideias dos alunos, tendo de respeitar a ordem das ideias da autora do texto narrativo “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen
- ✓ Questionar sobre vocábulos desconhecidos.
- ✓ Comentar o excerto do texto narrativo “Isabel e o anão”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, dando respostas à hipótese previamente formulada
- ✓ Interpretar o texto narrativo através da elaboração de perguntas de interpretação presentes no manual

4.ª Atividade – Construção dos sinais de pontuação

- ✓ Distribuir uma barra de plasticina a cada aluno
 - * Cada aluno tem de moldar a sua barra de plasticina para formar os sinais de pontuação

Atividades do dia 22 de outubro de 2014

1.ª Atividade – Realização de exercícios sobre famílias de palavras e sinais de pontuação

- ✓ Explicar o conceito de família de palavras através do *power point* e dar alguns exemplos

<ul style="list-style-type: none"> ✓ Realizar um guião de aprendizagem sobre sinais de pontuação e família de palavras ✓ Corrigir o guião de aprendizagem recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individualmente <p>2.ª Atividade – Realização de exercícios referentes à Numeração Romana</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Rever as regras da numeração romana e realizar alguns exercícios ✓ Corrigir os exercícios recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual <p>3.ª Atividade – Visualização do vídeo “Roteiro de Castelo Branco” sobre a cidade de Castelo Branco</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Visualizar o filme “Castelo Branco: cidade num minuto” ✓ Explicar as regras do diálogo através do <i>power point</i> ✓ Estabelecer um diálogo sobre as festividades, tradições e locais característicos da cidade de Castelo Branco.
<i>Atividades do dia 23 de outubro de 2014</i>
<p>1.ª Atividade – Realização de sequências e regularidades</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ativar o conhecimento prévio dos alunos sobre sequências e regularidades, pedindo alguns exemplos ✓ Explicar o conceito de sequências e regularidades através do <i>power point</i> dando alguns exemplos e resolvê-los coletivamente, no quadro ✓ Realizar exercícios presentes no manual <p>2.ª Atividade – Escrita de um diálogo</p> <p><u>Antes de escrever:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresentar o modo de representação do discurso no texto narrativo e explicação das partes que o constituem ✓ Diálogo de antecipação do conhecimento prévio, como meio de recordar a história que tem vindo a ser trabalhada nos dias anteriores ✓ Produzir um texto tendo por base o texto narrativo “Isabel e o anão” e dar um final diferente, introduzindo diálogos, respeitando as regras <p><u>Durante a escrita:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Produção do texto, explicitando o conteúdo. Os alunos têm de respeitar a estrutura do texto apresentada previamente, articular bem as frases de forma a promover a existência de coesão textual <p><u>Depois de escrever:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Rer os textos de forma a refletir ✓ Corrigir o texto e cada erro dado tem de ser utilizado na construção de uma nova frase

Reflexão semanal

A primeira semana de implementação serviu para nos ambientarmos e percebermos realmente como funciona uma aula no 1º Ciclo do Ensino Básico. Além disso, consideramos que foi gratificante ter sido feita em conjunto, pois foi uma mais-valia para nós enquanto futuras professoras.

Durante esta semana, a planificação sofreu algumas alterações, visto que chegámos à conclusão de que tínhamos poucas atividades lúdicas que fossem ao encontro dos gostos dos alunos.

Desta forma, quando falámos sobre a naturalidade aproveitámos o facto de haver uma menina Chinesa na turma e, assim, pedimos-lhe para assinalar no mapa-mundo de onde esta é natural. Desta forma, os alunos conseguiram perceber melhor o conceito de naturalidade, pois por vezes eles associam que a naturalidade é o local onde vivem, o que não está correto.

Decidimos, também, acrescentar dois jogos relativos a duas áreas diferentes, Português e Matemática. Decidimos introduzi-los, de forma a tornar o dia mais lúdico e interessante,

evitando a realização de diversos guiões de trabalho e exercícios do manual ou livro de fichas. No entanto, não descurámos no rigor, pois refletimos sobre a organização do espaço, selecionamos os materiais, na nossa perspetiva, adequados e que tipo de interação os alunos iam ter. Segundo Santos (2000:39) e

“ (...) em síntese, jamais pense em usar os jogos pedagógicos sem rigoroso e cuidadoso planeamento, marcado por etapas muito nítidas e que efetivamente acompanhe o progresso dos alunos, e jamais avalie sua qualidade de professor pela quantidade de jogos que emprega, mais sim pela qualidade dos jogos que se preocupou em pesquisar e selecionar.”

Na realização destes jogos os alunos atingiram de imediato o objetivo proposto, sendo estes executados com sucesso. Assim sendo, para Português colocámos quatro palavras diferentes no quadro, tendo cada uma destas uma imagem associada. Neste jogo, os alunos retiraram, aleatoriamente, um de cada vez, de um saco de pano, uma palavra que pertencia à família de palavras de uma das palavras que estavam afixadas no quadro. O jogo terminou quando todas as palavras foram colocadas na família de palavras correta. Relativamente a Matemática, utilizámos uma estratégia idêntica. Assim, cada aluno retirava de um saco de pano um número, podendo este estar escrito em numeração romana ou em numeração árabe. Os alunos tinham que fazer a conversão correta. Durante a realização deste jogo todos escreviam no caderno diário os exemplos que iam surgindo, evitando, assim, a distração.

Ao trabalharmos o passado do meio local, deparámo-nos com a falta de conhecimento sobre a cidade de Castelo Branco, visto não saberem que existiam e o que eram os Bordados de Castelo Branco, nem tão pouco a festividade da Senhora de Mércules que é a festa principal da cidade. Porém identificaram com mais facilidade os espaços verdes e alguns edifícios que já tinham visto ou visitado.

Ao longo desta semana constatámos que os alunos compreenderam que existia um elo de ligação entre todas as atividades realizadas, pois identificaram a personagem “anão”, que era o nosso elemento integrador, em qualquer atividade que fosse realizada, tendo até um aluno referido “Está aqui o anão! Está sempre presente!”.

Em todos os dias de implementação, sempre que iniciávamos um novo conceito pedíamos aos alunos que referissem os seus saberes/conhecimentos sobre esse assunto/tema, chegando, em conjunto, a uma conclusão e definição correta.


Terminada a semana de implementação, concluímos que as atividades que propusemos foram efetuadas com sucesso, respeitando os procedimentos de execução. O tempo estipulado é que nem sempre foi cumprido.

Anexo P
2ª Semana (prática individual) na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do
Ensino Básico - dias 28, 29 e 30 de outubro de 2014

Unidade temática – Vamos conhecer a nossa cidade				
Estudo do Meio				
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Avaliação	
Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições	O passado do meio local	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer factos e datas importantes para a história local (origem da povoação, concessão de forais, lendas históricas) Conhecer vestígios do passado local: construções (castelos, moinhos, igrejas, monumentos pré-históricos, pontes, pelourinhos); costumes e tradições locais (festas, jogos tradicionais, medicina popular, trajes, gastronomia); feriado municipal (acontecimento a que está ligado) Reconhecer a importância do património histórico local 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia a história de Castelo Branco, os vestígios do seu passado, as suas tradições e costumes 	
Português				
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho	
Oralidade <ul style="list-style-type: none"> Compreensão do oral <ul style="list-style-type: none"> Expressão Oral 	Vocabulário Instruções, indicações Informação essencial e acessória Facto e opinião Ideia principal, tema, tópico, assunto	<ul style="list-style-type: none"> Escutar para aprender e construir conhecimento 	<ul style="list-style-type: none"> Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas (C1) Identificar informação essencial (C2) Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu (C3) 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho C1, C2 e C3
	Articulação e entoação Reconto Respostas a questionário	<ul style="list-style-type: none"> Produzir um discurso oral com correção Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor 	<ul style="list-style-type: none"> Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados (E1) Recontar o que ouviu (E2) Responder a questões (E3) 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho E1, E2 e E3

<p>Leitura e escrita</p>	<p>Ler em voz alta</p> <p>Planificação de textos</p> <p>Configuração gráfica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ler textos diversos • Apropriar-se de novos vocábulos • Planificar a escrita de textos • Mobilizar o conhecimento da representação gráfica e da pontuação 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler pequenos textos dramáticos (L1) • Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano e conhecimento do mundo (L2) • Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as (Es1) • Identificar e utilizar os seguintes sinais auxiliares de escrita: travessão (no discurso direto) e aspas (Es2) • Utilizar adequadamente os seguintes sinais de pontuação: ponto de exclamação; dois pontos (introdução do discurso direto) (Es3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho L1 e L2 • Avaliação formativa, a partir da escrita de um texto dramático, no caderno diário, tendo em conta os descritores de desempenho Es1, Es2, Es3 e Es4
<p>Educação Literária</p>	<p>Texto dramático</p> <p>Leitura orientada</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escrever texto dramático • Ler e ouvir ler textos literários • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos • Dizer e escrever, em termos pessoais e criativos 	<ul style="list-style-type: none"> • Escrever texto dramático tendo em conta as suas regras (Es4) • Praticar a leitura silenciosa (El1) • Ler em voz alta, após preparação (El2) • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo (El3) • Dramatizar textos (treino da voz, das pausas e da entoação) (El4) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho El1, El2, El3 e El4
<p>Gramática</p>	<p>Léxico e Vocabulário</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender formas de organização do léxico 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os acentos gráficos, diacríticos e os sinais auxiliares de escrita (G1) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de um guião de aprendizagem que avalia os descritores de desempenho G1,

	<p>Família de palavras</p> <p>Palavras agudas, graves e esdrúxulas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer propriedades das palavras • Explicitar aspetos fundamentais da fonologia do português 	<ul style="list-style-type: none"> • Manipular palavras e constituintes de palavras e observar os efeitos produzidos (G2) • Reconhecer palavras que pertencem à mesma família (G3) • Classificar palavras quanto ao número de sílabas (G4) • Classificar palavras quanto à posição da sílaba tónica (G5) 	G2, G3, G4 e G5
Matemática				
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>	
Números e Operações	<p>Números Naturais</p> <p>Sistema de numeração decimal</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contar até um milhão • Descodificar o sistema de numeração decimal 	<ul style="list-style-type: none"> • Estender as regras de construção dos números até um milhão (N1) • Efetuar contagens progressivas e regressivas com saltos fixos até um milhão (N2) • Designar mil unidades por um milhar e reconhecer que um milhar é igual a dez centenas e a cem dezenas (S1) • Representar qualquer número natural até 1 000 000, identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem, e efetuar a leitura por classes e por ordens (S2) • Comparar números naturais até 1 000 000 utilizando os símbolos «<» e «>» (S3) • Efetuar a decomposição decimal de qualquer número natural até um milhão (S4) 	<ul style="list-style-type: none"> • Utiliza a numeração romana para representar números (até MM) • Investiga regularidades numéricas quando realiza exercícios matemáticos • Resolve problemas que envolvam o raciocínio proporcional, quando realiza exercícios no manual

Expressões			
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Avaliação
Expressão Plástica Bloco 3 - exploração de técnicas diversas de expressão	Recorte, Colagem e Dobragem	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a capacidade de recorte 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação do tipo formativa a partir do recorte dos monumentos, personalidades importantes de Castelo Branco e respetivos nomes
Tema integrador - O passado do meio local			
Vocabulário específico a trabalhar: Texto dramático, número até ao milhão e passado do meio local			
Elemento integrador: Sombras chinesas utilizando a personagem “Ana” presente no texto dramático “Ana e o anão”, de Álvaro Magalhães			
			
<p>Recursos: Guião de aula; Elemento integrador; História de Castelo Branco; Manual de Matemática; Peça de teatro “Príncipezinho”, de Filipe la Féria; Guião de aprendizagem de Português; Sopa de letras; Texto dramático “Ana e o anão” de Álvaro Magalhães; Manual de Português; Conjunto de palavras graves, agudas e esdrúxulas; Adivinha matemática; Regras do jogo do bingo; Cartões do jogo do bingo; Guião de aprendizagem de Matemática; Tiras de papel; Saco de tecido; Imagens e nome de monumentos e personalidade importante de Castelo Branco; Tesoura; Cola; Regras do texto dramático; Imagens da gastronomia da cidade de Castelo Branco; Situação-problema da Teoria dos jogos</p>			
Atividades do dia 28 de outubro de 2014			
<p>1.ª Atividade - Explicação da História de Castelo Branco</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Projetar a história de Castelo Branco e falar sobre a importância desta ✓ Questionar os alunos se conhecem alguma lenda sobre a cidade e pedir que, em casa, perguntem aos pais ou aos avós se conhecem alguma lenda da cidade e que escrevam no caderno, para depois lerem na sala de aula 			
<p>2.ª Atividade - Explicação do sistema de numeração decimal - milhão</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Rever as classes do sistema de numeração decimal e as respetivas ordens ✓ Explicar a ordem das unidades de milhão recorrendo ao comboio dos números ✓ Explorar, no quadro, alguns exercícios relativos ao milhão ✓ Explorar com os alunos o que significa número absoluto e relativo ✓ Escolher, aleatoriamente, alguns alunos e cada um representa um algarismo, a partir daí trabalhar os conceitos supracitados ✓ Resolver os exercícios do manual de Matemática, para consolidar a matéria dada 			
<p>3.ª Atividade - Visualização da peça de teatro “Príncipezinho”, de Filipe La Féria e diálogo sobre o texto dramático</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Visualizar a peça de teatro “Príncipezinho”, de Filipe la Féria ✓ Questionar sobre o que pensam ser um texto dramático e quais as suas características ✓ Identificar as diferenças entre o texto dramático e a prosa com diálogo 			
<p>4.ª Atividade - Revisão da classificação das palavras quanto à sílaba tónica e família de palavras</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Rever como se classificam as palavras quanto à sílaba tónica e qual o significado de família de 			

- palavras
- ✓ Realizar alguns exemplos no quadro
- ✓ Realizar um guião de aprendizagem sobre a classificação das palavras quanto à sílaba tónica e família de palavras
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individualmente

Atividades do dia 29 de outubro de 2014

1.ª Atividade – Leitura, análise e interpretação do texto dramático “Ana e o anão”, de Álvaro Magalhães

- ✓ Rever o que é um texto dramático, através de um diálogo

Antes da leitura:

- ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre o tema e o assunto do texto dramático “Ana e o anão”, de Álvaro Magalhães através da exploração da imagem do manual
- ✓ Explorar o vocabulário relacionado com o título do texto dramático “Ana e o anão”, de Álvaro Magalhães, através do diálogo
- ✓ Formular a hipótese, em voz alta, “Será que os anões existem mesmo?”, “Será que as sombras fazem mal?”

Durante a leitura:

- ✓ Leitura do texto dramático “Ana e o anão” de Álvaro Magalhães
 - * Leitura silenciosa por parte dos alunos
 - * Leitura, em voz alta, por parte da professora
 - * Leitura expressiva, em voz alta, por parte dos alunos, de forma aleatória

Depois da leitura:

- ✓ Questionar sobre tema e assunto do texto dramático “Ana e o anão”, de Álvaro Magalhães
- ✓ Construir a “fábula” através de um esquema que é elaborado no quadro
- ✓ Questionar sobre vocábulos desconhecidos.
- ✓ Comentar o excerto do texto dramático “Ana e o anão”, de Álvaro Magalhães dando resposta às hipóteses previamente formuladas
- ✓ Interpretar o texto dramático através da elaboração de perguntas de interpretação presentes no manual, na página 44
- ✓ Correção das perguntas de interpretação presentes no manual no quadro

2.ª Atividade – Realização de um jogo lúdico sobre as palavras EGA (esdrúxula, grave e aguda)

- ✓ Rever o que são palavras esdrúxulas, graves e agudas, dando alguns exemplos
- ✓ Realizar um jogo. Neste têm de conseguir identificar, num conjunto de palavras, quais são as graves, as agudas e as esdrúxulas
- ✓ Dividir a turma em grupos de três elementos cada
- ✓ Afixar uma cartolina com as palavras “grave”, “aguda” e “esdrúxula” no quadro
- ✓ Distribuir, a cada grupo, cinco ou seis palavras. Cada grupo tem de conseguir identificar que palavras pertencem a cada grupo (graves, agudas e esdrúxulas)
- ✓ Pedir, a cada grupo, que diga quais as palavras das que lhe foram dadas e referir a que grupo pertencem. Dito isto, um elemento do grupo dirige-se ao quadro e coloca essa palavra por baixo do grupo correto

3.ª Atividade – Realização de uma adivinha, do Jogo do Bingo e um guião de aprendizagem (números até ao milhão)

- ✓ Projetar uma adivinha sobre o sistema de numeração decimal, número até ao milhão
- ✓ Deixar que os alunos refiram o resultado desta
- ✓ Rever este conceito, aprendido no dia anterior, fazendo exercícios no quadro
- ✓ Realizar o jogo do bingo com números até ao milhão
- ✓ Projetar e explicar, oralmente, as regras do jogo, para que os alunos possam consultar quando necessitem
- ✓ Distribuir um cartão a cada aluno e dar início ao jogo. A leitura de cada número é feita em voz alta, tendo cada aluno apenas de circundar o número referido, caso surja no cartão. Ganha o aluno que conseguir preencher a fila mais rapidamente
- ✓ Realizar um guião de aprendizagem de Matemática sobre números até ao milhão
- ✓ Correção do guião de aprendizagem no quadro

4.ª Atividade – Diálogo sobre importância dos monumentos e personalidade importante de Castelo Branco

- ✓ Questionar e referir alguns monumentos e uma personalidade importante da cidade de Castelo Branco, falando sobre a sua origem e o porquê de existirem
- ✓ Projetar a personalidade que marcou a cidade, dizendo quem foi e o que fez de tão importante para ser homenageado de diversas formas (estátuas, nomes de escola)
- ✓ Realizar uma atividade de Expressão Plástica, onde têm de recortar várias imagens e alguns nomes para, posteriormente, serem colados numa cartolina que irá ser afixada no *placard*
 - * Distribuir uma imagem ou nome relativos aos monumentos e personalidade que têm de recortar
 - * Pedir a cada aluno que mostre a imagem que tem. Posto isto, o aluno que tiver o nome associado a essa imagem deverá colocar o dedo no ar e referir que aquela imagem pertence ao nome que recortou
 - * Identificada a imagem e o nome que lhe corresponde dirigem-se ao quadro e colam-na na cartolina que se encontra afixada no quadro

Atividades do dia 30 de outubro de 2014

1ª Atividade – Explicação das regras do texto dramático e produção de um texto dramático

Antes de escrever:

- ✓ Diálogo de antecipação do conhecimento prévio, como meio de recordar a história que tem vindo a ser trabalhada
- ✓ Projetar o modo de representação do discurso no texto dramático e explicação das partes que o constituem (cenas, didascálias, cenário) e respetivas regras
- ✓ Produzir um texto tendo por base o texto dramático “Ana e o anão”, de Álvaro Magalhães e dar um final diferente, introduzindo falas, cenas e personagens

Durante a escrita:

- ✓ Produção do texto, no caderno diário de Português, explicitando o conteúdo. Os alunos têm de respeitar a estrutura do texto apresentada previamente, articular bem as frases de forma a promover a existência de coesão textual

Depois de escrever:

- ✓ Rer os textos de forma a refletir
- ✓ Corrigir o texto dramático criado por cada aluno individualmente

2ª Atividade – Exploração da gastronomia da cidade de Castelo Branco

- ✓ Questionar sobre que gastronomia tradicional da cidade de Castelo Branco conhecem
- ✓ Projetar algumas imagens relativas à gastronomia da cidade de Castelo Branco
- ✓ Estabelecer um diálogo com os alunos, questionando-os, sobre que pratos típicos já provaram

3ª Atividade – Realização da teoria dos jogos

- ✓ Referir que vão enfrentar uma situação-problema que têm de conseguir resolver da melhor forma, pensando no que é melhor para eles e para o adversário, tendo de justificar a sua escolha
- ✓ Projetar a situação-problema
- ✓ Formar grupos de dois elementos, tendo cada elemento do grupo escrever a sua escolha numa tira de papel branco, sem que o adversário veja a sua escolha
- ✓ Pedir, a cada grupo, aleatoriamente e um de cada vez, que se dirijam ao quadro e que digam qual a sua escolha, tendo que a justificar

Reflexão semanal

Na primeira semana de implementação senti constantemente um enorme peso de responsabilidade individual e exigência de ter um maior rigor científico.

Na execução da planificação onde senti maior dificuldade foi na ligação entre as áreas curriculares, pois nem sempre foi fácil e exige um grande esforço da nossa parte. No entanto, considero que isso foi ultrapassado.

Considero que o elemento integrador funcionou bem ao longo dos dias, pois os alunos perceberam que tudo estava integrado, exclamando frases do género: “ah no sonho da Ana apareceram elementos que nós agora estamos a trabalhar”. Visto que o elemento integrador “configura-se como elemento de transversalidade que assegura, nas dimensões global e específica, a coesão metodológica dos diferentes percursos de ensino e aprendizagem e da própria unidade didática.” (Pais, 2011: 7).

Como durante as semanas de observação constatei que a turma gosta, por vezes, de fazer pesquisas em casa sobre os temas abordados na sala de aula. Desta forma, pedi-lhes que procurassem uma lenda sobre Castelo Branco, visto ter sido um dos assuntos abordados durante o primeiro dia. A adesão a esta ideia foi grande, somente dois alunos é que não realizaram o que tinha sido proposto, tendo que justificar o facto de não o terem feito. Houve até um aluno que trouxe a enciclopédia de onde tinha retirado a lenda.

Ao longo da semana tentei diversificar ao máximo as atividades evitando, assim, estar constantemente ligada aos manuais e aos livros de fichas, tendo sido este um erro que cometemos na nossa primeira planificação de grupo e que a meio da semana tentámos combater.

Assim sendo, como ia falar sobre o texto dramático decidi partir do que os alunos já sabiam e das suas vivências, visualizando depois uma peça de teatro. Os alunos ficaram muito entusiasmados com esta peça e considero que desta forma, todos os conceitos que foram trabalhados de seguida se tornaram de mais fácil perceção e compreensão.

Decidi fazer trabalho em grupo, pois considero fundamental que os alunos comecem a partilhar e a debater ideias uns com os outros, chegando depois a um consenso. Niza (1998: 4) regista que

“a cooperação, como processo educativo em que os alunos trabalham juntos (em pequeno grupo ou a pares) para atingirem um objetivo comum, [se] tem revelado a melhor estrutura social para a aquisição de competências, o que contraria frontalmente, toda a tradição individualista e competitiva da organização do trabalho na escola”.

Constatei que a maioria dos alunos não sabia o que era trabalhar em grupo, tendo, desta forma, de explicar as regras em que este consistia. Considero que foi uma atividade interessante e importante para os alunos, dado que conseguiram partilhar ideias e tirar conclusões.

Uma atividade que eu estava com algum receio de executar foi a teoria dos jogos, pois tinha receio que os alunos não conseguissem perceber qual o objetivo do jogo, visto que nestas idades as crianças tendem a ser um pouco egocêntricas, não pensando muito nos outros e focando-se mais em si próprias. Inicialmente foi um pouco complicado perceberem o que era pretendido, mas no fim de várias explicações conseguiram entender. Constatei que não sabiam o que era colocar-se na «pele» do outro, pois todos me questionaram sobre isso. O que mais lhes causava intriga era como é que iam saber qual o caminho que o adversário ia escolher. No final averigui que a grande maioria dos alunos conseguiu perceber o fundamental do jogo, acertando na escolha do outro colega e justificar eficazmente o seu raciocínio.

Ao longo da semana evitei fornecer respostas diretas aos alunos, ou seja sempre que eram levantadas questões de ambas as partes, minhas e deles, tentei que fossem os alunos a

encontrar as repostas. Considero fundamental que eles sejam participativos, que partam dos seus conhecimentos e que vão à descoberta de novas ideias, ajudando-se mutuamente, debatendo e complementando as ideias de cada um.

Todos os guiões de aprendizagem apresentados à turma foram previamente pensados e estruturados cuidadosamente, de forma a perceber quais os elementos que poderiam motivar os alunos na resolução destes. Como cada aluno tinha o seu ritmo de trabalho, tive de preparar sempre atividades de ampliação/reforço, pois há alunos que resolvem os guiões muito rápido, enquanto outros demoram bastante tempo. Esta é uma das maiores dificuldades que sentia, por isso foi algo que tentei combater ao longo desta semana.


Um dos aspetos que refleti e decidi reformular foi a gestão do tempo de determinadas atividades, pois houve um dia da semana (quarta-feira) que senti que tinha demasiadas atividades. Considero, ainda, que circulei bastante pela sala, mostrando confiança no trabalho que estava a desenvolver.

Anexo Q
3ª Semana (prática individual) na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do
Ensino Básico - dias 11, 12 e 13 de novembro de 2014

Unidade temática – Vamos viajar, aprender e sonhar!				
Estudo do Meio				
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Avaliação	
Bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços	Meios de comunicação	<ul style="list-style-type: none"> Investigar sobre a evolução dos transportes 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia a história de Castelo Branco, os vestígios do seu passado, as suas tradições e costumes 	
Português				
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho	
Oralidade <ul style="list-style-type: none"> Compreensão do oral Expressão Oral 	Vocabulário Instruções, indicações Informação essencial e acessória Facto e opinião Ideia principal, tema, tópico, assunto Articulação e entoação Reconto Respostas a questionário	<ul style="list-style-type: none"> Escutar para aprender e construir conhecimento 	<ul style="list-style-type: none"> Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas (C1) Identificar informação essencial (C2) Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu (C3) 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho C1, C2 e C3 Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho E1, E2 e E3
		<ul style="list-style-type: none"> Produzir um discurso oral com correção Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor 	<ul style="list-style-type: none"> Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados (E1) Recontar o que ouviu (E2) Responder a questões (E3) 	
Leitura e escrita	Ler em voz alta	<ul style="list-style-type: none"> Ler textos diversos Apropriar-se de novos vocábulos Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e 	<ul style="list-style-type: none"> Ler pequenos textos narrativos (L1) Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano e conhecimento do mundo (L2) Relacionar intenções e emoções das personagens com finalidades da 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho L1 e L2, L3 e L4

Educação Literária	Planificação de textos	<p>compreendê-lo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaborar e aprofundar ideias e conhecimentos 	<p>ação (L3)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressir uma opinião crítica a respeito de ações das personagens ou de outras informações que possam ser objeto de juízos de valor (L4) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir da escrita de um texto dramático, no caderno diário, tendo em conta os descritores de desempenho Es1, Es2, Es3, Es4 e Es5
	Texto Narrativo	<ul style="list-style-type: none"> • Planificar a escrita de textos • Redigir corretamente • Escrever textos narrativos • Rever textos escritos 	<ul style="list-style-type: none"> • Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as (Es1) • Utilizar uma caligrafia legível (Es2) • Escrever pequenas narrativas, incluindo os seus elementos constituintes: <i>quem, quando, onde, o quê, como</i> (Es3) • Verificar se o texto contém as ideias previamente definidas (Es4) • Identificar e corrigir os erros de ortografia que o texto contenha (Es5) 	
	Leitura orientada	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler textos literários • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos 	<ul style="list-style-type: none"> • Praticar a leitura silenciosa (E11) • Ler em voz alta, após preparação (E12) • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo (E13) • Identificar, justificando, as personagens principais (E14) • Responder, oralmente e por escrito, de forma completa, a questões sobre os textos (E15) 	

Gramática	Léxico e Vocabulário Palavras, palavras simples e complexas (radical, prefixo e sufixo)	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender formas de organização do léxico • Conhecer propriedades das palavras 	<ul style="list-style-type: none"> • Distinguir palavras variáveis de invariáveis (G1) • Distinguir palavras simples de complexas (G2) • Identificar radicais de palavras de uso mais frequente (G3) • Identificar prefixos e sufixos de utilização frequente (G4) • Produzir novas palavras a partir de sufixos e prefixos (G5) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir do jogo Stop que avalia os descritores de desempenho G1, G2, G3, G4 e G5
Matemática				
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>	
Números e Operações	Adição e subtração	<ul style="list-style-type: none"> • Adicionar e subtrair números naturais • Resolver problemas 	<ul style="list-style-type: none"> • Adicionar dois números naturais cuja soma seja inferior a 1 000 000, utilizando o algoritmo da adição. (A/S 1) • Subtrair dois números naturais até 1 000 000, utilizando o algoritmo da subtração. (A/S 2) • Resolver problemas de até dois passos envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, completar e comparar (A/S 3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de um guião de aprendizagem e do jogo dos “4 em linha” que avaliam os descritores de desempenho A/S1, A/S2 e A/S3
Expressões				
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>		<i>Avaliação</i>
Expressão Plástica Bloco 2 – Descoberta e organização	Desenho - Atividades gráficas sugeridas	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhar uma sequência de acontecimentos • Ilustrar de forma pessoal 		<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do tipo formativa a partir dos desenhos realizados por cada grupo acerca da lenda de São Martinho e na elaboração dos cartuchos para as castanhas

<p>progressiva de superfícies</p> <p>Bloco 3 – Exploração de técnicas diversas de expressão</p>	<p>Recorte, Colagem e Dobragem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de recorte e colagem 	
<p>Tema integrador – Os Meios de Transporte</p>			
<p>Vocabulário específico a trabalhar: Meios de transporte, texto narrativo, algoritmo da adição e algoritmo da adição</p>			
<p>Elemento integrador: Comboio Curioso</p>			
			
<p>Recursos: Elemento integrador; Guião de aula; Imagem de uma roda; <i>Power Point</i>; Diversas imagens com palavras; Música sobre São Martinho; Explicação das partes constituintes do texto narrativo para colar no caderno diário; Caderno diário de Português; Guião de aprendizagem de Português; Lenda de São Martinho; Imagem da lenda de São Martinho; Carruagem dos algoritmos; Guião de aprendizagem de Matemática; Imagem do sinal stop; Cartões do jogo do stop; Folhas brancas A₄; Excertos da lenda de São Martinho; Carruagem dos algoritmos; Guião de aprendizagem de Matemática; Manual de matemática; Imagens dos meios de transporte; Palavras obrigatórias na produção do texto narrativo; Cartões do jogo “4 em linha”; Cartucho para as castanhas; Jornais; Cola; Tesura; Lápis de cor</p>			
<p>Atividades do dia 11 de novembro de 2014</p>			
<p>1.ª Atividade – Diálogo sobre a evolução dos meios de transporte e da roda</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Questionar, projetar e explicar o que são os Meios de Transporte, para que servem, quais conhecem e quais utilizam mais no dia-a-dia ✓ Questionar e dialogar sobre a evolução da roda, vendo porque etapas passou e como evoluiu, referindo, também, a função desta ✓ Diálogo sobre a evolução dos Meios de Transporte, vendo porque etapas passaram, como evoluíram e qual sofreu mais modificações até à atualidade, referindo, também, a função de cada um <p>2.ª Atividade – Explicar as partes constituintes do texto narrativo</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Rever o que é uma lenda, através do diálogo estabelecido e registar no caderno diário ✓ Rever o que é um texto narrativo através do diálogo ✓ Falar sobre as partes constituintes do texto narrativo (introdução, desenvolvimento e conclusão), utilizando um <i>power point</i> ✓ Rever os conceitos de espaço, tempo, personagens principais e secundárias <p>3.ª Atividade – Leitura, análise e interpretação da “Lenda de São Martinho”</p> <p>Antes da leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Distribuir o guião de aprendizagem ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre o tema e o assunto da “Lenda de São Martinho”, através da música “a lenda de São Martinho” e respetivo vídeo ✓ Observar o título e uma ilustração da “Lenda de São Martinho” presente no guião de aprendizagem ✓ Explorar o vocabulário relacionado com o título da lenda “Lenda de São Martinho”, através do diálogo ✓ Formular a hipótese “Será que esta situação ocorreu mesmo?” 			

Durante a leitura:

- ✓ Distribuir a “Lenda de São Martinho”, em suporte papel a cada aluno
- ✓ Leitura da “Lenda de São Martinho”
 - * Em primeiro lugar, leitura silenciosa por parte dos alunos
 - * Seguidamente, leitura, em voz alta, por parte da professora
 - * Por fim, leitura expressiva, em voz alta, por parte dos alunos, de forma aleatória

Depois da leitura:

- ✓ Questionar sobre o tema e o assunto da “Lenda de São Martinho”, através do diálogo
- ✓ Construir a “fábula” através de um esquema que é elaborado no quadro
- ✓ Questionar sobre vocábulos desconhecidos
- ✓ Comentar a “Lenda de São Martinho”, dando resposta à hipótese previamente formulada
- ✓ Interpretar “Lenda de São Martinho”, através da elaboração de perguntas de interpretação presentes no guião de aprendizagem
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual

4.ª Atividade – Introdução ao conceito matemático “Algoritmo da adição”

- ✓ Questionar e explicar o conceito algoritmo da adição, recorrendo à “carruagem dos algoritmos”
- ✓ Explorar a “carruagem dos algoritmos” utilizando diversos algarismos e as suas regras
- ✓ Lançar e resolver um desafio para que se possam colocar numa situação concreta
 - * Imaginar que têm uma quinta e nessa quinta há meia centena de cavalos, 45 galinhas, 30 sacas de ração para as galinhas e 78 ovelhas. Quantos animais de quatro patas há na quinta?
- ✓ Pedir a um aluno, aleatoriamente, para ir resolver o desafio, ao quadro, recorrendo ao “carruagem dos algoritmos”
- ✓ Dar exemplos, no quadro, de algoritmos da adição e realizá-los no quadro da sala, mas também cada aluno no seu caderno diário
- ✓ Realizar o guião de aprendizagem relativo ao algoritmo da adição
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual

Atividades do dia 12 de novembro de 2014***1.ª Atividade – Realização do “Jogo do Stop”***

- ✓ Questionar e explicar o conceito de palavras simples e complexas, dando alguns exemplos
- ✓ Referir que se vai realizar um jogo didático e competitivo, designado por “Jogo do stop”
- ✓ Explicar as regras do “Jogo do stop”
 - * Dar aos alunos um cartão que tem palavras simples definidas e dois espaços em branco para escreverem duas palavras complexas partindo da palavra simples
 - * O primeiro aluno que preencher os espaços em branco (palavras complexas) diz a palavra “stop”
 - * Verifica-se se as palavras escritas estão corretas
 - * Se cada aluno escrever palavras diferentes e corretas acumulam 10 pontos. Se tiverem escrito palavras iguais apenas acumulam 5 pontos e se não acertarem nas palavras não acumulam pontos
 - * No final é feita a soma de todos os pontos e ganha o aluno que conseguir atingir uma pontuação mais elevada
- ✓ Distribuir a cada aluno um cartão com a palavra simples

2.ª Atividade – Realização de um desenho, em grupos, relativo à “Lenda de São Martinho”

- ✓ Relembrar a “Lenda de São Martinho”, através do diálogo
- ✓ Dividir a turma em cinco grupos
- ✓ Distribuir a cada grupo um excerto da “Lenda de São Martinho”
- ✓ Cada grupo lê o seu excerto, em voz baixa, e tem de desenhar numa folha branca de tamanho A4 aquilo que retirou deste. Todos os elementos do grupo têm de desenhar, ou seja, têm de chegar a um consenso do que querem desenhar e decidir o que cada um faz
- ✓ Terminados todos os desenhos, pedir ao porta-voz de cada grupo que se dirija ao quadro e que mostre o resultado final. À medida que estes vão sendo mostrados e explorados, são colocados no quadro da sala, de forma a que fiquem visíveis a todos e que consigam descobrir qual é a ordem correta dos desenhos

- ✓ Feita a ordenação, os alunos, coletivamente, recontam a lenda tendo por base os desenhos anteriormente elaborados

3.ª Atividade – Introdução ao conceito matemático “Algoritmo da subtração”

- ✓ Questionar e explicar o conceito algoritmo da subtração, recorrendo à “carruagem dos algoritmos”
- ✓ Explorar a “carruagem dos algoritmos” utilizando diversos algarismos e as suas regras
- ✓ Lançar e resolver um desafio para que se possam colocar numa situação concreta
 - * Imaginar que o São Martinho tem na sua casa uma coleção de espadas, assim sendo tem 2453 espadas. Mas como é bondoso decidiu doar 1565 à Ordem dos Templários. Com quantas espadas ficou o São Martinho?
- ✓ Pedir a um aluno, aleatoriamente, para ir resolver o desafio, ao quadro, recorrendo ao “carruagem dos algoritmos”
- ✓ Dar exemplos, no quadro, de algoritmos da subtração e realizá-los no quadro, mas também cada aluno no seu caderno
- ✓ Realizar o guião de aprendizagem relativo ao algoritmo da subtração
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual

4.ª Atividade – Distinção entre transportes aéreos, aquáticos e terrestres e coletivos e particulares

- ✓ Questionar e explicar o que são os Meios de Transporte aéreos, aquáticos e terrestres, para que servem, quais conhecem e quais se utilizam mais no dia-a-dia, utilizando um *power point*
- ✓ Fazer a distinção entre os Meios de Transporte aéreos, aquáticos e terrestres, dando exemplos concretos, utilizando um *power point*
- ✓ Questionar sobre o que são os Meios de Transporte coletivos e particulares, para que servem, quais conhecem e quais utilizam mais no dia-a-dia
- ✓ Projetar alguns Meios de Transporte coletivos e particulares e discutir as suas funcionalidades

Atividades do dia 13 de novembro de 2014

1.ª Atividade – Produção de um texto narrativo

Antes de escrever:

- ✓ Rever, oralmente, o que são as partes constituintes do texto narrativo e os conceitos de espaço, tempo, personagens principais e secundárias
- ✓ Produzir um texto tendo por base as regras anteriormente explicitadas. Nesta produção têm de estar presentes as seguintes palavras: castanhas, comboio, vermelho, manhã, alto(a), simpático(a) e teimoso(a)

Durante a escrita:

- ✓ Produção do texto, numa folha de linhas A₄, explicitando o conteúdo. Os alunos têm de respeitar a estrutura do texto apresentada previamente, articular bem as frases de forma a promover a existência de coesão textual

Depois de escrever:

- ✓ Rer ler os textos de forma a refletir
- ✓ Corrigir individualmente o texto narrativo criado por cada aluno
- ✓ Ilustrar, caso haja tempo, o texto narrativo

2.ª Atividade – Realização do jogo “4 em linha”

- ✓ Afixar os cartões do jogo “4 em linha” no quadro
- ✓ Referir as regras do jogo
 - * Cada grupo tem dois cartões
 - * Cada grupo seleciona uma das indicações presentes no seu cartão A que está afixado no quadro da sala
 - * Cada aluno passa a indicação selecionada, por um dos elementos do seu grupo, para o seu caderno diário e resolve o algoritmo
 - * Um elemento de cada grupo, aleatoriamente, dirige-se ao quadro da sala e rodeia, no seu respetivo cartão B, o resultado do algoritmo
 - * Ganha o grupo que rodear quatro resultados seguidos quer seja na horizontal ou na vertical no seu respetivo cartão B
- ✓ Dividir a turma em dois grandes grupos

3.ª Atividade – Elaboração de cartuchos para colocar castanhas

- ✓ Explicar o que são cartuchos para colocar castanhas
- ✓ Explicar os procedimentos de execução para elaborar o cartucho
 - * Distribuir um pacote de leite a cada aluno e a imagem de uma castanha
 - * Forrar o pacote de leite com jornal
 - * Pintar a imagem da castanha a gosto
 - * Recortar a castanha
 - * Colar a castanha no pacote de leite
 - * Furar o pacote de leite e colocar um fio, para que se possa por o cartucho ao pescoço

Reflexão semanal

Ao longo da segunda semana tentei que os alunos estivessem motivados e predispostos para novas aprendizagens e para tal planeei atividades que fossem ao encontro dos seus gostos e interesses. Segundo Pascal e Bertram (2009: 128) “a motivação é uma das características predominantes do envolvimento. Uma criança envolvida fica fascinada e totalmente absorvida pela sua atividade. Um indicador deste estado é que o tempo passa rapidamente para esta criança”.

Afirmo que as aprendizagens foram transversais, na medida em que contemplaram todas as áreas de conteúdo e foram integradoras. Os conteúdos não foram trabalhados como compartimentos estanques, pois emergiram da ação e foi uma construção entre mim e os alunos. Como considero fundamental despertar o interesse do aluno para a aprendizagem, ao longo da semana utilizei uma linguagem atraente, capaz de aproximá-la o mais possível da realidade, transformando os conteúdos em vivências, partindo do geral, das vivências das crianças, para o particular.

Como os alunos demonstram gostar muito de adivinhas e de surpresas, decidi que o elemento integrador ao longo da semana lhes ia lançar diversos desafios. Assim sendo, uma das atividades que correu muito bem foi a leitura da lenda de São Martinho. Optei por começar com uma adivinha sobre o cavalo que remetia para o cavalo de São Martinho e antes da leitura da lenda ouvimos uma canção sobre esta. Nesta atividade os alunos estavam muito motivados e conseguiram desvendar, através das pistas dadas pelo comboio, qual o texto que íamos trabalhar. A exploração da lenda correu bem, dado que a maioria da turma já a conhecia.

Na explicação e exploração da carruagem dos algoritmos (adição e subtração) os alunos estiveram sempre muito atentos, mostrando vontade de irem ao quadro explorar a carruagem. Considero que a estratégia utilizada foi bem escolhida, visto que todos os alunos tinham de resolver as operações e não só aquele que estava no quadro.

O jogo do stop com palavras simples e complexas demorou mais do que o tempo previsto, visto que os alunos nem sempre captavam as palavras que os outros já tinham dito, para verem se estavam repetidas ou não. Então a estratégia utilizada foi que à medida que eu estava com os alunos a realizar o jogo, o par pedagógico escrevia as palavras que os alunos diziam no quadro. Desta forma, os alunos viam quais as palavras que já tinham sido ditas e verificavam se estas estavam escritas corretamente. Com este jogo possibilitei o alargamento do vocabulário dos alunos.

Uma das atividades que a meu ver correu muito bem foi a realização dos desenhos da lenda de São Martinho em pequenos grupos. Observei que os alunos foram capazes de

trabalhar em grupo, cooperando uns com os outros. O facto de terem de desenhar só o excerto que lhes calhou fez com que os alunos tivessem que interpretar aquele excerto e pensar de que forma é que podiam transmitir o que estava escrito através do desenho, desenvolvendo assim a criatividade.

Na produção de um texto narrativo a maioria dos alunos respeitou as regras aprendidas anteriormente e de um modo geral foram criativos. Ao longo das semanas de implementação optei por propor à turma a produção de um tipo de texto, visto que é fundamental desenvolver nos alunos esta competência, pois tal como sugere Santana (2005: 17) o

“domínio da escrita é uma questão de cidadania. O seu exercício pleno traduz-se nas competências de aceder à informação, de seleccionar criticamente o que é relevante, mas, fundamentalmente, na utilização da escrita (...), com todo o poder que ela simboliza”.

O jogo do “4 em linha” não pode ser realizado pelo facto de os alunos terem que ir tirar fotografias. Desta forma, uma das atividades da tarde não se pode concretizar. Então optei por executar a atividade dos cartuchos, visto que o magusto ia-se realizar no dia seguinte.


Por fim, considero que nesta semana já conseguia controlar melhor o tempo e que circulei bastante pela sala, mostrando confiança no trabalho que estava a desenvolver. Procurei questionar, constantemente, os alunos dando a possibilidade do confronto/análise com os colegas das respostas dadas.

Anexo R
5ª Semana (prática individual) na Prática Supervisionada no 1º Ciclo do
Ensino Básico - dias 9, 10 e 10 de dezembro de 2014

Unidade temática – “A rena vamos ouvir se algo novo queremos descobrir!”				
Estudo do Meio				
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Avaliação	
Bloco 5 – À descoberta dos materiais e objetos	Experiências de mecânica	<ul style="list-style-type: none"> Realizar experiências com alavancas, quebra-nozes, tesouras... (forças) 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de um guião de aprendizagem que avalia se os alunos conseguem fazer previsões, seguir um texto instucional e retirar conclusão sobre o que constatarem 	
Português				
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho	
Oralidade <ul style="list-style-type: none"> Compreensão do oral Expressão Oral 	Vocabulário Instruções, indicações Informação essencial e acessória Facto e opinião Ideia principal, tema, tópico, assunto	<ul style="list-style-type: none"> Escutar para aprender e construir conhecimento 	<ul style="list-style-type: none"> Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas (C1) Identificar informação essencial (C2) Pedir esclarecimentos acerca do que ouviu (C3) 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho C1, C2 e C3
	Articulação e entoação Reconto Respostas a questionários	<ul style="list-style-type: none"> Produzir um discurso oral com correção Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor 	<ul style="list-style-type: none"> Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequados (E1) Recontar o que ouviu (E2) Responder a questões (E3) 	<ul style="list-style-type: none"> Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho E1, E2 e E3
	Leitura e escrita	Ler em voz alta	<ul style="list-style-type: none"> Ler textos diversos Apropriar-se de novos vocábulos 	<ul style="list-style-type: none"> Ler pequenas contos (L1) Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano e conhecimento do mundo (L2)

Educação Literária	Planificação de textos	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar o texto com conhecimentos anteriores e compreendê-lo • Elaborar e aprofundar ideias e conhecimentos • Planificar a escrita de textos • Redigir corretamente 	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionar intenções e emoções das personagens com finalidades da ação (L3) • Expressar uma opinião crítica a respeito de ações das personagens ou de outras informações que possam ser objeto de juízos de valor (L4) • Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as (Es1) • Utilizar uma caligrafia legível (Es2) • Usar vocabulário adequado (Es3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir da escrita de um poema coletivo, no postal de Natal, tendo em conta os descritores de desempenho Es1, Es2, Es3, Es4, Es5 e Es6
	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> • Escrever uma poesia • Rever textos escritos 	<ul style="list-style-type: none"> • Escrever uma poesia tendo em conta as suas características (Es4) • Verificar se o texto contém as ideias previamente definidas (Es5) • Identificar e corrigir os erros de ortografia que o texto contenha (Es6) 	
	Leitura orientada	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler textos • Compreender o essencial dos textos escutados e lidos • Ler para apreciar textos literários 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e ouvir ler textos tradicionais relacionados com o Natal (El1) • Praticar a leitura silenciosa (El2) • Ler em voz alta, após preparação (El3) • Confrontar as previsões feitas sobre o texto com o assunto do mesmo (El4) • Identificar as personagens principais (El5) • Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelo conto ouvido (El6) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir de uma grelha de observação que avalia os descritores de desempenho El1, El2, El3, El4, El5 e El6

Gramática	Sílaba tónica e sílaba átona Monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo Palavras agudas, graves, esdrúxulas Tipos de frase	<ul style="list-style-type: none"> • Explicitar aspetos fundamentais da fonologia do Português • Analisar e estruturar unidades sintáticas 	<ul style="list-style-type: none"> • Classificar palavras quanto ao número de sílabas (G1) • Distinguir sílaba tónica da átona (G2) • Classificar palavras quanto à posição da sílaba tónica (G3) • Identificar os seguintes tipos de frase: declarativa, interrogativa e exclamativa (G4) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir do jogo do eco que avalia os descritores de desempenho G1, G2 e G3 • Avaliação formativa, a partir do jogo das palavras que avalia os descritores de desempenho G1, G2, G3 E G4
Matemática				
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Avaliação</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>	
Organização e tratamento de dados Números e operações	Diagramas de caule-e-folhas Frequência absoluta; Moda Mínimo, máximo e amplitude Adição Subtração Multiplicação	<ul style="list-style-type: none"> • Ler e interpretar a informação apresentada em tabelas e gráficos • Resolver problemas 	<ul style="list-style-type: none"> • Construir e interpretar os diagramas de caule-e-folhas (O1) • Identificar a frequência absoluta, moda, o mínimo, máximo e amplitude dos gráficos (O2) • Resolver problemas de até três passos envolvendo situações de juntar, acrescentar, retirar, completar e comparar (No3) 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação formativa, a partir da construção de um diagrama de caule e folhas no quadro e no caderno de Matemática e do lançamento de desafios resolvidos no caderno de Matemática que avaliam os descritores de desempenho O1, O2 e No3
Expressões				
<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>		<i>Avaliação</i>
Expressão Plástica Bloco 2- Descoberta e organização progressiva	Pintura	<ul style="list-style-type: none"> • Pintar uma rena livremente • Ilustrar de forma pessoal o postal 		<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do tipo formativa a partir da elaboração dos postais de Natal

<p>de superfícies</p> <p>Bloco 3 – Exploração de técnicas diversas de expressão</p>	<p>Recorte, Colagem e Dobragem</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a capacidade de recorte e colagem 	
<p>Tema integrador – O Natal</p>			
<p>Vocabulário específico a trabalhar: Alavanca, diagrama de caule-e-folhas, valores, algoritmo e conto</p>			
<p>Elemento integrador: Rena</p> <div style="text-align: center;">  </div>			
<p>Recursos: Canção “ Rodolfo a Rena Música de Natal Portuguesa Com Legendas da Música”; Elemento integrador; Guião de aula; Guião de aprendizagem de Estudo do Meio; Molas; Pau de vassoura; Saco de plástico de asas; Cadeira; 2 borrachas; Fita-cola; Power Point; Postal de Natal; Cartolina vermelha; Tesoura; Lápis de cor; Imagem em papel da rena; Livro “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood; Guião de aprendizagem de Português; Canção “O Sr. EGA e a Fada Madrinha”, da Gramática Mágica com pós de perlimpimpim; Balança; Enigmas matemáticos; Caixas, para o jogo das palavras; Cola; Purpurinas; Cola branca</p>			
<p><i>Atividades do dia 9 de dezembro de 2014</i></p>			
<p>1.ª Atividade – Realização da ficha de avaliação relativa a Matemática</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Organizar e distribuir os alunos pelas mesas presentes na sala de aula ✓ Distribuir a ficha de avaliação relativa a Matemática ✓ Realizar a ficha de avaliação relativa a Matemática <p>2.ª Atividade – Realização da mecânica simples “A alavanca”</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre o assunto da mecânica simples, através do elemento integrador ✓ Distribuir um guião de aprendizagem relativo à mecânica simples “A alavanca” <ul style="list-style-type: none"> * Questionar sobre o que pensam ser uma alavanca, para que serve e onde é utilizada * Lançar duas questões-problema “Fazemos mais ou menos força se levantarmos um objeto com uma alavanca?” e “É necessário menos força se esta for exercida mais afastada do ponto de apoio da alavanca?” * Prever o que vai acontecer à alavanca * Preencher a coluna “a minha previsão” da mecânica simples, respondendo às duas questões-problema previamente formuladas * Explicar o que são alavancas, para que servem e onde são utilizadas, estabelecendo um diálogo com os alunos e mostrando uma mola * Realizar a mecânica simples da alavanca respeitando os procedimentos. Cada aluno de sua vez realiza a experiência * Registrar na coluna “o que verifico” da mecânica simples, o que realmente observaram, o que aconteceu, se exercermos mais ou menos força ao levantar um objeto com uma alavanca ✓ Corrigir o guião de aprendizagem recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual 			

3.ª Atividade – Elaboração dos postais de natal

- ✓ Questionar sobre o conceito de postal, se já viram, elaboraram ou receberam algum
- ✓ Referir o que é um postal e mostrar alguns para que possam visualizar diferentes tipos de postais
- ✓ Mostrar o postal de Natal que vão elaborar
- ✓ Referir como vão elaborar o postal e que tipos de materiais vão utilizar
 - * Referir que este vai ser feito em dois dias. No primeiro dia recorta-se a base do postal, pinta-se a rena e escolhem-se alguns versos para a produção de um poema. No segundo, cola-se a rena no postal, escreve-se o poema e termina-se a decoração dos postais utilizando purpurinas
- ✓ Explicar que o postal vai conter um poema e que este vai ser elaborado por todos os alunos em conjunto
- ✓ Distribuir os materiais para a construção do postal de Natal (cartolinas, imagem da rena)
- ✓ Cada aluno recorta o seu postal de Natal e pinta e decora a rena a seu gosto
- ✓ No final, de todos terem recortado o postal e terminado a pintura da rena, realizam a escolha de várias quadras para a construção do poema
- ✓ Cada aluno diz, aleatoriamente e à vez, uma frase que queira colocar no poema
- ✓ No final de todos os alunos terem participado tentam-se organizar as frases de forma a construir um poema

Atividades do dia 10 de dezembro de 2014**1.ª Atividade – Realização da ficha de avaliação relativa a Estudo do Meio**

- ✓ Organizar e distribuir os alunos pelas mesas presentes na sala de aula
- ✓ Distribuir a ficha de avaliação relativa a Estudo do Meio
- ✓ Realizar a ficha de avaliação relativa a Estudo do Meio

2.ª Atividade – Leitura, análise e interpretação do conto “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood**Antes da leitura:**

- ✓ Questionar sobre o que é um conto
- ✓ Referir o que é um conto, explorando as suas regras, utilizando para tal um power point
- ✓ Dar exemplos de alguns contos conhecidos, utilizando para tal um power point
- ✓ Escrever no caderno diário de Português o que é um conto
- ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre o tema e o assunto do conto “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood, através da exploração da capa e contracapa do livro
- ✓ Explorar o vocabulário relacionado com o título do conto “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood, através do diálogo
- ✓ Formular a hipótese, em voz alta, “Será que neste conto os meninos não recebem presentes?”

Durante a leitura:

- ✓ Distribuir o conto “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood a cada aluno, presente no guião de aprendizagem
- ✓ Leitura do conto “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood
 - * Em primeiro lugar, leitura silenciosa por parte dos alunos
 - * Seguidamente, leitura, em voz alta, por parte da professora através do livro
 - * Por fim, leitura expressiva, em voz alta, por parte dos alunos, de forma aleatória

Depois da leitura:

- ✓ Questionar sobre o tema e o assunto do conto “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood, através do diálogo
- ✓ Construir a “fábula” através de um esquema que é elaborado no quadro. Este esquema é construído com as ideias do autor, tendo de respeitar a ordem das ideias deste
- ✓ Questionar sobre vocábulos desconhecidos. Caso nenhum refira nenhum vocábulo, são levados alguns (mesada e rédeas)
- ✓ Explorar as ilustrações do conto “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood
- ✓ Comentar o conto “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood, dando resposta à hipótese previamente formulada
- ✓ Interpretar o conto “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood, através da elaboração de perguntas de interpretação presentes no guião de aprendizagem
- ✓ Corrigir o guião de aprendizagem com as perguntas de interpretação recorrendo, por vezes, ao quadro e outras fazendo uma correção individual

3.ª Atividade – Realização do jogo do eco relativo à sílaba tónica e átona

- ✓ Antecipar o conhecimento prévio sobre o assunto do jogo do eco através da canção “O Sr. EGA e a Fada Madrinha”, da Gramática Mágica com pós de perlimpimpim
- ✓ Referir as regras do jogo, recorrendo ao diálogo
 - * Formar grupos de dois elementos
 - * Cada grupo, de sua vez, dirige-se ao quadro
 - * Cada elemento (A e B) do grupo pensa numa palavra e escreve-a no quadro
 - * O elemento A tem de chamar a palavra que elemento B escreveu e assinalar com giz a sílaba tónica e vice-versa

Atividades do dia 11 de dezembro de 2014**1.ª Atividade – Construção de um Diagrama de Caule-e-Folhas**

- ✓ Questionar e explicar o conceito de Diagrama de Caule-e-Folhas
- ✓ Rever, através do diálogo, os conceitos mínimo, máximo, amplitude e moda, referindo exemplos
- ✓ Referir que vai ser feito um Diagrama de Caule-e-Folhas tendo em conta o peso de cada aluno
- ✓ Cada aluno, à vez e aleatoriamente, desloca-se à balança, presente na sala de aula, e regista o seu peso no quadro
- ✓ Registados todos os pesos dos alunos no quadro, cada aluno deve:
 - * Registrar os dados fornecidos no caderno diário de Matemática
 - * Observar e interpretar os dados fornecidos
 - * Organizar os dados no diagrama de caule e folhas no caderno diário de Matemática
 - * Resolver o diagrama de caule e folhas no caderno diário de Matemática
 - * Responder a algumas questões relativas ao diagrama de caule e folhas construído
- ✓ Pedir a um aluno, aleatoriamente, para ir resolver o problema ao quadro, fazendo, assim, a correção deste

2.ª Atividade – Realização de problemas relacionadas com diversos conteúdos matemáticos (algoritmos da adição, subtração e multiplicação)

- ✓ Relembrar alguns conteúdos matemáticos (algoritmo da adição, subtração e multiplicação)
- ✓ Referir que vão ser realizados diversos enigmas matemáticos onde vão estar presentes os conteúdos revistos anteriormente
- ✓ Cada enigma é lançado pelo elemento integrador (rena) e registado no quadro. Os alunos copiam o enigma para o caderno diário de Matemática
- ✓ Resolver o enigma no caderno diário de Matemática
- ✓ Pedir a um aluno, aleatoriamente, para ir resolver o problema ao quadro, fazendo, assim, a correção deste

3.ª Atividade – Realização do jogo das palavras

- ✓ Referir que vai ser realizado um jogo didático que se designa por “Jogo das palavras” relativo ao número de sílabas, divisão silábica, sílaba tónica, sílaba átona e que para a realização deste vão ser utilizadas duas caixas que contém, em cada face uma das seguintes palavras: *sílaba tónica, sílaba átona, monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo, aguda, grave, esdrúxula, afirmativa, exclamativa e interrogativa*. Consoante a face que sair o aluno, escolhido aleatoriamente, tem de dar um exemplo. Este pode ser uma só palavra ou uma frase
- ✓ À medida que vão saindo as palavras, cada aluno regista no seu caderno diário essa palavra e o que for dito acerca dela

4.ª Atividade – Conclusão dos postais de natal

- ✓ Distribuir o postal de Natal, ainda por terminar, a cada aluno
- ✓ Colar a rena no postal de Natal e uma estrela que já se encontram cortadas
- ✓ Escrever o poema elaborado em conjunto numa das partes do postal de Natal
- ✓ Colocar o nome no verso do postal de Natal
- ✓ Terminar a decoração do postal de Natal utilizando algumas purpurinas, ficando, assim, mais brilhante

Reflexão semanal

No primeiro dia desta semana, como a ficha de avaliação era muito extensa os alunos demoraram mais tempo do que o previsto, pela professora cooperante, a resolvê-la. Por este motivo, tive que iniciar a minha implementação mais tarde do que tinha planificado.

No início da implementação os alunos estavam a achar estranho o facto de não verem o «novo amiguinho». Assim, disse-lhes que ouvissem uma música e que a partir desta conseguissem identificar qual era o novo amigo (elemento integrador). Mal ouviram a música perceberam logo que este era a Rena Rodolfo, visto que a música era sobre este.

Neste dia só deu para realizar a experiência - mecânica simples “A alavanca”, devido ao motivo supracitado. Considero que esta atividades correu muito bem. Com a ajuda das molas os alunos perceberam que estávamos a falar de força. Durante as previsões observei que a maioria dos alunos fez a previsão correta. Quando realizaram a experiência estavam bastante entusiasmados e empenhados, pois puderam constatar que as previsões que tinham feito inicialmente estavam corretas.

Na leitura do livro “Um presente para o Pai Natal”, de David Wood modifiquei a ordem da planificação. Optei por explorar primeiro a capa do livro e o título, depois distribuir o guião de aprendizagem, trabalhando com os alunos um excerto da história, e por fim, trabalhar o livro completo. Optei ainda, por fazer uma leitura do livro um pouco diferente. Como já tínhamos trabalhado o excerto, disse aos alunos que lhes ia contar a história fora da sala de aula. Desta forma, todos os alunos puderam observar as ilustrações em 3D. No decorrer desta atividade os alunos mostraram-se muito interessados e motivados. Neste sentido, Lopes (2012: 110) considera que em contacto com o livro o aluno

“lê, imagina, sonha, sente, emociona-se – à beira da ira e do compadecimento absoluto –, aprende e, por fim, espelha esse aprendizado em seu próprio mundo. Por esse motivo, os livros infantis são fontes de primeiridade, são nascedouros da experiência estética, que é a base de toda a cognição humana”.

Na elaboração do postal de Natal a turma mostrou-se muito empenhada, visto que é do seu interesse realizar trabalhos manuais. Esta atividade estendeu-se para o dia a seguir como tinha planificado, visto que os alunos tinham de escrever um poema. O resultado final dos postais foi bastante positivo, pois cada um fez à sua maneira e foram bastante criativos.

Na atividade do caule-e-folhas com os pesos os alunos, desde logo, mostraram-se bastante empenhados. Querendo todos saber o peso uns dos outros e ver se alguém tinha o mesmo peso. Desde o início que alertei para o facto de todos eles serem diferentes, logo tinham também pesos diferentes, por isso não queria comentários desapropriados. Considero que foi uma atividade muito produtiva, pois foi uma forma de poderem trabalhar o diagrama de caule-e-folhas mais motivados, visto que os dados pertenciam à turma.

O jogo das palavras foi uma forma de os alunos poderem sistematizar diversos conteúdos relativos a Português. Com a realização deste constatei que a maioria dos alunos apreendeu os conteúdos lecionados anteriormente. Considero que levar para dentro da sala de aula recursos didáticos é uma mais-valia. Pereira (1992: 139) refere que os recursos “constituem um material precioso e um suplemento necessário para atingir os objetivos de aprendizagem”.

Anexo S
*Autorização para a realização da investigação da Prática Supervisionada na
Educação Pré-Escolar*



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação

Exmo. Encarregado de Educação

Castelo Branco, 3 de abril de 2014

Assunto: Pedido de autorização para realização de trabalho de mestrado

Eu, Cláudia Isabel Oliveira Ramos, mestranda do Curso de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo, ministrado no Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação, estou a realizar, no âmbito do mestrado, um Projeto de Intervenção/Investigação que se intitula ***“Motivação para a leitura através das Expressões Artísticas”***, orientado pela Professora Doutora Teresa Gonçalves e Professora Doutora Madalena Leitão.

Venho através desta carta solicitar a Vossa Excelência autorização para realizar ao seu educando uma entrevista que vai assumir a forma de conversa, cujo objetivo é recolher informação fundamental para a realização do Projeto de investigação supracitado. Venho ainda solicitar-lhe autorização para fotografar e filmar o seu educando no decorrer do Projeto para que essas imagens possam complementar o trabalho.

Enquanto profissional, **comprometo-me a guardar sigilo e a não divulgar ou publicar o seu conteúdo, sendo único e exclusivamente utilizado para fins de investigação.** Em circunstância alguma não irão ser utilizadas e/ou divulgadas as fotografias ou vídeos do seu educando para outros fins.

Assim, informo que a **recolha de dados e o tratamento dos mesmos serão feitos de forma anónima e confidencial** e que, caso seja do interesse de Vossa Excelência, fornecerei todos os dados investigados relativamente ao seu educando.

A sua colaboração será muito importante para a concretização deste trabalho. Na esperança da concordância de V. Ex. a este meu pedido agradeço antecipadamente.

Com os melhores cumprimentos

A mestranda

Cláudia Isabel Oliveira Ramos

Declaro que:

Eu, encarregado de Educação de _____ **autorizo** a recolha de dados sobre o meu educando para a realização do trabalho de mestrado

Eu, encarregado de Educação de _____ **não autorizo** a recolha de dados sobre o meu educando para a realização do trabalho de mestrado

(por favor assinale com um **X**)

Assinatura do Encarregado de Educação

Anexo T
*Notas de campo registadas após a implementação das atividades de motivação
para a leitura*

Atividade 1 (19 de maio de 2014)											
<i>Leitura da história "Sem rumo pelo mundo, Catrina e o Urso" de Christiane Piepe</i>											
Crianças	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
Níveis de envolvimento											
Nível 1 – Não existe atividade. A criança está mentalmente ausente. A atividade exterior que possa existir é uma repetição estereotipada de movimentos elementares.							X			X	
Nível 2 – Ações com muitas interrupções. A criança age, mas de forma intermitente, não se fixando numa única atividade.						X		X	X		
Nível 3 – Já há atividade propriamente dita mas sem intensidade. A criança está a fazer qualquer coisa mas falta-lhe concentração, motivação e prazer na atividade. A criança está a funcionar a um nível rotineiro.		X	X								
Nível 4 – Neste nível já há momentos de intensa atividade mental.	X			X	X						
Nível 5 – Há um envolvimento total, expresso pela concentração e implicação absolutas. Qualquer perturbação, qualquer interrupção são vividas como ruturas frustrantes.											
Observações:											
As crianças G e J apresentaram total desinteresse em ouvir a história, levantaram-se diversas vezes e faziam barulho, perturbando as outras crianças. Isto levou, a que tivesse de parar de contar a história mais do que uma vez para chamá-las à atenção. Estes acontecimentos foram prejudiciais, visto que muitas das outras crianças também acabaram por se distrair.											

Atividade 2 (26 de maio de 2014)										
<i>Leitura da história "A Sopa Verde", de Chico</i>										
Crianças	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Níveis de envolvimento										
Nível 1 – Não existe atividade. A criança está mentalmente ausente. A atividade exterior que possa existir é uma repetição estereotipada de movimentos elementares.										
Nível 2 – Ações com muitas interrupções. A criança age, mas de forma intermitente, não se fixando numa única atividade.							X			X
Nível 3 – Já há atividade propriamente dita mas sem intensidade. A criança está a fazer qualquer coisa mas falta-lhe concentração, motivação e prazer na atividade. A criança está a funcionar a um nível rotineiro.		X				X		X	X	
Nível 4 – Neste nível já há momentos de intensa atividade mental.	X		X	X	X					
Nível 5 – Há um envolvimento total, expresso pela concentração e implicação absolutas. Qualquer perturbação, qualquer interrupção são vividas como ruturas frustrantes.										
Observações:										
As crianças G e J foram, mais uma vez, as que se mostraram mais desmotivadas ao longo da leitura. No entanto, já conseguiram permanecer em silêncio e sossegados. Com esta leitura as crianças mostraram-se mais motivadas, pois queriam selecionar acertadamente todos ingredientes pertencentes à sopa verde. No final da história acabaram por pedir para imitar as expressões que a personagem porco fazia à medida que provava as sopas.										

Atividade 3 (27 de maio de 2014)											
Leitura da história “Quiquiriqui”, de Marisa Núñez											
Crianças	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
Níveis de envolvimento											
Nível 1 – Não existe atividade. A criança está mentalmente ausente. A atividade exterior que possa existir é uma repetição estereotipada de movimentos elementares.											
Nível 2 – Ações com muitas interrupções. A criança age, mas de forma intermitente, não se fixando numa única atividade.							X			X	
Nível 3 – Já há atividade propriamente dita mas sem intensidade. A criança está a fazer qualquer coisa mas falta-lhe concentração, motivação e prazer na atividade. A criança está a funcionar a um nível rotineiro.		X				X		X	X		
Nível 4 – Neste nível já há momentos de intensa atividade mental.	X		X	X	X						
Nível 5 – Há um envolvimento total, expresso pela concentração e implicação absolutas. Qualquer perturbação, qualquer interrupção são vividas como ruturas frustrantes.											
Observações:											
As crianças apresentaram o mesmo nível de envolvimento que na atividade de leitura proposta no dia anterior. No início era necessário indicar-lhes os momentos em que tinham de produzir sons mas no meio já não era necessário, pois algumas memorizaram rapidamente o que era necessário fazer. As crianças A, C, D e E, mais uma vez, estavam concentradas à espera que chegasse o momento para poderem fazer os sons com o corpo.											

Atividade 4 (11 de junho de 2014)										
Leitura da história "Desculpa!", de Norbert Landa										
Crianças	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Níveis de envolvimento										
Nível 1 – Não existe atividade. A criança está mentalmente ausente. A atividade exterior que possa existir é uma repetição estereotipada de movimentos elementares.										
Nível 2 – Ações com muitas interrupções. A criança age, mas de forma intermitente, não se fixando numa única atividade.										
Nível 3 – Já há atividade propriamente dita mas sem intensidade. A criança está a fazer qualquer coisa mas falta-lhe concentração, motivação e prazer na atividade. A criança está a funcionar a um nível rotineiro.							X			X
Nível 4 – Neste nível já há momentos de intensa atividade mental.		X		X		X		X	X	
Nível 5 – Há um envolvimento total, expresso pela concentração e implicação absolutas. Qualquer perturbação, qualquer interrupção são vividas como ruturas frustrantes.	X		X		X					
Observações:										
Com esta atividade as crianças ficaram bastante motivadas. Foi a atividade de leitura onde observei e constatei melhores níveis de envolvimento.										
Pelo <i>feedback</i> que as crianças me transmitiram e pelo que observei considero que gostaram bastante de ouvir a história, principalmente das partes em que podiam simular ações e dar asas à imaginação.										
Mesmo as crianças G e J revelaram motivação, apesar de haver momentos em que se distraíam.										
As crianças A, C e E mostraram total envolvimento, pois estavam muito empenhadas e concentradas a ouvir e a simular ações.										

Anexo U
Guião da entrevista realizada às crianças

A) Questões de avaliação da motivação para realizar trabalhos nas áreas das Expressões

1. Gostas de representar?
2. Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?
3. Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?

B) Questões de avaliação da motivação para a leitura

1. Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?
 - 1.1. Gostas desses momentos? Porquê?
2. Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?
3. Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?
4. Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?

C) Questão de avaliação da motivação para a leitura com recurso às Expressões Artísticas

1. Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?

Anexo V
Respostas das crianças à entrevista

Criança A (mais motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
A)	
1. <i>Gostas de representar?</i>	Sim.
2. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Sim. Guitarra. Sim.
3. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Sim. Gosto muito.
B)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i> 1.1. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Sim, a minha mãe. À noite, quando estou na cama. Todos os dias. Sim. Porque a minha mãe lê-me histórias muito giras.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Gosto. Porque eu gosto muito de ouvir histórias
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Da última parte da história, quando tudo acaba bem.
4. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Não gosto de ouvir.
C)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Gosto mais, porque parece que estou dentro das histórias.

Criança B (mais motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
A)	
1. <i>Gostas de representar?</i>	Sim.
2. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Adoro. Viola. Não, canto muito mal.
3. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Gosto de desenhar. Sim.
B)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i> 1.1. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Sim, a minha mãe, quando o pai vai trabalhar. Todos os dias. Sim. Porque gosto muito que a minha mãe invente histórias com animais.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Sim. Porque é divertido.
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Gosto de tudo.
4. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Não das histórias que têm bonecos assustadores.
C)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Gosto muito mais quando participo. Quero aprender a ler para poder contar eu as histórias à minha irmã mais nova.

Criança C (mais motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
A)	
1. <i>Gostas de representar?</i>	Não.
2. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Sim. Guitarra. Gosto de cantar com microfone.
3. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Gosto de fazer pintura. Sim!
B)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i> 1.1. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Sim, a minha mãe, algumas vezes, ou a avó, à tarde, quando está na minha casa. Sim. Porque adoro histórias, as minhas preferidas são as dos monstros.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Gosto. Porque é divertido.
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Gosto das imagens.
4. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Não gosto do barulho que os outros fazem.
C)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Gosto mais. Porque são mais divertidas quando posso participar, fico atenta, para depois poder contá-la à minha mãe.

Criança D (mais motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
A)	
1. <i>Gostas de representar?</i>	Gosto.
2. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Gosto. Gosto de tocar tambor. Gosto de cantar as músicas do panda.
3. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Não. Não.
B)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i> 1.1. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Lê o mano. Quando está em casa, ao sábado e ao domingo. Gosto porque é giro, divirto-me com as caras que o mano vai fazendo enquanto conta a história.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Gosto, mas gosto mais nos dias em que a história tem música.
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Gosto muito das imagens dos livros.
4. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Não gosto quando não me mostram as imagens.
C)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Gosto mais, estou mais atenta porque quero participar.

Criança E (mais motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
A)	
1. <i>Gostas de representar?</i>	Sim, gosto de imaginar que sou outras pessoas.
2. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Sim. Flauta. Gosto às vezes.
3. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Sim. Sim.
B)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i> 1.1. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Sim, a mãe, o pai e o mano. Todos os dias. Sim. Porque gosto de ouvir histórias antes de dormir.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Sim. Porque gosto de ouvir as minhas histórias preferidas.
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Gosto das imagens.
4. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Quando falam muito alto.
C)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Gosto muito mais, porque me divirto muito quando posso participar.

Criança F (menos motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
A)	
1. <i>Gostas de representar?</i>	Gosto.
2. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Sim, muito. Gosto de tambor. Não.
3. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Sim, gosto de desenhar e pintar. Sim, de cortar.
B)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i> 1.1. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Sim, o pai lê. Quando vou passar o fim-de-semana com ele, À noite. Sim. Porque gosto que o pai leia para mim.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Sim. Porque leem as histórias e mostram as imagens.
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Gosto de ver as imagens e imaginar coisas.
4. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Quando está barulho e não oíço a história toda.
C)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Gosto mais, porque são bonitas e mais divertidas. Gostei de poder participar.

Criança G (menos motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
A)	
1. <i>Gostas de representar?</i>	Não gosto.
2. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Sim. Gosto muito de viola. Não sei cantar.
3. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Não gosto de desenhar e pintar. Não, são aborrecidas.
B)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i>	Sim, o meu pai. Nas férias.
1.1. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Sim. Porque estou com o meu pai.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Não. Porque tenho que estar muito quieto.
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Gosto quando acaba a história.
4. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Não gosto de ter de contar a história, depois de a ouvir.
C)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Gosto muito mais, porque são divertidas e posso participar.

Criança H (menos motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
D)	
5. <i>Gostas de representar?</i>	Sim, gosto.
6. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Sim, muito. Gosto muito de tocar tambor. Sim, as músicas que a minha irmã ouve.
7. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Não gosto. Demora muito tempo.
E)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i> 1.2. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Sim, minha irmã. De vez em quando. Não. Porque não gosto das histórias dela.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Às vezes. Porque as histórias são chatas.
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Só gosto quando posso ser o mau da história.
8. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Não gosto quando não tem imagens.
F)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Gosto mais, porque são mais divertidas, porque tenho de estar atento para saber quando participo.

Criança I (menos motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
A)	
1. <i>Gostas de representar?</i>	Sim, gosto muito de representar.
2. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Sim. Não. Não sei.
3. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Não gosto de pintar porque é chato. Não gosto.
B)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i> 1.1. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Sim, a minha mãe. Lê todos os dias, à noite. Sim. Porque gosto muito de estar com a minha mãe.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Não gosto, porque as histórias são aborrecidas.
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Só gosto quando há fantoches.
4. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Quando há barulho.
C)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Adorei as que contas-te. São divertidas e bonitas.

Criança J (menos motivada para a leitura)	
Perguntas	Respostas
A)	
1. <i>Gostas de representar?</i>	Não, tenho vergonha.
2. <i>Gostas de música? Gostas de tocar algum instrumento musical em particular? Gostas de cantar?</i>	Não. Não. Não.
3. <i>Gostas de desenhar ou pintar? Gostas de colar e de recortar?</i>	Não. Não.
B)	
1. <i>Alguém lê para ti em casa? Quando? Com que frequência?</i> 1.1. <i>Gostas desses momentos? Porquê?</i>	Sim, a minha avó. Lê sempre quando estou com ela. Sim. Porque estou com ela e posso ouvi-la ler só para mim.
2. <i>Na escolinha, gostas do momento da leitura? Porquê?</i>	Não. Porque tenho que estar quieto e calado.
3. <i>Na escolinha, do que é que mais gostas no momento da leitura?</i>	Não gosto de nada.
4. <i>Na escolinha, do que é que menos gostas no momento da leitura?</i>	Não gosto de contar histórias.
C)	
1. <i>Consideras que agora depois das atividades de leitura que realizaste comigo, tens mais ou menos gosto pela leitura? Porquê?</i>	Gosto mais, porque um pouco mais divertidas.